



Um duelo entre a razão e a emoção.
Será possível escapar das amarras de
um amor proibido?

Perdoo meu Coração

Trilogia Os Montenegro III

JAS SILVA | Autora *best-seller* da Amazon



Perdoo
meu
Coração

Perdoo meu Coração

Trilogia Os Montenegro III

JAS SILVA

2018 © Jas Silva

Revisão inicial: Maciel Salles
Copidesque, Revisão e Diagramação: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora.

Sumário

[CAPA](#)

[CRÉDITOS](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[EPÍLOGO](#)

[BÔNUS](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[UM SALTO NO ESCURO](#)

[*Enrico Cesarini*](#)

[BIOGRAFIA](#)

[NOTAS](#)

Prólogo

Isadora

SENTADA NO PÉ da longa escadaria da mansão, fechei meus olhos com toda a força que consegui e escondi o rosto entre meus joelhos, tapando meu ouvido ao fazer isso. Comecei a cantar baixinho uma música da qual gostava muito, pequenos trechos sussurrados enquanto fingia não ouvir os berros vindos do escritório ou o choro descompassado da Mariana no andar de cima. As empregadas da casa se esgueiravam pelos cômodos, quase invisíveis. Todas se esforçavam para passar despercebidas, porque temiam a fúria da minha mãe.

Era sempre assim, eles brigavam e mamãe descontava sua raiva em todos. Menos em mim.

— Você arruinou nossa família, Antônio! Destruiu tudo por causa de uma mulherzinha imunda...

Esperei preocupada pela resposta do papai, mas ele nunca gritava. Tudo o que ele dizia era baixo, mas severo o suficiente para fazer mamãe se calar.

— Eu nunca deixarei que me humilhe dessa maneira, me escutou? Nunca!

A porta se fechou com força e mais que rapidamente corri para cima. Mamãe gostava de mim, eu era a sua preferida dentro dessa casa, a sua menina. Mas não gostava dela quando ficava triste. Ela dizia coisas ruins e, às vezes... também me fazia chorar.

Na segurança do meu quarto, eu fui até a estante onde guardava meus livros e a minha coleção de globos de neve. Estática, olhei um a um, tentando me decidir pelo que mais gostava. Escolhido, eu o girei de cabeça para baixo, fazendo toda a neve colorida se agitar e as pequenas estrelas se espalharem por todo o globo. Eu me sentei em frente à minha penteadeira com ele em mãos, e rezei para que essa fosse a última briga deles. Rezei para que papai gostasse da mamãe... para que gostasse de mim. Nem que fosse um pouquinho.

De repente, a porta do meu quarto se abriu e apertei meu globo comigo. Mamãe era uma mulher linda, a mais linda que eu já tinha visto, e eu sabia que

no futuro queria ser como ela. Seu cabelo era castanho-claro, brilhante e sempre impecável. Seus olhos escuros eram enormes, rodeados por cílios longos, e ela tinha um caminho de sardas por todo o rosto, que eu só tinha a oportunidade de ver nas raras vezes em que a encontrava sem maquiagem.

— Algum dia seu pai vai se arrepender do que está fazendo com a gente, filha.
— Permaneci em silêncio, vendo-a se aproximar de mim através do reflexo do espelho. Mamãe tocou meus ombros, ajustando o meu vestido e, logo depois, se inclinou para ficar à minha altura. — Você é tão mais bonita do que ela, tão mais esperta... como ele pode não ver isso?

Não soube o que dizer, eu já tinha escutado essas palavras antes. Mamãe nunca me permitia esquecer a preferência do meu pai. E mesmo que sentisse vontade, eu me obriguei a não chorar. Era cada vez mais fácil lidar com a tristeza que sentia por não ter o amor dele, cada vez doía menos.

— Eu não me importo, mamãe — menti, e ela sorriu satisfeita por eu não ser uma menininha chorona como a minha irmã mais nova.

— Continue assim, querida. Poucas coisas realmente valem o nosso tempo ou atenção — sussurrou com desdém, segurando o colar de pérolas que brilhava em seu pescoço.

Esperei que mamãe saísse do meu quarto, o que ela fez após uma pequena, mas muito útil, conversa. Irritada com tudo o que escutei, eu olhei para o globo que tinha em minha mão e o joguei contra as fotos que decoravam uma das prateleiras da minha estante. Destruindo tudo, cada uma delas. Como se não fosse o bastante, eu peguei a foto da minha família. Aquela em que todos estavam reunidos, inclusive meu irmão, sorrindo forçadamente para a câmera.

Sem me importar, eu rasguei a parte em que Mariana e papai estavam e piquei o pedaço de papel em milhares de pedacinhos. Até não sobrar nada.

Despertei assustada ao escutar a voz do piloto avisando aos passageiros que, em breve, pousaríamos no aeroporto de Florianópolis. Agradei pelo fato de não ter ninguém sentado ao meu lado enquanto me recuperava do maldito sonho. Estar em casa fazia isso comigo, me desestabilizava a ponto de permitir que pequenas e indesejadas lembranças chegassem até mim.

Com os músculos tensos, depois de praticamente 13 horas de voo e uma infeliz escala em Guarulhos, eu procurei na minha *Fendi* um comprimido para dor de cabeça. Estava arrependida de não ter aceitado a sugestão do Marcos de usar o jato executivo da Montenegro. Mas como poderia ter aceitado se nem eu mesma estava certa se viria? Empurrei a decisão de voltar ao Brasil até o último segundo, meu irmão odiou, é claro, assim como vinha odiando o meu distanciamento nesses últimos meses.

Marcos parecia não entender que eu precisava de espaço, sair de baixo dos

braços protetores dele e seguir com a minha vida. Recuperar o meu controle.

Engoli o comprido, recostando a cabeça na poltrona, e fechei os olhos. Repassando sem querer as imagens do meu sonho, eu pensei na menina de 11 anos que eu era naquele tempo e no quanto me senti mal por ter rasgado a foto do meu pai... Aquela foi a última foto da nossa família reunida. Não houve mais fotografias depois daquele dia. Mamãe nunca mais me repreendeu ou conversou comigo. Papai nunca mais me fez sentir como se eu não fosse boa o suficiente para ser amada por ele.

Os acontecimentos daquele dia ainda eram um borrão para mim, a briga, meus pais saindo juntos para algum outro almoço beneficente por insistência de mamãe. Marcos chegando à mansão horas depois... Mariana e eu sendo chamadas no escritório de papai... Ela gritando e chorando e eu sem entender nada. Achando que tudo se tratava de uma brincadeira muito ruim.

— Srta. Montenegro? — uma das aeromoças chamou, a mesma que me atendeu durante todo o voo.

— Diga — respondi, a encarando mal-humorada.

— O motorista executivo que a senhorita solicitou ao sair de Guarulhos vai estar à sua espera em frente ao portão de desembarque 5. Se houver mais alguma coisa que eu ou a tripulação possamos fazer...

— Não há nada. — Eu poderia ter terminado aí, mas a aeromoça empalideceu a olhos vistos. — Obrigada, de qualquer maneira.

Fui deixada sozinha de novo, e, desta vez, quando o piloto anunciou o pouso, eu admirei o lado de fora através da pequena janela, pensando que teria mais duas horas de trânsito para percorrer até estar finalmente... *em casa*.

Droga, Isadora, por que você voltou?

Não soube responder a essa questão. E por algum motivo, não ter as palavras certas, ao que parece, vinha se tornando um hábito mais frequente do que gostaria. Como diretora comercial e de marketing do escritório de Madrid, eu tinha tudo o que era necessário. Uma mente afiada, sempre com uma resposta inteligente na ponta da língua. Não estudei por anos a fio para me contentar em ser apenas um enfeite dentro da empresa da minha família. Eu era a melhor diretora que Marcos possuía na Montenegro e tinha total consciência disso.

Mas em algum momento eu tomei um caminho que ferrou com tudo. A minha cabeça, sempre tão centrada, já não estava mais nos negócios. Não como deveria. Eu passei a desejar coisas que não poderia ter. A me perguntar... e se...? E aí estava o grande problema.

Maldito foi o dia em que o deixei chegar até mim!

Assim como fiz em tantas outras vezes, eu busquei desculpas para a minha fraqueza, me forçando a acreditar que Ricardo era apenas um desvio errado que

fiz no pior momento da minha vida. Ser abandonada pelo Henrique, ter Mariana de volta... conquistando o carinho do Marcos, assim como ela fez com nosso pai. Tudo isso mexeu comigo, e não de uma maneira boa. Então não era minha culpa se um homem, como aquele grosseirão, apareceu oferecendo sexo sujo e suado, e eu, para não enlouquecer, me permiti cair em sua cama.

Eu estava procurando esquecimento. E Ricardo ofereceu isso.

E quando ficou intenso demais para essa sua cabecinha ferrada, você fugiu, não foi?, minha consciência provocou, levando-me a acreditar que era a única pessoa no mundo a ter como inimiga a sua própria mente.

Cansada e irritada comigo mesma, eu afastei todo e qualquer pensamento acerca daquele homem da minha cabeça, repetindo em silêncio todos os motivos pelos quais não deveria me atrever a pensar nele: *Ele não era ninguém. O que ele te fez sentir... foi um erro. Um erro muito pior do que o que cometi ao me envolver com o Henrique.*

Ricardo ficara sob minha pele de uma maneira que nenhum outro homem conseguiu ficar. Não que eu tivesse tido muitos homens. Sexo nunca foi, como posso explicar, atraente para mim. Nunca me considerei uma mulher sexual, cheia de desejos e fantasias. Minha primeira vez fora horrível, seca, dolorida, sem qualquer satisfação. E assim foram todas as outras vezes.

Até aquele dia na cozinha da mansão.

O restante da viagem foi passado comigo lendo e respondendo aos e-mails profissionais em meu *iPhone*. Meu atual assistente executivo, um administrador espanhol muitíssimo bem indicado pelo Sr. Conrado, havia ficado responsável de resolver qualquer imprevisto que surgisse na minha ausência. O que não me impedia de manter um olhar atento a tudo o que acontecia.

Quando os edifícios se tornaram conhecidos, todo o meu corpo retesou em resposta. Voltei a guardar meu celular na bolsa e peguei rapidamente um espelho, para que pudesse retocar o batom vinho que usava. Nos poucos instantes que levei para fazer isso, eu conferi meu cabelo, que permanecia liso e impecável sobre meus ombros. Conferi também os meus olhos, que depois de uma viagem longa estavam vermelhos e com pequenas marcas escuras ao redor deles.

Eu pareço tão cansada... pensei desgostosa, fechando com força meu pó compacto. O estrago não era de todo ruim, tentei me convencer, nada que uma boa armação de óculos escuros não resolvesse.

Por sorte, as longas horas de voo não foram capazes de amassar a calça de alfaiataria preta que vestia. E o suéter, também escuro, apesar de não ser meu tipo de peça preferida, era a melhor escolha para enfrentar uma viagem como essa. O único item desconfortável que usava hoje, e de que nunca abria mão,

eram os *scarpins* altíssimos.

Quando o sedan negro chegou em frente à mansão, eu me preparei para a reação de surpresa que causaria em todos. Marcos não esperava por mim, nós não nos falávamos desde sexta-feira. A pessoa que havia me convencido a vir mesmo não fora nem ele, e sim a minha cunhada. A mulher não cansava de ser doce, e toda vez que me ligava pelo Skype e empurrava meu sobrinho na tela para que eu pudesse vê-lo, eu a aceitava um pouco mais na minha vida.

Eu havia ficado sem chão pelo tempo que Rachel passou em coma. Preocupada com meu irmão, com o que seria dele se ele a perdesse... preocupada com a dor que eu mesma poderia vir a sentir. Recriminando-me por me deixar sentir afeição por aquela coisinha teimosa.

A primeira coisa que percebi ao passar pelos portões foi o número maior de seguranças ao redor da casa. E mesmo sabendo que não o encontraria, eu o procurei pelos rostos rígidos que observaram com curiosidade o carro estranho.

“Nós teremos que substituir seu segurança até que viaje, Isadora.” Lembrava-me não só das palavras ditas pelo meu irmão, como também do olhar atento que lançara em minha direção. *“Ricardo pediu afastamento essa manhã e não fará mais a segurança de nenhum membro de nossa família”*, fora tudo o que ele explicara, e fingindo desinteresse, eu também não fiz perguntas.

Para o meu alívio, eu fui recebida pela Vera, que, mesmo surpresa com a minha chegada, não teve a coragem de me encher com nenhum interrogatório irritante, como Marcos em breve faria. Esse pequeno espaço de tempo que tive para me acostumar com o efeito que essa casa tinha sobre mim foi essencial para que eu não perdesse o controle.

Vera, com toda sua eficiência, me informou que a família se encontrava reunida no jardim e que parte dos convidados já havia partido. Assenti sem demonstrar interesse ao que ela dizia, os longos anos de mandos e desmandos não nos tornaram exatamente próximas.

— Peça que levem minhas malas para o quarto, Vera, e prepare um banho quente para mim. Eu irei ver meu irmão, mas não devo demorar.

Depois de um dia inteiro viajando, eu não tinha mais paciência ou vontade de forçar simpatia e educação. Deixada sozinha, eu caminhei decidida até o jardim, ou pelo menos tentei, porque assim que os vi, todos reunidos, sorrindo e agindo como se eu não fizesse a menor falta, parei estática atrás das portas duplas de vidro. Notei que meu irmão parecia feliz. Assim como Mariana, que sorria para um tiquinho de gente dentro de uma fantasia laranja, que logo imaginei se tratar da Sofia. Diferente de como acontecia quando éramos criança, nenhum deles pareceu estar fingindo.

Dei um passo atrás, arrependida pela decisão de voltar. Marcos não precisava

de mim, ele tinha uma família perfeita, uma irmã que tinha lhe dado dois sobrinhos perfeitos, enquanto eu... *O que eu tinha feito por essa família?*

A sensação de vazio foi esmagadora e, como um prelúdio, o aperto no peito surgiu. Não iria demorar e eu não estaria mais conseguindo respirar ou enxergar qualquer coisa com clareza. Marcos me mataria se descobrisse que meus ataques estavam piores, que eu havia mentido para ele por todo esse tempo.

De repente, duas mãos fortes seguraram meu ombro por trás, enquanto eu batia contra um peito duro e rígido. O perfume inconfundível do couro e menta me fez ofegar aterrorizada. *Era ele.*

— Você não deveria estar aqui.

Eu o escutei murmurar, a voz soando tão fria e distante que todo resquício de controle que ainda tentava manter foi abandonado. O ar me faltou enquanto eu me curvava para frente, só não caí porque as mesmas mãos, que um dia haviam acariciado cada área sensível do meu corpo, agora me seguravam com uma estranheza inegável.

— Respire, respire... — Ricardo ordenou.

Abri a boca, disposta a pedir que me soltasse. Para me deixar em paz e desaparecer. Mas temia que, se ele se afastasse, eu acabaria desabando nesse mesmo chão, como uma garotinha fraca incapaz de lidar com os próprios sentimentos. Bufando de raiva atrás de mim, Ricardo se rendeu e roçou o nariz em meu cabelo, as mãos me puxando para ele, envolvendo minha cintura enquanto eu tremia inteira. E foi aí que notei...

A aliança dourada estava de volta ao seu dedo.

Ricardo

O CORPO TRÊMULO sob o meu controle enrijeceu. A vulnerabilidade incomum de Isadora foi transformando-se em apatia enquanto ela encarava a mão que sustentei em volta de sua cintura. Franzi o cenho, consciente da aliança em meu dedo anelar. Do aro dourado, que um dia teve tanto significado, e que agora era apenas um lembrete das escolhas equivocadas que fiz nos últimos meses. Amaldiçoei-me por não ter previsto, sequer imaginado, a presença dessa mulher nesta casa. Foram meses com ela fora do radar, e quando nada mais podia ser feito, Isadora Montenegro, a responsável por foder com a minha cabeça, retornava ao país. *Porra!*

Eu deveria ter desconfiado de que atender ao pedido, por sinal demasiado insistente, de um dos principais clientes do Grupo Hangar não acabaria bem. Mas tomado pelo impulso do momento, dei as costas à decisão de manter-me afastado e cedi diante da tenacidade de Marcos. O patriarca da família Montenegro, presidente do vinhedo de maior destaque dentro da América Latina, também conhecido, atualmente, como o homem que se rendeu aos encantos de sua sedutora funcionária. Erro ou não, eu me dispus a encontrá-lo em uma reunião de última hora. Gostaria de dizer que aceitei porque o respeitava, mas não foi essa a razão que me fez atravessar a cidade e colocar os pés neste lugar.

E mesmo que me rasgasse admitir, o motivo para eu estar aqui agora era porque a perspectiva de ter Henrique fora das grades também me preocupava.

O infeliz não só desfalcou parte do fundo financeiro da Montenegro como levou o nome da família às manchetes, e não de maneira positiva. Foi escândalo atrás de escândalo. Arranhando a respeitada imagem que essa distorcida família exibia ao mundo. O estrago fora imenso, o que me tornava capaz de compreender a atual fúria de Marcos diante da possível liberdade do infeliz que lhe causara tantos transtornos.

— Você voltou para ela? — Isadora indagou em um tom de voz áspero.

— O que esperava? — rebati de imediato, enquanto imaginava a careta de desprezo a se formar em seu rosto. Assim como a construção do muro que erguia ao se sentir ameaçada.

Houve um tempo em que fui estúpido a ponto de acreditar que poderia lidar com ela e o seu distanciamento emocional. Fora a amargura que carregava dentro de si. Nesse mesmo tempo, acreditei que essa mulher inalcançável e tirana pudesse experimentar comigo algo além do óbvio desejo sexual. A estupidez do pensamento não demorou a se manifestar, e no maldito instante em que descobri que Isadora deixara o Brasil, eu percebi que não significava nada para ela.

Agora, cá estava eu, com a mulher que abalou a porra do meu mundo — apenas para me deixar em seguida — ousando questionar, do jeito indolente que só ela possuía, se eu havia voltado para a minha esposa.

A esposa que abandonei por causa dela.

— Quanto tempo levou para que corresse para a sua mulherzinha? — debochou, obstinadamente decidida a se livrar dos meus braços e se pôr cara a cara comigo.

Vê-la tão de perto foi como levar um soco certo na boca do estômago. Ou seria no coração?

Não, merda, eu não iria cair nessa armadilha outra vez. Além disso, eu havia tomado uma decisão, e ela era a de não deixar Clarissa desamparada nesse momento. Antes de voltar para casa e nos dar uma última chance, nós dois conversamos exaustivamente. E, inclusive, abri o jogo sobre a razão que me fez dar fim ao nosso casamento. Acreditei até que, se jogasse limpo, eu conseguiria colocar um ponto final na minha história com Isadora, mas isso jamais aconteceu.

— Eu não corri atrás de ninguém. — Essa era a verdade. — E mesmo que o tivesse feito, *você* foi a primeira a abandonar o barco, Isadora. — A raiva que sentia gotejava através das palavras.

— Um barco que, mais cedo ou mais tarde, afundaria. — Sua resposta veio incisiva. Assim como ela. Que se recompôs, expondo através dos olhos cansados sua costumeira arrogância. — Ou *você* acha que nós tínhamos futuro? *Você* não passa de um assalariado, um mero...

— Não se dê ao trabalho de terminar essa frase! — a interrompi, bruscamente. — *Você* deixou claro o que pensa a meu respeito, meses atrás, Srta. Montenegro. E eu posso não ser como esses ricos fodidos com quem conviveu a vida inteira, mas garanto que fui o único homem que fez ruir essa parede de gelo da qual tanto se orgulha. — Abaixei o tom de voz, de propósito. — Odeie-me por isso, mas não pense que aceitarei ser ofendido somente porque *você* não sabe lidar

com a porcaria de suas emoções!

A expressão em seu rosto se transformou, ressaltando os traços magros e marcantes.

A perda de peso e o cansaço, antes disfarçados, pareciam evidentes agora. Ainda assim, Isadora continuava o tipo de mulher difícil de ser ignorada. Sendo honesto, ela foi e ainda era uma das mulheres mais belas que já conheci. Sua beleza, contudo, era austera, elegante de uma maneira intimidadora. Poucas eram as que possuíam uma aparência como a dela, e as que possuíam, não lidavam com essa vantagem da maneira indiferente como Isadora o fazia. Era difícil para mim entender como a herdeira de uma das famílias mais influentes e tradicionais de Santa Catarina passava seus dias enfiada dentro de um escritório. Rigidamente protegida pelos muros que ela mesma erguia ao seu redor. Como ela, retratada como uma socialite ativa dentro da sociedade e que tomava frente de vários projetos humanitários, era na verdade um bloco de gelo humano.

— Eu me arrependo do dia em que permiti que me tocasse — disse, destilando seu habitual veneno. Um lado dela que eu conhecia muitíssimo bem. — Sinto vergonha por tê-lo deixado se aproximar, mas isso não voltará a acontecer, não é? A *Santa Clarissa* está de volta a sua vida, disposta a brincar de casinha no subúrbio. — A maldita ironizou como se não sentisse nada. Ou, talvez, ela realmente não sentia.

Por isso as palavras de desprezo escapavam com tanta facilidade de sua boca.

Recordei, a contragosto, as vezes em que ignorou as tentativas que fiz de explicar o papel de Clarissa em minha vida. Sempre se levantando da cama, dando-me as costas e saindo porta afora. Sem qualquer interesse. Isadora nunca fez questão de saber nada a meu respeito. Família, trabalho... o que eu sentia. O sexo impensado que fizemos não mudou a maneira como me enxergava. Em sua cabeça, eu continuava a ser um fodido empregado com o dever de acatar suas ordens. O que nunca aconteceu.

O que essa mulher não imaginava era que segui-la por todos os lados como fiz durante meses foi nada mais do que um favor prestado ao seu irmão. Não era meu dever atuar como babá de ninguém, não quando eu possuía parte do Grupo Hangar. A empresa de segurança privada que começou do desejo que eu e mais dois amigos tínhamos de nos enveredar no mundo corporativo após a saída do exército. Hoje, o grupo oferecia a nossos clientes, em sua maioria homens exigentes e acostumados a terem apenas o melhor, serviços de segurança estratégica, patrimonial, pessoal e eletrônica. Além de uma academia, onde formávamos profissionais que cobriam toda e qualquer necessidade que nos era apresentada.

Estar colado quase que 24 horas por dia em uma mulher geniosa como Isadora

foi uma anormalidade em meu trabalho. Assim como era a maioria dos pedidos feitos pelo Sr. Montenegro.

— Vejo que continua a mesma — falei sem esconder a frustração. Encarando-a como se nunca tivesse beijado a sua boca ou estado entre as suas pernas antes. Perdendo-me pouco a pouco na imensidão verde que eram os seus olhos. Flashes de recordações das vezes em que a agarrei e a possuí, quente e molhada, me deixaram duro. Era isso, o meu pau era um traidor que desejava com desespero a mulher errada.

E pensar que esse tormento começou com uma simples curiosidade. Olhares demasiados longos, provocações que a irritavam e toques proibidos. Nunca imaginei que perderia o controle. Que tomaria as decisões que tomei e que trocava o certo pelo duvidoso. E essa mulher, a mesma que a imprensa perseguia com tanto afinco e todos ao redor temiam, ela se emaranhou em cada célula do meu organismo. Tomou para si algo que pertencia a outra. Algo que acreditei que nunca entregaria a ninguém além de Clarissa.

— Eu não o quero na minha casa. — Ela ergueu o dedo irritante em frente ao meu rosto, sem demonstrar qualquer emoção ou perplexidade quando o afastei. — Muito menos perto de mim. Fui clara?

Em um gesto brusco de tão impaciente, eu envolvi a mão trêmula, detendo o dedo que Isadora gostava de apontar na cara dos outros. O que a levou a apertar os lábios macios um no outro e empinar o nariz aristocrático de modo arrogante. Mostrando ter orgulho em cada fio de cabelo castanho e tediosamente arrumado de sua cabeça.

Ela estava furiosa. Mas não era a única.

— Alguns meses não podem tê-la feito esquecer que eu respondo unicamente ao seu irmão, gatinha — lembrei-a. — Ele é o único aqui com autoridade de pedir para que eu saia. Mas, se o problema sou eu e a nossa proximidade, não se preocupe, porque o que aconteceu entre nós dois foi apenas o maior erro que cometi nessa vida. Um... que quase custou o meu casamento — falei, querendo machucá-la. — Então, dê por certo que a última coisa que desejo é ter que olhar para a razão que me levou a abandonar uma mulher que me ama. E se a tranquiliza escutar, você é uma página que eu já virei, Srta. Montenegro.

O resquício de cor que lhe sobrara escapou de seu rosto no instante em que a minha sentença foi dada. E, porra, eu não me orgulhava de soar duro, não era o vilão dessa história! Acho até que se havia alguém aqui que poderia levar esse título, esse alguém era a mulher à minha frente. Mas a preocupação com ela ainda existia, percebi irritado, e vê-la tentar esconder as emoções que a assombravam fez crescer a sensação de que, de alguma forma, eu deveria protegê-la. Não apenas de mim, e da bagunça que minha vida se transformara

desde que fora embora, mas dela. Do mal que Isadora poderia vir a fazer a si mesma.

Como se lesse a minha mente e não suportasse o que havia ali dentro, ela virou o rosto e deteve os olhos ao que acontecia no jardim. Onde Marcos e o restante de sua família seguiam reunidos. O ressentimento que atravessou o rosto pálido a delatou, desarmando-me um pouco mais naquele momento. Havia algo no sofrimento dessa mulher que me perturbava a ponto de fazer com que eu esquecesse do que não deveria ser esquecido.

— Não foi apenas de mim que você fugiu, não é? — Ela não respondeu. — Vê-los felizes não deveria afetá-la como faz, Isadora. Quando irá aceitar que você precisa de ajuda?

Sem dizer nada, Isadora me olhou com tanta repulsa que qualquer homem com pulso menos firme teria se intimidado. Mas essa era a maneira como ela olhava para o mundo, como se nada e ninguém fosse bom o bastante.

— O que está dizendo é um absurdo — pronunciou, mordaz. — Você não faz ideia do que acontece comigo...

— Por que será, Isadora? — questionei, com a mesma amargura. — É você quem não permite que ninguém se aproxime, então, é claro, que eu não sei o que acontece com você, ninguém sabe! — Diante do seu silêncio, eu continuei: — Se não fosse por mim segurá-la, você estaria no chão de tão abalada que ficou ao vê-los reunidos. Como isso pode ser considerado normal?

— Pare de falar! — exigiu, mas eu não parei.

— Por mais insano que essa merda seja, eu me preocupo com você! Tem ideia do medo que senti ao descobrir que você estava a quilômetros de distância, sem ninguém da sua família por perto? Ninguém para te proteger?

— E desde quando eu preciso ser protegida? — indagou, em um chiado raivoso. — Pare de me tratar como se eu fosse uma mulherzinha fraca e incapaz de se cuidar sozinha, Ricardo. Porque eu não sou!

Eu estaria mentindo se dissesse que não foi esse seu jeito orgulhoso que me fez ficar tão curioso a respeito dela.

Isadora não parecia frágil, apesar de tê-la visto em momentos vulneráveis quando, sem querer, abaixava a guarda. O que raramente acontecia. Porque a dama de ferro fazia questão de estar no controle, sempre. Ela não implorava por atenção como outras mulheres. Era tenaz, sarcástica e inteligente. Mantinha, sem culpa, as pessoas a uma distância segura. Física e emocional. Impedindo-as de ultrapassar o limite estipulado por ela mesma. Eu fui uma dessas pessoas. A diferença era que, por alguma razão, recebi acesso ao seu corpo. Fui tentado como um garoto ao ganhar um doce e, logo em seguida, ter o agrado negado. Foi dessa maneira que me senti ao ser rejeitado por essa mulher.

Negado de algo que considerava meu.

Sem ideia do poder que possuía sobre mim, Isadora ergueu o queixo. Mascarando sua mágoa, e a substituindo por nada. Apenas um vazio existencial. Como ela conseguia fazer algo assim? Como podia se fechar tão fortemente, diante do homem que a viu nua? Desfeita de sua armadura?

— Você está certa. Você não é como a maioria das mulheres que conheço, o que não entende é que eu nunca desejei que fosse. — Percebi a hesitação que a tomou, assim como o movimento que fez ao engolir em seco. Enquanto isso, eu me vi lutando contra a certeza de que havia me apaixonado por ela justamente por ser assim: intolerável, mal-humorada e, irritantemente, geniosa.

Pressentindo o perigo, eu dei um passo atrás antes de dizer sim ao pedido torturado do meu corpo para que eu a tocasse. Mais ainda, para que a tirasse daqui. Ofeguei torturado, ciente das vezes em que cedi a essa mulher, em que a tomei sem pensar em nada. Nenhuma consequência. Nenhum futuro. A verdade era que a química entre Isadora e eu ia além da sexual. Era uma coisa de alma, mesmo que aplacada somente sobre a cama.

As vozes, vindas do jardim, soaram mais altas, deixando-a tensa.

— Eles são a sua família — falei ao vê-la inspirar o ar com dificuldade. O tremor voltando a atingi-la.

— Eu não deveria ter voltado — admitiu em voz alta, surpresa consigo mesma. — Eu não me encaixo mais aqui. Que diferença faz se estou ou não presente? Eles estão felizes... você está... — Eu a vi fechar os olhos e a boca, comprimindo-a como se quisesse deter as palavras.

— Você não pode fugir sempre que não souber como lidar com o que a perturba. — Ou não souber como lidar comigo, pensei frustrado.

— Se eu for embora agora...

— Você não vai. — Eu a segurei, ao ver o corpo magro fraquejar. Fazendo o inverso do que deveria ao trazê-la para mais perto. — Eu não a quero aqui tanto quanto você me deseja ter por perto. Mas não deixarei que parta sem que seus irmãos a vejam.

— Esse é um assunto que não lhe diz respeito — disse com a voz rasgada, esforçando-se para pôr algum espaço entre nós dois.

Até que, de repente, não fez mais.

Maldição, como eu odiava vê-la assim.

Eu conhecia os sinais, todos eles. Desde a primeira vez em que a vi sucumbindo a um de seus ataques de pânico, eu tomei para mim o encargo de protegê-la quando possível. Estudei a síndrome, me inteirei das motivações. Busquei por uma solução. E mesmo com ela se recusando a me dar ouvidos, eu tentei à minha maneira ajudá-la. Não adiantou, é claro. A dama de ferro era

teimosa, e se negava a admitir que precisava de ajuda.

— Você nunca escuta, não é? — Ela voltou a me encarar. — Sendo ou não meu assunto, eu não irei deixar que saia dessa casa sem que eles percebam que você se importa. — Isadora sacudiu a cabeça com aversão.

— Eu não estou aqui porque me importo. Estou porque Marcos insistiu... e porque aquela mulher dele fica esfregando o filho na minha cara a cada chamada de vídeo que realiza. Se não aparecesse aqui hoje eu só iria...

— Decepcioná-la?

— Eu não dou a mínima se a decepciono ou não.

— Mas se importa em decepcionar o Marcos. — Sempre foi difícil entender essa ligação entre Isadora e o irmão, e mais ainda, aceitar que o único apoio emocional que ela parecia disposta a aceitar fosse o dele.

— Ele é tudo o que eu tenho — disse baixo, e isso com a fodida certeza me irritou.

Sem cabeça para continuar a discussão, eu tentei soltá-la e me afastar, mas desisti no momento em que meus dedos liberaram o seu braço e ela perdeu o equilíbrio. Joguei a prudência pelos ares e toquei a bochecha pálida antes de me encher de coragem e encarar seus olhos assombrados.

— Enquanto você acreditar que seu irmão é tudo o que tem, ninguém conseguirá ultrapassar as barreiras que ergue, Isadora. Não são as pessoas que não te amam, ou não se importam, é você quem não as deixa se aproximar... e isso é triste.

De um jeito que só Isadora poderia, ela empurrou meu braço como se minhas palavras e toque a enojasse.

— Não volte a me tocar. Nunca mais! Você não significa nada, é somente uma pedra em meu caminho.

— E deixe-me adivinhar o que faz com as pedras em seu caminho: você as engole, estou certo? — rebati, impaciente. — Essa é a única justificativa para que seja tão dura!

— Seu... troglodita! — Isadora se debateu ao perceber que seria inútil fazer com que eu a soltasse.

— Voltamos à estaca inicial, você agindo feito uma cadela tensa e eu...

— Não é porque cometemos a estupidez de ir para a cama que vou permitir que fale comigo dessa maneira. Quem você pensa que eu sou?

— É claro, não podia faltar o *com quem você pensa que está falando*. Mas eu vou te dizer com quem estou falando, Isadora. — Eu a empurrei contra a parede, a fim de fazê-la parar de se debater. — Você é do tipo que ataca quando se sente vulnerável, que acha que a porra do seu sobrenome vale alguma coisa, quando não vale. Não para mim, e não para aqueles que realmente importam. Talvez, se

tiver sorte, você entenda isso em algum momento.

— Me solte. — A voz dela soou baixa.

E sei que, diante das atuais circunstâncias, soltá-la e deixá-la partir era o melhor a se fazer. E se fosse para ser honesto, com Isadora do outro lado do oceano, a sensação de ter o peito rasgado em dois não era tão legítima.

— Ricardo... tire suas mãos de mim... agora — insistiu, devagar.

Sacudi a cabeça, questionando-me por qual razão ela não parecia desesperada. Será que a porra do seu coração não doía ao me ver?

Sem outra opção, eu a soltei, passando a mão pela nuca. Agora mais agitado do que antes.

— Não sei por que insisto em acreditar que possa existir algo bom dentro de você, ou por que ainda perco o meu maldito tempo esperando que caia na real e acorde para a vida, Isadora. Eu escutei quando afirmou pela primeira vez que o que tivemos não significou nada, ainda assim, continuo esperando que aja como um ser humano normal e demonstre a porra de algum sentimento!

— Vá embora, por favor, apenas saia da minha frente e... — suplicou, mas havia algo mais em seu pedido, como se ao pedir para me afastar, Isadora desejasse justamente o contrário. — Por favor.

Entreolhamo-nos, ambos confusos e nervosos. Cheguei, inclusive, a dar um passo à frente, mas percebi que não cabia a mim salvá-la e que essa fome misturada a raiva, exigindo assumir o controle, não deveriam vir à tona.

— Falei sério quando disse estar cansado, Isadora. Falei muito sério — murmurei de maneira definitiva, antes de lhe dar as costas, dando-me conta de que estar perto dela... desestabilizava-me.

No caminho até a garagem externa, eu passei por Vera, e de tão frustrado acabei ignorando-a ao tê-la questionando que bicho havia me mordido.

Em alta velocidade, fiz o retorno na fonte central da mansão e, após ter a saída liberada, alcancei as ruas calmas e arborizadas do bairro nobre em que Isadora e seus irmãos cresceram. A vida que todos eles levavam, a forma como foram criados... era deturpada demais. Insana para alguém pé no chão como eu compreender. E, levando em conta a bagunça que essa família era, eu duvidava que fosse fácil para eles também. No percurso até a cidade, eu procurei lembrar as diferenças e abismos que deveriam ter sido suficientes para manter-me afastado. Mas cada sinal e alerta foram ignorados.

A minha realidade não se encaixava na vida *perfeita* e elitista de Isadora. Não que me importasse, porque era grato por cada noite em claro ou dificuldade com que me deparei durante o período no exército. Escola de cadetes, academia militar... por último, a transferência para a base na qual servi por quase cinco anos. Estar lá foi algo que planejei durante toda a vida, porém não vou negar,

não fora a escolha mais fácil. Tanto que Clarissa jamais aceitou minha decisão, nem o fato de eu ter passado a maior parte de nosso relacionamento preso em uma base militar fazendo o que sabia ter nascido para fazer. Foi lá, ao lado de generais e tenentes, que aprendi o que era honra e respeito.

Entrei naquela escola de cadetes um moleque, apaixonado por sua namorada e querendo mostrar o seu valor. E saí de lá um homem, que por mais erros que tenha cometido, desejava apenas fazer o que era certo agora.

E no momento, o certo era estar ao lado da Clarissa e do filho que esperávamos.

Isadora

A VERDADE POR detrás das palavras de Ricardo trouxe à tona uma raiva tão profunda que, mesmo após vê-lo se afastar, eu permaneci imóvel. Não era exagero quando diziam que eu era uma pessoa fria e emocionalmente distante, porque eu era... apenas não quando se tratava dele. Essa era a razão de eu estar lutando contra o tapa invisível que levei. Ansiando pela extinta sensação de controle, eu apertei os nós de meus dedos, massageando-os com força enquanto a dormência costumeira se alastrava por todas as partes. Um calvário que me atormentava há mais de um ano e que, para a minha infelicidade, era um dos primeiros sinais que meu corpo apresentava quando estava prestes a sucumbir.

O primeiro sintoma costumava vir acompanhado de um aperto esmagador em meu peito. Os dois andavam juntos, levando-me ao desespero em questão de segundos. Não havia motivações específicas, ou assim eu acreditava. E qualquer tensão demasiada intensa desencadeava um penoso ataque de pânico.

Ao deixar o país, eu errei em acreditar que me veria livre dessa complicação, que ao me afastar do que me desestabilizava, eu voltaria a ser a antiga Isadora: centrada em meu trabalho, autossuficiente e incapaz de sentimentalismos bobos. Mas como disse, eu estava errada. Os ataques tornaram-se menos frequentes, porém quando aconteciam eram com ainda mais intensidade. Uma lembrança no momento errado, a pressão que Marcos fazia para que eu voltasse para casa, e, às vezes, até mesmo ver um casal na rua, apaixonado e feliz, era o suficiente para me deixar sem fôlego de uma maneira nem um pouco saudável.

A única vantagem de se estar a quilômetros de distância era que não havia ninguém para presenciar o meu pior. E como fiz com praticamente tudo em minha vida, eu lidei com as crises sozinha. Tomando pequenas providências para me proteger, não apenas do interrogatório de Marcos, como também dos perigos em que poderia me colocar. Pondo em prática alguns hábitos que nesta cidade seriam praticamente impossíveis. Aqui, eu vivia em uma redoma de vidro,

observada por todos os lados e, por vezes, a impressão que tinha era a de que todos ao redor esperavam pelo momento da minha queda, por alguma falha que me levasse a protagonizar outro escândalo.

E os escândalos, por certo, vinham se tornando um hábito infeliz quando se tratava dos Montenegro.

O pensamento fez-me engolir o nó entalado na garganta, e o movimento forçado tornou a respiração um chiado sufocado. Desorientada, eu busquei por equilíbrio e apoiei meu corpo na parede mais próxima. Umedecendo os lábios, anormalmente secos, ao mesmo tempo que tragava o ar com toda força.

Conte até dez, Isadora, obriguei-me a agir, até cem se for preciso, mas se refaça!

Fechei os olhos ao sentir as paredes se fecharem ao meu redor, deixando apenas a imagem insistente de Ricardo fixada a minha mente. Seu rosto anguloso, masculino de um jeito rude. A barba rala e os olhos de um castanho profundo, quase chocolate. Aqueles olhos me assustavam, eles eram perspicazes, atentos a tudo o que eu fazia. Era como se ao me olhar, o homem pudesse me ver por dentro. Cada defeito, cada falha... cada medo. E odiava que fosse *ele* o causador dessa insegurança e necessidade de ser aceita. Foi *dessa* loucura que escapei. Porque, convenhamos, eu não precisava da aceitação de ninguém. Minhas escolhas e decisões não tinham por que ser julgadas, e eu, definitivamente, não via motivos pelos quais me preocupar com a opinião de alguém que não fosse o meu irmão.

— Senhorita? — A voz firme da governanta foi ouvida. Não me dei ao trabalho de virar para encará-la, não quando temia as emoções congeladas em meu rosto. — Isadora? — Vera insistiu, fazendo uso do meu primeiro nome.

Uma intimidade que eu não admitia. Fosse dos funcionários da mansão ou dos que trabalhavam comigo na Montenegro. Se a mulher pelo menos tivesse parado após cometer esse pequeno deslize, mas não, ela foi mais longe e tocou o meu braço. Chamando a minha atenção. Recuei, inconsciente de que não havia mais espaço entre o meu corpo e a parede, e meu comportamento a assustou. Nós não éramos próximas, nem mesmo compartilhávamos daquela cumplicidade comum a funcionários antigos e patrões. Sempre mantive Vera distante, assim como fiz com parte do mundo.

— Querida, olhe para mim — ela pediu, entrando no meu campo de visão. Pisquei algumas vezes, ainda zonza, forçando-me a raciocinar com clareza e esquecer o motivo pelo qual o meu peito doía mais intensamente agora. — Eu vi a maneira nervosa com que o Sr. Rezende passou por mim, e agora a encontro assim... O que aquele homem fez a senhorita?

O que ele fez?

Ricardo me arruinou. Aniquilou as minhas defesas, assim, em um piscar de olhos. Tornou-me refém do torpor que me dominava sempre que me tocava, um bem diferente do que os meus ataques de pânico causavam. Com ele... eu esquecia quem eu realmente era. Foi essa a razão pela qual posterguei o nosso fim e continuei a voltar para aquele maldito *flat*. Correndo tão ávida em direção a sua cama. Eu não previ que acabaria por me acostumar a estar com ele, que a intimidade indesejada que criamos fosse bagunçar cada parte sólida e segura da minha vida. E o que a princípio foi como um antídoto, uma espécie de cura momentânea para os meus dias ruins, com o passar do tempo passou a ser uma necessidade. Uma exigência do meu corpo e alma.

— Se não reagir, eu serei obrigada a chamar o seu irmão, senhorita — Vera alertou devagar, dando-me tempo para responder. Ergui a vista, deparando-me com uma expressão em seu rosto que nunca vi direcionada a mim. Ela parecia preocupada. — Eu sabia que Marcos não deveria tê-la deixado sair dessa casa, eu sabia.

Separei os lábios, mas nada saiu. Eu mal era capaz de respirar, o que dirá falar. Em qualquer outro momento, suas palavras teriam sido ignoradas, sem me afetar, mas hoje, em especial, elas me atingiram. Fazendo com que minha garganta fechasse.

— Estou te dando um minuto, Isadora. — A estranheza da situação permaneceu, mas agora a sua voz era firme, mesmo que baixa. Vera conhecia o meu gênio, a maneira severa como me comportava. E tenho certeza de que, por me conhecer, ela estava ciente de que me tratar com indulgência não nos levaria a lugar algum. — Se recupere antes que seus irmãos percebam o poder que *aquele homem* tem sobre o seu humor — advertiu com cuidado, deixando clara a insinuação.

A infeliz sabia.

Meu Deus, como pude ser tão descuidada?

Eu coloquei a minha reputação e a minha imagem em risco por causa daquele troglodita grosseirão, e tudo por quê? Por um pouco de esquecimento e sexo?

— Não se esqueça da sua posição nessa casa, Vera — falei com autoridade, forçando minha voz a sair. — Meu irmão pode ter sido complacente quando soube que você foi a responsável por encobrir o desaparecimento da Rachel, mas eu não sou como ele. Um mísero erro... e eu a coloco para fora sem pensar duas vezes! — Essa era a maneira com a qual me defendia. Eu preferia que me odiassem, que fugissem de mim como insetos assustados, que era o que acontecia sempre que eu pisava na Montenegro, a permitir que meus funcionários tivessem a ideia absurda de que estávamos em um mesmo patamar.

Porque nós não estávamos. Essa foi uma das lições que aprendi com Lorena

Montenegro.

Vera soltou o ar aliviada, ao me ver reagir enquanto eu me limitava a observá-la. Esperando pelo momento em que meu autocontrole voltaria. Como era possível desmoronar por dentro quando por fora eu permanecia tão apática? Essa resistência, essa luta *razão x emoção* que meu cérebro travava quase que diariamente, era o que me deixava em pedaços.

— Vera, por que a demora? — Estremeci ao escutar a voz costumeiramente grave de Marcos. — Isadora? — Dei-me conta de que não importavam os erros que meu irmão cometera nos últimos meses, ou as consequências que suas decisões tiveram em nossas vidas. Não importava sequer que eu mantivesse meus segredos escondidos dele, porque a verdade era que Marcos era o meu alicerce. Uma das poucas pessoas a quem me permitia amar.

Vê-lo de perto foi como ser novamente atingida pelos acontecimentos. Não acho que tenha sentido falta desta casa, não completamente, mas havia sentido falta do meu irmão, eu percebia agora. Envolvendo meus próprios braços ao redor da minha cintura, endireitei a postura e resisti à vontade de me refugiar em seus braços. Eu não era nenhuma garotinha, muito menos compartilhava traços de afabilidade como Mariana ou sua esposa. Eu era tão diferente delas e, lá no fundo, temia que isso o fizesse me amar menos.

Tomando uma iniciativa que eu seria incapaz de ter, Marcos se aproximou e me puxou para um abraço. Não retribuí a princípio, mas pude sentir cada estrutura do meu corpo se rebelar ante o carinho. Astuto como era, ele não deixou espaço para que o afastasse, e o pavor do contato físico se dissipou aos poucos. Assim como os resquícios dos sintomas que me dominavam.

— Por que não comunicou que viria? Eu teria preparado tudo para o seu retorno, Isadora — falou, afastando-se apenas o suficiente. Olhando como se não me visse em um longo tempo. O que não era verdade, já que a cada semana eu era forçada a participar de reuniões através de videoconferências.

Temí sua reação ao fim do escrutínio, e o observei franzir a sobrancelha escura e grossa. Um traço herdado de nosso pai. A lembrança de Antônio Montenegro foi o suficiente para que eu me afastasse do Marcos.

— O que tem feito com você mesma, irmã? — O comentário soou baixo, quase um murmúrio, mas duro o bastante para fazer notar o tom reprovador em sua voz. — Se imaginasse que deixá-la assumir o escritório de Madrid a traria de volta para casa nesse estado, eu nunca teria permitido que saísse do país.

Apertei o lábio inferior por um momento, obrigando-me a engolir qualquer rastro de fraqueza. Marcos passou meses sem *realmente me ver*, sem notar as olheiras sob os meus olhos, ou o meu cansaço. Nem mesmo o repentino desinteresse pelo trabalho ou a falta de concentração. Eu não o culpava, sabia

que ele tinha muito com o que lidar atualmente, e reconhecia a parcela de culpa que me era destinada. Foi decisão minha esconder dele a piora no meu caso, além de deixá-lo acreditar que estava me cuidando, fazendo terapia e levando uma vida em que o trabalho não era minha prioridade.

Então, em sua cabeça, eu passei os últimos meses... *bem*.

Imagina, então, o choque que deveria estar sendo para ele se ver diante da verdade agora.



— Marcos, a sua irmã precisa descansar. Desça comigo — Rachel tentou dissuadi-lo enquanto o marido movia-se agitado de um lado ao outro no cômodo que por muitos anos foi considerado o meu refúgio. Tão seguro e impenetrável como o restante desta casa.

Estalei o ombro tenso, exasperada pela possibilidade de um confronto com meu irmão após as longas horas de voo, seguidas pelo encontro intempestivo com Ricardo. Com um gesto usual, apertei a minha nuca, ainda mais rígida e fixei os olhos no chão. Os sapatos que ainda usava comprimiam meus dedos de maneira desconfortável, uma dor que mulheres como eu acabavam, mais cedo ou mais tarde, por se acostumar.

Os dedos que apertavam a pele da nuca desceram e pousaram no colar de pérolas herdado de minha mãe. Apertei-as sentindo um amparo inexplicável e reergui o rosto. Relembrando o momento em que todos nesta casa se deram conta da minha presença. E mais ainda, relembrando o fato de que a única pessoa, além de Marcos a me abraçar, fora a Sofia.

O entusiasmo que ficou ao me ver deixou-me sem reação. E a maneira alegre, quase fascinada, com que me olhou e se agarrou as minhas pernas tornou ainda mais óbvia a minha incapacidade de retribuir o carinho que ela, estranhamente, sentia. Sofia era a cópia da mãe, e ainda assim, ao olhar para ela naquele instante desconfortável eu senti como se olhasse para dentro de mim.

Sacudi a cabeça, afastando a lembrança, e me fixei em Rachel, que marchou atrás do marido assim que este subiu as escadas. Escutei os passos, assim como as tentativas que ela fez de conter o homem. A *coisinha irritante* estava preocupada comigo e com a maneira como a relação, no passado tão próxima entre mim e Marcos vinha se deteriorando. Sei que era errado e egoísta, mas vê-lo feliz, seguindo em frente e arriscando o seu coração dessa maneira tão descuidada, me deixava furiosa. Como se de alguma maneira ele tivesse me

traído, deixando-me sozinha para lidar com o restante do mundo.

— Marcos? — insistiu, ao ver que ele não respondia.

— Desça na minha frente, *carinho*. — Ele a olhou com os olhos flamejando.

— Carmen e Filipo viajam no final desta tarde, Marcos, eles não podem esperar — Rachel pressionou, unindo-se a ele. — Deixe de ser teimoso, e venha comigo — sussurrou sem intenção que eu escutasse, o que não aconteceu. Sisudo, meu irmão encarou a esposa, mas algo que ela disse, dessa vez com um tom de voz que não me permitiu ouvir, o fez abrir um sorriso.

Um sorriso.

Como algo assim era possível? Até mesmo imaginável?

— Dê-me cinco minutos com Isadora, *carinho*, e peça para que eles me esperem. Eu não irei demorar, prometo.

Os dois trocaram olhares e ela assentiu, dirigindo-se a mim com uma expressão de quem diz “eu tentei”. Engoli a frustração ao ficar sozinha com Marcos, certa de que ele não se refrearia por muito mais tempo, e aguardei pela explosão.

— Você mentiu para mim.

— Não exatamente.

— Não exatamente? — inquiriu, em um rosnado. — Você me fez acreditar que estava em terapia, Isadora.

— E como sabe que não estou? — retorqui, nervosa.

— Olhando para você, irmã. É assim que sei que esteve me enganando por todo esse tempo.

Marcos não era bobo, e sempre desconfiei de que iria descobrir a *inocente mentira* assim que ficasse cara a cara comigo. Desconfiei, e por essa razão adiei por tanto tempo o meu retorno.

— Marcos...

— O que nós combinamos antes de você viajar? — ele me cortou, sem o menor remorso. — O que, Isadora?

— Que eu me consultaria com algum especialista.

— E você não fez. — Não, eu não tinha feito, e não cheguei nem perto de fazer, pensei ao desviar o olhar para qualquer ponto do quarto que não fosse o meu irmão.

As cortinas, cobrindo as janelas que davam para a parte da frente da casa, encontravam-se fechadas enquanto todo o restante parecia o mesmo. Era como se eu nunca tivesse saído. Os perfumes que deixei para trás, os pincéis de maquiagem... todos eles militarmente organizados sobre a penteadeira antiga de mamãe, que agora refletia a minha imagem. Levei um susto ao enxergar o dano que a viagem e as horas sem dormir fizeram aos meus olhos e, mesmo

contrariada, dei razão ao Marcos. Um olhar para o meu rosto nesse instante e qualquer pessoa afirmaria que eu não dormia há séculos. O que veja, não estava tão longe da verdade assim.

— Você não entende. — Voltei a encará-lo. — Como espera que eu me sente na frente de um desconhecido e o deixe dissecar cada fase da minha vida? Que conteste tudo, cada escolha, cada pensamento... Eu me recuso a dividir com um estranho qualquer o que se passa comigo.

— E o que se passa com você, Isadora? — Ele soou calmo, controlado demais, e quando se tratava do Marcos isso nunca era bom.

— Se eu soubesse, não acha que teria posto um fim a esses ataques? Se soubesse qual é a porcaria do problema que tenho, Marcos, eu já o teria exterminado da minha vida.

— Não estou me referindo aos ataques de pânico, Isa, e sim ao que vem te perturbando. Tem algo acontecendo com você e é *esse algo* que precisa ser examinado.

— Eu não estou doente — retruquei, o olhando de modo defensivo. — Não me trate como se eu estivesse, porque...

— Em momento algum falei que está doente — ele me cortou. — O que disse é que precisamos descobrir o que está por trás dos seus ataques. Porque ele não é o problema, Isadora, é apenas uma consequência...

— Talvez você não perceba, mas eu não sou como Mariana e a Rachel.

— O que isso significa?

— Significa que não dependo de você e que eu, definitivamente, não irei desabar histericamente como *algumas* mulheres fazem. Você, irmão, não me verá correndo para os seus braços e pedindo socorro porque, de repente, a vida ficou complicada demais. Eu sou melhor do que isso. — Ele me estudou, arqueando sua sobrancelha grossa em descrença e decepção. Ótimo, que ele sentisse decepção. Isso eliminava um montante de expectativas em relação a mim que eu nunca atenderia.

— Do que você tem medo, Isadora? De sentir? — Apertei meus dedos no vão da cama enquanto a pergunta me alcançava. — É isso, não é?

— E se fosse? — Pensei, percebendo logo em seguida que havia falado em voz alta.

— Eu poderia te dar mil motivos para que não tivesse. — Ele se aproximou, levando-me a enrijecer a coluna. — Mas acho que nada do que for dito fará diferença. Você está tão decidida a ignorar o que vem acontecendo...

— Não há nada acontecendo, nada com que eu não possa lidar sozinha.

— Pode mesmo, Isadora?

— E mesmo que tivesse, o que não estou afirmando, me diga: como poderia

ser diferente? Olhe a loucura que nossas vidas se tornou com todos os escândalos e fofocas envolvendo o nome de nossa família. Não é justo que você e Mariana tenham decidido ignorar a opinião alheia, fazendo o que bem entendem, e me deixado sozinha para ser o centro das atenções!

Com ele e Mariana enchendo o mundo de monstros cheirando a leite e vendendo essa felicidade idiota que os jornalistas faziam de tudo para contestar, *sem sucesso*, recaíam em mim todas as atenções. Eu, a única da família a permanecer solteira, me tornei alvo de comentários especulativos, apostas e toda essa baboseira sensacionalista que a mídia criava a fim de manter seu público interessado. Não que a perseguição por parte desses abutres fosse novidade. Eu sabia lidar com as lentes, contornar entrevistas a meu favor e fazer declarações capazes de calar qualquer comentário negativo. Afinal, cresci vendo fotos minhas e de minha família estampando jornais e revistas. Não era esse o problema. O problema era ver o meu nome sendo citado em reportagens invasivas e de cunho pessoal.

Reportagens que ultrapassavam as páginas de negócios e colunas sociais, enveredando-se por um caminho decadente.

Eu não queria ter meu nome ligado a *esse tipo* de matéria. Não queria e não podia. Os projetos sociais amparados pela Fundação Amin, na qual era uma das principais organizadoras, contava com a boa imagem e influência das mulheres da alta sociedade catarinense. E como fui a única cotada para assumir a antiga posição de minha mãe, que fora por mais de quinze anos a anfitriã e a principal captadora de recursos, a cobrança em relação ao que fazia e *como vivia*, era infinitamente maior.

— Nós vamos começar a falar sobre esse assunto novamente? — indagou frustrado. — Eu tenho feito tudo o que está ao meu alcance para deter certas notícias, Isadora. Mas você conhece a maneira como a mídia trabalha.

Se conhecia... Constatei ao admitir o esforço feito por Marcos, assim como as infinitas ações judiciais que seus advogados davam entrada. A verdade era que matérias a nosso respeito, verdadeiras ou não, vendiam, e quando se tratava da imprensa sensacionalista isso era tudo o que importava.

— Eu sei, me desculpe. — Encarei-o, cansada. — Tudo o que peço é que entenda o meu lado, Marcos. Não é fácil estar aqui, em meio a essa loucura, sem poder fazer nada para impedir que nossos nomes sejam arrastados aos jornais. E por mais que eu tente, não consigo olhar para todos vocês reunidos sem sentir que perdi mais do que ganhei nos últimos tempos.

Como se já não estivesse perto o bastante para me deixar desconfortável, Marcos deu outro passo em minha direção.

— Nós somos a sua família, Isadora. Você não está sozinha.

Por que então eu me sentia dessa maneira?

Quanto mais agregados entravam para essa família, mais solitária eu ficava.

— Estou cansada. Gostaria de descansar, se você não se importa. — Tudo de que precisava era que ele saísse e me deixasse em paz.

— Nossa conversa não terminou, Isa, mas não irei insistir em prosseguir com ela hoje. Descanse por algumas horas, mais tarde pedirei que alguém suba e desfaça as suas malas.

Assim que Marcos deixou o quarto, eu me levantei da beirada da cama e fui até a antiga penteadeira. Deslizei os dedos pelo móvel antigo, reconhecendo a textura do trabalho que o artista fizera ao criá-la. Flores talhadas se encontravam por toda a superfície, e por algum tempo eu me concentrei em contorná-las. Até que o momento passou e detive toda a minha atenção ao reflexo do espelho. E assim que avistei uma das escovas mantidas na bandeja sobre a penteadeira, eu a deslizei pelo comprimento dos fios. De maneira tão ou mais severa do que a minha mãe fizera no passado.

— *Está vendo como seu pai a exclui da vida dele, Isadora?* — A voz histericamente controlada de mamãe ecoou em meu ouvido enquanto a criança que um dia eu fui olhava com pesar para o lado de fora da janela. Assistindo com tristeza ao pai chegar do passeio com a filha mais nova.

— *Ele pediu, mamãe. Mas a senhora nunca me deixa ir.*

— *A obrigação do seu pai ao ver que você não iria era a de ficar em casa, querida. — O corpo esguio de mamãe se sentou no recamier ao meu lado, que ficava colado à janela. — Eu não vou permitir que ele continue te colocando nessa posição, preferindo aquela birrenta em vez de você.*

— *Por que ele faz isso, mamãe?* — perguntei hesitante, com medo da verdade.

— *Os homens são influenciáveis, minha filha. Um dia, quando for uma mulher adulta, dona de si, irá entender o que estou dizendo. Irá entender também por que você não merece dividir atenção com aquela criança.*

— *Ela é minha irmã. Eu...* — Quis dizer que gostaria de brincar com Mariana. Mas isso também era algo que minha mãe não permitia.

Reagindo ao meu comentário, mamãe se virou, encarando-me e alisando o meu cabelo. E mesmo que olhasse diretamente para mim, eu senti como se sua cabeça estivesse longe. Em outro universo.

— *Aquela menina... pode ser a sua irmã, mas ela não é como você, Isadora. Você é especial, e o legado que irá herdar é maior do que imagina. Por isso é tão importante que se mostre forte. Porque um dia, lá na frente, você e seu irmão irão assumir a Montenegro, e quando isso acontecer eu quero ver a quem seu pai será grato.*

Deixei de escutar o que minha mãe dizia naquele momento, distraída demais ao ver meu pai sair do carro e tirar Mariana do banco de trás. Ela era tão pequena e parecia estar sempre chorando nas mãos das babás. Só com papai que ela se acalmava, e eu me perguntava se ela não fazia isso de propósito. Para ter toda a atenção dele. Sem perceber, eu me inclinei sobre a janela, olhando-a no colo de papai e senti algo esquisito no meu peito. Uma vontade muito grande de chorar.

Mamãe percebeu, é claro.

— Ele não merece as suas lágrimas, querida. — Ela passou o dedo com força embaixo dos meus olhos. Limpando o rastro úmido que se formou. — Nenhum homem merece. — Balancei a cabeça, querendo que ela ficasse feliz. Que sorrisse para mim como papai sorria para a minha irmã. Mas logo percebi que o rosto bonito de mamãe se encontrava tenso, carregado, e que ela também lutava contra as próprias lágrimas.

Interrompi as escovadas duras em meu cabelo e deposei com raiva a escova em seu lugar, vendo no objeto fios e mais fios do meu cabelo. O som áspero da porta sendo aberta trouxe-me de volta ao *mundo dos vivos* de maneira tão abrupta que eu não entendia se a dor que sentia era causada pela memória que tive ou se era de fato real. Franzi o cenho, confusa, ao reconhecer a garotinha através do reflexo.

O que essa menina fazia aqui?

Lidar com Sofia era a última coisa que desejava. Ela era a principal razão de toda a minha vida ter virado de ponta-cabeça. E eu nunca deixaria de achar irônico o fato de essa criança também ser uma bastarda. A sujeira estava no sangue, pensei soando mais cruel do que o de costume. *Eu tendia a agir assim quando me sentia acuada.*

Com a parte de cima de sua fantasia arrancada, Sofia exibia os cabelos negros em uma trança comprida. O rosto, antes alegre, se mostrava hesitante. Cada tentativa de aproximação feita por ela desde que me conheceu foi infrutífera. E, quase sempre, era Sofia quem conversava enquanto eu fingia prestar atenção, sem a menor paciência. A indiferença, porém, não a impediu de continuar tentando.

— Eu vim te dar *tchau*, titia — disse, entrando no quarto sem esperar pela autorização. Por pouco não pedi que saísse, só não o fiz porque a maneira ansiosa com que me encarou refreou-me. Sofia pareceu encantada com tudo ao redor, mas principalmente com a penteadeira. — Você tem uma mesinha de princesa. — Seus olhos brilharam. — Eu posso me sentar?

Havia espaço ao meu lado no banco acolchoado, o que não significava que eu permitiria que ela se sentasse comigo.

— Não — respondi baixo, o que a fez enrugar o nariz. O gesto era semelhante ao que sua mãe fazia, mas o nariz, longo e empertigado, era muito parecido com o meu. — Essa é uma penteadeira valiosa, Sofia, e não é para crianças — expliquei diante da confusão que surgiu em seu rosto ao ter o pedido negado.

— Não sou mais criança, titia. Eu cuido até do meu irmãozinho, sabia? Não quando ele chora, quando ele faz isso só mamãe e papai conseguem pegar ele, mas depois, quando fica calminho eu cuido dele — falou como uma pequena adulta. O rosto gordinho, bastante sério. — É *stessante*, mas ele é meu irmãozinho, e eu o amo! Amo o bebê da tia Rach também.

— Sofia — eu a cortei, certa de que se a deixasse falar ela não iria parar tão cedo. — Onde está a sua mãe? — perguntei, apertando a nuca com a mão direita. Exibindo sem pretensão o anel de esmeralda que um dia pertencera à mãe de meu pai. Era dela a maioria das joias que eu possuía. Antigas e valiosas, não pelo valor, mas pela história que contavam. Era isso que as tornava tão especiais para mim.

— Seu anel, titia. — Ela não me respondeu. — Ele tem pedrinhas verdes iguais ao meu. Olha... — Ela empurrou a mão esquerda na minha direção, e o que eu vi foi uma pequena réplica do anel de noivado de Mariana. — *Tá vendo?* — Só sendo cega para não ver, pensei comigo mesma. — Eu só posso usar ele quando *tô* com minha mamãe ou meu papai *cabói*. É bonito, não é? — Ela olhou para o anel e sorriu ainda mais para a joia.

— Sim, é muito bonito.

— O seu também é. Eu amo pedrinhas verdes...

— São esmeraldas, Sofia — expliquei, desconfiada que ela não entenderia.

— O da tia Rach é azul. Azul como os olhinhos do Arthur — dito isso, ela olhou ao redor, como se procurasse por algo. — Você não tem um bebê, titia. Por quê?

De onde tinha vindo essa pergunta?

— Acho que sua mãe está esperando por você para que possam ir embora — desconversei, lacônica.

— Todo mundo tem um bebê, menos você — insisti no comentário, e abriu um sorriso que demorei a entender. — A senhora pode cuidar de mim, tá bom? Eu não sou mais um bebê como o Enzo e o Arthur, o que é bom porque não choro muito... e a gente pode conversar. — Ela ficou feliz com a possibilidade.

Havia expectativa em sua voz, que por um mísero segundo foi capaz de me desarmar. O que aconteceu porque eu me vi nela enquanto a encarava. Só que, ao contrário de mim, Sofia não parecia triste por ter um novo membro na família. Nem ressentida como eu fiquei quando Mariana chegou a essa casa.

— A sua mãe já cuida de você.

— Sim. Mas ela agora tem o meu irmãozinho e a tia Rach tem o *Tutu*. Por isso eu deixo que cuide de mim. Prometo que vou ser boazinha e a sua melhor amiga!

— Sofia cruzou os dedos na minha frente e deu um beijo neles como se estivesse selando uma promessa. Não sei se ela estava ciente, mas promessas feitas por pactos exigiam obrigatoriamente a participação do outro envolvido. Que nesse caso, tratava-se de mim. — Agora eu já vou, titia, fica bem, tá?

Fui surpreendida quando a menina envolveu os braços curtinhas ao meu redor, apertando-me com força até que se afastou e saiu, deixando-me embasbacada e... sozinha.

Ricardo

Desliguei o motor do SUV preto e coloquei as mãos sobre o volante. Olhando com ressalva para a casa que Clarissa e eu colocamos de pé. Foram anos de trabalho e investimento para transformar esse punhado de paredes em nosso lar. Um lugar no qual pudéssemos formar nossa própria família. O duplex, localizado em um bairro residencial de Joinville, era confortável. Mas não se equiparava ao exagero que era a mansão dos Montenegro, não chegava perto.

Ainda transtornado pelo encontro com Isadora, eu adiei o momento de entrar e me unir aos meus pais e esposa. Os três deveriam estar à minha espera, possivelmente, reclamando sobre o fato de eu ter aceito essa reunião em pleno domingo e interrompido a reunião familiar de hoje.

— *Merda, Isadora!* — Amaldiçoei-a, certo de que minha frustração era inevitável.

A mulher podia estar protegida em sua gaiola de ouro, distribuindo ordens a seus empregados e agindo como se o restante do mundo fosse lixo. Mas o cheiro dela, ah, o cheiro dela permanecia em minha camisa. Eu a havia segurado por tão pouco tempo e, no entanto, era como se tivéssemos rolado sobre o feno de um estábulo por horas, enquanto o seu perfume se agarrava a minha pele.

Como eu conseguiria encarar minha esposa quando o cheiro de outra mulher era tudo no que conseguia pensar?

Clarissa não fazia ideia de que a responsável pela crise do nosso casamento ainda possuía poder sobre o meu corpo, que dirá de minhas emoções. Boa parte delas eram de raiva, mas a outra... fogo puro. Queimando dentro de mim.

Exasperado por não conseguir afastar a expressão aturdida da cabeça, eu saí do carro e tentei relaxar ao ver Zacarias correr em meu encontro. O deixei me rodear com sua costumeira animação, seus latidos anunciando a minha chegada.

Zac nunca cansava e toda vez fazia a mesma festa quando me via.

— Calma aí, garotão! — disse, afagando o pelo de cor marrom. — Onde estão todos? — Segui atrás dele, que correu pela lateral da casa em direção à área de trás, como se respondesse a minha pergunta.

Outro latido alto, e meus pais e Clarissa se viraram. Deparando-se comigo.

Acenei, sem intenção de me aproximar, consciente demais do meu corpo e de seus anseios, para simplesmente me sentar ao lado deles e fingir que nada aconteceu. E mesmo com a expressão curiosa no rosto de minha mãe e do aborrecimento evidente de Clarissa, eu entrei pela porta da cozinha e caminhei para dentro de casa.

Deixei que a porta do quarto batesse ao passar e arranquei a camisa e a calça. Enquanto o fazia, recordei o tempo que servi ao país e em como era chegar em casa após semanas fora. Recordei também os problemas que tive com Clarissa na época, as discussões que tínhamos pela decisão que tomei muito antes de nos casarmos. Nem mesmo a chegada de Zacarias a animou na época. Acho até que ela sempre se ressentiu do pobre cachorro, já que não foram poucas as vezes em que reclamou ter de dividir minha atenção com um animal quando mal tínhamos tempo de nos ver. Não havia mais carreira no exército agora, mas a implicância dela com o cão continuava.

Decidido a me livrar do cheiro de Isadora, eu abri a torneira do chuveiro até o máximo. Precisando da pressão que a água gelada faria ao bater nos músculos rijos de minhas costas e braços. Ambos, exauridos pela prática quase que diária de artes marciais, ora com Samuel e Heitor, meus sócios, ora com os alunos durante os treinamentos feito no Hangar. Claro que a tensão maior se dava por conta do encontro com Isadora, e o fato de que o meu corpo não entendia que aquela mulher era território proibido.

— Caralho, eu me recuso a perder a cabeça por sua causa novamente! — rosnei para o nada, enfiando a nuca debaixo do jato de água. E com os ombros curvados, apoiei as mãos na parede e fechei os olhos, permanecendo dessa maneira até que a porta do banheiro foi aberta.

Não movi um músculo, pois sabia que se tratava de Clarissa.

— Está tudo bem? — A voz cautelosa me alcançou no momento em que tudo o que desejava era espaço.

Movi o pescoço e, mesmo sob os jatos que caíam pelo rosto, foi possível vê-la. O cabelo, em um tom avermelhado de castanho, era longo, batendo além de sua cintura e quase sempre mantido solto. O rosto, levemente arredondado, seguia as curvas generosas de seu corpo, que agora geravam uma pequena vida. O nosso filho. O mesmo que ela alegou não ter condições emocionais de manter caso continuássemos separados.

Clarissa não era uma pessoa ruim, ela podia se mostrar excessivamente carente e ter uma dependência além do saudável quando se tratava de nós dois, mas desde que prometeu, anos atrás, que mudaria e que deixaria de ser a garota autodestrutiva e sem limites que fora no início de nosso relacionamento, ela se tornara uma mulher tranquila.

Por muito tempo, enquanto eu servia no exército, Clarissa trabalhou como enfermeira em um hospital do Estado, seguiu assim até que foi demitida após um corte grande que ocorreu internamente por conta do não fechamento das contas públicas. Zacarias entrou em nossa vida nessa época, um pouco antes de eu me ver obrigado a desistir da carreira militar, dando início ao Grupo Hangar.

Não sei dizer se algum dia cheguei a me arrepender de ter tomado tal decisão, mas abandonar tudo, quando estava prestes a subir de patente e era considerado um dos mais capacitados e eficientes artilheiros da minha base, não era algo que oficiais costumavam fazer. Tanto que o meu pedido de exoneração surpreendeu meus superiores, que procuraram, sem sucesso, me convencer do contrário.

— Como foi com o Sr. Montenegro? — sondou, aproximando-se do boxe.

— Não foi do jeito que imaginei. — Até porque o motivo que me fez dirigir até a mansão em pleno domingo fora esquecido depois de me deparar com Isadora naquele estado.

— Você pretende voltar a trabalhar diretamente para ele? — perguntou, surpreendendo-me ao deixar que o vestido florido que usava, deslizasse pelo seu corpo.

Sem convite, Clarissa abriu a porta embaçada do boxe e entrou, terminando de ficar nua na minha frente. A maneira lenta com que desceu a calcinha pareceu-me parte de uma sedução planejada, mas como vinha acontecendo desde que voltei a morar nessa casa, eu não reagi.

— Meus pais estão lá fora — lembrei-a, sem interesse de transformar essa conversa em sexo.

— Eles já foram — declarou, ao se aproximar. — Estavam apenas o esperando para que eu não ficasse sozinha. — Aí estava, fazer-me sentir culpa tinha se tornado uma de suas especialidades.

E ela sabia como usar isso a seu favor, tanto que, quando anunciei nossa separação, todos os meus familiares mostraram-se a favor dela. Na época achei melhor não dizer o motivo que me levou a sair de casa, queria que as coisas se acalmassem antes de revelar qualquer detalhe, mas desconfiava que Clarissa o tivesse feito por conta própria. Pelo menos no que se referia aos meus pais e irmã mais nova, Olívia.

Imagine então a surpresa de todos, quando Clarissa se adiantou e lhes contou a novidade enquanto eu sequer tive tempo de compreender como uma única noite

passada com ela, transformara-se em uma gravidez não planejada.

Depois de 14 anos juntos, cinco deles casados, descobrir que seria pai não foi algo fácil de assimilar. Clarissa se mostrou feliz, afirmando ser o destino intercedendo pelo nosso casamento, mas foi bastante clara ao dizer que não fazia ideia de como prosseguir com essa gravidez se eu não estivesse do seu lado.

O pior era que eu também não a achava capaz de passar por uma situação como essa sozinha. Clarissa apoiou-se em mim por anos e, de repente, ter de lidar com uma gravidez, uma criança crescendo em seu ventre, quando eu, seu apoio incondicional, estava fora de casa, deveria ser realmente assustador.

— O que aconteceu, Ricardo? — perguntou, friccionando os lábios nos músculos de minhas costas ao falar. — Faz tempo que não o vejo assim.

Apertei a mão pequena pousada em meu tórax e sacudi a cabeça debaixo do jato de água. A culpa fazia um estrago por dentro. O pior era que não acontecera nada, mas me punia como se tivesse.

— Não é nada.

Ela hesitou, antes de continuar.

— Sei que não gosta quando me meto nos seus assuntos de trabalho, mas fiquei feliz quando pedi afastamento do serviço que fazia para o Sr. Montenegro, Ric. Sua rotina era tão louca, você quase não tinha tempo para estar em casa. Eu... eu não gostaria que isso voltasse a acontecer, não agora quando preciso que fique comigo e com o nosso filho.

— Clarissa...

— Às vezes, eu me pergunto se não foi esse trabalho que o afastou de mim. Não faço ideia de quem seja a mulher com quem você se envolveu, mas se ela trabalha para o Sr. Montenegro, você voltará a vê-la todos os dias e...

— Isso não vai acontecer. — Não era difícil imaginar o motivo que trouxe Isadora ao país, além da pequena reunião familiar que Marcos organizou para comemorar os seis meses de vida do filho, havia também o *fator Henrique*, ainda assim eu duvidava que a dama de ferro fosse ficar por mais do que alguns dias no Brasil. Então não, eu não corria o risco de vê-la novamente.

Essa certeza deveria ter sido o bastante para acalmar os anseios do meu corpo, mas não acalmou.

— Quem é ela, Ricardo? — Clarissa suplicou, como fez tantas outras vezes. — Por favor, me dê apenas um nome... qualquer coisa.

— Não — falei sério. — E achei que tivesse entendido na última vez que discutimos por esse mesmo motivo. O que aconteceu é passado, Clarissa. — Segurei o seu rosto. — Não quero falar ou pensar no que ficou lá atrás. É tão difícil entender isso?

— A maneira como me ignora e foge da nossa cama me diz que não ficou lá

atrás. Que essa mulher, seja ela quem for, não é passado! — Ela se alterou, batendo na mesma maldita tecla.

Exausto, deixei o boxe e peguei a primeira toalha que encontrei, enrolando-a ao redor do quadril. Se fosse para discutir, eu não queria tê-la nua, porque sabia que, no final, Clarissa iria chorar, pedir desculpas e perguntar por que eu não me deitava mais com ela.

— Se eu pedir para que não aceite o trabalho, você me escutaria? — Ela veio atrás de mim, sem se importar com o estado em que deixava o chão.

O problema era que eu já havia pensado nessa possibilidade pelo menos uma dezena de vezes desde que conversei com Marcos ao telefone. Não era nenhum mistério o que ele pretendia pedir, e o quanto eu teria que me envolver no que se tratava do *assunto Henrique*. O filho da mãe em questão era toda a razão pela qual eu queria aceitar o trabalho.

— Não há a menor chance que isso aconteça, Clarissa.

— Por que não? — Ela pegou a toalha que joguei para que não ficasse nua e, contrariada, se enrolou. — Entendo que esse é o seu trabalho, e o quanto ele é importante para você, mas não vou permitir que volte a me afastar, Ricardo.

Quatorze anos juntos e era claro que ela notaria algo de diferente no momento em que me visse. Não precisei dizer ou fazer nada, Clarissa sabia que eu não estava totalmente aqui com ela. *Acho que desde que voltei, eu não estive*. Soquei a parede lateral do corredor com o punho, sendo outra vez rodeado pelos seus braços.

— Só prometa que tudo ficará bem e que você sempre irá cuidar de nós dois. Por favor, eu morreria se você nos deixasse...

Poderia ser minha mente pregando peças, mas porra... a cada vez que Clarissa repetia essas palavras, e não eram poucas, eu sentia que havia algo por trás. Porque, para mim, não soava como desabafo, e sim como ameaça.

Isadora

TRES DIAS APÓS o meu retorno à mansão, eu percebi que não conseguiria escapar por muito mais tempo da conversa que Marcos desejava ter comigo, ou então, simplesmente fingir que ela não aconteceria se continuasse a ignorar os olhares intimidadores que me eram lançados. Desde que coloquei meus pés nesta casa, o tempo pareceu voar, e a desculpa de que precisava me recuperar da longa viagem já não fazia sentido. Meu irmão não era o tipo de homem que postergava assuntos pendentes, assim como eu também não era, por isso, ao acordar nesta manhã, eu soube que não poderia mais adiar nossa iminente conversa.

Como de costume, eu me maquiei com extremo cuidado, fazendo questão de esconder a palidez do meu rosto. Depois, gastei um tempo precioso na escolha do conjunto de joias que usaria. Parte da minha coleção permanecera no país, algumas no cofre do escritório de Marcos, outras, em um pequeno cofre no meu closet. E havia também as mais valiosas, mantidas no banco, e retiradas apenas para limpeza e uso em eventos e casos específicos. Como o solitário de safira que pertenceu a nossa mãe, e que Marcos entregou de bandeja a Rachel quando a pediu em casamento.

Aquela jamais teria sido uma joia que eu escolheria usar, de qualquer modo. Até porque o meu fraco eram as pérolas e esmeraldas. E não havia ninguém no mundo com uma coleção mais vasta nesse setor do que Lorena Montenegro. E, apenas para confirmar a minha preferência, era justamente um colar de pérolas que eu fechava em meu pescoço no momento.

Decidida a enfrentar a fera, também conhecida como Marcos, eu calcei os *scarpins* de cor nude e deixei o quarto, disposta a ir até o escritório, que era onde meu irmão se trancava quando não estava na Montenegro ou reunido com sua nova e feliz família. A ideia de enfrentá-lo em território seguro, e conhecido, foi posta de lado ao escutar a voz do dito-cujo ecoando do quarto de Arthur, que ficava a apenas algumas portas de distância do meu. Aproximei-me

sorratoriamente do cômodo e, antes de me fazer ser notada, eu olhei através da fresta e fiquei perplexa por encontrar o implacável Sr. Montenegro com um pequeno bebê gorducho em seu colo.

— Não entendo por que você e Rachel contratam babás, se não permitem que elas cheguem perto dessa criança — o provoquei, apoiando-me contra o batente da porta e cruzando os braços.

E ao contrário do que imaginei, Marcos sorriu.

— Quando *você* tiver os *seus* filhos, irá entender, Isadora. — *Quando eu tivesse os meus filhos?* Bem, meu irmão iria se decepcionar porque eu não conseguia ver algo assim acontecendo. — Eles crescem rápido demais, e a última coisa que desejo é perder momentos como estes. Veja pela Sofia, a primeira vez que a vi ela era apenas uma garotinha. E agora, há momentos que a considero mais madura do que as minhas próprias irmãs. *A insinuação não passou despercebida.* Eu a peguei perfeitamente. — Aproxime-se, Isadora.

Neguei de modo sutil. A última coisa que gostaria de ver acontecendo seria esse bebê, que parecia saído de um conto de fadas brega, vomitando sobre o meu vestido ou me fazendo cheirar a leite. Não tive escolha, entretanto, e ao ter Marcos acenando em um gesto nitidamente autoritário, eu me aproximei dele e do seu pequeno bezerro esfomeado, que sugava o bico da mamadeira avidamente.

— Arthur é o presente mais valioso que recebi nessa vida, Isa. Eu quase perdi a mãe dele e quase o perdi. Hoje, eu não vejo problema em adiar uma reunião com quem quer que seja para estar aqui. Entende? — *Nem em mil anos*, pensei cínica. — Passei pelo inferno, acreditando que nunca teria a oportunidade de segurar o meu filho nos braços, ou de vê-lo crescer. Achei que... — Ele se deteve por alguns instantes. — Achei que tivesse perdido a minha chance, Isadora. Devo ter envelhecido vinte anos em um mês, mas eu passaria por tudo aquilo outra vez se no final o resultado fosse esse.

Não foi apenas meu irmão quem engoliu em seco. Mas nossas motivações, felizmente, não eram as mesmas. Marcos ainda tinha medo de que algo pudesse acontecer a ele e aos que amava, e eu... bem, eu ficava apavorada só de me imaginar tendo que lidar com esse tipo de emoção.

— Parece absurdo, mas eu gostaria que você tivesse o mesmo algum dia. Que tenha a oportunidade de formar a sua própria família, e que encontre um homem que a ame tanto quanto eu amo a Rachel. — Recuei diante da palavra amor, foi automático. — Não se afaste, porque eu não terminei — disse intransigente, fazendo-me reagir.

— Você, por acaso, pensou na possibilidade de que eu posso não querer nada disso para mim?

Marcos me encarou e eu imaginei o quão difícil deveria ser descobrir que nem todos desejavam o mesmo que ele. Na época, não foi assim, mas agora era fácil perceber que eu nunca estive realmente pronta para entrar em um casamento com Henrique. E mesmo que tudo só tenha dado errado no último minuto, eu era parcialmente grata ao escândalo que impediu aquela loucura, porque casamento para os Montenegro eram como diamantes para mim: eternos. E olhando para a história de nossa família, eu era incapaz de lembrar de algum caso em que não tenhamos levado ao pé da letra os votos: *até que a morte nos separe*.

Meu pai foi o único que *quase* os quebrou.

— Desça e me espere no escritório, Isadora. Eu não pretendo demorar. — Marcos me deu as costas, voltando a atenção para o filho que começava a se mover inquieto em seus braços.

Fitei o homem que se achava no direito de impor sua vontade a tudo e todos, e tive vontade de gritar, como sei que, Mariana, por exemplo, teria feito. Quis pedir para que parasse, mas que, principalmente, aceitasse o fato de que eu ainda não estava pronta para lidar comigo mesma, nem ser dissecada de dentro para fora por um charlatão com algum PhD ou doutorado para o qual eu não dava a mínima.

Em vez disso, de colocar para fora a minha insatisfação, eu caminhei para fora do corredor e desci a principal escadaria da mansão. Fazendo com que uma ou duas funcionárias se desviassem de seus caminhos para não esbarrar comigo.

— Bom dia, Srta. Montenegro — Vera cumprimentou, da mesma maneira formal de sempre. — A senhorita irá tomar o seu desjejum na sala de jantar? — Neguei, com um leve acenar de cabeça.

Não era do meu feitio me alimentar nas primeiras horas do dia. O máximo que tomava pelas manhãs era uma xícara de chá, ou copo de suco.

— Sirvo o seu chá no escritório do Sr. Montenegro, então? — A governanta insistiu, seguindo-me pela casa.

— Por favor — disse a ela, começando a ficar irritada. — Mas o sirva antes que Marcos desça, pois não acho que ele irá querer ser interrompido depois que começarmos. — Bati a porta do escritório, deixando-a do lado de fora do corredor.

Distraída, eu caminhei em círculos pelo cômodo, percorrendo com o olhar vários dos livros localizados nas estantes mais altas. Até fixá-los no quadro localizado na parede detrás da mesa de madeira escura, e que protegia o cofre da família. Era ali que ficavam alguns dos maiores segredos de minha família. Não que houvesse muitos nesse momento, já que, ao que parece, a imprensa e aquela jornalista de quinta categoria vinham se empenhando em revelar e desvendar tudo acerca de nossa família. Como se isso fosse algum maldito jogo

divertido. Pois bem, eu não via a menor graça.

Se não fosse pelo ranger da porta sendo aberta, eu não teria olhado para trás e me deparado com Vera, outra vez.

— Tem algo mais que eu possa fazer pela senhorita? — inquiriu após colocar a xícara e o pires sobre a mesa do escritório.

— Basta nos deixar a sós, Vera. — A sala ficou imediatamente mais gelada após a ordem do meu irmão. — E garantir que ninguém nos interrompa.

Observei-o contornar a mesa e se sentar. Era tão natural para ele agir como dono do mundo como era para mim ser a vilã dessa história.

— Sente-se, Isadora — pediu, com a voz um pouco mais branda.

— Se não se importa, eu prefiro ficar em pé.

— Como quiser. — Ele apoiou as costas na poltrona de couro avaliando-me como se quisesse descobrir que tipo de abordagem teria de usar comigo. — Há uma enorme chance de você não aceitar o que eu tenho a dizer, mas saiba que a decisão já foi tomada. — Típico dele. — Oliver e eu tivemos uma reunião ontem e conversamos a respeito do seu retorno... e no momento, a nossa maior preocupação estava em descobrir quem iria substituí-la no escritório de Madrid.

— Não seria uma preocupação se você me deixasse voltar para a Espanha.

Marcos me encarou, deixando claro que não haveria nenhuma mudança na notícia que me fora passada na manhã de segunda-feira, no mesmo dia um e-mail sucinto, porém claro, fora enviado para cada um de meus contatos profissionais na Europa. Comunicando a todos a respeito da substituição que seria feita, e do meu afastamento nas negociações envolvendo os clientes externos.

Ignorando a minha inútil tentativa, ele prosseguiu:

— Como bem sabe, nós temos um novo diretor de marketing e o seu desempenho tem chamado a atenção do conselho. Inclusive, do Oliver.

— Você está se referindo ao diretor que me substituiu? — Marcos assentiu, seguro de sua escolha. Eu, no entanto, tinha algumas ressalvas. — Ele é confiável?

— Oliver acredita que sim. — A opinião do Oliver era de extrema importância dentro da empresa. — Mesmo assim, será ele quem assumirá a maioria das negociações. Foi preciso alguns ajustes de última hora para que continue lidando com o setor financeiro e, ainda assim, com os novos contratos...

Meu espanto não se deu pela rapidez com que Marcos encontrou substitutos para tomarem o meu lugar, e sim por saber que seriam necessários dois homens para fazer o trabalho que fiz sozinha durante meses.

— Eu poderia finalizar os contratos daqui, não seria difícil viajar alguns dias durante o mês, e...

— Poderia. — Marcos fez uma pausa, e eu soube que não iria gostar do que viria a seguir. — Mas neste momento, eu prefiro que você se preocupe com o seu tratamento. Não a quero envolvida com nada que possa sobrecarregá-la.

— Você está sendo injusto, para não dizer machista, porque fazendo ou não terapia, eu sou capaz de lidar com os meus compromissos de olhos fechados. Coisa que ninguém dentro da Montenegro conseguiria, e você sabe, Marcos!

— Eu sei de tudo isso, irmã, essa, aliás, é a razão de eu não afastá-la por completo. Sei o quanto o seu trabalho significa, e sei que é a melhor diretora que temos, mas...

— Deixe-me ficar com os contratos, então, sem viagens... apenas a finalização deles. — Tentei barganhar, porque do contrário caberia a mim cruzar os braços e aceitar perder todo o trabalho dos últimos seis meses. Os jantares e festas a que tive que comparecer, os contatos que fiz... as noites maldormidas.

Ok, as noites maldormidas não se deviam ao excesso de trabalho e sim à solidão, também conhecida como saudade, que passou a fazer parte da minha vida como um fantasma rondando a minha mente. Sempre ao redor, envolvendo-me quando eu, enfim, abaixava a guarda. E, entre fechar os olhos e enxergar Ricardo, eu preferia fazer qualquer outra coisa. Dormir acabou se tornando uma das tarefas mais árduas do dia, no final das contas.

— Não há discussão aqui, Isadora. Oliver já está ciente do que preciso dele. Enquanto isso, você reassume sua antiga posição como diretora de marketing e cuida dos clientes antigos.

— Eu me sinto como um funcionário prestes a se aposentar, e que por pena é enviado para o setor de arquivamento. Um setor... completamente inútil nos dias de hoje!

— Não seja tão dura, tudo o que eu quero é que se foque em seu tratamento e fique onde...

— Possa me vigiar? — eu o cortei, ciente de que ele odiava que o fizessem.

— Onde eu posso garantir que esteja bem. — O teimoso me corrigiu, levando-me a depositar a xícara de chá sobre a mesa de forma abrupta antes mesmo que eu a terminasse.

— Você está tomando algo que me pertence. Todos aqueles clientes, Marcos, estão conosco porque *eu* consegui, então não é justo que me afaste do escritório justamente agora que estou com a maioria dos contratos encaminhados.

— Procure ajuda, Isa, faça terapia ou o que mais for necessário. Melhore... e nós voltamos a conversar sobre o escritório de Madrid. Até isso acontecer, esse é um assunto encerrado entre nós dois.

— *Terapia*: esse deveria ser o assunto encerrado, porque estou cansada de dizer que não preciso de ajuda! Quantas vezes mais teremos que ter essa

discussão?

— A única com a resposta para essa pergunta é você, Isadora. — Dito isso, Marcos empurrou sobre a mesa duas folhas para que eu as pegasse.

Percorri as informações contidas no papel, chegando à especialidade de cada um dos nomes citados, percebendo de imediato que se tratava de uma lista com contatos de psiquiatras e psicólogos.

— Eu mesmo fiz uma seleção com os melhores profissionais do país. — Arqueei a sobancelha. — Alguns deles estão dispostos a viajar até Florianópolis para atendê-la. Isso ajudará a manter as consultas fora do interesse da mídia — explicou. — Mas se ainda achar que é arriscado, você poderia ir até eles, a maioria dos profissionais citados tem consultório fixo em São Paulo.

— Você pensou em tudo, ao que parece. — Fitei a lista, notando que não havia uma só mulher como indicação. Marcos conhecia a minha *dificuldade* em me relacionar com pessoas do mesmo sexo. E as poucas amigas que possuía, se é que podia chamá-las assim, não passavam de parasitas fúteis, atraídas pelo prestígio que o sobrenome Montenegro representava dentro da sociedade.

— Faça a sua própria pesquisa ou escolha um, mas leve em consideração que os psiquiatras costumam ser indicados em último caso. — *Imaginei mesmo que fossem.*

— E se o meu problema se enquadrar em um último caso?

— Se for assim, você está com os nomes dos melhores em sua mão. — Havia preocupação genuína em seu semblante, o que fez com que eu abaixasse a guarda.

— Obrigada — disse dobrando as folhas que continham o futuro o qual em algum momento eu teria de enfrentar. Sem nada a acrescentar, e qualquer disposição de continuar escutando reprimendas como se eu fosse uma criança, eu me virei, pronta para sair do escritório.

— Isa? — ele me chamou no último minuto.

Encarei-o, sem dizer nada.

— Se organize para que possa ir comigo até a Montenegro após o almoço. Combinei com Rachel de que passaria a manhã em casa por conta da febre que Arthur sentiu durante a noite, mas estou com reuniões pendentes para o período da tarde e uma delas diz respeito a nossa família.

— Arthur está bem?

Eu o tinha visto minutos atrás, e não pareceu como se estivesse doente.

— O primeiro dente dele está nascendo, Rachel telefonou para o pediatra, que garantiu que a febre é comum nessa fase. Ainda assim, ela achou melhor que um de nós dois o monitorasse pela manhã.

— Então você abriu mão do seu trabalho para ficar em casa cuidando de um

bebê. — Tentei não soar sarcástica, mas era tão fácil provocá-lo.

— Acredito que isso se chama *ter prioridades*, Isadora.

— Claro. — Dei a ele um pequeno sorriso, mais cínico do que afável, e tomei o meu caminho enquanto pensava no tipo de homem *devoto* que Rachel e meu sobrinho haviam transformado o meu irmão.

Se eu apreciava todas essas mudanças? *Acho que não.*

Ricardo

Como tantas outras vezes no passado, eu me vi entre Marcos e um dos advogados da equipe jurídica da Montenegro, assimilando cada palavra e nova informação acerca da atual situação de Henrique. A diferença era que hoje minhas motivações eram outras. Não se tratava apenas de proteger Isadora ou algum membro dessa família, e sim garantir que o filho da puta receberia o que merecia. Não era culpa dele a maneira distorcida com que a mente de Isadora funcionava, mas o idiota não ajudou em nada a torná-la menos alienada.

Por isso estar aqui, olhando para o homem que com certeza tinha uma parcela bem maior de culpa, corroía-me por dentro. Porque a vontade de jogar tudo para o alto e dizer o que eu pensava a respeito dele e de sua irmã era grande. Mas então, se contasse, Marcos saberia o que eu sentia... o que senti por ela.

Dias se passaram desde o episódio com Isadora em sua casa, e a bagunça fazendo moradia dentro do meu peito não diminuiu. Acho até que tornou-se ainda mais confusa. E porra, eu não era um homem de titubear. Sabia muito bem o que queria e precisava, mas quando se tratava dela...

— Aproximações não serão permitidas, Sr. Montenegro — o advogado informou. — Se seguir com o pedido de ordem de restrição contra o Sr. Farias para com suas irmãs, esposa e sobrinha, elas não poderão iniciar qualquer tipo de contato. Já será difícil fazer com que o atual juiz aceite esse pedido baseado somente no risco que Henrique pode representar...

— E quanto às ameaças feitas a Mariana? Elas foram verdadeiras, não representavam apenas um risco! — Marcos perdeu a paciência.

— Bom, nós usaremos o depoimento de sua irmã, mas não sei se ele será suficiente para garantir uma medida tão... extrema como a que estamos pedindo. Mas como falei, se o juiz aceitar e algumas delas tentar qualquer...

— Por que insiste que haverá tentativa de aproximação da parte das minhas irmãs? — Marcos exigiu saber. — Vamos, me diga.

— Com base no caso, bem, elas demonstraram por diversas vezes não

seguirem os conselhos feitos pela equipe jurídica. Pedimos que Mariana se mantivesse longe do Sr. Farias, e ela se encontrou com ele. — Eu me lembrava desse episódio, até porque coube a mim afastar a irmã mais nova de Marcos daquele infeliz. — E quanto à Srta. Montenegro, ela foi noiva dele, então há uma enorme possibilidade de que ao sair ele tente contatá-la de alguma forma.

— Isso não vai acontecer — declarei abruptamente. A ideia me trouxe um gosto amargo à boca.

— Faça o seu trabalho, Sr. Ferreira, e deixe que de minhas irmãs eu cuido.

A atenção de Marcos se voltou na minha direção após ele dispensar o representante de sua equipe jurídica. Por uma fração de segundo, ele permaneceu em silêncio. Acredito que à procura da melhor maneira de dar início ao assunto que tínhamos para tratar. Imagino que uma parte desse assunto se referisse a manter Henrique avisado sobre os limites que ele teria de seguir ao sair, mas conhecendo esse homem como conhecia, eu não duvidava que Marcos fosse querer reforçar a segurança ao redor de sua família. E, nos dois casos, cabia a mim resolver o problema.

Mas, enquanto Marcos procurava pelas palavras certas, eu me peguei antecipando o principal alvo de Henrique. Caso ele, claro, fosse estúpido a ponto de tentar qualquer aproximação. Foi nesse momento que me dei conta de que entre as duas Montenegro, o elo mais fraco era a Isadora.

— Eu preciso dizer o que espero que você faça? — ele indagou após analisar a situação de todos os ângulos. Como eu também fazia.

— Não é necessário. Tudo o que preciso é que me mantenha atualizado, quero estar por perto quando o Sr. Farias pisar fora daquele lugar.

Marcos assentiu, satisfeito.

— Henrique precisa entender que mexer com minha família não é algo que estou disposto a aceitar.

— Você acha que ele seria capaz de fazer contato com alguma de suas irmãs? — Henrique era um mistério para mim. Nos últimos meses, após os advogados do Sr. Montenegro fecharem o acordo em que o miserável abria mão da paternidade da própria filha em troca da retirada de algumas acusações, ele se recusara a receber qualquer um da equipe jurídica de Marcos.

Conversas e conciliações eram feitas agora através dos advogados de ambas as partes. Então eu podia afirmar que lidar com ele seria o mesmo que estar na mira de um revólver disparado no escuro.

— Eu confiei no Sr. Farias no passado, Ricardo, e não pretendo repetir o erro novamente. Meu lado racional diz que eu não tenho com o que me preocupar, que aquele filho da puta teria que ser louco para tentar algo com a minha família. Mas não estou disposto a arriscar.

Eu também não estava.

— O senhor prefere se precaver.

— Estou errado? — A essa altura eu conseguia enxergar e compreender o funcionamento da mente de homens na posição do Marcos. Tudo para eles tendia a ser facilmente resolvido, pois por trás de cada decisão e escolha havia todo um suporte, fosse financeiro ou... como no meu caso, estratégico. Mesmo assim, eu não achava que garantir e reforçar a segurança de sua família era algo exagerado. E, até sem estar no seu lugar, eu tinha certeza de que teria a mesma precaução se visse minha família correndo algum tipo de risco.

Para certos homens, a família sempre viria em primeiro lugar. Era uma matemática bem simples, e sim, eu baseava o caráter de meus clientes no tempo e investimento que eles estavam dispostos a fazer pela segurança daqueles que amavam.

— Não acho que esteja errado, Sr. Montenegro. Em casos como este, o melhor é estar sempre um passo à frente.

Marcos assentiu, concordando, e em seguida pediu que sua secretária avisasse suas irmãs e esposa sobre a reunião em sua sala. Esperei ser dispensado, pensando que se tivesse sorte, sequer cruzaria com Isadora, mas percebi que me dispensar antes que elas chegassem jamais foi a sua intenção.

— Há alguns meses você pediu afastamento como segurança de Isadora — relembrou, com cautela. — Para logo em seguida abrir mão do cargo direto dentro da minha empresa. — Assenti, querendo compreender aonde Marcos pretendia chegar com essa conversa. — Na época eu não me importei, reconheci que se ficou por tanto tempo prestando serviços a quem do seu dever foi porque lhe pedi como um favor. Você entregou nas minhas mãos uma equipe de segurança confiável, Ricardo, e ficou para observá-los pelo tempo necessário. Cuidou do Henrique quando foi necessário e ainda lidou com a minha irmã por meses. — E tudo isso teve um custo muito alto, pensei comigo mesmo. — Imagino que o que pedirei agora talvez seja um abuso da relação profissional e de confiança que construímos, mas não há muitos homens em quem eu confie quando se trata da minha família. — Inclinado contra a poltrona, eu o deixei continuar. — Tomo como certo de que se você parou para analisar essa situação, mesmo que rapidamente, chegou à conclusão de que minhas irmãs seriam os possíveis alvos do Henrique. — Ele estava certo. — Mariana, tem todo um núcleo a protegendo. Ela não vive próximo a cidade, tem um marido que a mantém segura. E, graças a Deus, tem aceitado a presença dos seguranças bem mais facilmente do que a Isadora.

— Não sei se entendo aonde pretende chegar, Sr. Montenegro — menti. — Poderia ser mais claro?

— Você foi o único a estar com minha irmã antes que ela tomasse a decisão de sair do país. A acompanhou de perto. — Marcos não fazia ideia do quão perto eu estive dela. — Tenho certeza de que nesse meio-tempo você percebeu que Isadora não é uma mulher fácil de se conviver. Ela pode ser um pouco geniosa...

— Geniosa não seria a palavra que eu usaria para defini-la. — Marcos voltou a assentir, com um quase sorriso surgindo em seu rosto.

— Você a conhece, e é por essa razão que eu espero que o que estamos prestes a discutir permaneça dentro desta sala. — Bom, se ele chegou até o Grupo Hangar, é porque conhecia nossa reputação. E se existia algo do qual nos orgulhávamos era de sermos *discretos* em nosso serviço. — Preciso que saiba que a razão pela qual estou lhe pedindo esse favor é que eu me preocupo com Isadora, ela não é a minha única irmã, mas é a de quem eu sempre fui mais próximo. Não quero entrar em detalhes por agora, mas acredito que você tenha notado durante o tempo que trabalhou com ela que minha irmã tem passado por um momento delicado.

Se ele se referia aos ataques, eu diria que delicado era pouco. E como Marcos continuou andando sobre águas rasas, sendo tudo, menos claro, eu apenas assenti.

— Você chegou a presenciar alguns dos...

— Ataques de pânico? — Fui direto ao ponto, e ele acenou com a cabeça. O assunto, pelo visto, o deixava nervoso. — Sim, vários. E posso dizer que eles não ficaram melhores com o tempo, pelo contrário, Sr. Montenegro.

— Se você sabe qual é o problema com Isadora, então irá entender porque eu preciso que volte a fazer a segurança dela, Ricardo. Não confio esse segredo a ninguém, e tenho certeza de que minha irmã odiaria que um estranho a visse em um momento vulnerável.

Marcos falou, mas tudo o que consegui pensar foi na possibilidade de que talvez Isadora não voltasse para a Espanha. E que o meu autocontrole, corria sério risco de desmoronar outra vez.

— E quanto a Madrid? — Ela não podia voltar.

Não quando eu ainda não tinha sido capaz de esquecê-la.

— Não posso permitir que minha irmã simplesmente viaje, não na atual situação.

— Que situação? — Apesar de desconfortável, eu me obriguei a manter a fachada profissional.

— Você irá aceitar o serviço, Ricardo? Preciso saber até onde está disposto a me ajudar antes de revelar algo mais sobre essa situação.

O Sr. Montenegro desconhecia os motivos pelos quais eu não poderia aceitar o que me pedia. Não fazia ideia de que Isadora e eu fomos muito além do que

deveríamos ter ido como segurança e cliente. Enquanto eu o encarava, sabendo que Marcos esperava por uma resposta, eu não pude deixar de imaginar o que ele diria se soubesse do meu caso com sua irmã. Quais providências o todopoderoso, como Henrique costumava chamá-lo, tomaria.

Dividido entre retomar a responsabilidade de cuidar de Isadora e manter-me afastado, eu optei pela decisão que julguei ser a mais segura naquele momento.

— Lamento, mas não posso aceitar, Sr. Montenegro. Não dessa vez. — A resposta o surpreendeu. — Estou disposto a me envolver em tudo o que estiver relacionado ao Henrique. Aliás, faço até questão de ser o único a lidar com ele, mas é isso.

Marcos me observou por um instante, antes de declarar:

— Compreendo. — Se fosse para ser honesto, eu não acho que ele compreendia.

Os Montenegro não eram, como eu poderia dizer... sem que isso soasse, exagero... bem, eles não eram acostumados a escutar *não*.

— O fato de eu não poder assumir a segurança pessoal de sua irmã não significa que eu não possa escolher um dos meus homens para assumir a tarefa — anunciei, antes que ele tentasse me convencer do contrário.

— Mas não seria você. — Dei de ombros, parte de mim concordando.

— Mas seria alguém de minha extrema confiança. Eu não... — *Escolheria alguém* que achasse incapaz de estar ao redor de Isadora e lidar com a merda dela. O homem para esse serviço teria que ter pulso firme e uma paciência de Jó. — Eu não arriscaria a segurança de sua irmã, Sr. Montenegro.

Marcos analisou a situação, ainda em dúvida, mas deixando o assunto completamente de lado quando as três mulheres de sua vida entraram de uma única vez em sua sala. Duas delas conversando entre si, enquanto a terceira se mostrava indiferente ao que acontecia ao redor. Até que me viu. Desviei meu olhar ao perceber que ela hesitava, bem ali, na frente de todos eles. E, por educação, cedi o lugar em que estive sentado à dama de ferro, que passou por mim como se eu cheirasse à merda. Sim, essa era realmente a expressão em seu rosto. O que me levou a revirar os olhos e *quase* lembrá-la de que ela já havia se esbaldado na *merda* vezes demais para continuar a agir feito uma cadela.

De pé, atrás das três mulheres, agora sentadas, eu observei as peculiaridades de cada uma. Como Marcos conseguia contê-las e impedir que se atracassem a cada minuto do dia, eu não fazia ideia.

— O que aconteceu agora, Marcos? — Mariana foi a primeira a indagar. Seguida pela pequena loira sentada entre as duas irmãs.

— Eu tenho dez minutos. Mais do que isso e a agenda da minha tarde sofrerá atraso — a Sra. Montenegro acrescentou.

A única a permanecer em silêncio foi Isadora e, de repente, eu me vi querendo protegê-la do olhar que recebeu de cada um deles. Eles eram a sua família, mas, porra, pareciam esperar pelo pior quando se tratava dela. O que não aconteceu. A megera arrogante se manteve impassível. As mãos rigidamente pousadas sobre o colo e as pernas cruzadas. O nariz fino e aristocrático seguia empinado. Não havia nada de humilde nessa mulher.

— Não se preocupem, pois pretendo ser breve. — O Sr. Montenegro começou. — A razão de tê-las chamado aqui em cima da hora é porque tenho um assunto importante a tratar, e não gostaria de ter essa conversa... três vezes.

Mariana se moveu afundando em sua poltrona e encarando Isadora. Incrível como elas eram diferentes, e que o único ponto em comum fosse a cor oliva dos olhos. Ainda assim, havia algo distinto entre eles. Não havia calor nos de Isadora, enquanto nos da irmã transbordava um fogo que tenho certeza de que culminou muitos dos problemas passados por essa família. Dei um passo à frente, quase imperceptível, colocando-me atrás de Isadora, mas que foi o suficiente para fazer com que Mariana desviasse os olhos da irmã. O gesto protetivo deve ter lhe causado estranheza, pois ela ergueu a cabeça e me encarou sem compreender. Apenas quando o nome de *Henrique* escapou da boca de Marcos foi que a caçula dos Montenegro voltou a prestar atenção ao que o irmão dizia.

— Não há muito o que possa ser feito para impedir que aquele desgraçado obtenha sua liberdade até o julgamento, a decisão foi confirmada essa manhã. Então em breve ele estará em liberdade.

— Marcos. — Mariana reagiu. — Eu não o quero perto da Sofia. Ele não pode...

— Ele não vai. — Não se dependesse de mim.

— A segurança será intensificada, Mariana — Marcos declarou, assegurando as mudanças que aconteceriam, mas foi logo interrompido.

— Mais segurança? — Isadora finalmente abriu a boca. — Nós não temos liberdade alguma, Marcos. Quando não são os jornalistas, são esses trogloditas que nos impõem. Acho inaceitável que tenhamos que viver dessa maneira. Na Espanha...

— Você não está mais na Espanha, Isadora — ele a cortou.

— Não por decisão minha — a megera sibilou, o provocando.

— A questão aqui... — ele foi firme ao continuar. — É que preciso contar com o apoio das três, e isso inclui bom comportamento. — Marcos fez questão de olhar para as duas irmãs. — Não quero qualquer uma de vocês dificultando o trabalho da equipe do Ricardo.

— Que equipe, Marcos? Esse homem não se demitiu do cargo? — Isadora

lembrou, claramente disposta a causar algum mal-estar. — Nem sequer entendo o porquê de ele estar aqui agora. Pensei que tivéssemos uma empresa terceirizada responsável pela nossa segurança.

— Ricardo é a empresa, Isadora. — Seu irmão falou com autoridade, deixando-a boquiaberta. — Ele é sócio no grupo que nos presta serviços, como pode não saber disso? — Rachel a olhou de soslaio, como se quisesse dizer algo, mas se calou.

— Você só pode estar brincando comigo. — Isadora não tinha mesmo o menor senso de sobrevivência. — O homem é um... — Limpei a garganta de maneira seca bem atrás dela, tornando-a ciente de que eu permanecia no ambiente e que não iria permitir que me ofendesse.

— Ricardo é um dos poucos homens a ter minha confiança, Isadora. Quero que fique claro que ele tem acesso total aos meus assuntos, principalmente, no que diz respeito à segurança da nossa família. Gostaria que entendesse essa questão e não questionasse novamente as minhas decisões.

Tenho certeza de que se tivesse algum balde de pipoca na sala, Rachel e Mariana estariam contentes em dividir. Ambas observavam a cena em silêncio, um que ficou ainda maior quando Isadora enrijeceu em sua cadeira. Nunca entendi como essa mulher nunca se preocupou realmente em descobrir nada a meu respeito. O que confirmava o que eu já suspeitava: foi apenas sexo para ela. Apenas a porra de um maldito sexo gostoso, admiti contrariado.

— Será que posso continuar agora? — Isadora não disse uma palavra, o que de certa maneira foi uma resposta. — Como disse antes, eu preciso que vocês sejam compreensivas em relação ao aumento da segurança. Acredito que será por pouco tempo, pois tenho a garantia de que o julgamento não levará mais do que alguns meses a acontecer e isso, levando em conta o atual sistema judiciário da Brasil, é algo relativamente positivo.

Como se ele não tivesse mexido os pauzinhos para ter *essa garantia*.

— Por mim, tudo bem. Confio em você, Marcos. Tudo o que desejo agora é voltar para a minha reunião. Será que posso? — Rachel falou, apressada, e Marcos a liberou.

— Desde que você o mantenha longe da minha família, eu também não me importo. — Mariana aproveitou a saída da cunhada e se levantou.

Por um tenso momento, Isadora permaneceu encarando o irmão. Até que se moveu, prestes a repetir o gesto das outras mulheres.

— Você fica, Isadora.

— Não quero discutir, Marcos. Não agora e não na presença desse homem.

— *Esse homem* ao qual se refere está encarregado de selecionar o funcionário que irá garantir a sua segurança. — Isadora me olhou rapidamente, surpresa por

eu não ter sido o escolhido. O espanto, entretanto, não durou mais do que míseros segundos. Até porque ela não me daria o gosto de demonstrar qualquer surpresa. — Se você tem alguma especificação a fazer, esse é o momento.

As mãos entrelaçadas de Marcos pousaram com calma sobre a mesa enquanto nós dois a observávamos.

— N-não há nenhuma especificação — disse arredia, levantando-se mesmo sob os protestos de Marcos. — Desde que *o escolhido* saiba qual é o seu lugar e que não ouse pôr as mãos em mim, eu não dou a mínima para o que vocês dois decidirem. — Com isso, a megera me encarou com uma expressão desafiadora, deixando, com sua declaração, insinuações que apenas um tolo não pegaria.

Isadora

CAMINHEI PELO CORREDOR, cega de raiva, ignorando a reação dos funcionários que se espremiavam sutilmente na parede a fim de me deixarem passar. Poucos eram os que se dirigiam a mim, a menos, é claro, que fosse estritamente necessário. Nunca fui uma pessoa fácil de lidar, e todos dentro dessa empresa sabiam que eu exigia sempre o melhor de quem trabalhava comigo. Não por acaso, o meu setor batia todas as metas: *pontualidade, eficiência, iniciativa...*

O trabalho de anos estragado em meses. Pois com um único olhar, um pouco mais atento, eu notei cada pequena coisa fora de lugar. Respirei fundo, ignorando a desordem, e acelerei o passo ao chegar em frente à sala de reuniões. Parte do conselho encontrava-se presente na Montenegro hoje, esperando apenas que Marcos terminasse nossa reunião. Em qualquer outro dia, eu passaria por cima do que fosse, entraria naquela sala e os cumprimentaria. Mas não hoje.

Ser jogada diante deles como um cordeiro é jogado em frente a uma alcateia de lobos velhos quando mal havia concluído a faculdade, foi um dos maiores desafios que enfrentei profissionalmente. Mas foi graças à aprovação deles ante a minha óbvia eficiência que eu rapidamente consegui um cargo dentro da diretoria. E era graças a eles também que minhas decisões eram todas aprovadas. Diferente do que acontecia com o Marcos, que até conseguir convencer a maioria precisava gastar sua saliva e paciência. Não era para menos que sempre fiz o papel de conciliadora entre as duas partes.

O alívio me inundou ao finalmente entrar em minha antiga sala. O cheiro forte de pinho, entretanto, teve um efeito avesso. Irritando meu nariz de tal forma que me vi diante de um pequeno ataque de espirros, o que impediu que eu reagisse da maneira devida ao ter a porta do meu escritório fechada com grosseria. Por um momento, acreditei se tratar do Marcos, mas ao virar e me deparar com Ricardo eu entrei em colapso. Algo semelhante a raiva assumiu a expressão de seu rosto, que demonstrou tudo o que sentia. Inclusive, a evidente vontade de

colocar suas mãos em mim.

Só que não da maneira como o meu corpo, de repente, ansiou. Não, o homem desejava mesmo era me esganar. E eu sequer podia culpá-lo por querer isso tão avidamente.

— É muita ousadia da sua parte vir atrás de mim — disse sem titubear, cruzando os braços de forma defensiva enquanto eu era minuciosamente observada por aqueles olhos ferozes de cor chocolate.

O que, de certa forma, deixou-me desnorteada.

— Você realmente quer falar sobre ousadia, Isadora?

Observei, ainda que nervosa, o instante em que Ricardo varreu o escritório com o olhar, o mesmo escritório em que protagonizamos as mais tórridas e suadas cenas de sexo. Meu corpo deitado sobre a mesa, minhas saias e vestidos levantados, suas mãos ao redor do meu pescoço, sua boca chamando-me por termos indizíveis de tão sacanas. Mas o preferido dele, o que rosnava sempre que gozava, era... *cadela*. O fato de estar inteira arrepiada com a mera lembrança mostrou o quão suscetível eu continuava quando se tratava desse troglodita.

A força com que Ricardo trincou o maxilar mostrou que as suas recordações deste lugar não eram tão diferentes das minhas. A confirmação veio quando ele desistiu de percorrer o escritório e se focou em percorrer o meu corpo. O mesmo olhar ávido e agressivo, agora, subindo pelos meus tornozelos, coxas... até alcançarem os meus seios. Que não eram exatamente grandes. Acho que não chegavam nem perto de serem *médios*. Por isso nunca entendi todo o tesão que Ricardo sentia, eu era bonita, mas nunca me enquadrei no tipo de mulher considerada gostosa. Era fácil entender a diferença ao colocar Mariana e eu lado a lado.

Mas então, cada centelha de insegurança desaparecia quando esse homem me tocava. E sim, ele foi o único até hoje a me fazer sentir desejável. Não apenas um rosto bonito, ou uma mente brilhante, mas uma mulher com desejo e vontades. Sentindo o meu corpo vibrar por dentro, eu recordei como também era fácil mexer com o tesão de Ricardo, e do quanto ele era suscetível à química desvairada que possuíamos. Um olhar, um toque. Às vezes, até mesmo o som de minha voz era o suficiente para deixá-lo duro.

— Eu gostaria que você se retirasse, por favor. — Forcei minha voz a sair, antes que perdesse a cabeça e que as lembranças de nós dois se tornassem mais intensas e impossíveis de serem afastadas.

— Se sabe o que é respeitar o espaço pessoal de outra pessoa, você irá sair... e...

— Eu não sou um fodido animal para ser espantado com tanto desdém, Srta. Montenegro. — Ricardo, como sempre, não se intimidou. E ao se aproximar

daquele jeito ameaçador dele, eu cometi a fraqueza de recuar e apertar meus dedos na beirada da mesa.

— Eu tenho dúvidas quanto a isso — sussurrei.

Dois podiam jogar esse jogo, mas apenas um de nós era capaz de fazer com que minhas pernas falhassem.

— Seria tão fácil mostrar quem é o animal aqui...

— Não seja grosseiro.

— Então não seja uma cadela. É simples. Trate-me com educação, que eu a tratarei da mesma forma, Isadora. Seja uma puta raivosa, e, querida, eu serei um puto irritado. — Ergui o rosto, querendo fitá-lo nos olhos, odiando a repentina agitação que se espalhou por cada fibra do meu ser.

— Por favor, nós não temos mais na-nada a fa-falar um com o outro, então... — gaguejei, suando frio. — Basta sair, ok?

— Tem certeza? — inquiriu ao dar outro passo, fazendo-me erguer o rosto um pouco mais.

Ricardo era alto, e podia ser genuinamente assustador para alguém despreparado. Seu corpo era largo, ombros e costas trincadas, mas não era isso que intimidava. E sim a expressão de não *brinque comigo, pois você não sabe do que sou capaz* que carregava consigo. E ele estava certo em andar por aí dessa maneira, porque eu já havia sentido esse homem em ação sobre a cama. O que me levava a certeza de que ele não deveria ser muito diferente fora dela, talvez até pior. Quero dizer, se ao ser extremamente cuidadoso ele me deixava cheia de marcas após o sexo, imagine sem tomar cuidado algum...

— Está me dizendo que aquela merda que insinuou na frente do Marcos não merece ser discutida? Eu devo simplesmente ignorar a cadela rancorosa que você é.

— Pare de me chamar assim!

Ricardo levou a mão esquerda até o couro cabeludo, praticamente raspado. Ele tendia a fazer isso quando estava por um fio, ou a um passo de perder a cabeça.

— Eu sei até onde vai a sua perversidade, Isadora. Mas estou te avisando: não se atreva a repetir o que fez na sala de seu irmão. Uma coisa é você foder com a minha vida, outra é interferir em meu trabalho.

— Eu fodi com a sua vida? — perguntei em um murmúrio.

— O que acha? — rebateu de maneira enigmática, deixando-me confusa.

— Como posso ter fodido com algo, se você e aquela mulher continuam juntos? Seguindo com a vidinha sem graça e entediante de vocês...

Ricardo me encarou, incrédulo.

— Você só pode ter algum problema, Isadora. É sério. Não faz sentido que

seja tão inteligente quando se trata de negócios, e para todo o resto... seja cega.

Eu odiava ser lembrada das minhas deficiências, e não sentir ou saber lidar com o que sentia era um dos meus maiores problemas.

— Eu não tenho mais por que ser condescendente com as cretinices que faz, compreende? Se agi dessa maneira no passado, foi porque acreditei que tudo que a pobre menina rica precisava era de alguém para cuidar dela. Alguém que lhe mostrasse que o mundo é mais do que essa redoma em que vive, mas não é disso que você precisa, não é?

— Pobre menina rica? — inquiri, furiosa por dentro. — Como ousa falar comigo dessa maneira, seu...

Cheguei a levantar o dedo, mas Ricardo o afastou, puxando-me para mais perto dele e fazendo com que nossos corpos colidissem. Arfei, incapaz de impedir que meus seios roçassem o seu tórax por cima da camisa de linho que usava. O mero contato foi o que bastou para que meus mamilos despontassem, tornando-se tão duros e evidentes que eu queimei de vergonha... e uma outra sensação bem menos apropriada.

— Eu estou a um passo de esganar você, Isadora, então não me provoque.

Era humilhante ter de admitir, mas o meu corpo reagiu indecentemente à possibilidade de ter suas mãos ao redor do meu pescoço. Porque era assim que começava: um beijo, um puxão de cabelo, os dedos dele cravados em minha pele branca... e tudo ia pelos ares.

— Faça — o desafiei, trêmula por dentro. — Ponha suas mãos em mim, que eu juro que faço com que se arrependa. — A ameaça era um blefe, com o único intuito de mascarar o que realmente sentia.

— Não seja cínica, Srta. Montenegro, porque nós dois sabemos que alguém aqui adorava ter minhas mãos ao redor do pescoço...

— Seu cretino! — Eu o soquei com o pulso, empurrando-o para longe.

O esforço feito mostrou-se logo um desperdício de tempo e energia, pois Ricardo não saía sequer do lugar. Seu corpo musculoso enrijecera em resposta, a ponto de eu senti-lo ainda mais perto.

— Maldito foi o dia em que você entrou na minha vida!

— Sim, eu já conheço esse discurso, Isadora, e no momento eu te garanto que penso da mesma forma. O que não entra na minha cabeça foi como pude me envolver com alguém como você.

— Cale a boca — pedi, ofegante.

Eu não queria discutir, ou pior, sentir como se o meu coração estivesse sendo esmagado de dentro para fora. E justamente por ele. Virei o rosto, fugindo do seu olhar, mas acabei sendo surpreendida ao ter Ricardo deslizando os dedos pela minha pele sardenta, como fez tantas vezes no passado.

— Sei que muita coisa ficou mal resolvida entre nós dois, Isadora, mas isso não lhe dá o direito a se intrometer em meu trabalho.

— Do que tem mais medo? — indaguei, dominada pela ardência que seus dedos deixavam por onde passavam. — Que meu irmão descubra ou que sua esposa saiba sobre mim?

— Mas ela sabe — admitiu, como se não tivesse importância. — Eu não teria conseguido seguir em frente sem que Clarissa soubesse a verdadeira razão que me fez sair de casa.

— Como pôde me expor dessa maneira? — perguntei em um chiado. Era sobre *a gente* que ele havia contado, sobre o que vivemos juntos. E tudo, cada noite, cada momento, pertencia somente a nós dois.

Eu não queria que aquela mulher tivesse acesso à nossa história.

— Isso é tudo o que a incomoda? Ficar exposta... — Ricardo comprimiu a boca, em uma linha fina. — Se for não precisa gastar seu tempo se preocupando, Isadora, porque Clarissa sabe apenas que houve outra pessoa em minha vida, mas não a sua identidade.

— Ela te perdoou? Assim... tão facilmente?

— Nós não estamos falando sobre isso. Então esqueça.

Aí estava o homem sempre disposto a defender a esposa. Por muitas vezes, durante o tempo que estivemos juntos, Ricardo se mostrou incrivelmente protetor em relação a Clarissa. E nas vezes em que tentou me fazer enxergar o espaço que ela ocupou em sua vida e que sempre ocuparia, mesmo estando separados, eu o ignorei por completo. Mostrar indiferença quanto ao seu passado com aquela mulher foi a maneira que encontrei de me proteger.

— Você não deveria tê-la deixado — concluí, transtornada. — Nunca pedi por nada disso, nunca quis me envolver com você.

— E você acha que eu quis? Acha que escolhi jogar tudo para o alto, porque me ap...

Ricardo grunhiu, pouco antes de se calar. A verdade é que nós dois estávamos nervosos.

— Você por acaso tem alguma ideia do que era tê-la olhando para mim como se quisesse que eu a salvasse? Que a tomasse para mim? — Sacudi a cabeça, recusando-me a acreditar no que dizia. — Você não faz ideia, não é?

Qualquer certeza que possuía escorregou ladeira abaixo, e como se também caísse em si, Ricardo se afastou. A ausência repentina do seu toque encheu meus olhos de lágrimas que obriguei-me a engolir.

— Eu não farei parte dessa loucura de novo, Isadora. Eu me recuso — sentenciou. — Uma vez foi o suficiente.

Entreolhávamo-nos, ele calado, sério, e eu... atordoada demais para reagir,

esforçando-me demais a mostrar uma indiferença que não existia. Perdida demais para negar que tudo o que desejava desse homem era que ele me abraçasse uma última vez e me fizesse sentir como se tudo, em algum momento, fosse acabar bem.

Por um segundo, um mísero segundo, eu quase acreditei que Ricardo realmente faria algo assim. Só que não foi o que aconteceu, e em vez de me abraçar, como meu corpo desejava, ele me lançou um último olhar, ainda que exasperado, e deixou a sala.

E eu juro, a cada vez que esse homem me dava as costas era como se um pequeno pedaço de quem eu era fosse junto com ele. Quantas vezes mais eu o veria se afastar até estar vazia?



Foi preciso mais tempo do que imaginei até que eu me considerasse capaz de cruzar a recepção da diretoria sem perder o equilíbrio. Não apenas das minhas pernas, como de minhas emoções. Quando, enfim, senti-me um pouco mais dona do meu autocontrole, eu me enfiei no elevador, disposta a deixar aquele prédio sem olhar para trás.

— Não se mova, Isadora. — A voz do meu irmão soou dentro do quarto, enquanto duas ou mais empregadas olhavam-me aterrorizadas. Tentei lidar com o aperto em meu peito e as lágrimas presas em meus olhos. Tentei chorar, gritar, mas eu não conseguia. Tudo o que fui capaz de fazer foi destruir. Quebrar cada objeto do meu quarto. Os porta-retratos, os globos de neve que eu tanto amava. O espelho. Tudo quebrado e espalhado pelo chão. — Você está sangrando, droga! — Eu estava? Por que então eu não conseguia sentir?

— Os pés dela, senhor — minha babá sussurrou, vindo em meu socorro. E foi então que eu vi.

Eu estava descalça sob os cacos de vidro espalhados sobre o carpete.

— Por que fez isso, querida? — ela perguntou, procurando me ajudar, mas eu a afastei querendo distância dela e de todos os outros.

“Houve um acidente... nossos pais não resistiram... eu estou aqui para cuidar de tudo. E não vou deixar que nada aconteça a vocês...”

Como ele podia dizer aquilo se nunca esteve aqui por mim e mamãe? Se nos abandonou, se nunca se importou? Pensei, ao ouvi-lo dizer todas aquelas coisas.

— Eu quero ficar sozinha — falei, imóvel. — Quero que saiam do meu quarto

e me deixem sozinha.

Eu não encarei o meu irmão, ou a babá. Eu não o fiz por um longo tempo depois daquele dia.

A lembrança se esvaiu como um sopro de ar denso, ao mesmo tempo que as portas do elevador eram abertas. Aguardei para que todos saíssem e, ao chegar no estacionamento externo, comecei a procurar pelas chaves do *Porsche* enquanto atravessava o primeiro setor. Detendo-me, em alerta, ao escutar sons grotescos de latidos. Verifiquei o entorno à procura do animal e estaquei diante do imenso cachorro correndo em minha direção. A baba escorria de sua boca, e o cão latia e abanava o rabo, bem... como se fôssemos velhos conhecidos e ele tivesse acabado de me reencontrar. Olhei novamente para os lados, desesperada. Eu poderia me esconder atrás de um carro, mas isso seria humilhante. Pensei nos *scarpins* que usava, no quanto gostava deles e no estrago que esse animal poderia vir a fazer, e recuei um passo de cada vez. Bem devagar.

Eu seria comida viva, droga! E não seria uma morte bonita.

— Zacarias, não! — Procurei a responsável pelo comando e, ao encontrá-la, senti-me cambalear. Não pelas fungadas que levei ou do focinho gelado raspando minhas pernas através da meia-calça, mas sim por conta da mulher com quem me deparei.

Era ela, constatei rígida, era a esposa do Ricardo.

As fungadas perderam a importância ao me ver cara a cara com aquela mulher. E como se soubesse quem eu era, talvez por conta dos jornais e revistas, ela se aproximou com cautela. Dando-me tempo de reerguer as armaduras que o seu marido fez ruir instantes atrás.

Então essa era a Clarissa. Eu já a havia visto de longe, mas não foi o suficiente para que pudesse avaliá-la. *Deus, ela era uma mosca morta!* O cabelo ondulado e rebelde caía pelo seu rosto, a saia que vestia era longa... e brega. E o rosto limpo de maquiagem. Inofensiva, de uma maneira perigosa.

— Se a senhorita voltou, então significa que é você o trabalho complexo que o meu marido não deseja pegar — disse, deixando-me sem graça. O que raramente acontecia.

Esse era um ataque ou ela apenas constatava um fato? A voz suave e baixa e os olhos tranquilos desmentiam qualquer tentativa de provocação, ainda assim...

— Eu deveria saber quem é você? — perguntei com arrogância.

Os olhos castanhos se estreitaram, mostrando pela primeira vez rastros de astúcia. Fui descaradamente avaliada, como se ao me encarar a mulher analisasse o risco que eu representava. Sei que era isso porque me vi fazendo o mesmo. E naquele momento, enquanto decaía a ponto de sentir pequenas pontadas de inveja, o fato de eu ser considerada uma das mulheres mais belas e

influentes de Santa Catarina não teve peso algum em meio às comparações que minha mente distorcida criou. Porque era ela, vestida como uma *muambeira hippie*, a ter o Ricardo.

— Sinto muito, Srta. Montenegro, acho que não fomos apresentadas ainda. — Observei, com desprezo, Clarissa se aproximar enquanto puxava com força a guia do cachorro. — Eu sou a esposa do Ricardo Rezende, o homem que fez sua segurança no passado.

Esposa... a expressão humilde não diminuiu o impacto da palavra. Pelo contrário, acho até que ela sentiu prazer em dizê-la. *Deus, será que eu estava ficando louca?* Para piorar, senti-me como o mais abominável tipo de mulher. O mesmo tipo que deu à luz a bastarda da minha irmã e destruiu o casamento dos meus pais.

— Eu sei quem... é o Sr. Rezende. Ele... — Eu não era de tropeçar nas palavras, mas estava fazendo isso agora mesmo. Agindo feito uma tonta!

— Espero que entenda a razão pela qual meu marido não deseja voltar a trabalhar com a senhorita — ela me cortou. — Quero dizer, não é por mal, é só que não é um bom momento para que ele se afaste por tanto tempo, nós estamos esperando um...

— Clarissa! — Algo em seu rosto se alterou ao escutar a voz de Ricardo. Era como se uma lampadazinha tivesse sido ligada, e Clarissa se transformasse em um repentino anjo sorridente e dócil.

— Está tudo bem? — Ricardo caminhou até ela, e quase me senti ser arrastada com ele. — Por que você e Zacarias estão fora do carro nesse frio?

A preocupação dele para com ela não deveria machucar, mas o fez.

Enrijeci em meu lugar, não querendo presenciar qualquer interação que fosse entres eles, mas sem realmente conseguir desviar os olhos. Ricardo, por sua vez, hesitou ao se virar e me checar. E com um único olhar, um maldito olhar de repreensão apenas para constar, ele deixou claro que se eu soltasse algum de meus comentários venenosos, iria me arrepender. Foda-se ele e essa riponga, pensei, encarando-o com raiva.

Então, como se soubesse que o gesto me faria recuar, Clarissa estendeu a mão e segurou a do marido. Sorrindo alegre, como uma criança ao receber um presente. Era de conhecimento público que eu não era uma pessoa dada a sorrisos, mentir para mim sempre foi algo extremamente difícil. Assim como sorrir sem sentir vontade. Vinha daí a desconfiança com pessoas sorridentes demais. Porque, convenhamos, era impossível ser feliz o tempo inteiro. E das duas uma: ou quem vivia a sorrir era um baita de um cínico ou louco de pedra.

Nesse caso, em específico, eu apostava o colar de pérolas em volta do meu pescoço que Clarissa se enquadrava na primeira opção.

Irritada, forcei-me a revidar da única maneira que podia: sendo uma cadela.

— O estacionamento da Montenegro não é um circo, Sr. Rezende — disse entredentes. — Pelo tempo que trabalha para a minha família, eu pensei que soubesse que não permitimos a entrada de animais, seja dentro do edifício ou nas proximidades. Há, inclusive, uma enorme placa de fácil compreensão informando a todos sobre essa norma. Então, da próxima vez que pensar em trazer esse animal para dentro da minha empresa, eu acho bom que...

— Vá para o carro, Clarissa, e leve Zac com você — Ricardo pediu, sem afastar por um único segundo o olhar do meu. Quando sua querida esposa não se afastou, Ricardo a encarou. — Eu irei apenas resolver essa situação e já a encontro.

Agora eu era *uma situação*?

Clarissa titubeou, incerta em deixar o seu marido a sós comigo, mas acabou por se afastar.

— Vejo que ela é adestrada — provoquei-o, sem remorso.

— Diferente de você. — Eu gostava disso nele, Ricardo era rápido em rebater qualquer comentário que eu destilasse.

O fato de ele ter se aproximado, porém, não foi algo que me deixou particularmente confortável. A tensão entre nós dois estava a um passo de explodir, e eu não precisava dele piorando *a situação*. Mas diferente do que imaginei, Ricardo pareceu não ter nenhum traço de prudência em seus ossos, porque em vez de preservar a distância segura entre nós dois, ele a cortou.

— O que disse a ela, Isadora? — exigiu saber.

— Nada.

— Eu te conheço, sei que é especialista em fazer insinuações maldosas. — Eu teria sorrido por conta da ironia de toda essa palhaçada, mas o fato de ele acreditar que a única aqui capaz de fazer insinuações maldosas fosse eu, dizimou a graça da situação.

— Eu devo ser uma pessoa realmente horrível, não é? Porque você, ao que parece, me enxerga como um monstro. — Senti-o endurecer. — Vai chegar um momento em que eu não terei outra escolha que não a de acreditar em você, Ricardo. — Dessa vez, eu fui a única a me aproximar, mas não porque desejava estar perto dele e sim porque queria justamente o contrário. — Agora se me der licença...

Ricardo não se moveu, olhando-me de maneira furiosa. Foi uma guerra silenciosa que só teve fim porque eu realmente precisava ficar sozinha e *surtar* em paz. A dormência já era algo que se alastrava pelos meus ossos, e foi por isso que o homem à minha frente cometeu a insensatez de me repreender.

— Não ache que pode me enganar, eu reconheço os sinais, Isadora, e não sei

se é uma boa ideia que dirija agora.

— Não perca o seu tempo fingindo que se preocupa comigo. Eu vou ficar bem — falei, apática, sentindo as emoções serem drenadas do meu corpo. — Sempre fico.

Enquanto me afastava, eu prometi a mim mesma esquecer o dia de hoje. Apagá-lo da memória para nunca mais lembrar.

Ricardo

Clarissa continuou a falar ao meu lado, como fez nos últimos dez minutos desde que saímos do estacionamento da Montenegro. Não que eu tivesse prestado atenção a algo que tenha dito, porque minha cabeça estava mesmo era na maneira com que Isadora se afastou e em suas palavras, mas principalmente na mágoa que ela tentou tão arduamente encobrir. Apertei os dedos ao redor do volante e verifiquei Zacarias pelo retrovisor, que parecia tão alheio ao que Clarissa dizia quanto eu.

— Ela não é tão bonita quanto imaginei. — O comentário ácido sobressaiu a qualquer outra baboseira que tenha dito até então. — É alta demais, e muito magra. — Permaneci calado. — Tanto dinheiro para quê, se ela não sabe nem como tratar as pessoas? Foi supergrosseira comigo. Não entendo por que você continua se dando ao trabalho de ter essa família como cliente, Ricardo. Eles não são os únicos endinheirados dessa cidade.

— Nunca se tratou de riqueza, Clarissa. Depois de todos esses anos, eu pensei que tivesse entendido.

— Não, eu não entendi e duvido que algum dia consiga. Porque aquela família problemática lá é a única para a qual você se rebaixa. Onde já se viu fazer trabalho de segurança? Você é dono da Hangar...

— Sócio.

— Dono, e nós dois sabemos disso. O maior valor investido foi o seu.

— Isso não muda nada. Por que é tão difícil compreender as coisas que falo?

— Está me chamando de burra? — Controlei-me. — Porque isso eu não sou, Ricardo. Pode apostar que não.

— Será que podemos passar o dia sem discutir? Pelo menos hoje? — Eu não queria chegar ao consultório irritado com Clarissa, não quando estávamos prestes a participar da segunda ultrassonografia do nosso filho.

— Tudo bem, nós não precisamos discutir. — Ela se endireitou na poltrona do carro. — Mas antes me deixe dizer que você tem sorte por não precisar trabalhar

com aquela mulher outra vez. Ela é uma vaca fresca que com toda certeza deve ser frígida. Por isso que o ex-noivo a deixou no dia do casamento — Clarissa concluiu, irritando-me. — Pessoas como ela sempre têm o que merecem.

— Chega — falei, perdendo a paciência.

— O que tem de mal eu...

— Eu disse chega, Clarissa. Que porra!

Clarissa me encarou, mas não havia raiva em seu semblante, apenas uma placidez incômoda. Era como se ela já esperasse por essa reação.



Apoiei o cotovelo sobre as pernas e olhei para Samuel. O relógio na parede do seu escritório marcava 21h e a reunião não parecia nem mesmo perto de terminar. Após falarmos a respeito da última equipe treinada, nós três permanecemos trancados nesta sala, jogando conversa fora. E enquanto os dois acreditavam terem minha total atenção, eu vasculhava nossos registros em busca de algum formando em que pudesse confiar a segurança de Isadora, ao mesmo tempo que relembrava o momento em que Clarissa chorou no consultório, dizendo ser a mulher mais feliz do mundo por estar carregando o meu filho.

E sim, eu estaria mentindo se dissesse que escutar o coração do nosso bebê bater não me emocionou, porque tinha feito. Pra caralho.

— Ricardo? — Heitor chamou ao perceber que eu não os escutava, obrigando-me a desviar a atenção do *iPad* e o encarar. — Você pretende nos contar a merda que o Sr. Montenegro queria, ou vai nos deixar no escuro por mais alguns dias?

Samuel deu de ombros, e ainda acrescentou:

— Heitor está certo. Nós demos a você o seu próprio tempo, mas está ficando tarde, cara.

Procurando ser o mais direto possível, eu comecei pelo assunto menos delicado:

— Henrique Farias foi o motivo da reunião, o filho da puta está prestes a ser solto. — Eles ficaram surpresos, como imaginei que ficariam.

O modo como se entreolharam deixou claro que estavam agora mesmo lembrando o *trabalhinho sujo* que fiz para Marcos no passado. Um serviço que nenhum dos dois se mostrou a favor, para começo de conversa.

— Deixe-me adivinhar: o todo-poderoso quer que você volte a sujar as suas mãos? — Samuel, o mais sensato de nós três, arriscou.

— Basicamente. — Abri o jogo. — Mas não se preocupem, porque dessa vez *o nosso cliente* quer apenas que eu me certifique de que aquele desgraçado não irá chegar perto de sua família.

— E você está levando essa merda para o lado pessoal, não está? — Os dois me encararam, à espera da confirmação. Eles eram os únicos a saber a identidade da mulher que virou a minha cabeça do avesso.

— Isso não tem nada a ver com *ela* — garanti e me levantei do sofá, andando pela sala ainda mais agitado.

— Porra, Ricardo, é claro que tem! — Heitor também se levantou. — Nós sabemos que a *dondoca* está de volta. — Odiava quando eles usavam qualquer um dos termos pejorativos que a imprensa criava para se referir à Isadora. — Só falta nos dizer agora que está pretendendo voltar a bancar o babá daquela mulher.

Exalei o ar, frustrado. Samuel e Heitor conheciam Clarissa há bastante tempo, afinal, eles frequentavam minha casa. Mas isso não tornava minha suspeita menos legítima, porque a impressão que eu tinha as vezes era a de que ambos possuíam ressalvas em relação a minha esposa. Heitor, mais do que Samuel, já que ele vivia perturbando-a com piadas sem graças e insinuações que a deixavam possessa.

O surpreendente? Nenhum deles pareceu surpreso quando os informei acerca da minha separação no passado. Era quase como se já esperassem por algo assim.

— Eu não aceitei, ok? Marcos fez a proposta para que voltasse a fazer a segurança de Isadora, mas recusei. — Não acho que eles tenham ficado convencidos.

— Quanto tempo o *problema* ficará no país? — Dei de ombros à pergunta de Samuel, porque eu não fazia ideia.

— Eu não sei, e sendo sincero, não importa. — A mentira saiu forçada. — Meu dever é lidar com Henrique e a ameaça que ele representa.

— Você ficou encarregado de tudo, pelo que vejo — Heitor comentou, pegando o *iPad* jogado na poltrona ao lado e avaliando o perfil do funcionário que encontrei para a tarefa.

— Eu me ofereci para fazer a escolha do substituto — esclareci.

— Não acho que Léo irá aceitar se tornar o babá de uma riquinha temperamental, Ricardo.

— Léo é um dos melhores que temos. — Foi nele que a pesquisa terminou.

— Exatamente — disse Samuel. — Por isso duvido que irá se contentar em pegar um serviço banal como este.

— Você não entende. — E eu não estava a fim de entrar em detalhes quanto à

piora do quadro de Isadora. Eles sabiam por alto que ela sofria de ataques frequentes de pânico. E só. — Eu não estou disposto a confiar qualquer um a esse trabalho, e o Marcos também não.

— Então não é apenas o Sr. Montenegro que está preocupado com a segurança dela. Você também está. — Heitor estreitou os olhos.

— Qual é o problema com vocês? — indaguei. — Essa decisão diz respeito somente a mim, e o que eu quero é que Léo assuma. Se ele não quiser o trabalho, então está fora! Que procure emprego no quinto dos infernos, porque não vou admitir que funcionário banque o difícil por aqui.

Os dois voltaram a se entreolhar.

— Esse é o efeito que aquela mulher tem em você: ela te deixa louco, cara. E isso é o que nos preocupa — Samuel comentou.

— Isso e o fato de você ter acabado de reatar com Clarissa. — Eles não eram idiotas, sabiam quais eram as minhas razões.

— Eu sei o que estou fazendo — garanti.

— Espero que sim, meu amigo, pois não acho que sua doce e serena esposa irá aceitar ser deixada outra vez — Heitor comentou, com ironia.

— Isadora já sabe? — Foi Samuel quem perguntou dessa vez, referindo-se à gravidez de Clarissa.

— Não — respondi, taciturno.

— Você precisa contar.

— Ela precisa saber.

Os dois disseram ao mesmo tempo, e eu apenas assenti. Não era como se eu pudesse manter algo assim de Isadora, mas o que poderia dizer? O que havia entre nós dois já não existia e, sendo brutalmente honesto, eu não achava que a dama de ferro fosse mesmo se importar.

Porque para isso ela teria de ter sentido algo próximo do que eu senti. E uma mulher que faz o que Isadora fez — desaparecer sem quaisquer explicações, passar meses fora sem dar a porra de um telefonema para dizer se estava ou não bem, se sentia ou não saudade — uma mulher que faz isso... não se importa com o que deixou para trás.

Ricardo

O RUÍDO BAIXO, ao lado do sofá, despertou-me apenas para me ver diante de Clarissa, que até então me observava em silêncio.

— Bom dia — falou, tomando um pouco do café em sua xícara. Um hábito que, mesmo sob os meus protestos e os do seu médico, ela não conseguiu afastar.

Sentei-me no sofá esticando os músculos tensos e a encarei. Não era minha intenção pegar no sono por aqui, mas acordar na sala, ainda era mais fácil do que despertar no quarto de hóspedes com Clarissa deitada sorrrateiramente em minha cama, que era o que vinha acontecendo desde que voltei para esta casa.

— Como está essa manhã? — perguntei, ainda grogue.

— Você quer saber como eu estou, ou como o seu filho está?

— Quando pergunto a você, eu sempre me refiro aos dois — expliquei.

— Tirando o fato de que passei outra noite sozinha em nosso quarto, e que não vi a hora em que você chegou, eu diria que estou ótima.

— Certo. — Procurei manter a calma, algo que vinha fazendo muito nos últimos tempos.

Não era como se Clarissa tivesse culpa da bagunça que causei. Ou como se esse mesmo sentimento não me corroesse em uma base quase que diária. Mas sempre que pensava em um final diferente para a minha história com Isadora, eu dava-me conta de que não teríamos conseguido fugir de nosso destino.

E foi justamente ao perceber que seria inevitável, que tomei a decisão de me separar no passado.

Por consideração não apenas a Clarissa, mas ao que eu sentia.

— Não é justo o que está fazendo. Essa criança não merece nascer se o pai dela não vai estar por perto. — Eu a encarei, sério.

— Não diga uma merda como esta novamente, Clarissa. Nós fizemos um acordo e...

— Não quero te ouvir. — Clarissa cobriu os ouvidos, agindo feito criança. —

Nós passamos 14 anos juntos e, por conta de uma mulherzinha sem nome, você me deixa como se eu não significasse nada. E agora estou grávida e não sei o que fazer. Você não dorme comigo, não me toca... eu...

Porra!

Não foi da boca para fora quando disse a ela que estaria do seu lado, eu não seria o homem que sou se a deixasse lidar com essa gravidez sozinha. Mas meu apoio e carinho eram tudo o que havia para ser oferecido. Porque o resto, a parte que envolvia o meu coração, não estava em jogo.

— Eu só preciso de um tempo, Clarissa. Dê-me esse tempo, pare de me cobrar... e as coisas irão se acertar. Só não me force.

— Tempo? Por causa de uma vagabunda que te abandonou, Ricardo? Essa mulher te deixou sem pensar duas vezes e você fica aí... agindo como se devesse alguma lealdade a ela quando é a mim que deve!

— Se tem algo que sempre fui com você, foi honesto. E isso vale até para as vezes em que errei. E sim, Clarissa, eu me recuso a dormir em nossa cama enquanto estiver com outra mulher na cabeça. Você estava ciente disso quando apareceu no *flat* aquela noite, sabendo que as coisas não andavam bem, que eu estava irritado e com raiva. — Fora uma única noite, uma única tentativa de superar Isadora, apenas para descobrir que não se arranca uma mulher da cabeça levando outra para a cama. — Quando me pediu para voltar, depois de anunciar a gravidez para os quatro cantos, antes mesmo de sentar comigo e conversar, a primeira coisa que fiz foi abrir o jogo e admitir que eu precisaria que você fosse paciente. Então nada do que está acontecendo aqui deveria te surpreender.

— Você vai se arrepender tanto...

Às vezes, a impressão que eu tinha ao olhar para Clarissa era a de que, em algum momento ao longo dos anos, eu deixei de conhecê-la. Sei que mudamos muito para estarmos juntos, ela mais do que eu, mas nem em seu período mais complicado Clarissa olhava para mim da forma como fazia agora.

— Vou me arrepender pelo quê, Clarissa? Por tentar fazer com que a gente dê certo?

— Você não deveria ter que se esforçar tanto para fazer, essa é a questão, porque tudo estava perfeito, tudo estava bem.

— Se estivesse bem, eu jamais teria me apaixonado por outra mulher!

— Isso é o que você está dizendo.

— Não, merda, essa é a verdade e você sabe muito bem! — No começo não foi falta de amor, foi de tesão. E com o tempo, o que era carinho se transformou em duas pessoas com objetivos de vida diferentes vivendo debaixo de um mesmo teto.

Meu trabalho a incomodava, Zacarias a incomodava. Meus amigos a

incomodavam.

Além da nossa história, e do amor que obviamente senti em algum momento, mas que já não existia, não restara nada a ser salvo. Não até o momento em que Clarissa revelou estar grávida. Isso, por si só, a tornou minha prioridade.

— Quem é ela, Ricardo? Por favor...

— Acredite em mim, saber o nome dela não mudará nada.

— Eu já a vi, não é? — Chegou à conclusão sozinha. — Para que você não queira me dizer algo tão banal quanto um nome, é porque...

— Não é banal para mim, Clarissa. Nada disso aqui é. Pare de pensar no que aconteceu, e de trazer essa mulher para dentro da nossa casa. Você é quem tem me deixado louco. Você, com toda essa maldita insistência, é quem tem me feito pensar nela. Então pare, dê-me o espaço que estou pedindo e vamos ver aonde nossa relação vai, ok?

Meu desabafo a fez voltar a si.

— Me desculpe, eu não sei o que está acontecendo comigo.

— Shhh, está tudo bem. — Eu não gostava de vê-la chorar, isso era algo que não havia mudado.

— Promete para mim que nosso filho não terá um lar dividido? Que a gente não fará isso com ele?

Eu não compreendia de onde vinha toda essa dependência e carência de Clarissa. Seus pais foram presentes durante a sua infância e adolescência, deixando-a de mão somente quando a filha passou por cima do que eles desejavam para ela, que me colocou em primeiro lugar em sua vida. Tornando-me o centro de tudo.

Saber que por minha causa, ela se afastara dos pais, e que permanecera em Joinville, quando eles decidiram se mudar, sempre fez com que eu me sentisse inteiramente responsável por ela.

Isadora

Eu deveria sentir vergonha pela minha aparente falta de interesse na conversa entre Carmen e meu irmão. Mas não estava. Sentada entre os dois, eu tive a ligeira impressão de que o calor que emanava da lareira não era suficiente para aquecer meu corpo. Incomodada, eu puxei a manga do suéter querendo me esquentar e, em seguida, de forma sistemática, voltei a arrumá-la. Porque, pelo amor de Deus, eu não era nenhuma criança para estragar a manga de um *cashmere* por não suportar um pouco de frio! Por falar em criança, eu estava

tentando com muito afinco não enlouquecer com os grunhidos e choros de Arthur e Enzo, já que a família inteira se encontrava reunida para o almoço que acontecia sempre aos domingos em nossa casa.

Sentada do outro lado da sala, Mariana segurava o filho em seus braços, que, ao que parece, puxara a estrutura grande do pai. Porque *aquilo* definitivamente não era um bebê pequeno. Seu olhar cruzou com o meu por diversas vezes desde que me juntei a eles, mas não havia preocupação nos olhos dela. Apenas o velho ressentimento. Um pouco mais brando do que eu sentia, é claro. Não sei se algum dia eu a perdoaria por arruinar minha família e roubar o amor do meu pai, então sim, eu a odiava. Com. Todas. As. Minhas. Forças.

— Querida. — Carmen lançou-me um olhar gentil ao atrair minha atenção. — Estou tão aliviada que tenha voltado para perto de nós, Filipo e eu sentimos sua falta no tempo em que esteve fora. — Como madrinha de Marcos, Carmen era uma das poucas pessoas que meu irmão permitiu que convivesse comigo e Mariana após a morte de nossos pais. Nós crescemos sob o olhar atento dela, as visitas eram frequentes, e sempre havia palavras de apoio e carinho saindo de sua boca, mesmo que eu nunca tenha lhe deixado se aproximar demais.

Ao vê-la *tão aliviada*, eu me questionei se Marcos não quebrara a promessa que fizera e acabara contando a ela e ao marido a respeito do meu pequeno problema.

— Não acho que tive escolha. Você conhece o Marcos, sabe que ele pode ser um pouco controlador. — Ela assentiu, compreensiva.

— Sim, claro. Seu pai era igualzinho, sua mãe odiava quando ele começava a... — Carmen se calou ao ver a palidez tomar conta do meu rosto. Eu não gostava de escutar sobre os meus pais.

Esse era outro dos meus assuntos proibidos.

— Desculpe-me, querida, eu fui insensível em trazer seus pais à conversa. — A mulher elegante segurou a minha mão, mas, por instinto, eu a afastei rapidamente. Atraindo os olhares de Mariana e Marcos, que observavam a cena de longe. Não foi minha intenção parecer indelicada, mas havia algo com pessoas me tocando que fazia com que sentisse como se meu espaço pessoal fosse drasticamente invadido.

Você é tão problemática, Isadora... Escutei a vozinha bem longe, e imaginei por um segundo como seria pisar nela. Silenciá-la de uma vez por todas.

— Seu irmão tomou a decisão certa, Isadora — Carmen murmurou, com o tom de voz brando. — Eu compreendo agora.

Então ela sabia.

— Este não é um assunto que gostaria de discutir — declarei seca, encarando Marcos do outro lado do salão.

— Sim, eu imaginei. E mesmo que não deseje escutar o que tenho a dizer, eu quero que saiba que vai ficar tudo bem. Sua mãe deveria ter procurado o mesmo tipo de ajuda.

Quis muito perguntar por que ela pensava assim. Porque até onde conseguia lembrar, a minha mãe não tinha problema algum. Eu quis, mas meu corpo não cooperou e, quando senti que o controle poderia se esvair a qualquer instante, eu pedi licença e saí da sala.

Um almoço... e apenas uma, no máximo duas horas a mais na presença de todos eles, e eu poderia voltar a ficar sozinha. Sem choros de bebês, ou pessoas julgando saberem o que era melhor para mim.

Recusando-me a olhar para trás, eu caminhei até o jardim externo, sentando-me embaixo de um antigo ipê que no inverno, ou às vezes no início da primavera, desabrochava e coloria todo o jardim. Quanto mais frio, maior a intensidade de sua floração. Foram anos de minha infância e adolescência observando-a, quase sempre através da janela, passar pelas estações. Afastei um bocado de folhas e pétalas amarelas com o meu sapato e apoiei as costas no banco de ferro. O segurança que fazia a ronda ao redor da propriedade chegou a parar ao me ver fora do meu *habitat natural*, mas logo voltou ao seu serviço.

Fechei os olhos ao vê-lo se afastar e deixei que o vento frio soprasse a pele do meu rosto e que os poucos fios desalinhados se movessem por conta do ar. Afastei um ou outro, apreciando algo tão banal, mas que naquele momento pareceu-me reconfortante. E teria continuado assim, se não fosse pela aproximação sorrateira e cuidadosa de Sofia que, assim que foi notada, lançou-me um sorriso banguela.

— Eu trouxe um presente para você. — Ela empurrou o que me pareceu ser uma carta dobrada.

— Está frio, Sofia, você não deveria estar aqui fora — falei, hesitando em pegar o papel que a garota fez questão de empurrar um pouco mais. Até que recusar tornou-se impossível.

— Eu tô bem, titia. Minha mãe diz que sou muito esquentada, então eu acho que não sinto frio. — Algo me dizia que o termo *esquentada* não tinha ligação com sentir ou não frio. Mas, novamente, eu não estava disposta a ter trabalho explicando isso a uma criança.

Olhando por cima do papel, enquanto eu o desdobrava, Sofia esperou pela minha reação diante do desenho que criara. Nele, havia uma garotinha com cabelos negros como os dela e, ao lado, uma mulher que eu tinha certeza não ser a sua mãe.

— É você, titia — explicou, ao ver a confusão em meus olhos. — Está vendo as pedrinhas verdes? Você tem um monte delas. — Apontou para o colar

desenhado em meu pescoço. Havia também brincos enormes pendendo pela minha orelha, e braços cheios de mais pedrinhas verdes. Estreitei os olhos diante da imagem colorida, meu cabelo castanho, minha altura e magreza. Sofia não parecia tão magra no papel quanto eu parecia e isso, de alguma forma, me incomodou.

Minha mente cada vez mais alterada voltou a fazer comparações. Por vezes, enquanto crescia, eu me considerei alta demais. Desajeitada demais. Até o dia em que percebi que não fazia sentido sentir-me assim. A mudança aconteceu depois que comecei a acompanhar Marcos aos eventos que ele frequentava, e passei a ser constantemente questionada a respeito de uma possível carreira no mundo da moda. Minha resposta era sempre a mesma: eu tenho cérebro, não o desperdiçarei em cima de uma passarela.

E assim todos riam, exceto o Marcos, que sabia que minhas palavras não eram uma piada, ou alguma tentativa de quebrar o gelo. E sim, cruelmente verdadeiras.

As comparações não pararam, e a imagem de Clarissa reapareceu. E, Deus, como eu odiava essa sensação de não ser suficiente! Foi assim com o meu pai e com o meu irmão, primeiro por conta do retorno de Mariana, e em seguida, quando Rachel entrou em sua vida de maneira definitiva. E agora com Ricardo. Era como se tudo o que eu tivesse a oferecer jamais fosse ser o bastante para ninguém.

— Eu posso fazer outro se você não gostou, titia. Não fica assim não — Sofia falou, arrancando o papel da minha mão, prestes a rasgá-lo.

— Não faça isso — falei, não querendo que ela se sentisse mal, recordando de maneira amarga todas as vezes em que busquei a aceitação de minha mãe e não consegui. — Eu vou ficar com o desenho, Sofia. Obrigada — dizer essas simples palavras de apoio a ela foi difícil.

— Você gostou? — perguntou, ansiosa.

— Uhum — murmurei, vendo-a se sentar ao meu lado no banco.

Sofia balançou as perninhas que não chegavam no chão e esperei que dissesse algo, que desandasse a falar como fazia sempre. Mas tudo o que ela fez foi ficar em silêncio.

Permanecemos ali, as duas, olhando para o jardim bem cuidado. Até que falei:

— Você deveria entrar, Sofia. A temperatura está caindo. — E era verdade.

— Eu vou entrar só quando você entrar. Amigos nunca se abandonam.

— Nunca? — inquiri distraidamente, percebendo que eu não era boa nessa coisa de amizade e que, talvez, não conhecesse as regras.

— Você conhece o Olaf, titia? — Sem ideia a quem ela se referia, eu neguei.

— Eu vou te contar a história dele, mas você tem que escutar tudo, tá? —

Assenti, sem muita expectativa. — Olaf é o boneco de neve mais legal do mundo inteiro, e ele nunca, nunca mesmo, abandonou a Anna. — Sofia sorriu e continuou a me explicar como Olaf, o boneco de neve, salvou o reino congelado das maldades do príncipe Hans. Que era bonito no começo, mas ficou feio depois porque ele era muito malvado. Anna, pelo que eu entendi, era a irmã mais legal do mundo também, e amava a rainha Elsa. Que na visão de Sofia era tão bonita quanto eu era. As duas não brincavam juntas porque Elsa podia congelar a Anna sem querer, e isso, de acordo com a minha sobrinha, era muito triste.

— Eu sou a Anna, titia, a que cuida da Elsa — falou baixinho.

Isto fez com que um enorme nó se formasse em minha garganta. E junto dele, veio o palpite de que Marcos talvez estivesse certo e que a garotinha sentada ao meu lado fosse realmente mais madura do que Mariana e eu juntas.

Ricardo

Clarissa escutou a tudo o que Olívia e dona Laura diziam sobre maternidade. E apesar do estranho desinteresse, ela se esforçou em mostrar o contrário. A família inteira seguia reunida ao redor do balcão na cozinha: meu pai bebendo sua costumeira cerveja, e os quatro filhos de Olívia correndo por todos os lados. Não era intenção de Clarissa vir aqui hoje, algo que ficou claro no instante em que encerrou o telefonema com minha mãe essa manhã. Mas como boa nora, que percebi que ela fazia questão de ser, Clarissa se arrumou e fingiu que a conversa de hoje cedo sequer acontecera.

Dando as costas à cena que presenciava na cozinha, eu empurrei a porta de correr e escapei para a varanda na parte de trás da casa dos meus pais. Somente quando me inclinei sobre a sacada foi que me dei conta da presença de dona Laura do meu lado. Distraído, para não dizer tenso, eu permaneci calado e esperei que ela falasse o que pretendia.

— Eu conheço esse olhar — disse sem rodeios.

— Tenho certeza que sim.

— Você parece preocupado, filho.

— É assim tão visível? — Olhei para ela, e o rosto redondo, apesar de gentil, encontrava-se sério.

— Para mim que o criei, sim. — Ela hesitou antes de continuar. — Sabe... foi um choque para todos nós quando você anunciou sua separação. Demoramos a entender por que depois de tantos anos você decidiu tomar uma decisão como aquela... até que Clarissa nos contou sobre essa outra mulher. — Claro que

contou, pensei irritado. — Seu pai pode não entender, meu filho, mas eu sei que tudo o que fez ao longo dos últimos anos foi com o intuito de fazer sua esposa feliz. Deixar o exército foi uma decisão difícil, e sempre tive tanto medo que viesse a se arrepender.

— O problema nunca foi o exército, dona Laura.

— Você não a ama mais.

— Não. E isso é o que tem me matado por dentro, porque estou tentando fazer o que é certo aqui. Pela história que Clarissa e eu temos, e o amor que já sinto por esse bebê, eu vou permanecer do lado dela, mãe, mas não posso, não tenho como oferecer mais do que estou dando.

— Você sabe que fazer o que é certo nem sempre é garantia de felicidade, não é?

Isso era algo que eu estava começando a compreender.

Procurei por Clarissa através da janela, e flagrei-a me encarando. A expressão séria em seu rosto suavizou ao ser pega e ela, inclusive, sorriu. Talvez ela estivesse certa, e eu precisasse realmente dar um jeito nessa bagunça. A interrupção causada pelo celular em meu bolso fez com que a troca de olhares fosse interrompida.

Querendo saber do que se tratava, eu verifiquei o aparelho, apenas para me deparar com o nome de Leonardo na tela.

Depois de escutar as razões pelas quais eu o queria fazendo a segurança de Isadora, Léo não teve outra escolha que não a de aceitar a tarefa, e claro, garantir que qualquer imprevisto ou situação fora do comum fosse diretamente repassada para mim e não para o Sr. Montenegro, como era esperado. Não houve questionamentos acerca da interferência nas ordens diretas de Marcos, o que confirmou as razões pelas quais eu o considerava o homem certo para assumir o meu lugar. Porque antes de tudo, Leonardo era leal a mim.

— O que aconteceu com ela? — fui logo perguntando.

Isadora era o único assunto a ser tratado entre nós dois, então, a chamada feita em pleno domingo só poderia significar que algo saíra de controle. Afastei-me de dona Laura, buscando privacidade.

— *Tem algo errado aqui, Ricardo. Não sei qual é o problema, mas a Srta. Montenegro não me parece bem.*

Ricardo

ESTACIONEI NA LATERAL da calçada e praticamente saltei do SUV ao me deparar com Isadora do lado de fora do seu carro, mal conseguindo se manter de pé. O corpo esguio encontrava-se curvado enquanto ela lutava contra o ataque de pânico. O pouco que me foi explicado por Leonardo ao telefone deixou-me tão preocupado que eu sequer prestei atenção à desculpa que dei a todos antes de deixar a casa de meus pais. Lembrava apenas de ter saído pela porta da frente e de dirigir a toda velocidade até o endereço que me fora passado.

Ao cortar a distância entre o meu carro e o de Isadora, eu verifiquei o meu entorno, avaliando o local. A rua em que estávamos era perigosa para caralho, não era preciso ser nenhum gênio para perceber. E merda, se esse não era o último lugar em que Isadora deveria estar. Havia sempre um cronograma a ser seguido na locomoção de qualquer integrante da família, precaução que eu gostava de seguir à risca para evitar problemas como esse de agora: um ataque de pânico repentino em um local que expunha essa mulher a todo tipo de perigo. Como Léo permitiu que uma merda como esta acontecesse era algo que não entrava na minha cabeça.

— É assim que você a está protegendo? Deixando que ela estacione em um buraco de merda, cara? — exigi saber, passando por ele em direção a Isadora enquanto escutava suas justificativas, que a essa altura não me serviam de nada.

— Não havia nada que pudesse ter feito, Ricardo. Quando percebi que a Srta. Montenegro seguia por um caminho diferente do combinado, eu telefonei para o celular dela, mas, como pode imaginar, foi inútil. Não adianta, a mulher se recusa a me escutar e seguir minhas orientações!

Isadora era uma pessoa extremamente difícil de lidar, até aí nenhuma novidade. Mas se eu tive pulso firme e consegui contê-la, por que Léo não conseguiria fazer o mesmo?

Talvez porque ele não se importe com ela? Não dê a mínima? A ideia passou

pela cabeça, mas se perdeu no instante em que me aproximei de Isadora. O esforço feito a fim de manter o controle era visível. Assim como sua dificuldade em respirar. Cada vez mais perto, dei-me conta de que teria que chegar ao extremo de tocar nessa mulher se quisesse arrancar-lhe alguma reação. Então foi o que fiz. Com uma delicadeza que não me era comum, eu puxei sua mão e a envolvi, massageando os dedos trêmulos e gelados até que ela se desse conta de que eu era o homem à sua frente.

— Olhe para mim, Isadora — pedi, odiando o estado assustado em que se encontrava. Não foram duas ou três crises que presenciei. Foram inúmeras. Mas em nenhuma delas Isa pareceu tão perdida. Insisti no toque e, ao perceber que ela estava prestes a desmaiar, eu pressionei o seu corpo magro contra o carro, mantendo-a de pé e a obrigando a olhar dentro dos meus olhos. — Eu estou aqui, tudo bem? Não há mais ninguém...

Acostumado a cobrir todos os lados, eu verifiquei rapidamente o interior do seu carro, que seguia com a porta do motorista aberta, e dispensei Léo com um aceno antes que cometesse a imprudência de bater a merda fora dele por permitir que a situação chegasse a esse ponto. O que só não aconteceu de fato porque Isadora me encarou, dando-se conta finalmente da minha presença. Quais fossem as palavras que desejou dizer, elas não saíram. Obrigando-me a puxá-la para mais perto, enquanto ela, por vontade própria, apoiava a cabeça em meu ombro e soluçava à procura de fôlego.

— Você continua se colocando em perigo — sussurrei em seu ouvido, deslizando os dedos pelo seu cabelo. Um dos poucos carinhos que tinham o poder de acalmá-la. — Puxe o ar devagar, Isadora... isso...

— Dói tudo — admitiu, aflita.

Preocupado, eu afastei parte do cabelo castanho de seus ombros e a examinei. Centímetro por centímetro. Os lábios de Isadora tremiam, sem vestígios de cor, enquanto o ataque tomava tudo dela: o fôlego, a razão. O seu controle. Foi assim, observando-a, que me dei conta de que o som esganiçado escapando de sua boca era, na verdade, uma tentativa de *se trazer* de volta. Isadora contava, e esse era um dos recursos que a ensinei para que usasse durante seus ataques de pânico.

Segundos se tornaram minutos, mas os sintomas persistiram em vez de recuarem.

— Preste atenção em mim, e respire junto comigo — sugeri, vendo-a repetir meus movimentos, mesmo que a contragosto. Exalamos juntos, e depois expiramos. Várias vezes. — Lá no fundo, você sabe que isso irá passar, eles sempre passam, Isadora. — Ela sacudiu a cabeça como se não acreditasse e, com um gesto vulnerável, pousou a mão fria em meu pescoço. Pedindo ajuda, mesmo

que silenciosamente.

Aproximei-me e encaixei meu corpo no dela. Era loucura, não restavam dúvidas, mas não fazer sentido, não diminuía a certeza de que estar colado a Isadora fosse a coisa certa a se fazer.

— Zacarias gostou de você — revelei, com intenção de distraí-la. Não que fosse mentira, porque ele realmente havia gostado dela. — Primeiro, achei que o fato de ele ter corrido em sua direção fosse porque você tinha o meu cheiro em sua pele. — Nós havíamos estado bem próximos antes do encontro entre eles. — Mas depois de vê-lo cabisbaixo pelo restante do dia, ele, como é que eu posso explicar isso sem humilhar o meu cachorro, bem, ele uivou durante toda a noite. E isso nunca aconteceu antes.

Minha divagação sem sentido a fez se acalmar. Mas os olhos verdes permaneceram assombrados. Desconfiados.

— Isso não significa que ele tenha gostado de mim — disse sobre a respiração.

— Ah, significa. Zacarias é como eu, Isadora. Sempre foi. — Por incrível que pareça, ela me deu um quase sorriso. Eu gostava de vê-la desarmada dessa maneira, o problema é que isso só acontecia quando ela ficava vulnerável. E seus ataques de pânico, ou crises de ansiedade, eram o que a deixava suscetível.

— Então você uiva à noite? — Só se for de saudade, pensei, em silêncio.

— Se houver um bom motivo, por que não?

Isadora manteve seus olhos nos meus por um longo tempo, até que, de repente, caiu em si. Dando-se conta de que estávamos em uma rua deserta, mas ainda assim expostos aos olhos de qualquer desavisado oportunista. Prevendo sua reação, eu a encurralei contra o veículo atrás dela. Mantendo-a presa.

— Não gaste energia com esforços desnecessários, porque eu não vou me afastar. Não até que consiga permanecer de pé sem ajuda.

Seus olhos estreitaram.

— Não é responsabilidade sua estar aqui, então me poupe dessas historinhas bobas e pare de agir como se fosse...

— Se não é minha, de quem é, então? — rebati. — Do seu irmão? Ou do babaca daquele diretor que vive a te comer com os olhos? Porque eu não os vejo aqui, Isadora. Você vê?

Desde que soube, através de Leonardo, que Isadora e Oliver vinham se comportando como dois malditos pombinhos, eu não conseguia pensar em outra coisa que não na certeza de que de alguma forma eu a perderia. Mais cedo ou mais tarde. Quanto ao infeliz que a rodeava, o seu interesse sempre foi escancarado. Depois de estar ao redor de Isadora por tanto tempo, e em consequência, observar Oliver, eu era mais do que capaz de imaginar o que se

passava dentro da cabeça daquele homem. E não gostava do que via. O Sr. Arantes a queria, e por uma fodida ironia, ele preenchia todos os requisitos que uma mulher como Isadora, ou até mesmo o seu irmão, poderiam querer. Ele era paciente, isso explicava a demora em agir, era astuto como ela, caso contrário não estaria dirigindo o setor financeiro da Montenegro. E mais do que isso, o bastardo tinha influência e uma posição respeitada dentro da alta sociedade.

O filho da puta não poderia ser mais perfeito.

— Eu não quero ter essa conversa com você — falou, forçando a sua passagem.

A tentativa mostrou-se inútil, óbvio, pois Isadora não tinha a menor condição de afastar um homem com meu peso e estatura. Não se eu não desejasse ser afastado.

— Como acha que irá sair daqui, Isadora? Dirigindo? — indaguei, segurando-a contra sua vontade.

Algo que jamais entenderia, era como alguém aparentemente tão forte podia perder o controle dessa maneira. E mais ainda, qual era o estopim desses malditos ataques, porque deveria existir algum gatilho que os desencadeasse.

— É tão difícil assim ver que eu não aguento mais? — falou, recuperando parte do fôlego. — Quando não é o Marcos, é você... os dois sempre achando que podem me dizer o que fazer, mas não podem! Tudo o que eu queria ao sair de casa era ficar sozinha. Ter um momento longe de todos eles. Mas nem isso consigo mais, porque se estou sozinha eu começo a pensar e... me perco.

Isadora levou a mão até o peito, como se doesse respirar.

— Eu não sei como fazer com que isso pare, Ricardo. Eu não sei como voltar a ser normal ou confiar em mim mesma — admitiu. Seu corpo frágil ainda lutava contra um inimigo que não podia ser vencido. Não se ela não procurasse ajuda.

— Eles estão ficando piores, não estão? — Isa não respondeu, apenas se aquietou. — Lembra quando te disse que esses ataques e crises não iriam parar sozinhos? Essa é a verdade, Isadora, e enquanto você não admitir para si mesma que precisa de ajuda profissional...

Como imaginei, ela enrijeceu ao escutar a palavra *ajuda*. Sei que a ideia a assustava, Isadora não era alguém que confiava facilmente, tudo com ela era extremamente complicado. Então, sim, eu compreendia o medo de estar cara a cara com um estranho que iria dissecar sua vida inteira em busca de respostas, mas era o que ela precisava. Não só de respostas, mas também da cura que viria com essas descobertas.

— Me tire daqui — pediu, de repente. Ignorando o fato de que sair daqui comigo não era nem de perto uma boa ideia. — Eu não me sinto bem para

enfrentar o meu irmão, ou qualquer um deles.

Encarei-a exasperado, tão louco de vontade de dizer *sim*, que me peguei querendo tudo de novo. Seus beijos, suas crises, cada parte imperfeita dela.

— Eu não me importo se você irá apenas dirigir sem destino, Ricardo, apenas me tire daqui.

— Você precisa parar de fugir. Fez isso quando a merda entre nós dois ficou séria...

— Você disse que estava cansado!

— E não deveria? Você nunca se abriu para mim, nós estávamos juntos há semanas!

— Por favor, eu não quero discutir sobre o que tivemos, eu só... — Ela fechou os olhos, procurando pelas palavras certas. Mas não havia palavra ou pensamento certo quando se tratava de nós dois. — Eu não sei o que eu quero, mas sei que ir para casa agora vai acabar comigo.

Isadora

Enquanto Ricardo dirigia, pegando ruas e desvios que eu conhecia perfeitamente, eu só conseguia pensar em sua última pergunta: *por quê?* Não fui capaz de respondê-lo naquele momento, porque a verdade era que ele jamais entenderia o que era estar perto de sua família e sentir como se fosse morrer sufocada por conta de cada sentimento que eu era incapaz de expulsar de dentro de mim. Como se não fosse o bastante, ver todos eles ridicularmente felizes fazia-me lembrar do que me faltava. E então, a solidão crescia e com ela uma vontade assustadora de me sentir amada.

De ter alguém que se importasse comigo acima de todas as outras pessoas. Eu não deveria querer algo tão aterrorizante, porque ia contra tudo o que Lorena aconselhou no passado.

O que faltava em mim? Meu pai não me amou, meu irmão... bem, eu já não tinha ideia se meu irmão me respeitava como profissional, que dirá se ainda me amava. Todos esses pensamentos, toda essa loucura foi o que me fez sair daquela casa mais cedo e pegar o carro.

Eu queria deter a sensação que me afogava. Queria recordar quem eu era.

Mantive os olhos focados no painel do carro, sem enxergar nada à minha frente. Não até que o motor do carro foi desligado e eu me vi na garagem interna do edifício onde ficava o *flat* de Ricardo. Eu reconheci as paredes, os blocos. A energia do local.

Por que me trazer, justamente, aqui? O encarei sem compreender.

Até que ele falou:

— Eu vou te explicar como vai ser — disse, após analisar a situação. — Nós vamos subir, eu irei ficar até você se acalmar, e a deixarei com a minha chave, ok? Pelo tempo que precisar, esse lugar é seu.

Eu o ignorei.

— De todos os lugares que poderia ter me levado, por que aqui? — questionei, na defensiva.

— Se não foi outra de suas mentiras, Isadora, eu tive a impressão de que você costumava ser feliz aqui.

Eu não menti!, gritei por dentro. Eu queria que tudo tivesse sido uma mentira, mas não foi.

— Se tivesse usado a razão, você saberia que esse é o último lugar no qual eu gostaria de estar.

— É uma pena, porque não temos outra opção aqui, então ou levanta essa sua bunda magra do banco do meu carro e sobe comigo, ou espera aí até que Léo retorne e te leve para casa. A decisão, como sempre, é sua.

Ricardo saiu do carro, deixando-me para decidir entre seguir atrás dele ou ser obrigada a voltar para casa. Nenhuma das opções agradava-me, mas entre enfrentar Marcos e a infinidade de perguntas que viriam após a maneira abrupta com que deixei a mansão e voltar a pisar no *flat* em que Ricardo e eu passamos tanto tempo juntos, eu escolhi a segunda opção. Não porque doeria menos, mas porque com ele saindo em breve, o meu sofrimento não teria plateia. Eu estaria sozinha.

Segui-o pelo estacionamento, até chegarmos ao seu pequeno muquifo. Odiando ver que tudo permanecia igual. Meu olhar bateu rapidamente nas costas largas de Ricardo, deslizando por todo o seu corpo. As pernas fortes, que tinham facilmente o dobro das minhas. As veias saltadas em seu braço e pescoço. Deus, eu o tinha visto nu tantas vezes, o sentido sobre mim, esmagando-me sem qualquer remorso, mas de alguma forma, o homem à minha frente me pareceu maior, mais violento também.

— Eu preciso fazer algumas ligações. — Apertei o lábio, sem encará-lo, temendo que Ricardo enxergasse a carência do meu corpo.

Mas não houve tempo para tanto, pois ele logo saiu do *flat*. Ao ficar sozinha, eu me desfiz de cada uma de minhas máscaras e descalcei os sapatos. Seguindo rumo ao quarto, onde passei a rodear a imensa cama. Dura, eu tinha que frisar, mas ainda assim enorme e convidativa. Sem pensar direito, puxei as bordas do *cashmere* e o retirei, arrastando-me sobre o colchão. Encolhida em posição fetal, eu abracei com força minha própria cintura e fechei os olhos, esperando que a

raiva viesse e me fizesse recobrar o sentido. Porque ela sempre vinha. E se fosse para ser honesta, eu preferia a raiva do que qualquer outra emoção. A raiva não me fazia sentir fraca a ponto de perder o controle. Pelo contrário, era sempre ela quem me resgatava.

Então sim, eu podia lidar com a raiva, e com as explosões que vinham com ela. O que eu não me achava capaz de lidar no momento era com a saudade e vontade do homem que fiz de tudo para afastar da minha vida.

Ricardo

Qual era a porra do meu problema?, questionei-me ao chegar no saguão do prédio, incapaz de entender a loucura na qual estava me metendo. Agitado, eu disquei o número de Leonardo e perguntei se alguém já havia cuidado do carro de Isadora, adiando o momento de verificar as dezenas de mensagens recebidas nessa última hora por Clarissa e minha família. Com tudo resolvido, e Léo informado de que o incidente de hoje deveria permanecer entre nós dois, pelo menos até que eu soubesse o que fazer com Isadora, eu encerrei a ligação e comecei a rolar as mensagens.

Sem responder a nenhuma delas, eu enfiei o celular no bolso e detive a vontade de telefonar para Clarissa e perguntar se a intenção dela era mesmo a de me enfiar. Porque envolver meus pais e irmã em um assunto que só dizia respeito a nós dois, não fazia sentido, a menos que ela quisesse me ver perdendo a cabeça.

Voltei ao *flat*, disposto a resolver um problema de cada vez, e começaria resolvendo o mais complexo deles. Para a minha surpresa, Isadora não se encontrava onde eu a tinha deixado. Mas podia não apenas sentir o aroma do seu perfume como ver a bolsa de marca jogada sobre o sofá, e os sapatos — que nos pés dela se tornavam um maldito fetiche — retirados ao acaso e espalhados pelo corredor que levava até o quarto. *Merda, Isadora!* A amaldiçoei em silêncio, antes de empurrar a porta e encontrá-la aninhada sobre a cama.

A ideia inicial era apenas de entregar a ela a chave e sair, mas vendo-a ali, deitada, como se aquele fosse o seu lugar, ferrou com qualquer convicção que eu possuía. Porque na minha cabeça de homem apaixonado, ela pertencia mesmo àquela cama.

— Por que voltou, gatinha? Por que foder com a minha cabeça desse jeito?

Ela não respondeu, claro. Estava exausta e realmente caíra no sono. E por mais que soubesse que o melhor a fazer seria dar-lhe privacidade, deixando-a

descansar, eu não fui capaz de me afastar. O quarto semiescuro, clareado apenas pelo entardecer, não dificultou que eu enxergasse cada sarda espalhada por sua pele leitosa de tão branca, ou então, a pequena curva dos seus seios, cobertos apenas por um sutiã rosa-pálido.

Não vá por esse caminho, cara, não se deixe envolver novamente!

A questão aqui nem era mais a de me envolver ou não, e sim admitir para mim mesmo que eu *ainda* continuava envolvido. Que, em se tratando de nós dois, pouco havia mudado.

Isadora

O QUARTO ESTAVA escuro quando abri os olhos, assim como o céu lá fora. *Não, não podia ser*, pensei, afastando a manta com que Ricardo provavelmente me cobrira. Caminhei quase às cegas pelo quarto e corredor, e o fato de estar descalça e sem o meu suéter não foi algo que passou pela minha cabeça. Não até que me deparei com Ricardo de costas, tão ou mais à vontade do que eu. O jeans escuro que ele vestia pendia por cima de sua cintura estreita, onde já não havia uma camisa para cobrir.

Minha garganta fechou, foi uma reação automática. Não por pânico, e sim por saudade. Então, como uma tola, eu deslizei meus olhos pelos amplos músculos de seus braços e ombros, os bíceps contraídos, por conta da maneira como ele cortava algumas fatias de fruta, tornando a cena de alguma forma indecente. Acho que pela primeira vez na vida eu me senti uma perversa.

Ao notar minha presença, Ricardo olhou para trás, girando o corpo. E isso tornou o momento ainda mais vergonhoso, porque dessa maneira eu podia ver praticamente tudo.

— Por que me deixou dormir até agora? — perguntei, afastando da cabeça todo tipo de pensamento sujo que surgiu.

— Eu dei a você o tempo que precisava — falou, cortando outro pedaço da maçã e a levando à boca. *Indecente, indecente*.

Deus, seria muita loucura que eu desejasse tomar o lugar daquela fruta?

— Então, eu deveria agradecer? — Cruzei os braços em frente ao meu corpo, mais como forma de proteção do que com a intenção de atrair o seu olhar. O que aconteceu, deixando-o extremamente desconfortável.

— O que você deveria fazer é voltar lá para dentro e se vestir. — A voz grave, arrepiou cada pelo desprevenido do meu corpo.

O mais absurdo era que a sua boca dizia para que eu fosse lá para dentro, mas o seu corpo, todo ele, pedia o contrário. O volume entre as suas pernas reforçava

o palpite.

— Onde está a minha bolsa? — indaguei, desviando os olhos de sua mais do que evidente ereção.

— No mesmo lugar em que deixou — respondeu devagar, mastigando em seguida outro pedaço de maçã. Lambi meus lábios de maneira inconsciente ao ouvir meu estômago roncar. Eu estava faminta.

Em mais de um sentido.

Não foi nenhuma surpresa que ele tenha notado, porque meses atrás, quando ainda estávamos juntos, Ricardo fazia questão de me lembrar o momento de comer. Ele se preocupava com a mania irritante que eu tinha de pular refeições e passar horas seguidas trabalhando. Então ele me alimentava. E confesso, eu sentia falta desse seu cuidado. Não eram muitas as pessoas que perdiam seu tempo se preocupando se eu havia ou não comido. Se havia ou não dormido o suficiente... Então, como se nada tivesse mudado, Ricardo se aproximou e estendeu a ponta da faca para que eu pudesse pegar o pedaço de maçã... com a minha boca. E ao fazer o que ele obviamente queria, meus lábios quase tocaram seus dedos.

Sem deixar de encará-lo, eu aceitei de bom grado o pedaço da fruta enquanto ele parecia absorto em estudar cada movimento que minha boca fez. Foi assim, de novo e de novo, seu dedo toda vez *quase* me tocando. Quando não havia mais pedaço a ser compartilhado, eu me dei conta de que, apesar de saciada, eu também havia ficado excitada. Com a calcinha, evidentemente, molhada.

— Você tem alguém para te lembrar de comer na hora certa? — perguntou, a voz rude, fazendo coisas inimagináveis com minhas pobres pernas. — Tem alguém para se certificar de que está em segurança? Alguém que se preocupe com você, como eu me preocupava?

Arfei assustada, ao ter seus dedos finalmente segurando o meu rosto. O polegar grosso pressionou a bochecha enquanto o restante de sua mão deslizou até meu cabelo. Foi tudo muito rápido, em um segundo ele e eu nos encarávamos, cheios de vontade, no outro, respirávamos juntos o mesmo ar. Sacudi a cabeça, querendo que Ricardo me soltasse, não para que eu pudesse me afastar e sair correndo, mas para que pudesse fazer o que desejava. Beijá-lo. Mas toda vez que tentei, fui afastada. Não por completo, porque nossos corpos seguiam colados. Havia muito pouco espaço entre nós dois, tanto que meus seios sentiam toda a rigidez do seu tórax. O feixe descoberto do meu estômago sentia o raspar da sua pele nua e o vão estreito entre as minhas pernas o sentia em toda sua magnitude.

— Pare de me torturar — consegui dizer, para, em seguida, sentir estremecer cada célula do meu corpo.

— O que acha que ver você vestida dessa maneira faz comigo? — A mão direita de Ricardo apertou a parte mais estreita da minha cintura, mantendo-me quieta. — Você acabou de sair da minha cama e está na minha cozinha, descalça, usando a porcaria de um sutiã indecente...

— Ele não é indecente. — Ricardo olhou para baixo, para confirmar.

O tom de rosa era muito próximo à cor da minha pele, contrastando unicamente pela fita de seda preta que o contornava inteiro. Desde o bojo tomara que caia, que terminava acima do umbigo, até o fecho. Não era de renda ou transparente, era um tecido bem mais estruturado, que funcionava quase como um corpete.

Exalando o ar, Ricardo sacudiu a cabeça e voltou a me encarar.

— Você e eu temos uma visão bem diferente sobre o que é indecente, Isadora. Sempre tivemos.

— Isso é... bom — balbuciei nervosa ao ser empurrada contra a parede.

Meu 1,75 de altura tornava-se nada se comparados à altura desse homem. E assim, estando tão perto um do outro, era impossível não sentir o aroma masculino de sua pele e colônia, ou os músculos imprensando sem dó o meu estúpido corpo.

Ao ver que eu engolia em seco de tão nervosa, ele disse:

— Seu irmão irá perguntar onde passou a tarde — explicou, devagar. Deixando-me de certa maneira decepcionada, querendo entender como ele conseguia falar sobre o Marcos em um momento em que tudo o que eu conseguia pensar era em nós dois juntos. — Você irá dizer que saiu para fazer compras com alguma de suas amigas. Que perdeu a hora, pois saíram para jantar. Trocar confidências, beber alguns drinks, coisas que mulheres fazem quando se encontram...

— Compras e drinks? Essa foi a melhor desculpa que encontrou?

— Não acho que consigo ser lógico no momento — admitiu. — E o fato de você estar tremendo contra o meu corpo não ajuda.

— Eu não sou a única aqui a... — *estar excitada*, pensei, sem coragem de admitir o meu estado em voz alta. — Além disso, você está... me mantendo presa contra essa parede... e eu... mal consigo respirar.

Ricardo olhou para mim, esperando por algo mais. Até que, de repente, recuou. Não havia toques, não havia olhares fulminantes ou calor em seus olhos.

— Arraste essa sua bunda até o quarto e se vista, Isadora. Eu a levarei para casa.

— Eu não preciso que me leve. Posso muito bem chamar algum dos motoristas, ou pegar um táxi. — Qualquer coisa era melhor do que passar outra hora ao lado de um homem que eu não poderia sequer estar desejando, que dirá

me esfregando.

Eu estava trêmula? Sim, não tinha como negar. Mas também estava irritada e frustrada.

— E quanto ao meu irmão — falei, antes de voltar para o quarto —, eu não acho que ele irá acreditar que passei o dia fazendo compras e tomando drinks, então me recuso a dizer essa mentira.

— Invente uma desculpa melhor, então. Ou esse agora se tornou o meu trabalho?

— Achei que seu trabalho fosse ser honesto com o Marcos. Afinal, é ele quem assina um cheque de valor considerável no final de cada mês, não? — Uma das primeiras coisas que fiz ao descobrir que Ricardo era sócio da empresa que garantia a segurança da Montenegro e a nossa foi pedir o relatório de pagamentos ao RH. Eu não havia voltado a trabalhar ainda, mas nenhum funcionário lá de dentro teria o atrevimento de me negar qualquer documento. Não preciso dizer que meu irmão pagava muitíssimo bem ao Grupo Hangar. E isso explicava tudo.

O *flat*, o SUV preto que ele dirigia...

— É inacreditável, mas com você a conversa sempre se resume a dinheiro, não é? — Dei de ombros, de modo arrogante. Essa era a melhor defesa contra os seus ataques. — Para alguém com a sua educação, Isadora, você deveria saber o quanto é grosseiro esfregar algo tão mesquinho na cara de alguém. E você está certa, seu irmão é quem assina o cheque do Grupo Hangar. Mas ele não é o único.

Apertei os lábios com força. Parte de mim furiosa e a outra irracionalmente atenta à veia dilatada sobressaindo no pescoço de Ricardo. Forcei-me a ignorar o frio em minha espinha e me concentrei em encontrar o celular que havia deixado sobre algum móvel dentro desse muquifo...

— Se o que pretende fazer é chamar um de seus motoristas, esqueça. Eu a trouxe aqui e a levarei para casa.

Eu poderia discutir com ele, mas estava cansada. De falar e sentir, mas principalmente de querer.

— Como nos velhos tempos? — falei de modo sarcástico, pegando o suéter que ele me entregou.

— Não será como nos velhos tempos, porque nós dois sabemos que não terminou bem. Então se acha que irei permitir que retorne para a minha vida e arrase com tudo, como fez quando partiu, você está muito enganada.

Permaneci imóvel, estarecida demais para reagir. Enquanto isso, ele se abaixou e pegou a blusa que no calor do momento escapara de minhas mãos. A apertei entre os meus dedos, descontando no tecido extremamente macio toda a

minha raiva.

— Seja rápida, e se vista. Você não é o único problema com o qual eu tenho que lidar hoje.

Não o deixe chegar até você, Isadora, não deixe.

Repeti o mantra por todo o caminho até chegarmos à mansão, sabendo, lá no fundo, que já era tarde demais e que, quando se tratava desse homem, eu não possuía qualquer controle

Marcos

ELEVEI O PESCOÇO, oferecendo maior acesso a Rachel, que todas as manhãs fazia questão de ser a única a dar o nó em minha gravata. Um hábito com o qual só me acostumei com o passar do tempo. Pequenas concessões, em prol da satisfação que minha esposa sentia ao *cuidar de mim*. Beije a mão delicada quando ela terminou, detendo-me por alguns instantes em seus olhos azuis enquanto chegava à conclusão de que era mesmo um homem de sorte. Era segunda de manhã, e Rachel e eu terminávamos de nos vestir após tomarmos banho juntos. Essas primeiras horas do dia, passadas quase sempre entre nós dois e o Arthur, tornaram-se sagradas. Pequenos instantes de paz, antes de dar início à correria que era a nossa rotina.

— Estou te achando preocupado — Rachel sussurrou, gostando do contato da minha boca em sua pele. — A maneira como Isadora se retirou da mesa ontem o abalou, não foi?

Mais do que isso, o comportamento dela me deixou preocupado. O almoço mal fora servido quando minha irmã pediu licença e se levantou, saindo de casa, sem dar qualquer explicação. Fora a história contada por seu segurança que não fez o menor sentido. Isadora, claro, confirmou a versão dada por Leonardo, mas foi a ausência das *tais compras* que provaram que tudo que fora dito por eles não passava de balela.

— Desconfio que parte do que vem acontecendo seja minha culpa. Às vezes penso que, se lá atrás eu tivesse prestado mais atenção, minha irmã estaria bem agora.

— Não faça isso — ela disse contornando a minha cintura. — Não se culpe por algo que não tem certeza. Você poderia ter feito diferente? Dedicado-se mais às suas irmãs? Poderia, mas você era pouco mais do que um garoto quando teve que assumir a responsabilidade por elas.

— Eu assumi uma empresa com mais de centenas de funcionários, Rachel.

Dei o meu melhor, tornei a Montenegro o que ela é hoje. Mas quando penso no que fiz com minhas irmãs, ou no que minhas atitudes fizeram...

— Pare de pensar no que poderia ter sido ou não feito, e pense no que nós podemos fazer agora por ela. O primeiro passo Isadora já deu, que foi aceitar receber ajuda profissional. Agora é esperar que ela melhore, e que encontre alguém que a ame.

— Rachel.

— Você não pode protegê-la da vida, Marcos, muito menos do amor.

— Não acho que Isadora esteja preparada para se envolver com alguém nesse momento.

— Você a subestima. — Neguei.

— Não, o que eu faço é me preocupar — disse, de modo sério. — Como acha que Isadora lidará com uma relação quando mal pode cuidar de si mesma? Você já a olhou bem, Rachel? — Ela assentiu, consternada. — Minha irmã está pele e osso, ela não dorme. Vera diz que ela zanza pela casa à noite como uma assombração. Então me desculpe se eu acho que acrescentar um homem a essa equação só irá ferrar com a cabeça dela, mas é o que eu penso. E é o que evitarei que aconteça!

— Você não pode se intrometer na vida da sua irmã dessa maneira, seria errado.

— Errado seria se eu cruzasse os braços enquanto a vejo tomar decisões precipitadas, carinho.

Não disse a Rachel, mas a verdade era que eu não gostaria de ver minha irmã se colocando nessa posição outra vez. Confiando em alguém, como ela também confiou em Henrique, para em seguida sofrer outra decepção. Tudo bem que após o drama da igreja e do escândalo Isadora seguiu com sua vida como o esperado. Mas e se na próxima vez não fosse assim? E se ela, realmente, se envolvesse com alguém a ponto de não saber lidar com as consequências que a presença de um homem em sua vida traria?

— Às vezes, eu me pergunto por que casei com você — minha esposa falou séria, mas tudo não passava de provocação. Rachel era minha, e jamais deixaria de ser.

— Porque você me ama, carinho, foi por isso que casou comigo.

Ricardo

Passava das dez da manhã quando cheguei à recepção do andar da diretoria da

Montenegro. O encontro com Marcos não foi algo que planejei, mas que se mostrou necessário após a noite repassando o que ocorrera com Isadora e nas consequências que outro incidente como aquele poderia vir a provocar. Era o bem-estar dela que estava em risco e, por mais que desejasse manter-me afastado, eu não poderia simplesmente ignorar o perigo que aquela mulher corria se continuasse a agir como se os ataques de pânico não fossem nada.

Marcos não entendeu a razão do meu telefonema, a princípio, mas assim que adiantei o assunto, dizendo se tratar de algo relacionado à segurança de Isadora, ele me encaixou no primeiro horário disponível de sua agenda.

— O Sr. Montenegro pediu que espere cinco minutos antes de entrar, ele está encerrando uma reunião — a secretária informou, deixando-me à vontade para aguardar da maneira que considerasse melhor.

Sentei-me em uma das poltronas na sala de espera e repassei pela centésima e última vez a noite de ontem. Desde o momento em que deixei Isadora em casa até o instante em que estacionei o carro na garagem e encontrei Zacarias *esquecido* do lado de fora em uma noite malditamente fria. Clarissa jurou que foi sem querer, alegando estar tão magoada com o meu desaparecimento que não conseguiu pensar em mais nada.

Esforcei-me a acreditar nela e esquecer o assunto, mas essa merda ficou voltando à minha cabeça durante a noite, assim como a decisão extrema que tomaria em breve. Do meu lugar, observei a quantidade de diretores e gestores que atravessavam de tempos em tempos a recepção. O burburinho era constante ao que notei. Telefonemas, conversas aqui e ali, secretárias andando para lá e para cá com pastas nas mãos. De certa forma, eu dei graças a Deus por não fazer parte desse mundo, pois jamais me adaptaria a um ambiente tão militarmente em ordem como este lugar. Um pensamento que desapareceu ao ver a irmã caçula de Isadora e sua filha saírem do elevador. A primeira seguiu distraída, tentando adiantar o passo, enquanto a criança caminhava com calma atrás dela. Acenando para as secretárias e oferecendo *bom dia* para cada pessoa que passava ao seu lado.

Foi assim até que ela me reconheceu, e um enorme sorriso se formou em seu rosto.

— Você é o guardador da minha titia, não é? — perguntou, após correr em minha direção.

— Guardador? — indaguei, confuso.

Mariana, ao ver onde a filha estava, também se aproximou.

— Ela quis dizer *segurança*. — Sua mãe explicou, com um sorriso no rosto.

Um gesto que parecia ser bem mais fácil para ela do que era para Isadora.

— Isso. É você, não é? — A pequena insistiu.

— Não, Sofia, não é mais ele. Agora venha comigo. — Mariana segurou a mão da filha, que se recusou a sair.

— Não, mamãe. Deixa eu falar com ele. — Sofia se aproximou ainda mais. — Por que não está cuidando da minha tia mais? — Abri a boca, perplexo com a seriedade de sua pergunta, e olhei para Mariana, que deu de ombros. Dando a entender que a filha tinha opinião e mente próprias.

— A sua tia tem outro segurança agora. — Mas não por muito tempo, pensei comigo mesmo.

— Hum. — Ela pareceu pensar no que eu havia dito. — Eu sou a melhor amiga dela, sabia? — Era? — Minha tia não tem um bebê como a minha mãe e a tia Rach, só tem eu — disse mais perto, como se contasse um segredo. Mas se a intenção era que ninguém nos escutasse, ela deveria ter abaixado o seu tom de voz e não chegado mais perto, como escolheu fazer. — Por isso eu cuido dela.

— Você cuida dela? — questionei, impressionado com a maturidade e capacidade de percepção dessa menina. Sofia podia até não entender a razão pela qual a tia não era como seus outros familiares, mas ela sentia que havia algo de diferente ali.

— Sim, mas ela não sabe. — Sorri diante de sua inocência.

— Não ligue, Sofia pode ser bem... imaginativa, quando quer.

— Não estou sendo imaginativa, mamãe. Estou dizendo a verdade.

Eu podia ver que o gênio difícil e a personalidade marcante eram comuns a todos os Montenegro, principalmente quando se tratava das mulheres.

— Se algum dia o senhor quiser me guardar, eu deixo, não é, mamãe? Ele pode...

— Sofia, ninguém vai guardar nada aqui, agora venha. — Mariana apressou a filha, que sorriu por todo o caminho. Com um aceno, ela pediu desculpas e se afastou quase que no mesmo instante em que Isadora e Oliver pisaram no andar da diretoria.

Timing perfeito.

Ao se dar conta da minha presença, Isadora oscilou. O passo confiante, sofreu drástica mudança. Oliver olhou na minha direção, procurando saber o que a tinha feito hesitar e segurou em seu braço. Isadora, claro, não voltou a olhar novamente em minha direção, diferente do filho da puta que a acompanhava, e que cravou os olhos inquisitivos sobre mim.

Cerrei o maxilar, involuntariamente, após vê-los desaparecer do meu campo de visão e, por sorte, escutei da recepcionista que Marcos encontrava-se à minha espera.

— Queria falar comigo? — O todo-poderoso perguntou, afastando a atenção dos documentos sobre a mesa.

— Sim — confirmei, sem rodeios. — E gostaria de começar o informando de que afastei Leonardo da segurança de Isadora. — A expressão, até o momento imperturbável, se tornou tensa.

— Eu vou querer saber o motivo?

— Não acho que ele tenha sido a escolha certa para a sua irmã. — Eu não iria revelar a verdade, não toda. Mas precisava que Marcos entendesse os riscos que Isadora corria.

— Bom, eu deixei a decisão para você, Ricardo.

— Estou ciente, assim como estou agora de que ele é o cara errado.

— Então nós voltamos à estaca zero, porque sem ele Isadora fica desamparada.

— Não se eu reassumir a minha posição ao lado dela.

Minhas palavras foram severamente aliviadas, enquanto a sala era preenchida por um insólito silêncio.

— O que o fez mudar de ideia? — *A maneira como sua irmã olhou para mim.* Foram aqueles olhos verdes, frios como um bloco maciço de gelo, que me desarmavam. Mas foi também o estado em que a encontrei. O desespero que Isadora sentiu ao perder o controle.

— Serei direto, porque acho que somos dois adultos que compartilham o mesmo desejo de ver Isadora bem. — Ele assentiu, cruzando os dedos sobre a mesa. — Não sei como você tem lidado com a síndrome de sua irmã, mas até agora as providências que tomou não surtiram efeito.

— O que está insinuando? — inquiriu, desconfortável.

— Nada. Estou apenas dizendo que existe uma enorme probabilidade de que os ataques dela tenham piorado. Acredito ainda que sua irmã não deveria estar sequer dirigindo, Sr. Montenegro.

— Por que eu tenho a impressão de que está me escondendo algo?

— Estou compartilhando o que acho que mereça a sua atenção, então sim, eu presenciei outro ataque de Isadora, o que me fez perceber que Leonardo é incapaz de lidar com ela. — Marcos não pareceu satisfeito. — Mas isso não é tudo, Sr. Montenegro, porque posso garantir que depois de meses acompanhando a sua irmã, eu tenho certeza de que os ataques de pânico que ela sofre podem colocá-la em risco. Espero que algo esteja sendo feito.

— Você se deu ao trabalho de vir até aqui, na minha empresa, para jogar na minha cara que espera que algo esteja sendo feito? Perdeu a porra da sua cabeça, Ricardo? — Ele se levantou, batendo as mãos contra a mesa.

— Até onde sei, eu e minha equipe somos pagos para garantir a segurança da sua família, Marcos — lembrei-o, sem me intimidar. — Não sei que providências tomou além de reforçar a segurança ao redor de todos, mas espero

que esteja levando essa situação a sério, porque o que sua irmã precisa no momento é de ajuda e não de alguém passando a mão na cabeça dela.

Marcos se aquietou, analisando a situação por outro ângulo. Ele sabia que eu estava certo.

— Se o que espera são providências, fique tranquilo, pois elas já foram tomadas. E Ricardo? Talvez eu não tenha sido claro até o momento, mas acredito que seja esperto o suficiente para saber que Isadora está fora dos limites para qualquer um de meus funcionários.

Como sempre, ele foi direto ao ponto.

— Você me procurou, não o contrário, Sr. Montenegro. Então, se há algo nessa história o incomodando, diga ou me afaste de vez — falei com calma. — Não estou acostumado a trabalhar com ninguém questionando meus motivos, ou de olho no que faço. Se for para assumir a segurança de Isadora, que seja do meu jeito. Passarei os relatórios no final de cada dia, mas não permitirei que interfira na maneira como lido com ela.

— Se eu não confiasse em você, já o teria chutado para fora — disse com o tom de voz ameno. Conformado. — Mas que seja, faça o que tiver que ser feito. Desde que se certifique de que não aconteça nada à minha irmã. — O aviso estava implícito. — Quanto ao que falou sobre ela não poder dirigir, o que acha que devemos fazer?

Compartilhei com ele a única solução viável. Isadora não iria gostar quando descobrisse, mas teria de aceitar porque o que importava no momento era mantê-la segura.

Isadora

Acompanhei Oliver pelo interior do restaurante, enquanto compartilhava detalhes da reunião que tive logo pela manhã. Foram mais de duas horas trancafiada na sala de reuniões, escutando do presidente do conselho os temores em que todos estavam por conta da abordagem agressiva que a Montenegro fez nos últimos meses em relação à expansão no mercado europeu. A insegurança do conselho já não era nenhuma novidade, por isso Marcos me encarregou de lidar com o assunto.

— O que o seu irmão pensa a respeito? — Oliver perguntou, trazendo à tona um outro assunto tratado durante a reunião.

— Ele não pensa, Oliver. Abrir a Montenegro para o mercado não é algo que o agradaria. Tanto que esse assunto nunca surgiu entre nós dois. — Mas iria em

breve, já que esse foi um dos principais pontos discutidos essa manhã.

— Vocês entendem que se abrirem o mercado estariam atraindo mais investidores, certo?

— Nós não precisamos de investidores.

— Mas precisam de apoio externo, Isadora. O lucro do último semestre foi positivo, mas para assegurar a expansão até a Montenegro se firmar lá fora...

— Oliver, nem comece — disse, sem paciência. — Essa não é uma possibilidade que eu queira discutir. Entendo a importância desse reforço, mas Marcos e eu damos conta. O que precisamos é atrair mais clientes, e não abrir a Montenegro para acionistas que passarão mais tempo entrando em discussões inúteis com o Marcos do que se empenhando em fazer essa expansão ir à frente.

— É um risco, Isadora.

— Arriscar é o que temos feito há anos. — Basicamente desde que meu irmão colocou na cabeça a ideia de exportar os nossos vinhos para os países europeus. — Marcos não irá recuar, eu, muito menos. A cartela de clientes externos ainda é pequena, mas irá aumentar. — Comigo na Espanha, cuidando dos negócios, a possibilidade de isso acontecer era infinitamente maior, mas eu vinha tentando não pensar a respeito e deixar essa parte do negócio nas mãos de Marcos e Oliver. E apesar de não concordar em ser afastada, eu confiava nas decisões profissionais de meu irmão.

Era graças às ideias revolucionárias e arriscadas dele que nós tínhamos hoje uma parte do mercado externo que poucas empresas nacionais possuíam. A Montenegro avançou em meio a uma das maiores crises europeias. E se tudo desse certo, como prevíamos, em menos de três anos a Europa inteira conheceria nossos vinhos. Esse era o sonho de meu irmão. Um sonho que, aos poucos, também se tornou o meu.

Quando o *maître* se aproximou, Oliver fez questão de fazer o meu pedido. Para ele, esse era um gesto educado, para mim, um gesto machista que me incomodava. Seu cavalheirismo, demasiado formal e muitíssimo parecido com todos os homens em sua posição, era o que nos afastava. Seu interesse, porém, continuava sendo claro e eu precisava admitir que poderíamos ser perfeitos juntos. Mas algo me impedia de dar o próximo passo. De começar uma relação que com certeza acabaria comigo casada com um homem de prestígio, educado e que crescera dentro de uma das sociedades elitistas mais exigentes do país: a paulistana. Mas ainda assim, incompleta.

Oliver tinha tudo. Menos o meu interesse.

— Estou te achando distraída — comentou despretensiosamente.

— Trabalho, Oliver. Não sei o que meu substituto pensou, mas o setor de marketing está uma bagunça. Além do quê, eu estou aqui, mas minha cabeça

continua nos negócios de Madrid. Não consigo me desligar — menti.

— Quanto a isso você pode ficar despreocupada, pois não pretendo tomar decisões sem o seu aval.

— Marcos foi bem taxativo. Ele não quer que eu me envolva.

— Então, eu serei privado da sua sagacidade? — Dei-lhe um meio-sorriso, apreciando o elogio.

— Nós podemos dar um jeito, desde que ele não descubra. Marcos quer que eu mantenha o foco no meu setor.

— Eu não consigo entender a decisão dele em afastá-la, mas imagino que tenha a ver com assuntos pessoais, certo? — Assenti, devagar.

Esse era um tema no qual não iríamos entrar, e Oliver logo se deu conta. O gesto que fez em seguida não foi um dos mais espertos feitos por ele. Não era novidade que eu não era dada a toques, e o fato de ele ter passado por cima dos inúmeros avisos que dei desde que nos conhecemos e segurado a minha mão sobre a mesa incomodou-me ainda mais.

— O que for que tenha feito Marcos tomar essa decisão, eu quero que saiba que estou aqui, Isadora. E não apenas como seu amigo.

— Não faça isso — rebati, decidida a cortar o mal pela raiz.

— Você é rápida. — Oliver sorriu, ao ver que eu afastava a minha mão.

— Eu só não quero que tenha a ideia errada, Oliver. Ou que perca o seu tempo.

— Não consigo aceitar que uma mulher como você queira ficar sozinha. — Ao que parece ele não era o único. — Você é perfeita.

— E isso é tudo o que pensa a meu respeito? Que sou perfeita? — Soei amarga, mas isso não abalou a expressão confiante de seu rosto.

— Olhe para a sua vida, Isadora. Você tem o mundo aos seus pés, é bonita, inteligente. Comanda uma empresa que vale milhões, e é herdeira de uma das maiores fortunas desse país! O fato de ser tão reservada e metódica... só a torna mais interessante. E não vou mentir, eu gosto do mistério que a cerca.

— Você gosta do desafio — declarei.

— Eu gosto do *seu* desafio. Não generalize. — Esse não era um flerte bobo entre duas pessoas disponíveis, porque eu não estava disponível. E precisava que Oliver entendesse isso antes que eu tivesse de afastá-lo de vez.

— Eu não sou perfeita e garanto a você, Oliver, que o meu mistério não é nem um pouco interessante. Você odiaria descobrir o que há por detrás da minha reserva. Então, pelo bem da nossa amizade, não me force a afastá-lo. Por favor.

— Vou tentar, mas não garanto que serei capaz de arrancar da cabeça a certeza de que você e eu seríamos ótimos juntos. — *Ótimos, perfeitos...* essas palavras deixavam-me enjoada.

Agora, se você tentasse *proibido, sujo, impossível...* Ah, só de pensar nessas meu corpo vibrava.

Sorte ou não, o percurso de volta até a empresa foi preenchido com assuntos relacionados à Montenegro e à próxima viagem de Oliver. Que em menos de uma semana viajaria para Madrid a fim de assumir as reuniões e compromissos que deixei pendentes. A nova filial ainda não havia saído completamente do papel, eu tinha cuidado da compra do terreno e da burocracia necessária para construirmos dentro das normas de fiscalização espanhola. E enquanto a empreiteira contratada seguia com o trabalho, um andar inteiro dentro da exportadora do Sr. Conrado fora separado para que pudéssemos montar o escritório temporário. E foi sobre isso que Oliver e eu conversamos.

Uma estratégia segura dele, que não voltou a me pressionar com assuntos pessoais.

Foi só ao chegarmos no estacionamento da Montenegro que notei a presença da Mercedes logo atrás do carro que ele dirigia. Não sei ao certo o que estava diferente dessa vez, por isso peguei-me olhando na direção do carro negro, que fazia parte da frota destinada à equipe de segurança. E, por incrível que pareça, antes sequer que o motorista saísse, eu senti cada pelo do meu corpo arrepiar. Porque era *ele*.

— Algum problema? — Oliver perguntou, dando-se conta do meu repentino abalo.

— Não, nenhum — menti, desviando os olhos de Ricardo a contragosto.

De óculos escuros, no outro lado do estacionamento, o homem responsável por toda essa droga de formigamento entre as minhas pernas foi mais obstinado do que eu e manteve os olhos fixos em nossa direção. O tempo que levei para identificá-lo foi o suficiente para revelar ao homem do meu lado o motivo pelo qual eu estava fortemente indisponível.

— Acho que agora entendo a sua relutância em permitir uma aproximação. — Encarei Oliver, procurando por sinais de aborrecimento, mas ele parecia apenas... decepcionado.

— Não acho que entenda, Oliver — rebati, baixo. — E agradeceria muito se você evitasse tirar conclusões precipitadas a meu respeito. Como a principal diretora da Montenegro, eu já lido com *achismos* demais para também ser alvo de especulações absurdas como essa.

Caminhei ao seu lado sem olhar em seu rosto.

— Precipitada ou não, você tem consciência de que o seu irmão jamais permitiria esse envolvimento, certo? — Segurei-me duas vezes mais do que faria em qualquer outra situação. Eu não queria escutá-lo dizer o que eu já sabia. Que Ricardo e eu éramos impossíveis não era novidade. — Não é da minha conta,

mas me sinto na obrigação de alertá-la, porque casos assim não duram, Isadora.

— Obrigada por se preocupar, mas como falei, você está tirando conclusões precipitadas.

— Espero de verdade que sim, Isadora — falou, parecendo honestamente preocupado.

Ricardo

O SOLADO DO SAPATO caro sobre o chão áspero do estacionamento foi o que anunciou a chegada de Isadora. Esse era um som que eu teria reconhecido em qualquer lugar, porque quando se tratava dos sapatos e sandálias que essa mulher calçava, faltava-me controle. Era um absurdo o valor que Isadora investia nessas pequenas armas de sedução? Com certeza. Mas no momento em que suas pernas enrolavam minha cintura, e os saltos estiletes cravavam e rasgavam a pele das minhas costas, ah maldição, eles passavam a valer cada centavo!

Um puxão em seu vestido ou saia, um abaixar da minha calça. Um encaixe gostoso, comigo dentro dela, e os fodidos sapatos arranhando-me por trás enquanto ela gemia louca em meus braços. Só de relembrar as vezes em que nos pegamos assim, com tanta pressa que mal tirávamos nossas roupas, meu pau endureceu. Convencê-lo de que essa seria outra ereção inútil e que a mulher que desejávamos era território proibido, como Marcos fizera questão de lembrar, já era outros quinhentos.

O fato da minha pequena fera estar evidentemente furiosa teve o mesmo efeito que um incinerador bombardeando fogo em meu tesão. Mas foi o seu olhar insípido que me fez levantar e limpar as mãos na flanela mantida sobre o capô do carro.

— Como pôde fazer essa atrocidade comigo? — perguntou, praticamente sem voz. O que significava que o embate entre ela e Marcos não fora fácil ou indolor. — Por sua causa eu fui colocada contra a parede e proibida de dirigir o meu próprio carro! Tem ideia de como isso me faz sentir?

Sem tomar fôlego, ela ergueu o rosto e continuou:

— Você quer destruir a minha vida? Tudo porque não fiquei com você?

— Você acha que eu me dei ao trabalho de enfrentar o seu irmão só porque desejo destruir a vida mentirosa que leva? — indaguei, achando a acusação um absurdo. — Realmente, Isadora?

— Para começo de conversa, a minha vida não é uma mentira. E sim, Ricardo, é exatamente isso o que eu penso que você fez.

— Não foi por vingança — falei, sem alterar o som de minha voz. — A razão para que eu tenha procurado o Marcos foi porque não quero carregar comigo a culpa por saber que poderia ter feito algo para te proteger e não fiz.

— Isso é besteira! — Ela reagiu de forma passional, o que era atípico em sua personalidade. — Você precisa parar de se intrometer na minha vida, eu não preciso que... — Eu a cortei.

— Que ninguém a proteja. Sim, Isadora, estou ciente dessa merda. Você é o tipo de pessoa que acha que consegue lidar com tudo sem ajuda. Não sei qual é o problema real com a sua família, mas começo a ver que crescer da maneira como cresceram não fez bem a qualquer um de vocês.

— Não fale da minha família.

— Por que não? Foi essa mesma família quem te deixou assim. Alienada, fria. Seus irmãos já enxergaram a verdade, descobriram com muito custo que o sobrenome e dinheiro que possuem não os impedem de sofrer. Eu vi cada um deles quebrar a cara, e garanto que foi da pior maneira possível.

Isadora se negou a me ouvir.

— Chega, eu vou falar com o Marcos e pedir que seja afastado. Não suporto sequer estar no mesmo ambiente que você, imagine no mesmo carro? — gritou e olhou para os lados, procurando pelo seu *Porsche*.

— Não vai adiantar — referi-me não apenas ao fato de o seu carro ter sido levado para a garagem subterrânea da Montenegro, que era onde ficava a maior parte da frota de automóveis dessa família, como também ao pedido que pretendia fazer ao irmão. — Eu sou um dos poucos, se não o único homem, a quem Marcos confia a sua segurança. Então duvido que ele esteja disposto a se arriscar somente porque você não pode lidar comigo ou insiste em ignorar o que vem acontecendo.

— Ele confia, mas só porque não faz ideia do que houve entre nós dois... ainda.

— Faça isso. — Contraí o maxilar. — Dê meia-volta e leve essa sua bunda até o escritório do Marcos, e conte tudo a ele. Desde o sexo despuadorado que fizemos sobre a mesa do seu escritório até as sacanagens que fiz com você dentro dos carros de seu irmão. Não se esqueça de contar também, Srta. Montenegro, todas as vezes em que bateu na porta do meu *flat*, pedindo para que eu te fizesse esquecer de tudo. — Ela ficou boquiaberta. — Algo me diz que Marcos irá adorar saber no colo de quem a irmãzinha andou pulando.

— Vá à merda, seu... troglodita grosseiro! — chiou baixo, forçando seu punho em meu peito.

— Com todo prazer. Só não se esqueça de que a partir de agora nós dois estamos indiscutivelmente ligados, então, se eu tiver que ir para a merda, você irá comigo. E assim será com todos os incríveis lugares que pretende me mandar, compreendeu?

Isadora engoliu o orgulho e abaixou a guarda.

— Será que não vê que isso jamais dará certo? Você e eu juntos não é seguro.

Porra, não era como se eu estivesse cego para os riscos. Mas preferia, mil vezes, ter de lidar com eles no momento certo do que assistir a essa mulher se colocando em perigo sem pensar nas consequências. E essa era toda a razão de eu estar entre a cruz e a espada, porque se de um lado eu tinha Clarissa e a promessa que lhe fiz, e que pretendia cumprir, do outro havia Isadora e o turbilhão inteiro de sentimentos que ela me provocava.

Ora raiva, ora tesão. Se em um minuto eu queria esganá-la, no outro queria simplesmente mantê-la em meus braços até que... merda! Até que tudo voltasse a ser como antes.

O que jamais aconteceria.

Isadora

Tranquei a porta do quarto, não querendo ver ou falar com ninguém. E conforme desfazia-me de minhas joias e roupas, deixando-as pelo caminho, eu comecei a me sentir asfixiada. Meu corpo já fora de controle deslizou até o recamier enquanto as paredes lentamente giravam.

Com força, apertei o estofado antigo e cravei as unhas no tecido, dando abertura para que pensamentos e lembranças se misturassem dentro da minha cabeça confusa. Porque era isso que acontecia quando eu abaixava a guarda.

— *Deixe-me sozinho, Isadora. — Olhei para o homem sentado atrás da mesa de mogno. Meu pai usava óculos elegantes quando lia, e eu o achava muito bonito. Hoje, no entanto, ele parecia chateado. Acho que até mais do que a minha mãe.*

— *Eu queria... — Só queria passar um tempo com ele. A casa estava escura, mamãe havia saído e eu não fazia ideia de onde Mariana ou a minha babá estavam. Eu não queria ficar sozinha no meu quarto. — Só queria saber se posso ficar um pouquinho com o senhor.*

Ele assentiu, deixando-me entrar. Papai era tão parecido com o meu irmão.

— *Eu sou boa com números — falei, olhando para os papéis que ele trabalhava. — Sou a melhor da minha turma, e tenho as notas mais altas*

também. — Ele me olhou de soslaio, como se me visse pela primeira vez.

— Você puxou o meu lado da família então, porque sua mãe é boa apenas em gastar. Não em fazer contas.

Sorri pelo elogio, ignorando o restante do comentário.

— Meu aniversário está chegando.

— Está? — perguntou, atento ao documento.

— Não quero festa esse ano. — Não quando ele e mamãe sempre davam um jeito de brigar no final. — Eu queria mesmo era viajar, papai.

— Impossível, Isadora.

— Mas você disse que me levaria para o lugar que eu quisesse.

— Quando falei isso?

— No meu último aniversário. O senhor não pôde comparecer e me prometeu que me deixaria escolher.

Ele me encarou novamente e retirou os óculos, soltando um suspiro cansado.

Nunca soube o que ele pretendia dizer, porque antes que tivesse a chance, uma garotinha de cabelos negros e rosto vermelho de tanto chorar passou por mim e pulou no colo dele, escondendo o rosto em seu peito ao ver que sua babá a seguia.

Fiquei parada ali, olhando para os dois, querendo a minha resposta.

— Papai?

— Depois conversamos, Isadora — ele falou, levantando-se, e se dirigiu à babá. — A leve com você, Suelen, e veja onde Lorena está. Não tem como eu continuar sendo interrompido enquanto trabalho.

Quis saber a qual de nós duas ele se referia, mas quando saiu do escritório com Mariana ainda em seu colo, eu soube que ela tinha sido a escolhida para ficar com ele e não eu.

Quando a lembrança se esvaiu, restou apenas o gosto amargo em minha boca e a raiva que sentia de todos eles. Mariana, meu pai... Ricardo. Marcos. Assustada com a intensidade da emoção, eu notei algo gelado deslizar pela minha bochecha e levei a mão até a lágrima que escorreu de meus olhos, apenas para me ver inundada por várias delas. Tentei limpar o rosto, esfregando-o para que parassem de descer, quase ao ponto de me machucar, mas quanto mais tentava mais elas caíam.

Não chore, não chore. Você não é assim.



A primeira coisa que fiz ao me levantar na manhã seguinte foi marcar a consulta com um dos profissionais recomendados por Marcos. Chegar até o escolhido, porém, não foi uma tarefa fácil, e o *felizardo* a ter a oportunidade de ficar cara a cara comigo acabou por ser o único a declarar o seu método de terapia como... atípica. O fato de ele ter soado um tanto insano foi o que me levou a escolhê-lo. Porque nada me daria mais prazer do que provar ao Marcos que terapia não era a solução.

Aliviada por ter de enfrentar outro dia de trabalho, eu organizei mentalmente todas as mudanças que pretendia colocar em prática no meu setor. Marcos fora bastante claro em dizer que esperava que eu fosse com calma, tratando-me com uma condescendência que não suportava. E quanto mais forte suas mãos apertavam a corda em meu pescoço, mais disposta a provar o meu valor eu ficava.

Não que alguma vez tenha precisado provar o que fosse a ele, porque todos dentro daquela empresa reconheciam que eu era a melhor diretora daquele lugar. Tão ou mais eficiente do que o próprio presidente. Não era apenas o mesmo sangue a correr por nossas veias que dividíamos: a astúcia e o raciocínio lógico também. Nós dois éramos famintos por controle, intransigentes. Geniosos.

Agora, quando se tratava de dedicação, de passar horas e mais horas debruçada sobre documentos, buscando soluções para imprevistos e crises que a Montenegro enfrentou ou esteve perto de enfrentar, eu era decididamente a melhor. E Marcos sabia. O que nos levava à pergunta que cansei de escutar ao longo dos anos, que era por que nunca fiz questão de lutar pela presidência da vinícola. A resposta era simples, eu não fiz qualquer movimento nessa direção por duas razões: a primeira delas era porque nosso pai, não contente em ser um chauvinista da pior espécie quando vivo, criou um testamento tirando de suas duas filhas, e qualquer outro descendente de sexo feminino, o direito de algum dia assumir a presidência da Montenegro. A segunda razão era ainda mais fácil de ser compreendida, pois era baseada no afeto que sentia pelo meu irmão e no fato de que nunca o desrespeitaria dessa forma. Ele era a pessoa em quem eu mais confiava nessa vida.

Minha atenção foi drasticamente desviada ao ter Rachel entrando em meu quarto sem bater. Algo que para ela parecia ser natural, e deveria mesmo, já que minha querida cunhada se tornara a dona dessa casa, assim, em um doce e gentil piscar de olhos.

— Seu irmão está com um péssimo humor essa manhã — explicou antes que eu perguntasse.

Encarei o bebê gorducho em seu colo e, ao vê-lo chupar os dedos tão avidamente, eu revirei meus olhos para o pequeno bezerro esfomeado, que

pareceu não dar a mínima para mim ou para o fato de sua mãe deixá-lo sobre a cama. A. Minha. Cama. Que com toda certeza cheiraria a leite pelo próximo século.

— Então veio se esconder dele aqui? — questionei ao me sentar em frente à penteadeira, ainda observando Arthur, mas a uma distância segura.

— Está mais para ignorar.

Não sei qual vinha sendo o problema de Marcos, mas meu irmão andava um pouco mais intransigente do que o de costume. Talvez fosse o meu retorno, ou nossos constantes embates. Porque no que dizia respeito a sua família, tudo parecia estar perfeito. Ou assim imaginei.

— Deixe-me adivinhar: vocês discutiram? — sondei, vendo através do reflexo ela sorrir para o filho que arreganhava a boca banguela achando graça.

O garoto era uma pequena cópia de Marcos, cabelos negros e cheios, pele morena, e parecia nutrir um amor incondicional pela mãe.

— Sim, mas não quero encher você com os meus problemas, ainda mais a essa hora da manhã.

Que bom, porque problemas já bastavam os meus.

— Talvez eu esteja ficando louca, sabe? — disse, sem fazer sentido. Presa em seu próprio devaneio. Onde estava a pessoa que falou que não pretendia dividir comigo os seus problemas? — Mas quero tanto engravidar novamente, e acho que esse é o momento certo. Arthur ainda está novo e...

— Você está falando sério? — eu a cortei, e Rachel assentiu, quase sem graça.

— É o que eu mais quero. Só que o seu irmão não está convencido de que *arriscar* novamente seja a coisa certa a se fazer — ela salientou a palavra arriscar, obviamente descartando a ideia de que uma nova gestação poderia ser um risco. Mas, de acordo com o seu médico, era.

Até então, eu não havia parado para pensar ou analisar essa quase amizade entre mim e Rachel, muito menos o fato de que sim, eu me preocupava com ela. Rachel era o mundo de Marcos, e se ele só funcionava bem com ela ao seu lado, assim seria. Então arriscar toda a estabilidade que meu irmão lutou tanto para conseguir com uma nova gravidez era loucura. Das piores.

— Não acho que você deveria tentar. E Marcos te ama o suficiente para não concordar com essa sandice.

— Eu não estou louca, Isadora. Só...

— Quer encher essa casa de bezerros cheirando a leite e esfomeados, que parecem uns monstros quando não estão mamando. — Ela olhou para o filho, que continuou a chupar os dedos e sorriu.

— Não é fome, são os dentes dele que estão nascendo.

— Monstros que mordem — falei, recebendo total atenção de Arthur.

Rachel se aproximou do filho e murmurou algo como *ela não é engraçadinha, meu bebê? Sua tia só parece ser má... mas tenho certeza de que já te ama.*

Sacudi a cabeça, ao escutá-lo balbuciar algo de volta. E enquanto assistia à cena dos dois juntos sobre a minha cama, eu cometi o erro de me imaginar nesse papel. Tudo o que essa possibilidade me causou foi um revertrés no estômago, porque percebi que eu não saberia o que fazer com um bebê, e que talvez não tivesse nascido com o tal instinto materno. Gerar um filho, dar-lhe amor.

Eu era centrada demais em mim para me doar incondicionalmente a qualquer outro ser humano, concluí.

— Agora quem não parece estar bem é você. O que houve? — Rachel perguntou.

— Como você consegue? — Ela não entendeu a princípio. — Toda essa coisa de amar um bebê, colocá-lo no mundo... sem a certeza de que será uma boa mãe. Como isso não te assusta?

Minha cunhada sorriu.

— Quem disse que não me assusta? Medo todas as mães sentem, Isadora. Medo de errar, de não ser suficiente, de ver o filho sofrer... Acho que essa é uma sensação que nunca desaparece. Mas há tanto mais sobre ser mãe, que isso se torna pequeno. E é por isso que não me importo com os riscos, porque sei que no final irá valer a pena, entende? E quando a sua vez chegar, todos nós estaremos aqui para te apoiar. Vai ser incrível!

Escolhi morder a ponta da língua e me manter calada, a dizer a Rachel que as chances de a minha vez nunca chegar eram infinitamente maiores do que o contrário.

Ricardo

DE COSTAS PARA a mansão, eu tentei me concentrar no telefonema de Marcos, enquanto esperava por Isadora, que hoje passaria por sua primeira consulta com o psicólogo. Dias se passaram desde que assumi o meu antigo posto ao seu lado, e a tensão, que ia além da sexual, só aumentou. A exaustão intensificada dos meus músculos era a prova do esforço que eu vinha fazendo para manter-me afastado emocionalmente daquela mulher. Porque fisicamente, se tornara impossível. Eu me tornei a sua sombra e, com isso, podia sentir cada emoção e frustração que Isadora sentia.

Por vezes, pela maneira como caminhava ou se vestia, eu conseguia traduzir o seu humor. *E isso era o inferno!*

E se o silêncio autoimposto por Isadora não fosse problema o bastante, ainda havia Clarissa. Que se recusava a entender que não sentir vontade de transar com ela não me tornava um filho da puta egoísta.

— *Ouviu algo do que eu disse, Ricardo?* — Marcos inquiriu, ao não obter uma resposta imediata.

Eu tinha escutado, só que a mente estava longe. Mais precisamente na fera que vinha em minha direção, vestida e armada como se estivesse prestes a atacar o primeiro desavisado que passasse em sua frente.

— O Sr. Ferreira ainda não conseguiu a autorização da ordem de restrição — confirmei o que ele havia me passado.

— *O que nos leva à questão...*

— De que algo precisa ser feito — concluí, querendo encerrar o telefonema antes que Isadora se aproximasse.

— *Aquele infeliz estará em liberdade em poucos dias, Ricardo. E eu quero estar preparado para qualquer movimento que ele fizer.*

— Eu cuidarei de tudo, não há com o que se preocupar. — E não havia mesmo, pensei, antes de encerrar o telefonema e encarar Isadora, que se

encontrava agora cara a cara comigo.

A examinei dos pés à cabeça. Desde os sapatos altos vermelhos, até o casaco branco que a cobria quase que inteira. A meia 7/8 era escura, assim como eram as luvas que ela calçou na minha frente, enquanto também me encarava. Eu não esperava menos dela do que a perfeição, pelo menos no que se dizia respeito à sua aparência. E Isadora não era tola, ela sabia que o que fosse que estivesse prestes a enfrentar, ela iria deixar a sua marca assim que passasse pelo batente da porta do seu terapeuta.

Cerrei o maxilar ao sentir o perfume dessa mulher, que pouco a pouco tornava-se tóxico. Quanto mais eu o sentia, maior era a vontade de jogar tudo para o alto e me perder no corpo dela. Dar vazão às ânsias egoístas do meu próprio corpo, mas também ao tormento que era para o órgão batendo dentro do meu peito, que parecia não entender que não podíamos amá-la. Não era certo, não era justo.

E doía, porra!

Isadora

Encarei o Dr. Carvalho, que me encarou de volta.

O pequeno homem parecia um lunático. Um Einstein dos tempos modernos, perdido ou preso a essa sala, dependendo do ponto em que se era visto. A questão era que, após me recusar a tirar os sapatos e ficar à vontade, eu me sentei contrariada na imensa poltrona de pelos de carneiro. De acordo com o Dr. Carvalho, que citou alguns novos estudos que vinham sendo feitos na área terapêutica e sensorial, materiais naturais, como o utilizado na poltrona, tendiam a fazer com que pacientes ansiosos e depressivos relaxassem, como se estivessem em um ninho. Ou, no caso dos humanos, dentro da barriga de sua mãe.

Palavras dele, não minhas.

Enfim, aqui estava eu, sentada *no ninho*, porque a ideia de estar presa em uma barriga não me agradou, olhando para o homem que todos pensavam ser a chave dos meus problemas.

— Muitas vezes a síndrome do pânico surge como a maneira que o seu corpo encontra de alertar que há algo de errado com a vida que está levando... Você bebe? — Neguei. — Fuma? — Neguei novamente. — É ativa sexualmente? Libera endorfinas com frequência? Pratica atividade física? Grita com as pessoas na rua?

Não perguntei por que eu viria a gritar com desconhecidos na rua, mas novamente ele fez questão de explicar que todos esses hábitos, na verdade, eram libertadores. Alguns, mais nocivos que outros, mas ainda assim fariam com que ele tivesse uma noção melhor de quem eu era.

Sei que deveria dar a ele, e ao seu PhD em psicologia comportamental, uma chance. Não era possível que um homem como o Dr. Carvalho, com mais de trinta anos de experiência e dois prêmios importantes referentes à sua pesquisa sobre o crescimento da ansiedade dentro da sociedade atual, fosse um charlatão. Mas também não era possível que ele esperasse que eu me sentasse aqui, em sua confortável e quentinha poltrona, e aceitasse instantaneamente tudo o que me dizia.

O cara parecia realmente um maluco.

— Profissionais como psiquiatras tratam o lado biológico da questão — ele continuou. — Enquanto psicólogos e psicoterapeutas tratam a causa do problema. O que o motivou em primeiro lugar. Durante o período do tratamento, eu procuro ajudar meu paciente a lidar com os desafios encontrados no dia a dia, muitas vezes estressante. A reconhecer e diminuir os sintomas dos ataques de pânico e crises de ansiedade, mas, principalmente, a se autoconhecer. Porque é conhecendo a si mesma que você irá entender a origem dos ataques, a se afastar dos males que a levam a sofrer as crises. Parece conversa fiada, mas a verdade é que não há melhora sem autoconhecimento e eu preciso que compreenda esse fato antes de começarmos a trabalhar juntos.

Eu não queria me conhecer. Queria apenas que os ataques parassem.

Movendo os óculos antigos em seu rosto, e afastando os cabelos grisalhos que insistiam em cair em sua testa, ele esperou por minha resposta.

— O que garante que no fim desse *autoconhecimento* eu estarei curada?

— Não há cura, minha querida. A síndrome do pânico será um monstro que viverá dentro de você para sempre, assim como diversas bactérias que ao se multiplicarem podem matar quem as alimenta. — Meu Deus, gemi baixinho. — Mas cabe a nós decidirmos se iremos alimentá-lo ou não. Compreende?

Não, eu não acho que compreendia. E ao ver a expressão incrédula em meu rosto, ele prosseguiu:

— Sinto muito, mas eu não trabalho com garantias. Não estou lhe vendendo uma solução, estou lhe oferecendo a oportunidade de se conhecer e, com isso, saber o que ativa ou não os seus ataques de pânico.

Não resisti ao impulso de revirar os olhos, foi mais forte do que eu. Estar aqui e ouvi-lo dizer cada uma dessas palavras me pareceu tão... incerto. E *louco*: eu precisava frisar bem essa palavra.

— Conte-me algo sobre você, Isadora. Posso chamá-la assim, certo? —

Assenti, movendo-me desconfortável.

— O que deseja saber, exatamente?

— Vamos começar pela sua família, e a relação que tem com eles. — *Perfeito*, pensei de modo irônico, cruzando os braços em frente ao corpo.

— Meus pais faleceram quando eu tinha onze anos, eu sou a irmã do meio de três irmãos. — O Dr. Carvalho assentiu, fazendo pequenas e rápidas anotações.

— Como era a sua relação com os seus pais? — Separei os lábios, prestes a dizer a ele que eu não tinha nada a dizer a respeito desse assunto, mas o doutor levantou o olhar, como se me desafiasse. E foi exatamente assim que me senti: desafiada.

— Eu tinha uma relação próxima com a minha mãe e distante com meu pai.

— Seja mais detalhista.

— Não há muito mais o que dizer — menti. — Esse é não é um assunto com o qual eu me sinta confortável.

Fui avaliada.

— Conte-me então como é a relação com seus irmãos. — Isso só ficava pior, pensei ao desviar a minha atenção para o único quadro a decorar o consultório e que por alguma razão ficava acima da cabeça do Dr. Carvalho.

Fixei-me na imagem da mulher solitária e olhos deprimidos. O efeito da pintura em meu corpo foi imediato, o que me levou a desviar rapidamente o meu olhar e curiosidade.

— Eu também não gostaria de falar sobre eles, se não se importa.

Dessa vez, não houve qualquer anotação, o doutor apenas se inclinou e apoiou as costas contra a poltrona.

— Normalmente, eu termino a primeira sessão conhecendo um pouco mais a respeito dos meus pacientes, Isadora. Coisas simples, sua rotina, relações pessoais, no que trabalha... Mas quer saber o que sei a seu respeito até agora? Isso, após trinta minutos de consulta? — Ele perguntou, conferindo o relógio.

— Não. — *Eu não queria*, constatei, sentindo-me pressionada.

— Mas eu direi mesmo assim, já que você, ao que parece, não tem muito o que falar. Eu não sei nada, além do que sabia antes de vê-la entrar por aquela porta. Não é do meu feitio admitir isso aos meus pacientes, mas não vou negar que o seu caso me trouxe curiosidade a ponto de eu me questionar o que uma mulher como você esperaria de uma consulta comigo. — Senti aos poucos o ar me faltar. — Conhecidos ou não, importantes ou não, eu tenho critérios antes de dar início a qualquer tratamento com novos pacientes. E um deles é que a pessoa sentada do outro lado dessa mesa realmente queira e precise estar aqui. E não que esteja em busca de apenas uma fórmula mágica. Com o tempo, eu comecei a descobrir se um paciente valeria meu tempo no instante em que ele passasse por

aquela porta. Mas quando olho para você, Isadora, eu não vejo nada. — Mantive-me ereta, como se uma placa fria de metal fosse prensada contra as minhas costas. — O que me leva à questão principal aqui, que é a de que ou você não precisa da minha ajuda ou não a deseja. E, nos dois casos, aceitá-la como minha paciente seria perda de tempo. Vamos tentar de novo? — insisti, ao ver que eu o encarava aturdida. — Conte-me algo a seu respeito. Algo que eu não descobriria se procurasse pelo seu nome nos jornais.

O que ele queria saber, droga?

Que eu estava ferrada? Que só não levantava dessa porcaria de poltrona porque morria de medo de permanecer dessa maneira para sempre, e que a ideia de decepcionar o Marcos me corroía por dentro?

Havia tanto em jogo nessa consulta e ele não entendia, pensei, assustada comigo mesma, sentindo o nó preso em minha garganta crescer, ganhar proporções inimagináveis. Porque não havia espaço para mais nada dentro de mim, e eu não conseguia respirar...

— Você mostrou-me mais a seu respeito nesse momento do que na última meia hora — falou de maneira branda. — Eu não sou seu inimigo, mas também não estou aqui para passar a mão em sua cabeça e dizer que ficará tudo bem. Eu quero ajudá-la, mas preciso que você queira ser ajudada. Então me responda com honestidade: você deseja estar aqui?

Estar aqui era a última coisa que eu desejava.

— Você nunca será boa dançarina, minha querida. Não está em você — mamãe dizia a cada vez que me buscava nas aulas de balé. E o que para mim era um dos poucos momentos de diversão que me eram permitido ter tornou-se um pesadelo. Eu errava os passos quando a via me observar, quando não fazia pior e caía. E mesmo quando acertava algum passo difícil, não parecia o suficiente. Porque ao que parece a minha postura estava sempre errada. — Você é alta demais, para não dizer rígida, e no balé é preciso que haja graciosidade, Isadora. O melhor será que desista dessas aulas, porque são perda de tempo. Você não conseguirá o respeito de ninguém dançando. Sendo inteligente, sim, saltitando em um palco, não.

Eu gostava de dançar. Era um dos poucos momentos nos quais me sentia uma criança de verdade, porque eu fazia aquilo por diversão. Eu não queria ser perfeita enquanto imitava os passos da professora, queria apenas brincar. Fazer algo meu. Algo em que minha mãe não se intrometesse.

— Eu costumava gostar de dançar, gostava muito, para falar a verdade. — Foquei o meu olhar no Dr. Carvalho, afastando da mente o rosto frio de Lorena. E, conforme contei a ele o quanto doeu ter sido afastada do balé, e o quão duro era ter que provar em uma base quase que diária que era uma criança perfeita, eu

dei a ele a minha resposta.

Não porque eu desejava estar aqui, mas porque precisava.

Não sei ao certo como consegui sair daquele consultório depois que o ponteiro do relógio marcou o fim de uma hora. Nem mesmo como precisei de quinze minutos dentro da toaleta para conseguir deter o fluxo de emoções antigas que me bombardearam durante a sessão. Eu entrei naquele consultório como Isadora, e saí de lá como a filha perdida e solitária de Lorena Montenegro. E naquele momento, ao olhar para a vermelhidão do meu rosto, rubro por conta das lágrimas idiotas que me recusei a soltar, eu a odiei por não ter sido uma mãe melhor.

Por ter mexido tanto com a minha cabeça, em vez de ter simplesmente aproveitado o pouco tempo que tivemos juntas. Essa era a razão pela qual eu não gostava de falar sobre ela ou o meu pai, porque me fazia mal.

O coração comprimido, quase sem batimento, era outra das razões. A verdade era que o meu corpo não sabia como enfrentar certos tipos de emoções sem entrar em parafuso. Por isso, enquanto as pessoas ao redor se tumultuavam dentro do elevador, eu me concentrei unicamente em puxar o máximo de ar que conseguisse sem chamar atenção. Mas, do décimo andar até o térreo, a sensação de não ter fôlego suficiente cresceu, assim como a falta de percepção do que acontecia a meu redor. Senti-me apertada, espremida. As pernas, antes firmes, pareciam geleias rígidas. Duras, porém impossíveis de se manter de pé. E dessa vez não eram apenas os meus dedos a estarem dormentes, era o corpo inteiro.

Recuei um pouco mais, batendo contra o material gelado que revestia o elevador, quando um grupo de mulheres entrou. *Um, dois, três...* obriguei-me a contar. Até que o maldito letreiro mostrou que estávamos no térreo. Esperei que todos saíssem, segurando-me na barra de ferro e, ao ver que não havia ninguém ao meu lado, eu arfei, puxando o máximo de ar para dentro dos meus pulmões. Mas nada, nenhuma das tentativas foi suficiente. Eu não conseguia respirar.

Aterrorizada por estar sozinha enquanto me via refém de outro ataque de pânico, eu praticamente chorei de alívio quando me senti sendo pega por braços familiares.

Olhei para o homem que me segurava e cravei as unhas com força em seu terno de forma instintiva, segura de que enquanto ele estivesse comigo eu não cairia. Ricardo foi, e ainda era, o meu suporte.

— Ei, calma. — Fechei meus olhos ao escutar o som de sua voz, desejando ser transportada para qualquer lugar, desde que fosse nosso. *Eu não te esqueci*, minha mente perturbada sussurrou. *Eu não te esqueci*. — Vai ficar tudo bem, Isa, eu estou aqui agora.

Mas até quando? Foi tudo em que consegui pensar

— Faça com que tudo volte ao normal — implorei, mal reconhecendo a minha voz. — Eu não suporto mais sentir como se não tivesse as rédeas da minha vida. Por favor, Ricardo, só faça com que pare...

Era em seus braços que todo o medo desaparecia, sempre foi assim. Eu poderia estar surtando, tendo o pior dos ataques, que ao me segurar e envolver, eu esquecia de tudo.

Eu me perdia e me encontrava. Tudo em um único abraço.

— Odeio te ver assim — falou, com o rosto afundado entre as mechas do meu cabelo. — E sei que é difícil acreditar, mas se tem alguém que é capaz de passar por isso e sair inteira, esse alguém é você, Isadora. — Seus dedos deslizaram pela minha pele, a pressão deles fez-me olhar para cima. — Nada do que está sentindo é real, e você sabe.

Dando-se conta de que eu não conseguia parar de tremer, Ricardo acionou a trava de emergência do elevador após as portas se fecharem e segurou fortemente o meu rosto. Odiei que dessa forma ele conseguisse ver o choro contido em meus olhos e o tremor de minha boca. Odiei tanto que tentei empurrá-lo, querendo causar danos a alguém além de mim.

Era culpa dele que minhas noites já não fossem mais as mesmas. Culpa dele que meu corpo ficara viciado no seu toque, seu carinho. Era culpa dele que cada vez que o vi nesses últimos dias eu desejei correr para os seus braços e esquecer o mundo de diferenças e impedimentos que existia entre nós dois. Sabendo que acabaria por me machucar se tentasse feri-lo, Ricardo segurou os meus pulsos, mantendo-os exatamente no vão entre nossos corpos. Fui praticamente esmagada ao ser contida sem que ele fizesse esforço; e o meu corpo, qualquer resistência.

Preso sob o seu domínio, eu descansei a cabeça em seu peito e respirei tão fundo que o tremor veio ainda mais violento.

— Você continua a me segurar sempre que estou prestes a cair — murmurei, com raiva. — Não percebe que isso dificulta tudo?

— Essa situação não está sendo exatamente fácil para mim também, gatinha. — Debatí-me ao escutá-lo me chamar por esse apelido ridículo, mas quando não era esse o termo, era um muito pior. — Às vezes, eu penso que sou um filho da puta masoquista por me colocar nessa posição, só que tem algo que não me deixa afastar, que me prende a você de tal maneira que desconfio que eu esteja ficando louco.

— Como eu.

— Não como você, mas por você, Isadora.

— Não diga isso. Não seja cruel...

— É a verdade. — Neguei, não querendo acreditar.

— A única verdade aqui, Ricardo, é a de que você continua casado.

Nos entreolhamos de maneira intensa e feroz, meus lábios ainda trêmulos, ansiando pela boca desse homem enquanto o meu coração desmanchou-se inteiro diante do modo com que Ricardo grunhiu:

— Eu sei, e odeio que seja tão fácil me esquecer disso quando estou perto de você.

Ricardo

ISADORA OFEGOU ANTES mesmo de eu empurrar a minha boca contra a dela. O rosnado rouco que me escapou fez com que se contorcesse inteira enquanto eu a esmagava com meu corpo. Sua língua duelava com a minha em um emaranhado suave e ao mesmo tempo voraz. Porra, eu queria ir devagar, mas a vontade que sentia dela falou mais alto.

O casaco que usava, agora aberto, elevou o patamar do beijo a outro nível, pois ao imprensar meu corpo no seu, eu fui capaz de sentir cada uma de suas curvas. Os seios pequenos sendo apertados pelo meu tórax, e a cintura fina, circulada por meus dedos. Era fácil manuseá-la. Pegá-lo no colo, então, não teria dado qualquer trabalho, mas se estivesse certo, e eu quase sempre estava, haveria câmera nesse maldito elevador e a última coisa de que precisávamos era de um *sex tape* nosso circulando pela internet. Eu cuidaria para que não acontecesse, mas não agora.

No momento, tudo o que eu queria era memorizar esse beijo. Gravar o gosto dele, o cheiro dela. A pele macia sob os meus dedos. Os olhos verdes loucos, cheios de desejo e uma outra emoção que eu nunca fui capaz de traduzir. Mas havia algo ali, algo que a assustava e a fazia se manter distante.

Recusando-me a pensar, eu afundei a língua em sua boca molhada, sem pensar nas consequências. Um beijo, porra, e era como se nunca tivéssemos nos separado. O sentimento e a vontade eram os mesmos, se não mais intensos. Só que nós precisávamos parar, maldição! Eu estaria cometendo um erro se nos deixasse seguir por esse caminho, e desde que essa mulher entrou na minha vida, erros pareciam ter se tornado a minha sina. Era um atrás do outro, gerando sequelas nem sempre remediáveis.

Por isso me afastei. Por isso e porque sabia que, se continuássemos, um beijo não seria suficiente. Assustada com a ausência do meu corpo e sua própria reação, Isadora levou a mão à boca, para se certificar de que fora real.

Meus olhos permaneceram fixos nela, vendo a expressão assustada se transformar em nada além de frieza. Afaguei a pele branca, meu polegar esfregava a bochecha agora vermelha, enquanto forçava-me a me acalmar.

— Isadora...

— Foi apenas um beijo, a porcaria de uma fraqueza, mas não significou nada — falou, agitada. — Isso nem mesmo vai voltar a acontecer, porque...

— Cale a boca e me escute por um segundo.

— Eu não quero te escutar.

— Mas vai — declarei. — Fraqueza ou não, esse beijo aconteceu, e isso é algo que não irá se repetir, você está certa. Há muito em jogo aqui, além do quê, nós dois já estivemos nessa mesma posição e sabemos que não tem como dar certo. Nada entre nós dois teria futuro.

— Ótimo! — Ela revirou os olhos, com indiferença. — Será que agora podemos sair desse elevador? Ele é pequeno demais para nós dois.

Eu diria o contrário, que ele era do tamanho exato do nosso tesão. Eu quase podia nos imaginar nus aqui.

— Eu vou liberar a trava de emergência — avisei, para que tivesse tempo de se recompor. — Está caindo um pequeno temporal lá fora, então...

Isadora não ficou para me escutar, e assim que o elevador foi liberado, ela escapou pelo hall do edifício molhando-se inteira. Minha primeira reação foi correr até ela, mas sem o ticket de estacionamento validado nós ficaríamos presos debaixo da tempestade. Ainda assim, quando consegui finalmente alcançá-la, ambos já estávamos encharcados.

— Qual é o seu problema? Perdeu a cabeça? — Eu não era pago para que coisas assim acontecessem. Um minuto de distração e todo tipo de merda tendia a acontecer.

Sequestros relâmpagos, assaltos, acidentes... Isadora não fazia ideia de todo tipo de porcaria com que tive que lidar desde que o Grupo Hangar foi criado. E alvos como ela, vulneráveis, acabavam por ser sempre os primeiros a pagarem o preço.

Verifiquei o arredor, procurando por algo estranho. Um carro, um suspeito, alguém com celular na mão. Mas não havia nada. Éramos só nós dois, debaixo de uma chuva torrencial.

— Eu só quero ir para casa — falou, recusando-se a virar.

E já que a *dama de ferro* não pretendia cooperar comigo, eu lidaria com a situação do meu jeito. Tanto que no último minuto eu a segurei, fazendo-a olhar para mim. O rosto, cabelo, sua roupa, tudo em Isadora se encontrava molhado. Mas era a maneira como tremia, a olhos vistos, que fez com que eu desse um passo em sua direção.

Isadora não recuou, e a chuva caindo sobre nossas cabeças contribuiu para tornar o momento um indesejado desastre erótico.

— Você ainda vai me deixar louco — rosnei, cercando-a com minha sombra e tamanho, e empurrando-a contra o carro sem sequer tocá-la. A boca inchada de Isadora entreabriu quando ela se chocou contra a lataria gelada e foi nesse momento, nesse pequeno e catastrófico momento, que eu rodeei a sua nuca e a beijei. Outra vez.

A chuva, escorrendo por nossos rostos, fez do beijo algo quente. Suave, de um jeito gostoso. Nos movemos, procurando pela posição mais confortável, pela melhor maneira de nos tocarmos. Suas mãos contornaram o meu pescoço, e as minhas deslizaram por dentro do seu casaco até chegarem às suas costas. Apertei-a dessa maneira, sentindo a necessidade de tocá-la como fiz tantas vezes no passado. Sem qualquer pudor ou decência.

Mas então, Isadora mordeu meu lábio inferior, exterminando o pouco da razão que ainda me restava e a carícia escorregou pelo seu cóccix, bunda e pernas. Meus dedos apertavam, embolando em seu quadril, o tecido justo do seu vestido. Cheguei a sentir o contorno de sua calcinha por cima, e tudo o que visualizei depois disso foi ela nua em pelo.

— A gente precisa parar... — grunhi contra a sua boca, recusando-me completamente a soltá-la. O que Isadora também fez. — Não dá para continuar dessa maneira... — Queimando e ardendo sempre que nos víamos. Pensando nas centenas de maneiras em que eu poderia arrastá-la para a nossa cama. — Porra, não há nada *nosso* aqui. Não existe a *gente*!

Isadora não compreendeu a princípio, mas logo se deu conta de que eu não me referia apenas ao beijo, mas a todo o resto. Todo. O. Maldito. Resto.

— Não me olhe ou aja como se eu fosse a única culpada — ela falou. — Eu não voltei a esse fim de mundo porque eu quis, nada disso foi decisão minha. E juro, Ricardo, que se depender de mim, eu saio desse país na primeira oportunidade que surgir. Esse não é o meu lugar.

— Onde é o seu lugar então? — rebati, em um tom de voz baixo. — Na Espanha? Rodeada por estranhos? Todos que a amam estão aqui.

— Não há todos.

— Você não pode ser tão cega. É inteligente demais para não enxergar o que está bem à frente dos seus...

Eu ia dizer *dos seus olhos*, porque havia bem mais pessoas que se preocupavam com ela do que somente o Marcos, mas escolhi beijá-la, empurrar minha boca novamente contra a dela e ouvi-la gemer, surpresa. Cada um segurou o rosto do outro, enquanto nossas bocas se consumiam. Matavam sua saudade.

— Porra como eu senti falta de você... — Esse foi justamente o momento em

que o toque do meu celular se impôs entre nós dois como um choque duro de realidade. Notei o semblante de Isadora se fechar enquanto eu o pegava do bolso. A imagem de Clarissa aparecendo na tela foi o suficiente para que ela ofegasse de modo seco. Os olhos frios, completamente vidrados no visor. Não fora escolha minha colocar essa foto aqui, esse era um telefone usado para fins profissionais, mas Clarissa parecia não compreender certos limites.

— Aposto que a *Santa Clarissa* deve estar se perguntando onde o maridinho leal dela se enfiou...

Eu não precisava ter esse tipo de merda jogada na cara. Não quando era o primeiro a reconhecer meus pecados. O toque, para o nosso desespero, persistiu sem nos dar trégua.

— Eu preciso atender — grunhi, ciente do que tinha de fazer e dei um passo atrás. Distanciando-me de Isadora.

Isadora

— Clarissa, não... apenas me escute e se acalme, tudo bem? ... Eu estou voltando agora, mas não quero que fique sozinha. Ligue para a minha mãe e... — Ricardo se moveu irritado pelo estacionamento. — Faça isso por mim então, você sabe que eu me preocupo.

Senti-me internamente cambalear. Perder o equilíbrio de minhas pernas.

Você sabe que eu me preocupo...

Foram essas as palavras que fizeram com que eu me sentisse um monstro. Porque instantes, segundos, atrás a boca daquele homem estivera colada na minha e a última coisa que senti foi remorso. Mas agora? Com a realidade esfregada em minha cara, eu percebi que era uma pessoa ruim. Muito, muito, ruim.

Uma onda forte de náusea me atingiu, fazendo com que eu me obrigasse a entrar no carro, que foi onde eu realmente comecei a tremer. Desfiz-me do casaco encharcado e das luvas, sentindo meus dentes baterem um contra ao outro. Todo o calor e desejo desapareceu sem deixar rastros. Eu estava congelada, por dentro e por fora. Quando percebi que teríamos mais algumas horas até que Ricardo e eu estivéssemos a uma distância segura um do outro, eu me desesperei. O carro confortável no qual viajamos já não parecia ter espaço suficiente para nos abrigar. Nervosa, eu me inclinei sobre as pernas e escondi o meu rosto entre as mãos.

Você está tão ferrada, Isadora. Só olhe a bagunça na qual se meteu. Sua mãe

teria vergonha de você.

Tapei meus ouvidos, acreditando que assim abafaria o som da minha própria consciência. Mas a voz irritante continuou a sussurrar coisas horríveis em minha cabeça. Deixando-me perto de um colapso.

Não, droga! Eu não podia ter um ataque justamente agora.

Temendo que os sintomas surgissem, eu comecei a controlar a minha respiração. Ignorando a presença de Ricardo quando o mesmo entrou, sentando-se no banco do motorista ao meu lado.

Cheguei a colocar a mão na maçaneta, prestes a ir para a parte de trás do carro, mas ele me impediu.

— Sei que está assustada, Isadora, eu não estou muito melhor, posso te garantir. Mas...

— Eu não quero te escutar, apenas me leve para casa.

— Eu vou, mas gostaria que você viajasse na parte da frente comigo.

— Por quê? — perguntei em um chiado, sem compreender.

— Porque se algo acontecer a você, eu conseguirei ver sem que tenha que olhar constantemente para trás. Não quero correr riscos.

— Risco que eu tenha um ataque?

Ele negou, pegando o casaco molhado sobre as minhas pernas e o jogando no banco traseiro. O aroma masculino de sua colônia deixou-me ainda mais zozna.

— Risco que você precise de mim e eu não esteja perto.

— Você não pode continuar a me proteger de tudo e todos.

Ricardo assentiu e a mandíbula quadrada tornou-se mais evidente. Ele estava nervoso.

— Eu sei.

Então por que não parava de agir como se pudesse?

Isadora

HOJE NÃO SERIA um dia comum. Dei-me conta, no instante em que pisei no andar da diretoria e fui indevidamente abordada por uma pobre criatura, ainda na recepção, que às dez horas da manhã já se encontrava uma loucura. Não era do meu feitio chegar nesse horário, normalmente eu era uma das primeiras a pisar na Montenegro e a última a sair. E esse, com toda certeza, era um sinal claro de que um apocalipse se aproximava. Outro acontecimento estranho, foi o fato de que Hélio, o antigo motorista de Rachel, foi quem ficou responsável pela minha segurança e locomoção.

Não que ele ou Ricardo tenham se preocupado em me avisar.

Evitei pensar sobre isso na noite passada, e encarei a nova recepcionista, querendo descobrir o recado tão importante que ela tinha para dar e que não podia esperar até que eu estivesse devidamente instalada em minha sala.

— O seu irmão, ele pediu... — Ela se calou ao compreender que o que diziam pelos corredores a meu respeito tinha uma grande chance de ser verdade.

— O que for que o Sr. Montenegro tenha solicitado a você, terá que esperar. — Tomei o meu caminho, dando-me conta de que ela me seguia através do som irritante de seus sapatos baratos.

— Mas é importante — insisti, pegando-me em um péssimo dia e humor.

Sem clemência, eu me virei e a encarei.

— Você é nova nesta empresa, estou certa?

— Si-sim — hesitou.

— Quem foi que te passou essa tarefa? — Ela se mostrou confusa.

— A Janine, da recepção, foi ela quem atendeu ao telefonema do Sr. Montenegro, mas... — Típico.

— Ouça bem o que vou dizer, porque não costumo distribuir conselhos de graça, entendeu? — falei com calma, incerta da sua capacidade de compreensão.

— Quem foi que a aconselhou a me abordar dessa maneira invasiva, não fez

com intuito de ajudá-la e sim o contrário. — A moça empalideceu. — Da próxima vez, fale com o meu assistente e pergunte a melhor maneira de chegar até mim. Se ele não estiver em sua sala, espere pelo menos que eu tenha tempo de colocar a minha agenda em ordem. Fui clara?

— Eu... não sabia. Achei que...

— A única razão de eu estar sendo *tão didática* é porque não quero ver Janine ou qualquer uma daquelas mulheres se achando vitoriosas por terem feito hora com a sua cara, mas não volte a me abordar dessa maneira e, por favor, seja mais esperta.

— Eu serei. — Apressou-se em dizer e, em seguida, repassou o *urgente* recado de Marcos.

O que não contribuiu em nada com a minha manhã. Acho até que o meu encontro com Marcos seria a cereja de um bolo estragado.

Entrei sem bater, não vendo razões para adiar nossa conversa.

— Quem tem feito a contratação de nossas secretárias? — Marcos afastou a planilha que analisava e me fitou, confuso.

— Primeiro me diga se eu devo me preocupar com o seu súbito interesse no que acontece com o RH.

— Bom, se quem as está contratando continuar selecionando rostinhos bonitos em vez de mentes que sabem como usar o cérebro que lhes foi dado, talvez você deva sim começar a se preocupar.

— Espero que você tenha guardado a sua opinião para você dessa vez, Isadora. Porque a última coisa que precisamos no momento é de um processo trabalhista.

— Não se preocupe, eu guardei — admiti, aborrecida. — Só não garanto que da próxima vez eu terei o mesmo cuidado, porque não suporto quem se deixa ser enganado e acha que o mundo é cor-de-rosa, ou que todas as pessoas são legais e gentis.

— Vejo que está em um ótimo humor hoje, irmã. Essa é a razão de ter chegado tarde?

— Você sabe que esse é o horário padrão que os diretores chegam, certo? Nós é que madrugamos nesse lugar.

— Às vezes, a impressão que tenho é a de que você quer ensinar ao padre como se rezar a missa.

— Eu poderia. Inteligência não me falta. — E eu, definitivamente, não me referia a missa ou a reza.

Meu irmão sorriu e, de repente, foi como se tudo estivesse bem entre nós dois. Eu sentia falta dessa nossa camaradagem um para com o outro. Eu teria até dividido isso com ele se não fosse por Marcos trazer à tona o assunto que

gostaria de tratar comigo.

— Como foi a sua consulta ontem com o Dr. Carvalho? — sondou, com cuidado.

— Foi do jeito que imaginei que seria. Passei o caminho inteiro não querendo ir, e toda a consulta desejando não estar lá. E ao sair daquele prédio eu gostaria apenas de nunca mais ter de voltar.

— Não seja obtusa.

— Então não invada o meu espaço. — Ele franziu a boca, contrariado.

— Quando será a próxima consulta?

Hesitei por duas razões. A primeira delas é que ir até Florianópolis significava ter que dividir o carro com Ricardo outra vez. E o trajeto não era curto. A segunda, eram as emoções, ainda instáveis, que a consulta de ontem me causara. E se fosse ser sempre dessa maneira? Se a cada vez que saísse daquela sala eu me sentisse um pouco mais perdida?

Não era para ser o contrário?

— Isadora...?

— Acho que na próxima semana. A assistente dele ligará confirmando — menti.

— Então você e ele se entenderam?

— Pode-se dizer que sim.

— Ótimo.

Minha resposta fez com que Marcos relaxasse em sua poltrona, o que por consequência fez-me sentir horrível. Qualquer possibilidade ou desculpa para não retornar ao consultório escorreu água abaixo, porque a ideia de decepcioná-lo não era algo que me agradava.

Ele era o motivo pelo qual concordei em buscar ajuda, para começo de conversa.

— Se houver alguma mudança, seja em relação aos horários ou ao seu terapeuta, basta me informar. Não quero controlar sua vida, mas preciso saber que pelo menos está tentando.

Assenti desconfortável, meu foco indo todo para a fotografia na estante de Marcos. Que nesse momento se afastava da mesa para pegar alguns papéis que haviam sido impressos. Observei com atenção um dos poucos porta-retratos a decorarem esse lugar. Nele, havia uma foto de Sofia montada em um cavalo branco, o abraçando pelo pescoço e sorrindo para a câmera.

Então esse era o Barão que todos tanto falavam, o cavalo que vinha sendo adestrado por Guilherme para que Sofia o montasse no futuro.

— Ela é como a Mariana, não é? — Apontei para a imagem, me perguntando quanto tempo levaria até que seus sonhos fossem destruídos. Como os da mãe

dela haviam sido.

Em nossa família não havia espaço para distrações ou liberdade. Marcos tentou se afastar, e falhou. Mariana tentou seguir o seu sonho, e isso foi tirado dela da pior maneira possível. E comigo não teria sido muito diferente caso eu tivesse sido estúpida a ponto de insistir em um caminho que nunca seria aceito ou benquisto. A verdade era que o destino de cada um de nós estava entrelaçado a Montenegro. E todo e qualquer esforço feito para se afastar do legado deixado por nosso pai seria uma indiscutível perda de tempo.

— Em parte sim — Marcos falou, como se sentisse orgulho da garota. — Acho que ela é uma mistura de todos nós. Principalmente de você e Mariana. — *Não mesmo*, rejeitei completamente a ideia. — Sofia é teimosa, Isadora, mas tem uma inteligência que me lembra muito a sua quando era pequena. Sempre contestando tudo, e tão adulta...

— Até quando irá permitir que ela se iluda? — eu o cortei, não querendo ouvir nada relacionado a minha infância.

— Do que está falando?

— Essa ideia absurda que ela tem de que irá seguir os passos da mãe. Não é justo que vocês a deixem acreditar que poderá ser o que quiser, para no futuro arrancarem isso dela.

— É isso o que você acha que vai acontecer?

— Foi o que aconteceu com Mariana. — E todos nós, de certa maneira.

— Eu cometi um erro com nossa irmã, um não, vários. E não apenas com ela, Isadora. Por isso estou tentando compensar as minhas falhas e consertar onde errei.

Quando Marcos iria entender que *consertar* nossas vidas não estava nas mãos dele?

— Terminamos? — perguntei, ao me levantar.

— Ainda não. — Sacudi a cabeça.

— Vai chegar um momento em que eu irei me recusar a entrar nessa sala, Marcos. Porque juro, eu estou cansada de sair daqui como se o peso do mundo estivesse sobre as minhas costas.

— Então você não irá gostar do que eu tenho a dizer.

Voltei a me sentar, resignada. Se fosse mesmo o apocalipse chegando, que pelo menos eu estivesse confortável.

— Recebi um telefonema do Sr. Ferreira ontem pela manhã. Segundo a informação que lhe foi passada, Henrique estará solto até o final desta semana.

— Meu pé, que se movia agitado, estacou diante da sentença dada por Marcos.

— Nós já sabíamos que algo assim iria acontecer, Isadora. Tanto que providências foram tomadas.

Eu não queria saber que tipo de providência ele tomou, menos ainda se elas envolviam o Ricardo. Porque a mera possibilidade de cruzar com Henrique e ficar cara a cara com aquele infeliz era suficiente para me deixar nervosa. Eu passei dois anos ao lado daquele desgraçado, eu fui para a cama com ele, deixei-o fazer parte da minha vida. E para quê? Para que roubasse a empresa da minha família?

Perdoar sua traição foi a coisa mais simples que tive que fazer, porque eu não o amava. E se considerei me casar mesmo após o incidente com Mariana, foi porque eu a odiava. Hoje percebo que se Marcos não tivesse interferido, à sua maneira, eu teria sacrificado a minha felicidade somente para ter o prazer de esfregar a vitória na cara da minha querida irmã. Não que a bastarda fosse se importar, porque só depois de cometer a burrada foi que ela se deu conta que amava outro homem.

Que novela, meu Deus!

— E quanto à ordem de restrição?

— O juiz ainda não autorizou — Marcos grunhiu, e eu afundei na poltrona. — Mas de qualquer maneira, Henrique não será estúpido a ponto de tentar se aproximar de vocês. Fique tranquila.

Tranquila? Só de imaginar a possibilidade de me deparar com aquele homem, meu corpo inteiro se rebelava. Nojo, raiva... Sei que nos usamos mutuamente, mas eu jamais o perdoaria por quebrar minha confiança e colocar em risco a Montenegro.

— O que faremos em relação à imprensa? — Tentei pensar com objetividade. — Há algo que eu possa fazer?

— Você ajudaria mantendo-se afastada de tudo relacionado a esse assunto. — Revirei os olhos. — Vou pedir que nosso assessor se programe e esteja pronto para rebater qualquer matéria sensacionalista ou mentira que aquele infeliz disser a público.

— Planejar uma abordagem com a imprensa sempre foi o meu trabalho.

— E continua sendo, Isadora. Só não quando se trata de Henrique. Não quero que o seu nome seja relacionado a ele outra vez. E isso não é uma sugestão.

Era uma ordem.

— Como quiser, Sr. Montenegro. — Sorri apática e dei-lhe as costas.

Ricardo

Cruzei os braços e me apoiei no batente da porta, enquanto observava minha

esposa descansar sobre a cama. Depois da maneira alterada com que a encontrei na noite passada, eu não fui capaz de deixá-la sozinha. Clarissa não apenas telefonou para toda a minha família, chorando e dizendo coisas horríveis sobre a mulher que ela alegava ter tentado roubar o seu marido, como revelou à minha mãe, em específico, que a única razão pela qual teria a criança que esperava era porque eu havia voltado para a nossa casa.

Não sei qual era a intenção dela ao causar esse tipo de cena, mas minha paciência estava realmente chegando em seu limite. Não era novidade que o acontecia dentro de nossa casa deveria permanecer entre nós dois. O que não vinha acontecendo há um bom tempo. Agora, como conversar com alguém que não apenas se recusava a te ouvir como passara toda a noite chorando e dizendo estar passando mal?

— Como está se sentindo? — perguntei, ao vê-la abrir os olhos.

Clarissa tinha pouco mais do que onze semanas, mas as mudanças em seu corpo não eram sequer visíveis. Não com ela vestida. O que não era o caso nesse momento, pois ao correr para a cama de hóspedes no meio da madrugada, ela o fez seminua. Calcinha e sutiã eram tudo o que usava.

— Volte para a cama, Ric. Eu não me sinto bem ainda. — Clarissa ficara toda a manhã deitada, mas se esse mal-estar continuasse eu teria de levá-la para o hospital mesmo com ela alegando não ser preciso.

— Você precisa comer algo, Clarissa. Tomar um pouco de sol...

— Não estou com fome e não preciso de sol. — Ela afastou o cobertor que a cobria, mostrando a pele exposta. — O que eu preciso é de você.

— Nós estamos indo para o hospital. Se vai continuar se recusando a comer, e a se levantar, para que eu tenha certeza de que está tudo bem, eu vou ser obrigado a...

Ela saiu da cama e me abraçou.

— Eu como se você prometer que irá passar o dia comigo e com o seu filho. — Clarissa levou a minha mão até o seu abdômen. — Nós sentimos a sua falta ontem.

Não pense que eu não tentei *estar* com minha esposa e amá-la. Porque amar Clarissa era infinitamente mais fácil do que amar Isadora. Só que não era assim que nossas emoções funcionavam, certo? Amar não era um ligar e desligar de sentimentos sempre que fosse cômodo. Amar tinha a ver com alma.

E a minha, infelizmente, não amava a mulher que se encontrava em meus braços.

Isadora

Passava das 22h quando pisei na mansão. Vera, como sempre, era a única da equipe de funcionários a permanecer acordada até o meu retorno. Sem nunca me encher de perguntas ou conselhos, que eu não teria pedido. Era um acordo tácito de silêncio, em que ela fazia o que era paga para fazer e eu, sempre que possível, a ignorava.

— Meu irmão já se recolheu? — indaguei, exausta, sentindo que carregava realmente o peso do mundo sobre as minhas costas. E ele não diminuía.

— Sim, ele e a esposa. Como sei que a senhorita não tem o hábito de jantar tarde, eu deixei alguns sanduíches preparados.

Assenti, soltando um murmúrio baixo de agradecimento. Após a ducha rápida que tomei, eu praticamente gemi ao entrar na cozinha e sentir o cheiro do sanduíche preparado por Vera. Ricardo estava certo, eu tinha o hábito de perder o horário das minhas refeições, e quando parava para comer era porque a fome, normalmente, chegara ao seu extremo. Beliscando aos pedaços o pão integral com folhas verdes e salmão defumado, eu caminhei até a imensa sala de estar e me acomodei no sofá após me servir de uma taça de *Chardonnay*.

Definitivamente o meu vinho favorito. O sabor encorpado costumava variar de acordo com a estação da colheita. Tempos mais frios geravam vinhos mais duros, e com alta acidez. Quando era o contrário, a bebida costumava ser menos ácida e com teor alcoólico bem mais elevado. De qualquer maneira, o paladar final era sempre refrescante, mesmo que adocicado.

Podendo relaxar pela primeira vez desde que acordei, eu trouxe minhas pernas até a extremidade do sofá e assisti ao fogo queimar na lareira. O crepitar das tochas de madeira teve um efeito tranquilizador, assim como o balançar suave das chamas. O momento foi interrompido pela entrada de Rachel no cômodo, que só se sentou do meu lado após se servir com sua própria taça de vinho. E, diferente do que fiz, minha cunhada esticou as pernas e descansou os pés sobre a mesa de centro. Um gesto tão banal, e ao mesmo tempo descuidado, que teria feito os cabelos de minha mãe se arrepiarem.

— Escapando de novo? — perguntei, ignorando a certeza momentânea de que se Lorena fosse viva, Rachel jamais teria entrado nessa casa.

— Não, dessa vez eu estou apenas curiosa. — Sorriu de maneira enigmática. — Você e aquele homem foram para Florianópolis ontem, e quando ele a trouxe era tão tarde que Marcos e eu já não estávamos mais acordados.

Revirei meus olhos, e em seguida tomei um longo gole do meu vinho.

— Você já ouviu o ditado de que a curiosidade matou o rato? Se bem que nesse caso, seria a ratinha, não é? — Rachel ficou vermelha, e com razão. Não fora uma ou duas vezes em que escutei, sem querer, a maneira como meu irmão a chamava quando não havia ninguém por perto.

— Você é tão má — respondeu, levando o meu comentário na brincadeira. — E sei que não é da minha conta, mas não posso deixar de me perguntar como é para você, estar perto dele novamente.

— Você sabe que ele é casado, certo? — Pela sua expressão, descobri que não sabia.

— Mas... você e ele... esse tempo todo? Mesmo ele sendo casado? — Não houve reprovação em sua voz, apenas preocupação. Honesta e simples.

— Não como está imaginando, Rachel. Na primeira vez que nos beijamos, sim, ele ainda estava com a esposa, mas depois não... porque ele a deixou — admiti, apressando-me em explicar que não era como ela imaginava. — Fora que desde o princípio eu soube que seria apenas sexo, entende? Na época, tudo estava tão confuso... Henrique sendo preso, Mariana de volta... você na vida do meu irmão. Eu queria apenas...

Alguém que me segurasse e fizesse esquecer cada um de meus problemas. E foi isso que tive nos braços de Ricardo, mas mais do que esquecimento, eu queria me sentir viva!

— Você não tem por que se explicar para mim, não tem mesmo — Rachel garantiu, envolvendo uma de minhas mãos.

— Nunca foi minha intenção deixar que chegasse ao ponto que chegou, Rachel. — Eu me virei para ela, sentindo certo alívio em poder dividir essa angústia com alguém. — Nunca quis ficar com ele, mas depois que começou...

— Você não conseguiu parar. — Assenti. — Foi por causa dele que decidi deixar o país?

Não tinha sido apenas por causa do Ricardo, mas ele foi sim o principal motivo da viagem. O outro, era a mulher segurando a minha mão como se fôssemos as melhores amigas do mundo. Foi o pouquinho de afeto e preocupação que descobri sentir por ela que deu início ao temor de me confrontar com emoções com as quais nunca precisei lidar. Rachel foi quem me fez enxergar que eu já não era mais a mesma, e que, assim como sofri com o que aconteceu a ela, eu também corria o risco de sofrer quando Ricardo e eu terminássemos.

Eu só fiz com que fosse mais rápido. Que não doesse tanto como provavelmente doeria se tivéssemos continuado juntos naquela época.

A precaução, porém, se mostrou inútil.

— Me envolver com ele foi um erro — falei por fim.

— Mas se ele se separou... vocês dois poderiam...

— Ele voltou para a esposa — falei, seca, sentindo-me traída.

— Por que todos os homens têm de ser tão idiotas? — falou, baixinho. E eu concordei.

— Não deixe o Marcos te ouvir dizer isso.

— Eu amo o seu irmão, Isadora, mas não sou cega para os defeitos dele. — Ela bebeu do seu vinho. — E ele tem muitos, muitos, defeitos.

— Eu sei.

Ficamos em silêncio por algum tempo.

— Não acha estranho que seja Ricardo que esteja fazendo a sua segurança? Sei que Marcos confia nele, mas... por que ele aceitaria?

Dei de ombros, pois eu não fazia ideia.

— Eu cheguei a pensar que fosse por vingança. Mas ele não é assim, Ricardo é correto em tudo o que faz. Ou quase tudo. — Ela riu baixinho. — Sei que se dependesse de mim eu nunca mais colocaria os olhos sobre ele, Rachel.

— Você ainda se importa com ele?

— Não — menti, virando o restante do vinho branco em minha taça.

— Eu não estava aqui na época, mas como foi quando você descobriu a traição do Henrique? — Eu a encarei, querendo entender aonde ela pretendia chegar. — Você sofreu, Isadora? Quis fugir? — Não, eu não quis.

Eu me senti mais humilhada do que machucada.

Então, ao notar que ela esperava por uma resposta, eu compreendi qual era o seu ponto. Havia uma enorme diferença entre os dois casos. E a principal delas era que eu precisei atravessar o Oceano Atlântico para me impedir de correr para os braços de Ricardo outra vez.

— Se ele não fosse casado... — ela arriscou, mas eu logo a cortei.

— Nada mudaria. Porque ele e eu somos de mundos diferentes. — Éramos como a dama e o vagabundo.

Sem todo aquele macarrão, é claro.

— Marcos e eu também — disse, com firmeza.

— Mas vocês se amam. — Ela bufou.

— Sei que não está à procura de conselhos, e que se estivesse eu provavelmente seria uma das últimas pessoas a quem recorrería...

— Você não seria uma das últimas. — Fui honesta. — Acho até que seria a primeira, desde que o assunto não pudesse ser tratado com o Marcos. — Rachel me encarou, meio que em choque pelo que revelei. — Você estava dizendo... — Eu a incentivei a continuar.

— Eu só não gostaria de vê-la cometer os mesmos erros que os seus irmãos,

Isadora. Não espere ser tarde demais para compreender o que sente.

Tarde demais... Eu já sentia como se fosse. Ricardo deixou a esposa por mim uma vez, não acho que faria uma segunda. Então sim, era tarde demais para nós dois.

— Não houve sentimentos envolvidos, Rachel — tentei convencê-la.

— O seu irmão e eu... — ela começou a falar, mas parou ao sermos interrompidas.

— Aqui estão vocês! — A voz grave do Marcos nos fez olhar para trás assustadas. — Você não deveria estar comendo porcarias a essa hora, Isadora — referiu-se ao sanduíche, que não era uma porcaria, mas também não poderia ser considerado uma refeição completa. — E você, Rachel, venha para a cama, pois está tarde.

Minha cunhada revirou os olhos do meu lado, mas não protestou.

— O dever me chama — disse para que apenas eu a escutasse. E ao se levantar e abraçar o marido, completou: — Vamos, meu bode velho, eu sei que não consigo dormir sem mim.

Fiquei ali, completamente atordoada ao observar a cumplicidade entre os dois. Percebendo que, com eles, eram dois pesos e duas medidas. Marcos parecia ter todo o controle, ele exalava isso naturalmente, mas Rachel... Ah, a minha cunhada o tinha na palma da mão. Não importava o quão dominador o homem se mostrasse.

Por cima do abraço deles, Marcos me encarou.

— Está tudo bem? — perguntou em um tom de voz comedido, e eu confirmei, sentindo-me uma garotinha ao ser pega espiando algo que não devia.

Ambos se afastaram, e eu fiquei ali, por um bom tempo encarando o vazio deixado pela ausência deles, questionando pela primeira vez como seria ter o que Marcos e Rachel tinham. E o mais louco: como seria ter isso com o homem que deveria estar agora mesmo nos braços da esposa enquanto eu me encontrava aqui, sozinha nessa casa imensa que, de repente, já não parecia mais minha.

Servi-me de outra taça de vinho, a última da noite, e fixei meus olhos cansados nas labaredas de fogo.

Se ele não fosse casado...

A pergunta de Rachel repetiu-se em minha cabeça, enquanto eu admitia para mim mesma que conhecia a resposta para essa questão. Foi ela que me levou a acordar na manhã seguinte com a franha do travesseiro molhada por um choro que eu já não conseguia controlar.

Isadora

TERMINEI DE SUBIR o zíper lateral do vestido e me observei em frente ao espelho, que cobria uma parede quase que inteira do *closet*. A escolha para o baile desta noite era nada menos do que um exclusivo Givenchy, adquirido em minha última viagem a Paris. O modelo elegantemente justo era coberto por pedrarias e minúsculos cristais que, dependendo da maneira como andava e me movia, refletiam centenas de pontos de luz. Não era o meu estilo de vestido habitual; normalmente, eu tendia a ser um pouco mais discreta. Cores sóbrias, cortes retos e quase nada de decote. Mas como convidada a ser a principal apresentadora do baile de gala anual da fundação Amin, um dos projetos de maior orgulho que Lorena deixou para trás, eu tinha certas expectativas a cumprir.

Aceitar o convite recebido há cerca de uma semana, depois de meses tendo ficado afastada dos meus deveres para com a fundação, cuja cadeira e participação eu herdei, mostrou-se ser a melhor forma de retornar aos eventos e festas promovidas pela alta sociedade catarinense. Além, é claro, de comprovar a todos que não havia absolutamente nada de errado comigo.

Meu nome esteve nos jornais desde o início das especulações acerca do que me trouxe de volta ao Brasil. A principal delas sendo a minha relação próxima com Oliver. O que, comparado a todo o resto que a mídia não fazia ideia, era o menor dos meus problemas. Enquanto os ataques de pânico, as consultas que vinha fazendo e o meu antigo caso com Ricardo fossem mantidos em sigilo, eu não teria com o que me preocupar, pensei ao mesmo tempo que fechava a gargantilha *choker* ao redor do meu pescoço.

Indecisa se realmente a usaria, eu analisei a extensão dourada da joia. Não era um colar longo ou delicado, ele era grosso e bem justo ao meu pescoço. Não fora escolha minha, também, e sim uma sugestão de um dos estilistas da casa de moda francesa, onde adquiri o meu vestido.

Após me render, e concordar com a escolha, eu me afastei do espelho a fim de

verificar todo o conjunto. Maquiagem iluminada, cabelo preso em um alto rabo de cavalo, severamente puxado e liso. Sandálias que deixavam o peito do meu pé à mostra e eram presas somente por duas delicadas tiras douradas. Tentei encontrar algo que não estivesse perfeito, ou fora de lugar, algo que Lorena imediatamente apontaria se ainda estivesse viva, mas não consegui.

Duas semanas haviam se passado desde a minha primeira consulta com o Dr. Carvalho, e nesse meio-tempo minha mãe se mostrou um tema recorrente em nossos encontros. Até então, eu não havia dividido nada com ele a respeito de Ricardo, porque quando o seu nome estava à beira de escapar da minha boca, algo sempre me fazia parar.

O pensamento rotineiro levou-me para outra direção. Algo havia mudado desde que Ricardo e eu nos beijamos no estacionamento aquele dia. Ele andava distante, menos provocativo. Não insistia em perguntas desnecessárias, ou em manter uma conversa saudável durante o tempo que passávamos juntos. A atitude dele não deveria incomodar, mas o fazia.

O som de outra batida fez-me afastar todo e qualquer pensamento inoportuno. Lorena, Ricardo. Henrique, que a essa altura encontrava-se solto, frequentando festas e eventos sociais como se não tivesse feito absolutamente nada de errado. Atrasada, eu deixei o quarto e caminhei até o topo da escadaria principal, identificando o porte do meu, muitíssimo, bem-vestido acompanhante: Oliver. Uma escolha que tranquilizara o Marcos e decepcionara a Rachel, que parecia nutrir a inequívoca esperança de que Ricardo e eu éramos perfeitos um para o outro.

O que não poderia estar mais longe da verdade.

O homem até poderia ter certa estabilidade material, sócio de um grupo que vinha sendo referência no setor. Mas isso não mudava nada, porque não era o dinheiro que abria as portas dentro da alta sociedade e sim sobrenome. Tradição. Se fosse assim, qualquer emergente teria a chance de circular entre a elite. E ao fazer isso, uma banalização social aconteceria. Rachel era uma das poucas *intrusas* a serem aceitas, e isso acontecia somente porque ela era casada com Marcos, e não havia muitas pessoas nesse país dispostas a dizerem não a ele, muito menos a proibir sua amada ratinha de circular onde bem desejasse.

Comigo e Ricardo não seria assim. Nossa relação não seria vista com os mesmos olhos: ele seria ignorado. E eu, depreciada.

— Isadora? — Oliver chamou meu nome, a testa franzida ao segurar minha mão.

— Hum?

— Eu disse que você está linda essa noite, mas não acho que tenha escutado.
— E não havia mesmo.

— Obrigada — respondi, de modo automático.

Eu não me enquadrava no tipo de mulher que precisava ter o ego acarinhado com galanteios.

— Oliver tem razão, você está incrível — Rachel completou, aproximando-se de nós dois com meu sobrinho no colo.

— Você também está. — E era verdade.

Os minutos seguintes, foram passados com ela mostrando-se insegura em deixar Arthur com o time de babás contratado para suprir sua ausência durante o final de semana. Marcos, para a minha surpresa, manteve-se calado, até o momento em que se viu obrigado a arrastar, gentilmente, a esposa para fora de casa. Caso contrário, ela jamais deixaria o filho deles, nem mesmo com Vera garantindo cuidar e supervisionar toda a equipe com máxima prioridade. Descemos a escadaria em frente à mansão, e ao ver a horda de carros pretos e seguranças dispostos, eu me dei conta de que não seria um final de semana exatamente tranquilo.

Talvez fosse esse o motivo da preocupação de Marcos.

Contei três carros e cinco seguranças, enquanto descia ao lado de Oliver, mas o número não bateu ou se enquadrou na maneira como as coisas funcionavam por aqui. O que tornou evidente a ausência do segurança que faltava. Tive a confirmação quando o último deles se juntou à equipe distribuindo ordens e atualizando o cronograma da pequena viagem que faríamos. Ricardo pareceu-me diferente, seu corpo grande e musculoso foi contido por um terno negro, nada parecido com o que usava no dia a dia. A barba estava feita, o cabelo ainda mais aparado. E por alguma razão, pressenti que o seu humor se encontrava próximo ao de Marcos essa noite. Tenso, nervoso.

Obriguei-me a andar ao lado de Oliver, e observei a maneira como dois dos seguranças de Ricardo verificavam o carro esportivo do meu acompanhante. Tudo bem, eu entendia a importância da presença da equipe de segurança, mas por que chegar a esse extremo?

— Há algo de errado, o que é? — perguntei, aproximando-me de Marcos, enquanto o olhar de Ricardo alcançava-me de forma impiedosa.

— Você está em segurança, Isadora, isso é tudo o que precisa saber. — Eu não era estúpida, e odiava ser tratada como.

— Todo esse estardalhaço tem a ver com o Henrique?

— Esse não é o melhor momento para discutirmos sobre o assunto...

Aborrecida, meu olhar procurou pelo de Ricardo. O que fosse que Marcos estivesse mantendo para si, ele saberia. Encaramo-nos como se não tivéssemos nos visto no dia anterior e também no anterior a este... Seus olhos cravados nos meus com uma raiva que aumentou consideravelmente ao ter Oliver se

aproximando e tocando minhas costas. E, apenas para constar, com uma intimidade que não possuíamos. A boca de Ricardo, a mesma que me beijou com tanta insensatez dias atrás, se tornou dura assim como sua mandíbula.

Pelo que eu conhecia desse homem, ele estava se segurando para não me arrastar para longe de Oliver, ou então, simplesmente bater no peito e gritar *minha*. Porque, por mais louco que fosse, foi assim que me senti diante do olhar territorial que recebi: inteira dele.

Com o coração acelerado, eu me coloquei descuidadosamente entre os dois. Evitando, assim, qualquer loucura permeando a mente de Ricardo.

O percurso até o hotel onde aconteceria o baile levou cerca de quarenta minutos e, após seguirmos até o estacionamento subsolo, reservado para os hóspedes com equipes de segurança, Ricardo atravessou a área cimentada, adiantando-se, e abriu ele mesmo a porta do carona do Maserati, que era onde eu me encontrava. Hesitei antes de aceitar a mão que estendeu e, quando o fiz, senti meus dedos serem envolvidos com mais força do que o necessário.

Arfei baixo, ao vê-lo olhar para mim sem dar a mínima para o fato de que o comboio de carros com sua equipe e minha família entravam pelo estacionamento nesse momento. Um carro atrás do outro. Evitei olhar além dos vidros escuros, pois não desejava saber se mais alguém enxergava a tensão entre nós dois.

— Pare com isso — murmurei, tentando afastar a minha mão. — Você não tem o direito...

— E ele tem? — grunhiu em resposta, repetindo o gesto do Oliver, porém de uma maneira bem mais possessiva. A mão larga deslizou pelo decote nas minhas costas até alcançar a costura do vestido, que ficava exatamente acima do meu cóccix.

Fitei-o com uma raiva mal contida, falhando de modo miserável em minha tentativa de não me abalar.

— Todos estão olhando, Ricardo.

— Olharão bem mais se no final desta noite eu tiver que arrancar um filho da puta metido a besta do seu quarto. E isso não é uma ameaça, Isadora. É uma promessa.

— Você não pode estar falando sério, não sou eu que estou...

— Eu sei — cortou-me, sério. Seus dedos apertaram-me um pouco mais ao perceber que Oliver se aproximava. A conversa murmurada entre nós dois foi abafada. — Mas foda-se, eu posso não ter o direito de te cobrar nada, não sou estúpido a ponto de pensar que você estará sozinha para sempre, só que, Isadora, não com ele. E não ainda. — *Não ainda?*

— Depois de quanto tempo você voltou para ela? — Ricardo enrijeceu do

meu lado. — Um mês? Dois? Algumas semanas? Por que então eu tenho que esperar para que outro homem entre na minha vida se você não foi capaz de...

— Isadora, algum problema? — Oliver se aproximou, então eu vi Marcos e Rachel parados do outro lado do estacionamento observando a conversa murmurada.

— Nenhum problema — falei, endireitando-me. — O Ricardo, digo, o Sr. Rezende, estava apenas se certificando de que eu saiba que não haverá razões pela qual me preocupar com esta noite.

— Ótimo. Não quero mesmo que nada a incomode, você tem uma apresentação a fazer. — Oliver estendeu o braço para cruzá-lo com o meu, ignorando completamente o Ricardo.

Não que fosse um hábito dele tratar funcionários dessa forma, ele era educado demais para isso. O problema aqui era pessoal.

— Não se esqueça do que eu lhe disse, Srta. Montenegro. — Escutei a voz de Ricardo assim que aceitei a mão de Oliver, que, como pedia o protocolo, entrou comigo no salão improvisado a céu aberto onde aconteceria o baile.

A decoração era bucólica, havia tendas com cortinas brancas por todos os lados, iluminação quente e diversos arranjos de flores, tornando o ambiente acolhedor, de uma forma que eu não teria conseguido. Avistei rapidamente dezenas de rostos conhecidos, inclusive os de Karen e Samanta, as madrinhas do meu quase casamento, e a quem eu não via há meses.

— Como seu irmão não percebe a maneira como esse segurança olha para você? — Oliver comentou despreziosamente enquanto caminhávamos pelo salão antes de nos juntar ao Marcos e ao restante de minha família.

— Acredito que Marcos esteja mais preocupado com a maneira com que você me olha do que com o meu segurança.

— É porque ele ainda não se deu conta...

— E nem vai dar — falei, com a mesma calma com que todos à nossa volta conversavam.

Passei os próximos minutos encenando o papel da minha vida. Agindo como todos esperavam que Isadora Montenegro agisse e impedi qualquer tentativa de trazer alguns dos escândalos protagonizados pela minha família à tona. Eu era boa em ser ouvida, mais ainda em convencer o meu ouvinte.

Foi assim até que uma das organizadoras do evento se aproximou, pegando-me em um momento em que me encontrei sozinha. Joana Sampaio, uma mulher com idade próxima à que minha mãe teria se ainda fosse viva, era uma das tantas socialites que tentaram me desqualificar ao longo dos anos para o cargo que recebi na fundação. Não sabendo ela que eu nunca o desejei.

— Bem-vinda de volta, Isadora — cumprimentou de maneira bajuladora e

pouco crível. — Pena não ter podido participar da organização este ano, sua presença foi sentida.

— Aposto que sim — respondi com cinismo. — Mas não se preocupe, pois tenho certeza de que fez um excelente trabalho. Mais alguns anos à frente da fundação e você terá a experiência necessária para fazer um evento desse porte.

— Adoro que seja tão direta, querida. Sua mãe, é claro, odiaria esse seu lado, mas não se preocupe, porque nos dias de hoje esses rompantes de sinceridade são vistos como uma qualidade, não é? — Joana ficou lado a lado comigo, tendo a mesma visão que eu: o salão repleto de convidados influentes, boa parte deles lançando-nos olhares curiosos.

— Temos muitos rostos novos este ano, não temos? — ela comentou, acenando discretamente para o Marcos, que se juntava a Mariana e ao seu marido na mesa reservada à nossa família.

— Sim, nós temos.

— Engraçado como as coisas são: você era a única de casamento marcado e...

— Não abuse da sorte, Joana — falei, perdendo a paciência, devolvendo ao garçom a taça de espumante que estive segurando. — Lembre-se de que boa parte do dinheiro que precisa esta noite depende da minha animosidade em conseguir a assinatura do meu irmão. E posso garantir que se ele souber que você está tecendo comentários maldosos sobre os acréscimos em nossa família, você acabará tendo que cobrir o prejuízo de uma doação que a Amin tem como certa desde que a minha mãe assumiu a diretoria.

— Eu não pretendi ofender.

— Claro que não, essa nunca é a intenção. — Forcei um sorriso. — Agora, se você me der licença, querida, eu vou me juntar aos agregados da minha família.

Joana anuiu de maneira sem graça e se afastou pelo caminho oposto a fim de cumprimentar outros convidados. Enquanto me dirigia à mesa destinada aos Montenegro que — em consequência dos cheques e depósitos de valores consideráveis feitos ao longo dos anos, ficava em uma posição de destaque —, eu senti na pele cada atenção que recebi. Desde as cabeças se virando, até os murmúrios abafados. Nunca fui exatamente agradável, e os que participavam do meu círculo social suportavam-me mais por questão de status. De queixo erguido, passei por entre as mesas até chegar ao meu assento.

Oliver foi quem se levantou para puxar a cadeira para que me sentasse, e eu agradeci. Notando tarde demais que minha posição na mesa encontrava-se de frente à da Mariana. Observei-a, sendo necessário morder o interior de minha bochecha a fim de evitar um revirar de olhos para o traje que ela usava. Era tão típico da minha irmã querer ser o centro das atenções... só que, claro, sempre de maneira errada. Ao me pegar encarando-a, Mariana sustentou meu olhar até que

Guilherme, sentado ao seu lado, a chamou, murmurando algo que a fez sorrir e esquecer que eu existia.

Virei meu rosto e aceitei a taça de vinho que me foi servida e, enquanto Joana dava início à apresentação, imagens dos associados e projetos passaram pela tela ao fundo e, em muitas delas, Lorena apareceu como a protagonista. Sempre elegante e com um sorriso em seu rosto.

Não deixe que as pessoas cheguem até você, querida, não permita que eles a machuquem.

Será que mamãe nunca entendeu que mantê-los longe também machucava? E foi por causa dela, que passei quase trinta anos da minha vida pisando em rastros de emoção antes mesmo que viessem a se tornar um perigo, de fato.

Quando Joana chamou meu nome, um silêncio ansioso invadiu a área de céu aberto. Mas nenhuma das reações interferiu na confiança que eu sentia, porque uma das outras razões pela qual fui convidada para apresentar o evento essa noite, foi porque eu era uma exímia captadora de recursos. E como nenhum dos dirigentes se negaria a oportunidade de desbancar os valores arrecadados no ano anterior...

Segurei a cauda do vestido ao subir os quatro degraus ao lado do palco e, ao receber o microfone da mão de Joana, que tinha agora um sorriso nervoso em seu rosto, eu me vi na frente de pelo menos duzentas pessoas. Empresários, políticos, herdeiros. Um público extremamente exigente.

— Boa noite a todos — comecei recebendo vários *boas noites* em resposta. — Preciso dizer que receber o convite pessoal do Sr. Teixeira para ser a anfitriã desta noite foi uma verdadeira honra, principalmente pela história incrível de generosidade que a Fundação Amin escreve há quarenta anos. Por muito tempo, o meu contato com a fundação ocorreu por meio de minha mãe. — Um tumulto de palavras gentis se alastrou pelo salão, senhores e senhoras sorrindo pela lembrança dela. — Eu sei, ela era realmente uma pessoa admirável. E foi por causa de sua abnegação que anos atrás eu fui convidada a assumir a cadeira com seu nome ao lado de outras onze mulheres tão ou mais admiráveis. Desde então, eu venho contribuindo para que a fundação tenha cada vez mais recursos e que continue a fazer a diferença no lar de tantas crianças e famílias carentes. Gosto de pensar que todos reunidos aqui nesta noite possuem o mesmo senso de agradecimento que possuo, e que por isso estejam dispostos a contribuir, cada um à sua maneira, para um mundo melhor. Nós não podemos salvar todas as crianças que necessitam de ajuda, ainda, e nem acabar com a fome do mundo, mas podemos garantir que as crianças do nosso Estado tenham assistência. Que não sintam frio durante as madrugadas, que tenham uma cama onde dormir, que recebam educação e atendimento médico básicos e necessários a qualquer ser

humano. E sabe como faremos isso? Doando uma parcela do que temos, seja em forma de tempo ou...

O discurso impecável que planejei para esta noite foi interrompido abruptamente com a chegada de um convidado que jamais imaginei ver aparecer. Porque só um desavisado colocaria Henrique Farias em um mesmo lugar que a minha família. Franzi o cenho para o tumulto que se formou diante da minha falta de palavras, porque não teve uma só pessoa que não olhou na direção em que eu tão aturidamente olhava.

Naquele momento, não parei para pensar no que minha reação pareceria a todos eles. Porque tudo que passou pela minha cabeça foi que eu tinha confiado nesse homem e que ele fora uma das primeiras pessoas a quem permiti me conhecer. Será que o infeliz não fazia ideia do quanto o pouco que dei a ele pareceu muito para mim?

O sorriso cínico em seu rosto causou-me um ódio tão profundo que meus dedos envolveram o microfone com uma força descomedida. Marcos chegou a se levantar, fazendo-me perder o fio da meada, mas Rachel o forçou a se sentar novamente, acalmando-o, assim como Guilherme procurou acalmar Mariana.

Deles, eu voltei a encarar Henrique, que permaneceu em minha linha de visão. Sua acompanhante, uma mulher loira, visivelmente mais velha do que nós dois, não me pareceu ser alguém conhecida. Não por mim, pelo menos. Mas o contrário sim, e pela maneira como fui examinada, eu tive certeza de que ela sabia quem eu era. Foi apenas com a leve tossida de Joana, afastada do centro do palco, que voltei a alinhar meus pensamentos. O que me levou à conclusão de que fora ela a responsável pela seleção dos convidados.

A certeza bastou para que o meu diabinho vingativo desse as caras e fizesse questão de mostrar à infeliz que não seria a presença de Henrique que arruinaria o meu discurso ou interferiria no andamento do baile a ponto de me fazer perder os privilégios que possuía dentro da Amin.

— Bem, como eu dizia antes de nosso último convidado chegar... — Dei a todos um sorriso complacente, mostrando o meu evidente desagrado ante a interrupção. — A maneira de ajudarmos a essas famílias está proporcionalmente ligada ao tamanho de nossa generosidade. Não vejam a noite de hoje como uma obrigação ou capricho, e sim como um meio de retornar ao mundo tudo o que recebemos dele. E posso garantir que a maior parte dos convidados aqui esta noite tem muito pelo que ser generoso. — A maioria deles riu, confirmando a verdade. A megera em mim fez questão de fixar os olhos em Henrique. Porque sabia que ele não tinha nada pelo que agradecer. Ou muito, a doar.

Ao descer os degraus, após finalizar o discurso, eu notei dezenas de expressões curiosas vindo em minha direção, enquanto passava por entre as

mesas com o orgulho *quase* intacto. Marcos se moveu como se estivesse prestes a me seguir, mas eu o dispensei com um aceno de cabeça. Tê-lo vindo em meu socorro serviria apenas para atrair mais a atenção, além disso, eu não o queria vendo-me em meu pior estado.

Entrei na toalete instantes depois e torci para que ela estivesse vazia. Após a rápida verificação, eu olhei para o meu reflexo, deparando-me com um rosto pálido e igualmente assustado. Henrique e eu não ficávamos cara a cara desde o dia anterior ao que estava previsto para acontecer nosso casamento... Apertei o pescoço em um gesto automático, mantendo abafado o que fosse essa emoção sem voz circundando o meu peito.

Vai ficar tudo bem, você é uma Montenegro... e ninguém pode te intimidar.

— Ninguém — repeti em voz alta.

Eu era filha de Antônio e Lorena Montenegro, afinal de contas. E foi a essa certeza que me agarrei ao me afastar, fazendo um pequeno desvio rumo à varanda do hotel, a fim de espairecer a cabeça. Um desvio que logo se mostrou um equívoco, pois ao me aproximar da sacada com vista para uma vasta região montanhosa e um imenso precipício, separados somente pelos pilares de concreto, eu escutei a própria voz do demônio, como se ele soubesse exatamente onde eu me esconderia.

— Todos esses seguranças ao redor... Eu tenho que admitir que o seu irmão é um homem precavido, Isadora.

Virei-me, fazendo questão de encará-lo de frente.

— Srta. Montenegro, para você — corrija-o, levando-o a exalar a fumaça de seu cigarro.

Olhei ao redor à procura de algum dos homens de Ricardo, mas estávamos sozinhos.

— Ah, querida Isa, você é inteligente demais para dar uma de esquecida agora. Nós nunca fomos assim. — Ele se aproximou e eu recuei. Foi automático. — Pensei que, de todos, você seria a única a entender minhas motivações. Achei até que me apoiaria... — falou baixo. — A raiva que sempre senti de Mariana seria um motivador e tanto para que procurasse por mim enquanto eu estive... você sabe, detido.

— Você roubou a minha empresa, e realmente acreditou que eu seria capaz de ficar do seu lado?

— Tolice a minha, não é? Esperar que o tempo que passamos juntos tivesse feito algo a esse seu coraçõzinho egoísta. — Ele soltou outra vaporada, o cheiro forte vindo com a fumaça me causou náusea. — Tudo que fez sempre esteve relacionado a Mariana, à ideia de ter algo que ela sempre quis.

Comprimi meus lábios, porque não sei se ele estava de todo errado.

— Como anda a relação entre vocês duas hoje? Ela casou, teve outro pirralho... Mas vocês duas nunca deixaram os meus pensamentos. Sabe o que isso me fez perceber? — disse casualmente. — Que apesar do tesão que eu sentia pela sua irmã, eu fui sim apaixonado por você. Ela era uma obsessão, mas você era real, mesmo tendo sido tão fria. Foi uma pena tudo o que aconteceu, porque nós somos iguais, Isadora, e teríamos dado certo.

— Eu não sou uma ladra.

— Não é à riqueza a que me refiro, querida, e sim à mente. À maneira de pensar e ver o mundo. — Ele se aproximou, encurralando-me. — Você e eu somos iguais nisso. — Apontou para a sua cabeça.

— Chega — falei, procurando passar por ele. — Eu não tenho por que te escutar, não era nem para você estar falando comigo, Henrique. Você traiu a minha confiança, e...

— ... dormi com sua irmã.

— Eu não dou a mínima se dormiu com aquela bastarda ou não, o que me irritou foi ter me enganado. Roubado a empresa da minha família!

— Com você, é sempre sobre negócios, não é? — Ele me segurou pelo braço, quase me machucando. — Por que está de volta, Isadora? Eu tive tempo para pensar, pensar, aliás, foi tudo o que fiz nos últimos meses, mas tem uma pecinha que não se encaixa nessa história. Que é a de por que você voltou para um país mal administrado como esse, quando tinha a oportunidade de comandar uma importante parte do seu império lá fora. Saudades da sua família não foi. Então o que...

Tudo aconteceu rápido demais. Dois homens passaram por mim, segurando Henrique pelo braço. Mas o olhar dele não foi para nenhum dos dois e sim para o terceiro homem que passou do meu lado, conferindo-me rapidamente, e se virando para o infeliz.

Um sorriso surgiu no rosto de Henrique, um cínico e irritado, e de repente eu senti como se ele pudesse me ler. Ler o que eu tinha feito.

— Algo me dizia que seria mesmo você a aparecer. Por que será? — Henrique o provocou, gemendo de dor ao levar o primeiro e certo soco no estômago. Os dois outros seguranças continuaram a segurá-lo, impedindo-o de reagir. — Marcos ainda não faz ideia desse seu tesão na irmã dele, faz? — Outro soco, e depois outro. Até que o filho da puta caiu no chão. Não havia marcas aparentes em seu rosto. Mas podia imaginar o estrago por detrás do terno.

— Pensei ter sido claro antes, seu filho da puta! — Ricardo ficou na altura dele, ajeitando de forma cuidadosa a gravata que ele mesmo ajudou a sair do lugar. — Aproxime-se dela, ou de qualquer outro Montenegro, e as ordens que eu tenho é para que...

Eu não escutei quais eram as ordens, mas pude imaginar diante do alarde no rosto de Henrique. E olha que o desgraçado não era de se intimidar por pouco.

— Você não passa de um cão de guarda daquele filho da puta!

— O cão de guarda aqui está bastante satisfeito com a quantia que tem recebido para surrar você, o que o Sr. Montenegro não imagina é que esse é um trabalho que eu faria de graça. — Eu nunca tinha visto Ricardo em ação e, agora, não sabia se gostava desse seu outro lado, agressivo e sardônico, ou de perceber que as mesmas mãos que me acarinharam tantas vezes e de maneira tão íntima, também eram capazes de colocar um homem como Henrique no chão. Tudo bem, ele serviu o exército por anos, passou por inúmeros treinamentos e, acredito eu, deveria saber como manusear uma arma como ninguém, mas até então vê-lo socar outra pessoa com tanta precisão e raiva jamais passou pela minha cabeça. — Agora se levante, seu merdinha, porque meus parceiros aqui o acompanharão até a saída desse hotel. — Ricardo bateu no ombro dele como se fossem velhos amigos e esperou até que Henrique estivesse fora do radar para se virar. Não sem antes pedir à sua equipe para se certificarem de que ele estivesse realmente fora.

Foi então que me dei conta de que estava imóvel. E que se fiquei todo esse tempo assistindo ao embate entre esses dois, não foi por algum tipo de curiosidade mórbida e sim porque não era capaz de sair do lugar. Meu coração não batia dentro do peito, ele galopava, nervosamente. Não prestei atenção direito, meus olhos pareciam embaçados por alguma razão que eu não conseguia entender, mas senti a aproximação agora intimidante de Ricardo. Seria impossível não sentir, porque quando ele chegou perto meu corpo inteiro desejou se jogar contra ele.

Nos entreolhamos, como apenas dois amantes fariam. Dizendo centenas de palavras e conjecturas sem realmente abrir a boca. Notei sua preocupação, e ele... bem, Ricardo sempre notava o meu desespero. Permiti, mesmo que fosse imprudente, que ele me tocasse no rosto e, enquanto o sentia, nenhum de nós fechou ou desviou os olhos. Éramos só nós dois naquele momento.

— Ele encostou em você? — perguntou, sério. — A machucou de alguma forma? — Desconfiei que se dissesse a verdade e contasse que Henrique não apenas me tocou como amedrontou, Ricardo iria atrás dele sem se importar com as consequências.

— Eu estou bem — menti, com a frágil esperança de que quanto mais repetisse essas palavras, mais chances elas teriam de se tornarem verdade.

— Não, você não está — Ricardo rebateu, balançando a cabeça como se reprimisse a uma criança.

O cheiro da colônia masculina, cada vez mais forte, deixou-me com as pernas

bambas. Porque junto dela veio uma infinidade de memórias perigosas: seu corpo forte e largo colado no meu, nossa pele suada, nossos gemidos... O ímpeto com que me tomava, sempre cuidadoso, mas nunca paciente. Fui beijada por esse homem em tantos lugares que só de lembrar eu sentia minhas partes íntimas formigarem.

— Isso é o que me preocupa, porque você nunca está bem. — Eu o encarei, transtornada. Não apenas pelo encontro com Henrique, mas por conta *dele...* do fato de que, após dias de silêncio quase que absoluto, Ricardo estava a um passo de distância, olhando-me como se quisesse matar o homem que cometeu o erro de me tocar. — Será que sou o único a ver o esforço que tem feito, porra? Que cuidado é esse que o seu irmão diz ter, se ele não é capaz de enxergar o óbvio...

— Não fale do meu irmão.

— A culpa de você ser assim é dele.

Não, não era.

Ricardo também parecia acreditar que Marcos tinha uma grande parcela de culpa por não termos ficado juntos. E mesmo que fosse verdade, mesmo que uma das razões que sempre me impediriam de ficar com este homem fosse o meu irmão, a culpa não era inteiramente dele. Porque no final, eu era a única a se recusar a ceder aos impulsos passionais e desenfreados que pareciam tão comuns à minha família.

— Sabe o que é pior? — Eu teria tapado meus ouvidos, apenas para não continuar a escutá-lo. Porque sabia que o que iria sair de sua boca, machucaria. — É que enquanto você está aqui, lutando para não perder o controle de suas emoções, o seu irmão está lá atrás se preocupando com a esposa e sua irmã. Quando a única que precisa do apoio dele *nesse* momento é você, gatinha.

Senti-me resfriar por dentro.

— Você está irritado por que está sendo pago para cuidar de mim, não é?

— Não distorça minhas palavras, merda! — Comprimi os lábios, nervosa. — Marcos deveria estar aqui, porque, como você insiste em dizer, ele é tudo o que você tem.

Demorei a compreender a proximidade em que estávamos e mais ainda a assimilar que as mãos de Ricardo se encontravam ao redor dos meus braços.

— Você não deveria estar me tocando — sussurrei em um fio de voz, sendo ignorada. Porque Ricardo não apenas continuou a me acariciar, como também ergueu meu rosto para que eu o olhasse.

— Quanto ao Henrique, eu pretendo fazer o meu trabalho, mas preciso que você coopere e se mantenha afastada dele. Sem encontros, sem conversas, eu não o quero perto de você.

Esse era o meu segurança falando, ou o homem com quem dormi por tantas

semanas?

— Eu jamais o procuraria, não suporto sequer olhar para a cara dele.

Ao notar que o assunto Henrique *realmente* causava-me asco, Ricardo segurou-me no rosto e beijou a minha testa, mesmo que eu continuasse rígida.

— Se depender de mim, essa vai ser a última vez que aquele homem fica cara a cara com você. Eu te prometo.

Mariana

Eu precisava ficar sozinha. Marcos e Guilherme poderiam não entender a minha necessidade, mas eu sim. Depois de tudo o que fiz, eu me sentia responsável por toda essa tensão. Henrique só teve poder em nossas vidas porque eu dei esse poder a ele, e depois de meses acreditando que ele era um assunto resolvido, que o desgraçado estava fora da minha vida e da minha filha, ele reaparecia causando todo esse escarcéu justamente durante o discurso de Isadora. A expressão em seu rosto, a palidez em que ficou. Pela primeira vez eu me dei conta do quanto minhas atitudes podem tê-la afetado.

Isadora era a mulher mais orgulhosa que eu conhecia, então imagine como deveria estar sendo difícil para ela lidar com toda essa situação. A imprensa, a opinião da alta sociedade... E, mesmo que parecesse imperturbável diante de todos eles, essa noite tive a confirmação de que essa não era a verdade.

Sem certeza de para onde ir, e desejando ficar sozinha, eu hesitei ao escutar vozes baixas, meio que sussurradas. Dei um passo à frente, sem fazer barulho, e congelei ao me deparar com Isadora e o seu segurança, presos em uma intensa troca de olhares. Assim, para quem quisesse ver. As mãos dele seguravam seu rosto, e ela o encarava como se... Como se ele não fosse apenas o seu segurança.

Não era possível.

Vi quando sacudi a cabeça, contradizendo-o em algo, e mais ainda, quando ele discordou e a abraçou com força, envolvendo minha irmã em seus braços. Eu já havia notado que o Sr. Rezende era protetor com ela, mas nunca, nem em um milhão de anos, imaginei que pudesse ser, porque... eram íntimos. O que mais me abalou diante da cena foi que a expressão no rosto do segurança era bem semelhante à do Marcos quando ele quase perdeu a Rachel. Tormento puro.

Seu olhar, de repente, cruzou com o meu, fazendo-me recuar. Ricardo não soltou Isadora nem mesmo ao perceber que eu os tinha visto. O olhar que me lançou, porém, foi bastante claro. Ele estava apaixonado por ela, e seria capaz de tudo para evitar que qualquer pessoa a machucasse.

Inclusive, eu.

Afastei-me, confusa. Sentindo uma preocupação estranha ao ter de deixar Isadora com aquele homem. Porque se o que presenciei fosse o que eu imaginava, ela estaria ferrada. Marcos jamais aceitaria, a imprensa então? Não, não era eu quem tinha o poder de ferir Isadora, e sim o que aquele homem poderia vir a representar na vida dela. A maneira como minha irmã segurou seu terno, como se apoiou nele... Isadora já o tinha deixado chegar até ela.

Isadora

DESLIZEI O VESTIDO pelos meus quadris, recordando a maneira territorial com que Ricardo observou-me pelo restante da noite. Se sua presença não fora sentida antes, após o meu encontro com Henrique, ela se tornou óbvia. O senti circular o entorno do salão, observando de longe todos que se aproximavam de mim, e mais ainda, reconheci a expressão confusa em seu rosto a cada vez que Oliver me tocou ou sussurrou algo em meu ouvido. Nunca um olhar teve tanto poder como o de Ricardo esta noite.

Se estivéssemos juntos agora, eu diria que toda a troca de tensão e olhares nada mais foi do que uma tortuosa preliminar, um jogo para nos deixar excitados. Mas nós não estávamos e isso não era um jogo.

Toquei meu pescoço, após retirar o vestido, e me sentei por um minuto na poltrona do meu quarto de hotel. Tentando tolamente relembrar o toque cuidadoso e ao mesmo tempo rude de Ricardo. O súbito momento de loucura foi interrompido pela batida na porta do quarto. Verifiquei a hora no relógio sobre o criado-mudo antes de me levantar e enrolei-me no robe negro, hesitando em frente à porta.

Certa de que só haviam duas, talvez três, pessoas que poderiam estar no outro lado do corredor. Marcos, Rachel e... ele.

Inspirei fundo, estendendo a mão até a maçaneta, mas sem coragem de virá-la. Porque eu sabia que se não fosse Ricardo, a decepção seria grande, e se fosse...

— Abra a porta, Isadora. — O som rouco de sua voz fez-me fechar os olhos. O pior foi constatar que ele me conhecia a ponto de saber que eu estaria indecisa. — Deixe-me entrar.

Por que ele estava aqui? Será que foi porque também não conseguia esquecer a maneira como nos procuramos naquele salão durante toda a noite?

— Abra e me diga, olhando em meus olhos, que você está sozinha, e que não colocou outro homem em sua cama. Que não fez isso, porra!

Fiz o que pediu, sabendo que me arrependeria em algum momento, mas incapaz de me impedir. Não era o sexo que eu ansiava, era a presença dele. A sensação de que enquanto Ricardo estivesse por perto, nada de ruim poderia acontecer. Ele era a paz, o equilíbrio fora do meu corpo.

Recuei ao vê-lo entrar em meu quarto e bater a porta. A camisa que usava por baixo do terno encontrava-se amassada, os punhos dela dobrados em seu braço. Então havia o seu olhar, e a maneira como eles pareciam enxergar-me por dentro. Cada dor, cada medo. Cada desejo.

Se eu fosse o tipo de mulher que acreditava em almas gêmeas, eu diria que Ricardo era a minha. Porque ninguém, nunca, me compreendeu como ele fazia. Ricardo sabia o momento certo de me abraçar, de lutar comigo. Sabia como apertar todos os meus botões, ele foi o único homem a trazer essa outra Isadora à tona. E nunca se desculpou por isso.

Eram dele os braços nos quais eu constantemente obrigava-me a não me perder.

— Sabe quantas vezes aquele infeliz se inclinou em sua direção para sussurrar algo em seu ouvido? — Não, eu não fazia. — Dezenove vezes, em uma hora e meia. Dezenove vezes em que ele sentiu o cheiro da sua pele! — grunhiu. — Mas isso não foi tudo o que ele fez, não é? Porque teve a dança, os toques ocasionais. Só em minha cabeça, eu quebrei a porra dos dedos dele pelo menos umas mil vezes.

Arfei, assustada e excitada ao mesmo tempo, sentindo-me ser puxada pela cintura ao mesmo tempo em que os dedos de Ricardo se emaranhavam pelo meu couro cabeludo. Era assim que começava.

— Será que Oliver recebeu um beijo de boa noite? — murmurou com raiva contra a minha boca, mal deixando espaço para que eu respirasse ou falasse. — Será que ele a tocou como eu costumava fazer?

— Nã-não — sacudi a cabeça ao dizer, tendo a minha voz abafada pelos lábios de Ricardo, que roçaram os meus quando ele assentiu.

— Eu estive muito perto de te arrastar daquele salão, Isadora. — Respirei fundo. — E teria feito sem me importar com as consequências ou até mesmo com o seu irmão. Mas então, a cada vez que quase joguei a prudência pelos ares algo me impediu, fazendo-me lembrar de que não sou um homem livre e que não posso simplesmente...

— Não toque no nome dela, por favor — pedi baixo, recusando-me a pensar que havia uma esposa em sua vida, e que a única errada aqui era eu por desejá-lo tanto.

Não era egoísmo, era desespero.

E foi com esse mesmo sentimento que Ricardo agarrou-me pela nuca e me

beijou. Empurrando-me sua boca, e o gosto inconfundível de menta. Suas mãos percorreram meu corpo para garantir que eu não fosse escapar. Menos de um minuto, foi o tempo em que durou o beijo e o tempo em que me senti fora de órbita. Talvez tenha sido mais: um, dois, cinco minutos. Mas a impressão que tive quando Ricardo se afastou foi a de que não tinha durado nada. Um beijo rápido demais, para um desejo e uma vontade que pareciam não ter fim.

— Que merda! — grunhiu, deixando-me apenas com a sensação dolorida em meus lábios e uma respiração falha. Ricardo levou a mão até a nuca, pressionando-a como fazia sempre que se via sem escolha ou saída. Até mesmo nervoso. Cambaleei para trás, zonzinha por conta da intensidade do beijo. Minhas pernas estavam realmente bambas. Mas ele não deixou por isso mesmo, o troglodita tinha que me segurar e pedir o impossível. — Eu não sou um homem que implora, mas dessa vez não tenho escolha, então me mande sair desse quarto, Isadora. Peça para que eu a deixe em paz. Faça isso porque sozinho eu não consigo.

O encarei, atordoada. Meu coração batia tão forte que parecia prestes a sair pela boca. Ricardo queria que eu tomasse a decisão que no momento ele não era capaz de tomar. Mas eu também não. Esperar que eu lhe pedisse para sair seria me negar tudo o que sentia saudade. E eu estava cansada de sentir saudade da gente, do que éramos entre quatro paredes. Então eu o toquei, oferecendo a Ricardo minha resposta ao mesmo tempo que os meus dedos percorriam seu tórax, alcançando enfim o seu pescoço, que foi onde tracei a linha grossa de sua veia proeminente, lembrando todas as vezes em que o beijei ali.

Inspirei fracamente ao escutá-lo rosnar uma maldição em meu ouvido. Irritado por me desejar, irritado por não conseguir me deter. Irritado por me querer tanto ou mais do que eu o queria.

Entre nós dois faltava fôlego, mas sobrava vontade.

— Porra, Isadora! — Ele segurou minhas mãos, prestes a afastá-las.

O que serviu apenas para que eu afundasse minhas unhas em seu pescoço e colasse o meu corpo ao seu. E o contato, mesmo que sob nossas roupas, foi abrasador.

— Sinto muito, mas eu não posso fazer o que me pede — admiti, antes de cometer a sandice de unir novamente as nossas bocas.

Não houve tempo de ser suave, ou explorar com calma o beijo que dei nesse homem. Porque no instante em que nossos lábios se tocaram, Ricardo escorregou a sua língua para dentro de minha boca com o mesmo ímpeto e violência com que me agarrou pela nuca. Senti a pressão de seus dedos, e imaginei com perfeição o estado vermelho e quente em que minha pele estaria ao fim desse confronto. Dando vazão à nossa falta de juízo, Ricardo me

empurrou contra o móvel mais próximo enquanto o robe que me cobria era avidamente aberto.

Foi impossível não sentir a lufada de ar gelado envolver minha pele. Os mamilos, já intumescidos, mostrando-se ainda mais sensíveis por conta da excitação.

Gemi contra a boca dele, sem a menor vergonha, recebendo em resposta um grunhido animalesco, que foi seguido da ausência total de toque. Ricardo se afastou, para o meu desespero, e me virou contra a mesa, observando-me da posição vulnerável em que me encontrava. Meus seios subiam e desciam, doloridos. Minha pele seguia arrepiada, arisca. E as pernas, completamente abertas. Dando-lhe uma visão privilegiada e indecente do meu corpo. Arqueei as costas ao ter meu cabelo puxado, e por um segundo senti-me desfalecer sobre a mesa de mármore frio.

— Eu me odeio por ainda sentir a sua falta — grunhiu em meu ouvido, a voz arrastada unida ao sopro de seu hálito deixou um rastro quente e escorregadio por onde passava. Contorci-me inteira ao ter Ricardo cheirando a pele do meu ombro, como se quisesse fazer mais do que absorver meu perfume. E ele fez. A mordida, que veio um pouco acima da clavícula e se arrastou pelas minhas costas, fez com que eu mordesse o meu próprio lábio, detendo o gemido que implorou para escapar. — Falta da mulher que é quando está comigo.

Uma pervertida?

Com os dedos ainda emaranhados em meu cabelo, eu tive o rosto puxado e a boca beijada com a mesma fome que senti crescer no meio de minhas pernas. Ofeguei em meio ao ataque incessante da língua de Ricardo, perdida e desorientada. O beijo que recebi foi molhado, cheio de desejo e uma voracidade que fez com que minhas pernas falhassem. Tenho certeza de que se não estivesse curvada sobre a mesa, eu teria perdido todo o equilíbrio.

Um puxão um pouco mais forte em meu cabelo, e o homem colocou todo o seu peso sobre o meu corpo.

— Eu sei que não nos pertencemos — grunhiu em meu ouvido. — Que já tentamos uma vez e não deu certo. Sei de tudo isso, porra! O problema aqui, Isadora, é que não sou capaz de estar perto de Clarissa sem sentir que estou traindo você. Compreende por que toda essa merda é confusa para mim? Por que lutar contra o que eu quero tem sido um verdadeiro tormento?

— Você não pode me dizer coisas desse tipo e depois simplesmente me dar as costas, dando a entender que sou um erro... — sussurrei, com meu corpo ainda vibrando.

— Mas você é. — Ricardo fez-me virar o rosto para encará-lo atrás de mim. — O maior de todos eles, e o único do qual eu não posso me ver livre. Você é o

meu erro, Isadora. A minha cruz.

— Isso não é justo comigo.

— Eu sei, gatinha. — Ele me beijou, sua respiração soando pesada. — Eu sei.

Cientes de que essa era uma batalha sem vencedor, Ricardo e eu nos encaramos, e em comum acordo desistimos de lutar contra. Não foi preciso dizer nada, ou apertar as mãos, nós sabíamos apenas pelo olhar que ficaríamos juntos essa noite. E que mataríamos a saudade um do outro. Aceitando o inevitável, eu perdi o fio da meada ao ter os dedos desse homem tateando o meu corpo em direção à calcinha que eu usava, que foi apressadamente deslizada pelo meu quadril até que me vi inteiramente exposta.

Os seios imprensados sobre a mesa, e a parte mais íntima do meu corpo completamente nua.

Ricardo deteve o tecido de renda um pouco abaixo da polpa do meu bumbum, as tiras finas, agora emboladas, marcando a pele branca. Sei que ele olhou para baixo e que a cena o agradou, pois o som que escapou de sua garganta arrepiou-me dos pés à cabeça. Até mesmo os fios rebeldes de cabelo em minha nuca eriçaram. Tentei me mover, olhar para ele à procura de contato visual, mas tudo o que fui capaz de fazer ao sentir seu polegar ultrapassando a barreira dos lábios de minha vagina, foi apoiar a cabeça sobre a mesa e gemer.

O dedo grosso subiu e desceu, roçando com vontade a área extremamente sensível e lambuzada, que parecia escorrer de tão molhada. Contorci-me, entregue a ele, certa de que faria qualquer coisa que ele quisesse.

Como se também não conseguisse se controlar, Ricardo puxou o meu quadril para trás e se ajoelhou, beijando a minha boceta. Não foi uma lambida ou chupão, foi um beijo. Lento, suave. Úmido. Meu coração acelerou e, sem juízo algum, eu me peguei escancarando as pernas para que ele pudesse ir mais fundo.

— Boa garota... — Seus dedos estalaram em minha bunda, afastando as polpas e subindo o beijo. Juro que se tivesse como, minhas unhas estariam cravadas na mesa. Tamanho descontrole. — Melhor do que o cheiro da sua boceta, é o gosto.

E ele não seria o homem que era se não tivesse me empurrado e voltado a procurar pela minha boca, fazendo-me provar do meu próprio sabor. O latejar do seu pênis por baixo da calça foi sentido, mas eu não tive como tomar fôlego ou respirar. Ricardo não permitiu. E, conforme me beijava, os dedos agora em volta do meu pescoço, eu me senti perdida em meio ao nosso caos. Não havia chão sob os meus pés, ou teto sobre nossas cabeças. Somente nossos corpos e desejos.

Nada além de nossos pecados.

Ricardo

Empurrei meu pau pela entrada molhada de Isadora. E a cada respiração mais profunda que deu, eu me senti ser sugado. A boceta dessa mulher arrancava o meu juízo, era estreita demais para o meu tamanho, e gulosa demais para que eu mantivesse o controle ao estar dentro dela, que era o que acontecia no momento, Isadora estava no ponto. Lambuzada, seu tesão palpável de tão evidente.

Comigo não era tão diferente, e o membro duro e inchado, alargando-a inteira era a prova.

— Caralho! — xinguei, enterrando o rosto em sua nuca ao sentir que cada centímetro de ereção se encontrava envolvido por sua boceta. Não havia um só centímetro fora. E se esse não era o encaixe mais gostoso que provei, eu não saberia dizer o que era. Parei de me mover, querendo senti-la me apertar. Seu corpo estremecia em harmonia com o meu. Era como se pulsássemos na mesma frequência. E eu não me referia apenas ao coração.

Com uma delicadeza que não me era comum, eu afastei o cabelo suado de suas costas e beijei as pequenas sardas espalhadas pela pele macia, que esquentava inteira durante o sexo. Marcas vermelhas concentravam-se nas regiões de maior circulação. Seios, bumbum, bochechas... A cor rubra e o cabelo quase sempre bagunçado por minhas mãos deixando-a irresistível de tão gostosa.

Tracei com o dedo um caminho linear de pintas, dando-me conta de que nós poderíamos até estar a caminho do inferno, mas essa mulher era o meu céu, porra! E as sardas dela, a minha própria constelação.

— Como consegue agir como se essa merda não afetasse você? — murmurei em seu ouvido, jogando o meu peso sobre o dela e aumentando a profundidade da penetração.

Seus seios pequenos eram esmagados contra a mesa enquanto Isadora se contorcia debaixo de mim. Os fluídos de sua boceta tornavam o entra e sai mais gostoso, mais molhado. Eu podia escutar o som que nossos corpos faziam ao se misturar aos gemidos e grunhidos que nos escapavam. O bater do meu quadril em seu traseiro, o estalo de peles deixando-a na borda. Eu não era o único prestes a gozar aqui.

— Ricardo — Isadora choramingou o meu nome, a voz sempre tão séria ecoava completamente rouca. Como se o alívio que seu corpo necessitava estivesse em minhas mãos. E estava. — Por favor.

Seus dedos apertaram a lateral da mesa assim que aumentei as estocadas.

Vendo-a enlouquecer, eu deslizei a mão até o meio de suas pernas, abrindo-as ainda mais, e envolvi o clitóris entre meus dedos. Massageando-a até que os tremores começassem.

— Eu não vou parar... não até que goze, Isadora. Até que cada centímetro desse seu corpo gostoso esteja saciado.

— Continue — implorou, sem forças. — Só... continue.

A súplica foi o catalisador da minha loucura.

— Como pode olhar na minha cara e dizer que não sente falta disso, porra?! — grunhi, rouco. — Você ignora o que vivemos como se todas aquelas noites não tivessem significado nada, como se tivesse sido apenas sexo!

— E foi — ela gemeu, tão ou mais atordoada do que eu. Sua boca dizia algo e o seu corpo outra. Porque quando não era eu a empurrar para dentro dela, era ela a me procurar. A me sugar com a boceta. — Foi apenas sexo.

— O caralho que foi, Isadora. O caralho! — Eu a segurei pela cintura com força, não lhe dando chance de responder, pois antes mesmo de retirar meu pau por inteiro eu já a golpeei novamente. Várias e insanas vezes. Isadora estremeceu a cada estocada, gritando e gemendo *por favor, por favor*.

Deixando-me fora de mim. O som de sua voz implorando por alívio não era algo com o qual estava acostumado. Havia fogo e tesão no que fazíamos, sempre houve, mas dessa vez houve algo mais. A saudade sobressaiu a qualquer conceito do que era certo ou errado. O desejo assumiu o controle. Fazendo com que nossas mentes parassem de funcionar. Porém, mesmo que nossos corpos estivessem recebendo o que queriam, nada, nenhum beijo, nenhum olhar ou palavra parecia ser suficiente.

Porque não era apenas seu corpo que eu desejava.

A certeza de que o nosso tempo era calculado, e que os ponteiros do relógio corriam com uma rapidez quase alarmante, fez com que eu a puxasse, apertando-a pela cintura enquanto a sentia gozar com meu pau dentro dela e o dedo entre as suas pernas. Esbravejei em seu ouvido, louco de tesão, ao mesmo tempo que gozava na saída de sua boceta. Recusei-me a soltá-la, desejando sentir cada batida e estremeecer do seu corpo, agora sem forças. E com o rosto afundado em sua nuca, eu deixei beijos molhados em sua pele, sentindo os últimos espasmos liberarem o meu gozo em seu traseiro magro.

Isadora arfou por conta da maneira como eu a segurei, e mesmo que deliciosamente suada, foi impossível fazer com que o braço envolto de sua cintura a liberasse. Não sei se ela tinha noção, mas eu estava assustadoramente ciente de que assim que a soltasse a realidade bateria sobre nossas cabeças e o momento se perderia.

— Não é apenas sexo — repeti irritado em seu ouvido, querendo que pelo

menos uma vez na vida ela admitisse a verdade. — É mais do que uma necessidade, Isadora, mais do que pele suada e gozo. E você sabe.

Isadora se debateu, apoiando-se na beirada da mesa e, com a minha ajuda, se virou. Ficando frente a frente comigo. O olhar saciado desceu pela camisa entreaberta e amarrotada que eu ainda vestia, enquanto seus seios subiam e desciam diante dos meus olhos. Fascinado com a maneira bagunçada e confusa que essa mulher ficava após o sexo, eu acariciei a clavícula mordida e segui o caminho de suas sardas até alcançar o mamilo duro e rosado do seu seio, que parecia inchado por conta do tesão.

Inclinei-me para mais perto e a beijei com suavidade, vendo-a lutar consigo mesma. Isadora segurou meu braço, indecisa em me deixar continuar, mas acabou cedendo. Os dentes brancos e alinhados de sua boca carnuda batiam fortemente um contra o outro. Como se um frio que eu não sentia a envolvesse mesmo que ela estivesse inteira exalando calor.

— Eu gostaria que tudo pudesse ser diferente, gatinha. — Continuei a beijá-la, incapaz de me afastar. — Gostaria que isso entre nós dois não fosse uma ideia tão absurda.

— Nunca daria certo — declarou, desviando o olhar.

Vendo o desejo, que não diminuía, se misturar à raiva quase sempre recorrente, eu falei:

— Ou então daria muito, muito certo. — Beijei-a na boca, mesmo contrariado.

Dessa vez, o beijo não durou. Nós dois estávamos conscientes demais do que tínhamos feito, e mais ainda do que esse ato de insanidade significava para simplesmente fingir que o restante do mundo não existia. Havia muito em jogo, e foi isso que a fez afastar sua boca da minha e desviar decididamente os seus olhos dos meus. Deixando mais do que claro que o nosso tempo havia acabado.

— Eu não me arrependo de absolutamente nada do que aconteceu nesse quarto — declarei ao beijar a lateral do seu rosto, despedindo-me dela. — Erro ou não, certo ou não, eu estive aqui, de corpo e alma.

— Por favor, apenas me deixe sozinha — falou, ainda nua. O que só a fez parecer mais vulnerável. — Eu vou...

— ... vai ficar bem — concluí por ela, detendo a vontade de sacudi-la e lhe causar alguma reação que não apatia, que não indiferença ao que tínhamos acabado de fazer. — Você sempre fica, não é?

Isadora assentiu, orgulhosa, assistindo-me sair do seu quarto como se o sexo intenso e desesperado que fizemos não a tivesse perturbado, como fez comigo.

Ricardo

“NESTE ÚLTIMO SÁBADO, o baile anual da Fundação Amin reuniu no Hotel Castanhari’s a nata da alta sociedade catarinense. Políticos e empresários de todo o estado estiveram presentes prestigiando o evento e contribuindo na causa abraçada há quarenta anos por um time influente de mulheres que, em parceria com o fundador Sr. Teixeira...”

Passei o olhar rapidamente pela reportagem saída no jornal essa manhã. Havia fotos, dezenas delas, e um caderno inteiro destinado à Fundação Amin. O destaque, como imaginei, ficava quase que inteiro no discurso impecável de Isadora e a presença de sua família. Assim como na homenagem feita a uma das mulheres que mais contribuíram com o projeto: Lorena Montenegro.

Sem me dar conta do que fazia, eu encarei a antiga fotografia da mãe de Isadora. Os traços eram os mesmos, a postura também. Só que ao contrário do que acontecia à filha, que dificilmente sorria, Lorena parecia saber exatamente como fazê-lo. Difícil acreditar que essa era a mesma mulher da qual escutei tantos comentários adversos sempre que Isadora encontrava-se vulnerável.

Diferente do que acontecia nas matérias disseminadas pelas redes sociais, os periódicos impressos tendiam a respeitar os Montenegro pela influência que possuíam na economia do Estado. O dinheiro que movimentavam e os negócios interligados à vinícola foi por muito tempo um dos principais incentivadores econômicos da cidade. E o prestígio que seus avós e tataravós adquiriram ao colocar de pé a vinícola existia até hoje.

Virei a página, e minha mandíbula contraiu ao me deparar com uma fotografia de Isadora e Oliver juntos.

“A herdeira, Isadora Montenegro, aproveitou o evento para fazer sua primeira aparição pública após o seu retorno ao país. Acompanhada de Oliver Arantes, o atual diretor financeiro da Montenegro, a empresária...”

Amaldiçoei os dois e o fato de terem me feito assisti-los durante toda a

semana, irem e virem de almoços e jantares. Se não fosse o suficiente, eu tinha quase certeza de que o bastardo sabia a nosso respeito. Não apenas sabia, como vinha tentando me tirar do sério.

O que ele iria conseguir em breve, se continuasse a tocar no que não lhe pertencia.

Afastei o maldito jornal e procurei me concentrar na agenda de compromissos de hoje. Como teria a manhã de folga no que se referia à segurança de Isadora, eu cuidei para que Hélio assumisse a minha posição. A troca de turno, dessa vez, proporcionaria tempo para que eu me encontrasse com Samuel e ficasse a par das informações que ele garantiu ter reunido nessa última semana.

Levantei-me da mesa, bebendo o último gole do café preto, e parei ao me deparar com Clarissa. A verifiquei, procurando por algum sinal do seu mal-estar recorrente e detive a atenção sobre a sua cintura nua. Assim era a maneira com que andava dentro de casa: blusas curtas, sutiãs esportivos, e as saias longas que sempre gostou de usar. Nada nela parecia diferente da mulher com quem me casei, e ainda assim sempre que a observava era como se eu já não a conhecesse.

— Irá ficar em casa essa manhã? — perguntou, sondando-me.

— Não posso, preciso resolver algumas questões com Samuel no Hangar hoje. — Ela cruzou os braços, evidentemente contrariada.

— Quando teremos tempo para ficarmos juntos? — inquiriu. — Ou será que você nunca irá se cansar de trabalhar? Primeiro, foram todos aqueles anos dedicados ao exército, e agora... mesmo estando aqui, dividindo a mesma casa, você parece viver em outra dimensão, Ricardo.

— Na maior parte do tempo, eu estou apenas querendo entender como você pode agir insanamente em um dia e no outro fingir que nada aconteceu, Clarissa. Fora as cobranças diárias, os telefonemas no horário de trabalho... Quando não é para mim, é para a minha família. Então há as coisas absurdas que vem falando...

— É essa gravidez que tem me deixado assim — justificou-se. — Na maioria das vezes eu não sei nem o que estou dizendo. Você não pode me culpar por agir dessa maneira, quando é o seu filho quem está fazendo isso comigo.

Respirei fundo, essa não era a primeira vez que agia errado e jogava a culpa em uma criança que sequer tinha nascido ainda.

— Para começo de conversa, não é o *nosso* filho quem está te fazendo dizer barbaridades...

— Por que é tão difícil entender que tudo o que eu quero é voltar a ser sua mulher e dormir na mesma cama...

— Você acha que sexo seria a solução dos nossos problemas?

— Seria um começo.

Não, não seria.

— Sabe o que nos ajudaria, Clarissa? Você parar de tapar o sol com a peneira e enxergar a realidade do nosso casamento. Porque em momento algum eu concordei em voltar para a cama que dividimos no passado. Você não caiu nessa situação de paraquedas, eu fui muito claro quando conversamos e você bastante rápida em dizer que me daria o tempo que fosse necessário até que tudo se resolvesse. — Ela não teve coragem de me olhar, porque sabia que eu estava certo. — O que você precisa entender agora, é que, às vezes, os planos que fazemos não dão certo.

— Você e ela estão juntos novamente — acusou, lendo sinais que só ela teria conseguido.

— Clarissa...

— Se for verdade, Ricardo, é bom que saiba que dessa vez eu não vou sossegar até descobrir quem é essa mulher. E quando conseguir, eu juro que farei da vida dela um inferno!

— Ah, mas não vai mesmo, e sabe por quê? — Virei-me, nervoso. — Porque se tentar qualquer coisa, a menor que seja, e eu descobrir, Clarissa, você pode dar adeus a essa tentativa que estamos fazendo, fui claro? Se esse casamento significa tanto assim, você irá esquecer que existiu outra mulher em minha vida e me deixar trabalhar sem que eu tenha que quebrar a cabeça imaginando o que irá aprontar da próxima vez para deixar a mim e à minha família loucos!

Clarissa comprimiu os lábios.

— Você esqueceu rápido demais o que essa mulher te fez, vejo isso pela maneira como ainda a defende. Só espero que também não se esqueça que fui eu quem estive do seu lado depois que aquela vagabunda quebrou o seu coração! — Não perca a cabeça, Ricardo, não perca. — O que ela tem que eu não tenho? O quê?

Acho que não era o que *ela tinha*, e sim o contrário.

— Eu vou te perguntar somente uma vez — disse, perdendo as estribeiras. — Você quer realmente falar sobre essa mulher, ou deseja apenas me irritar?

— Eu só quero saber quem ela é.

— Quem essa mulher é, o quanto eu a amei e o que ela significou, nada disso importa mais, Clarissa.

— Importa, se você pretende ficar com ela.

— Eu não pretendo, porra! — Mentira ou não, as palavras saíram rasgadas pela minha garganta. Como se queimassem e recusassem a serem ditas. Mas elas precisavam ser verdadeiras. Porque o contrário significaria arriscar tudo, outra vez, por uma pessoa que jamais demonstrou interesse real de estar ao meu lado.

Ricardo

RECUEI AO TER Heitor acertando-me no lado direto, o chute na costela queimando, mas nada que eu já não estivesse acostumado. O infeliz sorriu por detrás do protetor de boca e eu sacudi a cabeça, afastando da mente a expressão apática a cobrir o rosto de Isadora essa manhã. Não houve chance de conversarmos com calma desde o ocorrido no último sábado. Ela parecia não querer falar sobre o que fizemos naquele quarto de hotel, prova disso era o fato de estar usando Oliver como escudo. Indo e voltando da Montenegro com ele sempre que podia, nunca sozinha ou disposta a parar e me ouvir.

— Porra, Ricardo! — Heitor grunhiu quando revidei o chute, fazendo-o cambalear para trás.

Samuel riu alto de fora do tatame e o restante da luta prosseguiu assim. Um golpe aqui, dois lá. Por ser mais alto e ter um índice baixo de gordura, o que proporcionava um corpo trincado por músculos magros, eu era bem mais ágil. Treinamento militar nós dois possuíamos, mas era o meu domínio das artes marciais que fazia a diferença quando eu o enfrentava.

Quinze minutos mais tarde, exaustos, Heitor e eu nos jogamos sobre o tatame de uma das salas de treinamento do Hangar, em um horário que vez ou outra conseguíamos encaixar durante a rotina extenuante de compromissos de Isadora. Conferi o relógio, no alto de uma das paredes, dando-me conta de que ainda tinha alguns minutos antes de ter que me enfiar debaixo da ducha fria e me dirigir até a Montenegro para pegar a dama de ferro e levá-la para outra de suas consultas.

— Por um momento pensei que estivesse lutando contra o relógio, Ricardo, e não com o Heitor. Qual é a porra do problema agora? — Samuel quis saber, abandonando o saco de pancada e juntando-se a nós dois.

— Hoje não, Samuel — o cortei antes que começasse. — Tem muita merda acontecendo.

Ele e Heitor se entreolharam.

— Deixe-nos adivinhar: essa merda tem a ver com a sua *dondoca*?

Sacudi a cabeça, o alertando de que não tinha gostado da brincadeira.

— Ricardo, *ela* é problema — ele me ignorou.

Heitor era *um criança*, veio de engate quando conheci e me aproximei de Samuel. Era um mulherengo de carteirinha também. E mesmo que não levasse a vida a sério, ele sempre apoiou minhas decisões. Diferente de Samuel, que era mais ferro e fogo.

— E vocês acham que eu não sei?

— E quanto a Clarissa? — Samuel se intrometeu, sendo, como sempre, a razão do grupo.

— Eu tenho feito o possível. — Foi o que respondi, ignorando as expressões sérias em seus rostos.

— Mas...

— Não há *mas*, Samuel. Eu voltei para casa, retomei meu casamento. Quero esse filho, mesmo que ele não tenha sido planejado. — Deixei claro. — Em um dia eu era apenas a porra de um homem sofrendo por uma mulher e, no outro, eu me descobri pai. Tem ideia de como isso mexe com um homem? E é por isso que...

— Você não vai deixá-la — Heitor concluiu, sem me encarar diretamente.

Sei que centenas de casais separavam-se todos os dias e continuavam sendo pais presentes, mas toda vez que refleti sobre o assunto, a conclusão era sempre a mesma: Clarissa não tinha maturidade emocional alguma para lidar com essa gravidez.

Frustrado, eu sacudi a cabeça e me afastei dos dois. Uma chuveirada gelada faria com o que o meu humor esfriasse e, mais do que isso, com que meu cérebro mantivesse o foco.

Isadora

O motor da Mercedes foi desligado ao chegarmos no estacionamento do prédio em que ficava o consultório do Dr. Carvalho. Confesso que após as horas que levamos até chegarmos a Florianópolis, eu já não me achava capaz de pensar com clareza. Cada respiração mais profunda, cada apertar do volante, ou verificação feita por ele através do retrovisor, fez com que minha pulsação disparasse. Sei que parte dessa tensão era culpa minha, eu vinha evitando Ricardo como evitaria o próprio diabo.

Mas, depois do que aconteceu, dei-me conta de que conversar com ele era perigoso e olhar em seus olhos, ainda mais. Eu o sentia me observar, claro. Seria impossível não notar um homem do seu tamanho sempre em meu entorno. Como uma águia à espreita de sua presa.

Odiei ver-me nesse papel, porque o ataque normalmente era feito por mim. Mesmo quando ele era defensivo. Mas com Ricardo nada seguia o programado, e cada vez que o meu olhar cruzou com o seu, em algum momento de vulnerabilidade, o pânico dominava-me por inteiro e eu voltava a me sentir impotente.

— Eu vou me atrasar — falei ao notar que ele não pretendia abrir a porta do carro para mim.

— Nós temos 20 minutos até o seu horário.

— Temos? — inquiri, olhando para o lado de fora da janela.

— Você ainda não disse como tem lidado com o que aconteceu, Isadora.

— E o que te faz pensar que eu deveria? — perguntei baixo. — Nós transamos, e o quê? Aquela noite não significou nada.

Será que Ricardo não se dava conta de que ele e eu éramos um caso perdido e que precisávamos, urgentemente, ficar longe um do outro?

— Por que acha que essa merda continua acontecendo entre nós dois? — perguntou, apoiando a cabeça no banco do motorista enquanto me olhava através do retrovisor.

O homem não parecia melhor do que eu estava, o que me fez questionar se não era o remorso nos consumindo. A culpa, mas, principalmente, o desejo de repetir tudo de novo. Cada minuto e toque. Cada beijo ganancioso, cada troca de olhar.

— Eu não tenho uma resposta para a sua pergunta, sinto muito, agora me deixe sair — respondi no automático, recusando-me a pensar demais.

— O que você pretende esfregando Oliver na minha cara como tem feito? — exigiu saber, o tom de voz soou controlado, mas a raiva embutida em suas palavras era palpável.

— Eu não pretendo nada, Ricardo. E mesmo que tivesse alguma outra intenção por detrás de minhas ações, você é a última pessoa com direito de me cobrar explicação.

Ele sacudiu a cabeça, e se virou, olhando para mim. Nada de reflexo no espelho, nada de tentar adivinhar a expressão em seu rosto. Ricardo queria que eu o visse, o encarasse.

— Se o que diz é verdade, e eu não tenho qualquer direito de me sentir ciumento ou te cobrar explicação, então há algo de muito errado nessa história. Porque eu não sou capaz de ignorar o fato de que sinto como se aquele infeliz

estivesse pondo as mãos no que é meu.

Fechei os olhos, exasperada.

— Você é como o meu pai, Ricardo, e deseja algo impossível. Quer permanecer casado, vivendo sua vidinha comum, enquanto experimenta o outro lado comigo. Porque foi isso que meu querido pai fez, ele enganou minha mãe, enganou a amante dele, engravidou aquela mulher e trouxe uma bastarda ao mundo! E é isso que vai acontecer se nós dois não nos afastarmos.

Não me referia à parte do bebê, pelo amor de Deus, eu me protegia! Mas a todo o resto, sim, inclusive o sofrimento.

— Eu não sou o seu pai, Isadora. Não sei quais foram as razões para que ele tenha feito o que fez, mas sei quais são as minhas; e, porra, eu posso garantir que não tem sido fácil estar na minha pele. Assim como não é vê-la ao lado de um homem que preenche todas as exigências que seu irmão e você fazem tanta questão. O desgraçado é perfeito, e você tem deixado que ele pense que pode ter.

— Talvez ele possa — falei baixo, incerta se havia alguma verdade no que dizia.

Ricardo me avaliou, trincando o maxilar.

— A porta está destrancada, Isadora. Saia se não quiser se atrasar — disse com um tom de voz tão frio que não fui capaz de sustentar por muito mais tempo o seu olhar.



O Dr. Carvalho prosseguiu em sua tentativa de me convencer de que relações conturbadas entre mães e filhas eram mais comuns do que eu imaginava, mas enquanto relatava um caso interessante que tratou anos atrás, eu me desliguei por completo. E ao me forçar a não pensar na conversa que tive mais cedo com Ricardo, eu passei por cima do desconforto que a pintura fazia-me sentir e a estudei. Em meio à parede de cor branca, havia uma moldura de madeira com um ou dois centímetros de desalinho, mas não era isso que incomodava, e sim a mulher retratada no quadro. Observando-a melhor, notava-se que ela era bonita, mas que no momento de intimidade capturado, fora a sua tristeza que sobressaía.

O que soou deprimente de um jeito que só eu conseguiria compreender. Porque aquela mulher, ela se encontrava sozinha. A ligação instintivamente feita pela minha cabeça me paralisou.

— Srta. Montenegro? — O Dr. Carvalho chamou, abaixando os óculos a fim de me observar. — Está tudo bem?

Deus, como eu odiava essa pergunta, mais ainda o fato de que todos pareciam dispostos a me fazê-la!

— Sim — menti, algo que vinha se tornando um hábito terrível. — O que estávamos discutindo mesmo?

— Sobre a sua mãe. — *Claro*, foi nesse ponto que me desliguei.

— O que, exatamente, você gostaria de saber a respeito da minha relação com ela? — Contornei a pergunta, readquirindo o controle, até ser capaz de encará-lo com firmeza.

— Comece pela sua infância. — Certo, não deveria ser difícil, não é? Pensei comigo mesma, enquanto tentava encontrar algo relevante a ser compartilhado.

Algo que não me fizesse sentir pior.

— Minha mãe e eu, nós éramos muito unidas. Desde pequena, eu ouço que somos parecidas também. Física e emocionalmente.

— Então ela era uma mulher bonita. — O comentário não me surpreendeu.

Porque essa era sempre a primeira ligação que faziam: *você é tão bonita e lembra tanto a sua mãe*.

Por um bom tempo após a sua morte, eu apreciei ser comparada a ela. Era algo que deixava-me satisfeita. Algo mudara nos últimos tempos a ponto de fazer-me sentir mal ao escutar comentários assim, como se ser como ela não fosse mais um desejo.

— Sim. É o que todos dizem, pelo menos.

— E por dentro? — Comprimi os lábios ao escutar a pergunta.

— Você quer saber se ela era bonita por dentro? — Assentiu, com calma.

— Eu não sei. Mas lembro de ela ser uma pessoa triste. — *Como a mulher do seu quadro*. — Meu pai a magoou muito ao longo do casamento, e isso a tornou fria.

— Até mesmo com você?

Neguei.

— Eu era a preferida dela. A todo lugar que comparecia, eu a acompanhava. Mamãe sentia orgulho de mim e adorava me exhibir para as suas amigas, dizer o quanto eu era... — Um nó se formou em minha garganta.

— Vá com calma, Isadora.

— Ela adorava dizer para todos o quanto eu era uma criança inteligente e acima da média. Que era a melhor em tudo o que me propunha a fazer.

— E você era? — *Eu era*. E quando não conseguia, ela simplesmente me afastava da atividade que eu me mostrasse incapaz de realizar com perfeição. Como foi o caso do balé.

— Eu tentava. — Ele fez algumas anotações em seu caderno marrom.

— Você continua tentando, Isadora? Ou percebe que não precisa mais? — Descruzei as pernas e voltei a cruzá-las em outra posição. Desconfortável.

— Não acho que eu precise tentar, porque eu sou a melhor em tudo o que faço — admiti segura, e ele fez outra anotação.

— Você acha que se sua mãe fosse viva, algo estaria diferente em sua vida? — A pergunta fez-me pensar a ponto de concluir que *sim*. Tudo estaria diferente. Lorena jamais admitiria o casamento de Marcos com Rachel, e se ele a tivesse enfrentado, tenho certeza de que isso desestruturaria nossa família. No que dizia respeito a Mariana, ela provavelmente não seria presente em nossas vidas ou frequentaria nossa casa. Mamãe faria o possível para impedir que algo assim acontecesse, a menos, é claro, que isso prejudicasse a imagem que todos tinham dela.

— A família que tenho hoje não existiria se ela estivesse viva — revelei com honestidade, percebendo que a possibilidade não me agradava.

— E quanto a você?

Quanto a mim? Eu o encarei sem realmente olhar para ele, imaginando como estaria hoje se Lorena não tivesse falecido naquele acidente.

— *Por que não está arrumada ainda, Isadora? — Mamãe entrou no meu quarto, incrivelmente bonita. O conjunto rosa deixava-a linda. — Não falei que nós tínhamos um compromisso? Onde está a sua babá? — Revirei os olhos sem que ela percebesse. Eu não gostava de ter uma babá. Não quando já tinha dez anos. Sara servia apenas para ficar atrás de mim, verificar minhas atividades e me levar aos lugares. Era chato, porque nenhuma das minhas colegas de escola tinha uma babá.*

— *Eu não estou me sentindo bem, mamãe. Posso ficar em casa? Só dessa vez, por favor.*

— *O que você tem? — Ela parou de andar pelo meu quarto, olhou-me por um segundo e voltou a atenção para os dois vestidos que havia separado para que eu usasse hoje.*

— *Estou com enjoo, mamãe — menti.*

— *Tudo bem então, eu irei sozinha — falou de modo emocional, colocando os vestidos de lado. — Estou acostumada a ter seu pai inventando desculpas para não me acompanhar nos eventos, você fazendo o mesmo não me surpreende. Eu fico triste, é claro, mas é algo com que tenho me acostumado.*

Eu não queria decepcioná-la como fazia todos os dias com papai. Não queria perder minha mãe também, tê-la me ignorando...

— *Tudo bem, eu vou — falei, levantando-me da cama e sorrindo*

forçadamente. — Me desculpe.

Ela me olhou, sem qualquer traço de amorosidade e balançou a cabeça, virando-se em seguida.

— Vista o verde, querida, ele combina com seus olhos. Eu irei encontrar a Sara para que penteie o seu cabelo. Ele está terrível essa manhã. — Passei a mão pelo cabelo liso e espiei pelo espelho, querendo saber o que havia de terrível. Ele não parecia ruim para mim. Ainda assim, eu voltei a penteá-lo até não ter um fio fora do lugar. Assim como o de mamãe.

— Isadora? — Afastei a lembrança com uma manobra discreta da cabeça.

— Não sei como eu estaria — menti, outra vez. — Mas ela me amava. — Era melhor acreditar que sim, porque o contrário me devastaria. — Então imagino que ela iria querer o meu bem.

Ele me estudou, e sorriu de maneira profissional.

Deixei o consultório, sentindo um peso monstruoso dentro do peito. Não havia sintomas de ataques de pânico dessa vez, apenas uma tristeza profunda. Lembrar dos momentos vividos com a minha mãe nem sempre era fácil, e por mais que ela tenha sido uma das poucas pessoas a quem me permiti amar, quase sempre era angustiante. Com a cabeça baixa, eu caminhei até o estacionamento. A discussão com Ricardo fazendo-se presente em minha cabeça, assim que o avistei à minha espera.

Senti o olhar atento avaliando-me e, como uma covarde, hesitei. Os instantes que levei para me recompor fazendo-me imaginar como seria se eu simplesmente me virasse e corresse para longe dessa vida. Do peso excruciante que era ser uma Montenegro. O pensamento foi tão longe que, quando dei por mim, uma cena de Ricardo e eu juntos no futuro se formou em minha cabeça de maneira aterrorizantemente clara.

Nós dois, nossa casa. Um garoto e uma garotinha, ambos parecidos com ele. Não haveria perfeição, só verdade. Eles seriam felizes. Nós dois seríamos.

Não fui capaz de deter o brilho das lágrimas que se concentraram ao redor de meus olhos, porque nada do que imaginei aconteceria. Nunca. Ricardo já era um homem casado.

— Venha aqui — o homem sussurrou, puxando-me devagar. Sem ideia da razão pela qual eu estava em choque. Deixei-me ir para os seus braços, pois sabia que ao me tocar por fora, Ricardo me alcançava por dentro. — Odeio vê-la assim. Odeio, porra.

— Por que tem que ser errado? — perguntei, exasperada.

Não era só a esposa dele a impedir que eu me entregasse a esse homem, era também o meu mundo. As pessoas, o julgamento. A cobrança. Cada uma das

expectativas criadas e alimentadas a meu respeito ao longo dos anos.

— Vai ficar tudo bem, ok? Não sei quando ou como, mas tudo ficará bem. — Ele segurou o meu rosto e falou, mas tudo o que assimilei foram mentiras, a fim de me acalmar. Um sedativo temporário.

Isadora

— EU NÃO QUERO ir para casa ainda — admiti nervosa, assim que saímos da via expressa e alcançamos o entorno da cidade de Joinville. Daqui em diante haveria dois possíveis caminhos a serem pegos. Um deles era o da mansão, onde corria o risco de me deparar com Marcos à minha espera. O outro, era o do *flat*.

Concentrado e com as mãos ao redor do volante, Ricardo esperou até pararmos no primeiro semáforo para que pudesse me olhar.

— Tem certeza? — quis saber, tão ou mais confuso do que eu estava. Porque sua pergunta não exigia apenas uma resposta *sim* ou *não*, detrás dela havia uma infinidade de escolhas e desejos não revelados.

Assenti, devagar. Tomando o meu próprio tempo para decidir entre ir ou não ir.

Perder a cabeça... ou não perder.

Voltei a atenção para o que acontecia no lado de fora e respirei fundo conforme a temperatura dentro do carro aumentava.

Quinze minutos foi o tempo que Ricardo levou até chegarmos ao seu prédio. Dois, o tempo que ficamos presos no elevador, ambos olhando para o letreiro digital ansiando pela chegada do sexto andar. E um, o tempo que levamos até o bater da porta do *flat* e o encontro áspero e quase desajeitado de nossas bocas.

A mão dominadora e experiente de Ricardo desfez o meu coque, puxando as mechas agora onduladas até que meu rosto estivesse inclinado e à sua inteira disposição. O beijo foi profundo e, enquanto me afogava na onda escaldante de calor que era a sua boca, foi preciso segurar-me a ele. Mais precisamente aos seus ombros.

Recusamo-nos a nos afastar. E conforme ele me empurrava em direção à poltrona mais próxima, os dedos de sua outra mão envolveram o meu pescoço e o apertaram, cortando parcialmente a minha respiração. Ofeguei, sentindo com que cada pelo do meu corpo arrepiasse em um frenesi louco. Eu gostava de me

sentir assim, sem fôlego, sem ar, mas somente quando quem me causava esse tormento eram as mãos treinadas de Ricardo.

Com seu corpo ainda empurrando o meu, eu caí de bunda na poltrona enquanto ele permanecia de pé, olhando-me ferozmente. Minhas mãos espalharam-se pelo estofado ao mesmo tempo que minhas pernas eram separadas e puxadas. Fascinada com o espécime masculino que esse homem era, eu mal notei quando meu coração acelerou, incapaz de ter outra reação que não a de ficar boquiaberta. Após liberar o meu pescoço, Ricardo abriu os botões de sua camisa, livrando-se dela e do paletó. Suas pernas musculosas mantinham as minhas abertas, mesmo com a pressão do tecido justo da saia que eu vestia, e que agora, encontrava-se embolada no meio de minhas pernas.

Observei-o se livrar do cinto e passar a mão por todo o seu comprimento. Engasgando ao me dar conta de que a possibilidade de me amarrar passava pela sua cabeça.

— Você lembra? — indagou com a voz grave.

Assenti, tremendo. A pele ao redor dos meus pulsos formigando com a lembrança da vez em que ele os envolveu com o seu cinto, impedindo-me de tocá-lo. Só naquela noite, eu gozei três vezes. Três vezes em que me peguei gritando seu nome, enquanto o sentia inteiro dentro de mim.

— Você será a minha ruína, mulher — declarou, agarrando o meu cabelo a fim de manter o meu rosto inclinado. — Já fodeu com a minha cabeça, e sinto que vai fazer ainda mais estrago. Mas não dá, compreende? Cada músculo tenso do meu corpo a deseja. Cada pensamento que tenho te procura.

Arfei, recusando-me a escutá-lo dizer coisas que mexiam tanto comigo. Eu só queria o esquecimento, sem promessas ou esperanças. Só queria a gente.

— Eu não sei como não te querer — admitiu, desistindo da ideia louca do cinto e cobrindo a minha boca com outro beijo. Senti-me derreter em suas mãos, o rosto inclinado tornou o encaixe de nossas bocas ainda mais letal. E foi dessa maneira, refém dele, que Ricardo enfiou as mãos por dentro da minha saia e lentamente puxou a calcinha de seda para fora, deixando-me apenas com as meias 7/8 e a cinta-liga. E claro, toda a roupa que ainda nos separava.

O tecido negro e macio ao toque foi posto de lado, sua atenção estava focada no carinho que fazia em minhas coxas pálidas. Senti-o deslizar a mão áspera e grande pelo meu quadril, apertando-me, ora de maneira suave, ora com demasiada pressão, pondo-se cada vez mais perto da minha boceta. Seu toque, porém, foi substituído por sua boca, que após o enrolar apertado de minha saia no alto do quadril, deixou intensos chupões que tiveram início em meu joelho e subiram gradativamente pelo interior de minhas coxas.

Com suas mãos segurando-me de maneira bruta pelo quadril, Ricardo

alcançou o vão estreito entre as minhas pernas e inalou o meu cheiro, raspando o nariz por toda a pele arrepiada. Senti o roçar de seus lábios no meu monte de Vênus, e depois, um pouco mais embaixo. Sua língua chegou ao ponto de me lambe fora a fora, desde a minha entrada até o clitóris. O movimento feito por ele, assemelhando-se ao de um homem selvagem faminto.

Excitada, eu afastei as coxas, dando total acesso a sua boca que escorregou quente pela minha boceta... foi assim, até o momento em que ele, de repente, se afastou.

O olhar em seu rosto assumiu um brilho reprovador.

— Eu vou preparar algo para a gente comer. — *O quê?*, inquiri em silêncio, com o corpo inteiro formigando... e aberto para ele.

— Por quê?

— Você está com fome. — Senti-me encolher, porque isso significava que ele tinha escutado o meu estômago roncar. — E porque *isso aqui* não precisa ser apenas sobre sexo. — Ele lambeu os próprios lábios, consciente do meu gosto, e depois deixou um beijo rápido em minha testa. Os dedos ásperos, de que eu tanto gostava, desceram a saia embolada em meu quadril, arrumando-a. — A falta que senti de você vai além do que fazíamos sobre a cama. Ou nesse caso, sobre a poltrona.

O homem se levantou, e eu soltei um choramingo frustrado. Não pelo desejo, mas por tê-lo dificultando algo que, a princípio, deveria se tratar apenas de sexo. Confusa, eu me endireitei no sofá, vendo meus sapatos jogados no chão. O que procurava, porém, eu não encontrei.

— Onde está minha calcinha? — perguntei ao chegar na entrada da cozinha, vendo-o quebrar alguns ovos sobre uma grande frigideira larga. O aroma de temperos chegando ao meu nariz.

— Comigo.

— Isso eu imaginei, mas você poderia me devolver?

— Não — ele disse com um sorriso preguiçoso em seu rosto, olhando-me de soslaio. — Eu gosto da ideia de que você esteja nua por baixo da sua roupa, apenas esperando por mim.

Engoli em seco e a umidade que já sentia entre as pernas, aumentou.

— Isso é tão...

— Vulgar, sim, eu sei, Srta. Montenegro. Agora, por que não senta essa sua bunda magra e gostosa na cadeira? Ou melhor, por que não prepara a mesa para que a gente possa comer?

Preparar a mesa, perfeito. Não era isso que eu tinha em mente ao vir para o seu *flat*.

Sabendo um pouco de onde tudo ficava, eu peguei dois pratos e alguns

talheres e os dispus ordenadamente sobre a bancada. Enquanto Ricardo preparava nossa comida, eu me servi de um copo de água e separei uma cerveja para ele.

— Por que você tem mantido esse lugar abastecido? — perguntei, ainda mais confusa.

— Por sua causa, eu acho. — A resposta me pegou desprevenida. — Não como está pensando, Isadora. Eu só quero que você tenha um lugar para ficar quando quiser fugir de todo o resto.

— Mas...

— Andei pensando nisso nos últimos dias. Eu quero que você fique com as cópias da chave desse lugar. E que o use quando sentir necessidade. — Ricardo se virou, olhando-me sério. — Quero que esse seja o seu refúgio até quando eu não estiver aqui.

Aturdida, evitei olhar em seus olhos. Porque não acho que Ricardo fazia ideia do que causava em mim. De como toda essa atenção e preocupação embaralhavam a minha cabeça.

— Isso é loucura. — Ricardo apenas deu de ombros.

Procurando por algum vestígio de razão, eu andei pela cozinha, sentindo o cheiro de ovos mexidos e queijo, chegando à conclusão de que talvez a louca nessa história fosse eu. Porque a familiaridade entre nós dois nunca me pareceu tão certa.

Comemos, ambos calados, como se uma nuvem pesada pairasse sobre nossas cabeças e se recusasse a sair. Tomei a taça de vinho que Ricardo me serviu e, ao tentar tomar a segunda, eu tive a bebida afastada.

— Não quero que você ponha a culpa de nada do que vai acontecer essa noite no álcool — disse com a voz arrastada. Quase rouca.

De maneira ainda silenciosa, nós limpamos a cozinha, ou melhor dizendo, eu o assisti limpar. Como se ao fazê-lo, ele estivesse pensando em cada uma das consequências que o nosso ato impulsivo poderia provocar. Nervosa demais para estar por perto, eu me dirigi à sala e continuei a andar de um lado ao outro. Meus pés descalços, quase fazendo um buraco sobre o carpete.

Meu cérebro inquieto, cheio de questionamentos, travou ao vê-lo voltar à sala. E ao se aproximar, Ricardo tomou um demorado gole de sua *long neck*. Fez isso sem nunca afastar os olhos dos meus. Outro gole, um pouco mais curto, e ele pousou a garrafa sobre o centro de mesa.

Mesmo que ainda não tivesse me tocado, ou dito qualquer coisa, eu me senti estremecer por dentro.

— Minha razão está agora mesmo pedindo para que eu te deixe ir — disse baixo, aproximando-se como um predador. — Já meu coração... ele quer você.

Meu Senhor!

Fui novamente puxada. Ricardo tinha um jeito, uma brutalidade, que deixavam-me com as pernas bambas. Seus toques eram sempre intensos, nunca era apenas um beijo. Era sempre O beijo. Ou A lambida. Mordida... Por ser branca, não foram poucas as vezes em que me encontrei marcada após o sexo sujo que fazíamos. Meu pescoço e nuca, então, eram os que mais sofriam.

— Não diga essas coisas para mim — falei, com meu corpo colado ao dele.

— Por que não, se é verdade? — murmurou de volta, beijando-me lentamente.

— Prometa que será a última vez... — pedi, precisando que Ricardo acalmasse o meu coração de alguma forma. Porque a vontade de entregar-me a ele estava aqui, corroendo-me por dentro e por fora, mas tanto, que eu precisava da certeza de que algo assim não voltaria a acontecer.

Ricardo afastou sua boca e apoiou a testa na minha.

— Eu prometo.

Naquele momento, ao acreditar nele, eu permiti que nossas bocas se tocassem. Que se beijassem por horas, dias. Anos-luz. Fui pega em seu colo e levada para o quarto, mais precisamente sobre o colchão duro, que foi onde Ricardo lambeu e beijou cada centímetro de pele avermelhada do meu corpo. Porque era assim que eu ficava ao me excitar. Inteira vermelha.

Ofeguei baixinho, e arqueei as costas quando o homem afundou a cabeça entre as minhas pernas sem nenhum cuidado. Sua língua parecia ávida, voraz. Ele chupou meus grandes lábios, em seguida, os pequenos. Chupou e mordiscou meu clitóris, que pulsou em sua boca, e enfiou a língua dentro de minha boceta. Como se desejasse beber todo e qualquer fluído que de mim saísse.

Gozei contra a sua boca, claro. E ao mesmo tempo que me derretia, eu me contorci. Extasiada a ponto de não me importar em ser posta de quatro. Fui agarrada pela cintura, meus seios sendo empurrados pelo braço musculoso que me envolveu enquanto eu era penetrada.

Gritei seu nome alto, quase que escandalosamente, enquanto Ricardo entrava e saía de dentro de mim. Era como se desejasse fundir o seu corpo ao meu. Enterrar-se tão profundamente em minha boceta, que ao sair, a sua ausência jamais deixaria de ser sentida.

— Você me arranca todo o juízo, minha cadela... — o homem sussurrou. — Toda a porra do meu juízo.

— *Eu vou...* — Eu iria gozar de novo. Era isso o que eu iria fazer. E admito, a implosão do meu corpo teria mais a ver com tê-lo me chamando de cadela, do que qualquer outra coisa.

— Você vai gozar. — Assenti, sem forças. Minhas mãos cedendo sobre o colchão e apertando os lençóis, enquanto minhas pernas falhavam por conta do

peso de Ricardo. — Eu posso sentir a forma como sua boceta me suga, Isadora, mas não permitirei que goze sozinha. Quando chamar o meu nome, será porque eu... estarei chamado o seu e o meu sêmen, estará escorrendo por suas pernas. E sabe o que vou fazer depois que isso acontecer? — A pergunta veio em um murmúrio grave em meu ouvido.

— N-não.

— Eu farei tudo de novo, e continuarei a fazer até que o seu corpo suporte. Até que os limites a nos separar deixem de existir. Porque, no fim, será você e eu apenas nessa cama. Você... e eu — grunhiu, cumprindo a promessa.

Porque ao senti-lo derramar seu sêmen em um jato grosso e espesso dentro de mim, eu gozei na mesma hora. Meu corpo se contorcendo contra o colchão enquanto centenas de espasmos o envolviam.



Horas depois, já exaustos, Ricardo me abraçou um pouco mais forte ao perceber que eu pretendia sair da cama.

— Ainda não — falou em meu ouvido, roçando o nariz em meus cabelos, que a essa altura deveriam estar o oposto de alinhados.

— Eu preciso ir para casa — respondi baixo, com o corpo ainda letárgico.

Ricardo ficou em silêncio por algum tempo, antes de falar:

— Seu irmão realmente a afastou das negociações da Espanha? — perguntou, do nada. Distraindo-me com o assunto.

— Como sabe?

— Você está de volta a seu antigo escritório e não me parece que esteja satisfeita. — Ele estava certo.

— Marcos acredita que o melhor para mim é que eu permaneça no país. Sob a supervisão dele.

— E você discorda.

— Totalmente. Voltar ao Brasil foi o pior que poderia... — Calei-me, porque pressenti que Ricardo não iria gostar da minha linha de raciocínio. Acho até que a odiaria. — Eu só acho que não deveria ter voltado.

— Por nossa causa?

— Sim.

Apesar de ele ter ficado rígido, seus dedos continuaram a afagar o meu braço de maneira tão suave que em pouco tempo eu senti meu corpo ser tomado pela sonolência. A respiração baixa em meu ouvido, o aperto preciso. O cheiro do

nosso sexo e do homem que ele era. A escuridão do quarto. Juro, que se tivesse algum poder de escolha, eu eternizaria esse momento. Viveria nele para sempre.

— Pela primeira vez na vida, eu acho que concordo com o seu irmão. Você está melhor aqui.



Apertei os dedos ao virar o corredor, escutando os gritos de minha mãe daqui. Ela e papai brigavam de novo. Aproximei-me do quarto deles, sabendo que se voltasse para o meu eu encontraria minha babá por lá.

— Ela está morta, Antônio. Quando irá superar isso?

— Cale a boca antes de voltar a falar sobre a Vanessa!

— Você deveria ter vergonha por defender uma vagabunda. Olhe a sua volta, Antônio, olhe para tudo e me responda se aquela mulherzinha iria se adaptar a essa vida. Você pode mentir para você mesmo, dizer que a amava... mas eu tenho certeza de que o amor que disse sentir terminaria assim que a primeira humilhação viesse.

— Lorena... — Eu o vi segurar o braço dela. — Eu disse para não tocar no nome dela novamente!

— Por que não? Ela está morta, e não tem um só dia que eu não agradeço por isso.

Tapei a boca ao ver papai empurrando minha mãe na cama, e mais do que depressa corri para fora daquele corredor. A porta bateu em seguida, anunciando sua saída e, enquanto eu tentava não respirar e mostrar minha presença, eu senti a raiva que sentia dele crescer. Quem quer que fosse essa mulher que morreu, eu também era grata caso contrário ele teria nos deixado.

Ao ver que ele estava longe, eu saí do meu esconderijo e dei de cara com Mariana. Os pés descalços e o cabelo selvagem solto. Mariana sorriu para mim, mas eu não conseguia sequer olhar para ela. Porque, de acordo com mamãe, ela era filha da mulher que tentou roubar meu pai. Ela era filha da mulher que havia morrido. A mulher que papai não gostava que falassem.

— Eu te odeio — falei baixo. — Odeio você e sua mãe. Odeio e vou odiar para sempre! — Sei que ela não entendeu o que eu queria dizer. Que aos sete anos ela não era capaz de compreender o que a palavra odiar significava. Mas um dia ela entenderia.

Acordei assustada, o coração batendo forte enquanto em minha cabeça o rosto

de Mariana se misturava ao de Clarissa e ao de minha mãe. Tentei afastar a lembrança do sonho, impedir que elas me assombrassem, mas foi um esforço inútil. Dar-me conta, então, de que Ricardo e eu estávamos em seu quarto, completamente nus, e que passava das três da manhã, fez-me ficar ainda mais agitada. Porque eu não tinha voltado para casa, não dei sequer uma explicação à minha família.

Olhei para o homem deitado ao meu lado, seu braço estendido sobre a minha barriga. Uma precaução que o faria acordar caso eu tentasse me levantar, ou assim imaginei. Porque após esgueirar-me devagarinho para fora da cama, eu deixei o quarto e passei os próximos minutos fazendo o que vinha fazendo de melhor quando estava em casa. Eu perambulei pelos cômodos, com um copo de água em minhas mãos e a mente a mil por hora.

A diferença é que dessa vez o espaço era apertado e o *flat* pequeno demais para conseguir me acalmar, antes que uma ou duas lágrimas deslizassem pelo meu rosto. Não era possível que eu andasse tão descontrolada a ponto de chorar por causa de um pesadelo. Mas não eram só os três rostos a me perturbarem. Havia também Ricardo. Deitado naquele quarto, com meu cheiro impregnado nele assim como o dele estava em mim.

Eu tenho vergonha da mulher que está se tornando, Isadora. Vergonha!

O copo de água que eu pegara, deslizou por entre os meus dedos, porque não foi a voz da minha consciência que escutei, foi a da minha mãe. Respirei fundo, tentando enxergar algo através do escuro e ao não conseguir, eu fiz o possível para não me machucar.

— Isa... merda, gatinha! — Ricardo se aproximou, atraído pelo barulho, e pedindo para que eu não desse nenhum outro passo antes que ele acendesse a luz do corredor e verificasse o estrago feito.

Ao ver onde estavam os cacos de vidro, ele me alcançou. Verificando-me antes de me tirar dali.

— Isso dói... — falei ao tê-lo retirando um minúsculo caco de vidro da sola do meu pé. Pequeno mesmo, mas que tinha feito com que um pouco de sangue escorresse. O pior era que eu não havia sentido dor na hora. Não senti nada.

Calado, ele desinfetou a área e alisou o peito do meu pé. Até que finalmente olhou no meu rosto.

— Você poderia ter se machucado para valer, Isadora.

— Mas não aconteceu, então pare de olhar para mim como se eu tivesse ficando louca.

— Não é assim que estou te olhando, eu estou apenas preocupado.

— Com os ataques? — Ele negou.

— Não com eles, mas com o que eles podem fazer a você.

— Dá no mesmo.

— Não, Isadora, não dá. — Ele se levantou, levando o álcool antisséptico e o algodão até a cômoda e voltando. — Vá para o meio da cama e tente dormir um pouco mais, ok? Está cedo ainda.

— Eu não posso. Marcos deve estar preocupado... — Eu não fazia ideia sequer de onde meu celular estava.

— Não se preocupe com o seu irmão, pois eu o avisei de que ficaríamos em Florianópolis. — O que era mentira, e Marcos, mais do que eu, odiava mentirosos.

Ricardo, em vez de se juntar a mim na cama, sentou-se na beirada dela e apoiou as mãos sobre os joelhos. A cabeça baixa em apreensão.

Mas por que ficar assim se tinha sido apenas um copo quebrado?

— Você também a avisou? — perguntei, incerta do que dizer.

— Sim.

Um silêncio desconfortável preencheu o quarto. E somente quando ele pareceu se acalmar, desistindo da ideia de se manter a distância, foi que se deitou comigo. Pondo-me novamente em seus braços, de uma maneira que dessa vez eu tinha certeza de que não conseguiria escapar.

— Você se sente culpado pelo que fizemos?

— A culpa que sinto não é pelo que fizemos, Isadora. E sim por não amar a minha esposa.



Ao chegar à Montenegro na manhã seguinte, eu passei pela recepção, aliviada, por não me deparar com Rachel ou Marcos. Ricardo deixara-me em casa mais cedo, avisando que Hélio assumiria minha segurança pelo restante do dia. Não pedi qualquer explicação, tudo o que queria naquele momento era entrar, tomar um longo banho e evitar qualquer questionamento, fosse do Marcos, da minha cunhada ou da Vera.

Por azar, antes que eu chegasse ao meu escritório, Marcos me encontrou.

— Isadora. — Ele era só a última pessoa que eu gostaria de enfrentar essa manhã. — Que horas chegou?

Virei-me lentamente, sabendo que era o que ele esperava.

— Faz pouco tempo, eu apenas tomei um banho e vim para a empresa.

— Não consegui falar com você na noite passada, tudo o que recebi foi a ligação de Ricardo avisando sobre a sua decisão de permanecer em

Florianópolis.

— Sim, eu... estava esgotada. Passar mais de duas horas dentro de um carro era a última coisa que eu desejava. Sinto muito.

Marcos me avaliou e, por dentro, eu temi que ele pudesse descobrir o que havia acontecido. Porque enquanto me encarava, a minha mente distorcida só conseguiu repassar os beijos e gemidos da noite passada. O que fez com que meu pescoço esquentasse e eu, em uma tentativa de esconder o rubor e a pequena marca arroxeadada, o envolvi com a mão de modo discreto.

— Há algum motivo pelo qual eu deveria me preocupar com você, além do que eu já faço, Isadora?

Neguei, como uma criança teria feito ao ser pega em flagrante, e passei por ele. Não sem antes declarar:

— Você parece se esquecer que de todos dessa família eu sou a mais sensata, Marcos.

Duas ou três horas depois, uma batida leve na minha porta foi ouvida. Levantei o rosto, para dar de cara com o Hélio. Que era um dos poucos funcionários da equipe de Ricardo com acesso irrestrito à área interna do prédio.

— Senhorita Montenegro? — chamou, recebendo minha atenção.

Permiti que entrasse, e olhei confusa para a sacola parda da cafeteria em que costumava pedir meu chá gelado. O que não era o caso hoje.

Abri a boca, prestes a dizer que não havia pedido nada, mas o homem se adiantou:

— O Sr. Rezende pediu para que eu entregasse à senhorita.

Ricardo sabia que, pela hora que deixei o meu *flat* essa manhã, eu não teria tempo de tomar o meu desjejum.

Encostei-me na poltrona branca de couro e fitei o Hélio, que parecia quase envergonhado. Como se o gesto de Ricardo fosse algo extremamente íntimo que ele não deveria ter presenciado ou feito parte.

— Obrigada, Hélio.

Ao me ver sozinha no escritório, eu afastei os papéis sobre a mesa e abri o pacote. Tendo o prazer de me deparar com dois pedaços de *brownie* de cacau com banana e um copo grande do meu chá preferido. Dei a primeira mordida, fechando os olhos ao sentir o açúcar se espalhando pela minha boca. Eu não era uma ávida consumidora de doces. Lorena sempre fez o possível para manter-me afastada deles e, bem, depois eu só não fiz questão. Mas quando me permitia esse pequeno delito, ah quando isso acontecia, era como o céu para mim.

Três semanas depois...

Isadora

BATI A CANETA sobre a mesa de reunião e, mesmo que atenta ao que Oliver e Marcos diziam, eu não interfeirei no que era falado. Algo que vinha se tornando recorrente nas últimas semanas, não por não estar a par do que acontecia à filial de Madrid, ou então por não ter passado por cima das ordens de meu irmão e resolvido algumas das questões que Oliver e o outro diretor não conseguiram em um primeiro momento. Um telefonema para o Sr. Dupuy, que era como uma cópia francesa de Marcos, e as coisas sempre voltavam aos eixos.

Não que meu querido irmão desconfiasse de que eu vinha agindo em seu benefício pelas suas costas. Para ele, o mérito era todo do diretor financeiro de nossa empresa.

Incomodada com o batuque sobre a mesa que eu mesma fazia, eu coloquei a caneta ao lado do *iPad* e olhei para o lado de fora da sala de reuniões. As persianas compridas encontravam-se abertas e, da posição em que estava, a vista de Joinville mostrava-se à nossa inteira disposição. Com a mente longe, eu me acomodei na poltrona e comecei a pensar nas três semanas que seguiram após a promessa de Ricardo de que aquela noite passados juntos, após a consulta com o Dr. Carvalho, seria a nossa última vez. E até então, fora mesmo.

Mas a distância mantida entre nós dois fisicamente não alterou o fato de que nas diversas vezes em que precisei me acalmar, recorrendo ao *flat* de Ricardo, ele tenha aparecido por lá apenas para me verificar ou entregar algo para que pudesse comer. Às vezes, ele até mesmo cozinhava para mim. Um hábito que percebi gostar de assistir. Então, nós conversávamos. Eu falava sobre o meu trabalho na Montenegro ou sobre as consultas e ele me escutava. Nós nunca falávamos sobre Clarissa ou o que o tempo que passávamos juntos significava. Em alguns dias, Ricardo beijava-me no rosto ao se despedir. Em outros, sua testa colava-se à minha e nós nos encarávamos por um longo e doloroso tempo. Mas

ele sempre se afastava.

E eu o admirava por isso. Por ser a força que nos impedia de sucumbir.

— Sim?

— Você escutou alguma coisa do que acabei de dizer? — Não foi apenas o Marcos quem me encarou. Oliver e Mariana, até agora calada, também o fizeram. Os três agiam como se eu tivesse cometido um crime por não ter prestado atenção ao que fora falado nos últimos três ou quatro minutos.

— Não. Você poderia repetir, por favor? — Dos três, Mariana foi a única a olhar para baixo. Como se algo a incomodasse.

— O Sr. Dupuy tem insistido em que você viaje. — Assenti ao escutá-lo. — Oliver diz que ele tem exigido uma reunião com você, o que está fora de questão. A menos que ele venha ao país, então...

— Não acho que impedir que Isadora e ele se reúnam seja uma boa estratégia, Marcos — Oliver intercedeu, ele sabia que eu poderia resolver todo o problema. — A empresa que o Sr. Dupuy representa detém uma parcela respeitável do comércio francês. E como não vamos abrir a Montenegro para o mercado de ações, não seria prudente dispensar certos aliados. — Ele ainda o lembrou, fazendo uso de sua politicagem imparcial, deixando meu irmão ainda mais irritado.

— Minha irmã não deixará o país, Oliver. Se esse Giani Dupuy não consegue entender uma recusa, então eu não faço questão que fechemos o negócio.

— Não seja infantil — falei, começando a me irritar também.

— Ainda não entendo por que Isadora não pode viajar — Mariana se intrometeu, fazendo-me questionar o motivo de ela estar nessa reunião para começo de conversa. — Há alguma razão para que isso esteja acontecendo?

Revirei os olhos. A bastarda não fazia ideia do que se passava comigo e eu preferia que continuasse dessa forma.

— Esse é um assunto pessoal, Mariana — Marcos respondeu.

— Pensei que não houvesse segredos entre a gente, Marcos — ela rebateu, recolhendo o *iPad* sobre a mesa, prestes a se levantar. — Nem sequer entendo por que estou escutando você e Oliver discutirem pela última hora se eu não tenho a nada a ver com o assunto.

— Concordo, não faz sentido que ela esteja aqui — dirigi-me ao Marcos, fazendo questão de ignorá-la.

Sem paciência, meu irmão olhou para nós duas e pronunciou sua sentença:

— Você está aqui porque irá substituir Isadora na viagem que o Sr. Dupuy tanto faz questão, Mariana. — *Como?* — Se Giani quer que um de nós esteja lá, então será você.

Meu desejo de ir a essa viagem elevou-se após tomar ciência de que eu seria

substituída por Mariana. De todas as pessoas do mundo, ela seria a última para quem escolheria perder qualquer coisa. Que dirá a negociação na qual passei meses trabalhando.

— Você não pode estar falando sério, Marcos. Esse contrato é meu! Fui eu que corri atrás desse homem por semanas, que lidei com ele e seu ego descomunal enquanto o convencia a respeito das vantagens de comercializar nossos vinhos.

— A decisão está tomada, Isadora. O que espero de você é que repasse a informação a ele. Já que está claro que continuam se comunicando pelas minhas costas.

Então ele sabia.

— Isso não faz de mim a sua garota de recados. E sim, Marcos, o Sr. Dupuy e eu temos mantido contato porque ao que parece esse é o único meio de fazer com que esse contrato seja fechado. — Levantei-me nervosa.

— Giani Dupuy não está mais atendendo aos meus telefonemas, Isadora — Marcos falou pausadamente. — O que me leva a duas possibilidades: ou ele está jogando comigo, querendo chegar ao menor preço possível de nossas safras, ou você interferiu em seu benefício próprio apenas para não perder a chance de ter o seu nome assinado na última folha desse contrato.

Marcos não podia estar falando sério. Eu jamais faria algo assim.

— É isso o que você pensa que eu fiz?

A ideia de que eu fosse vista dessa maneira *por ele* deixava-me arrasada. Porque uma coisa era ser considerada um monstro pelas pessoas de fora; outra, era ser vista assim pelo meu irmão.

— Algo aconteceu, e como não faço ideia do que tem sido falado ou discutido entre vocês dois...

— Quem você acha que o fez permanecer interessado nesse contrato, mesmo com você sendo um turrão teimoso que só recusa cada contraproposta? — indaguei nervosa, perdendo as estribeiras. — O Sr. Dupuy quase abandonou essa negociação duas vezes, Marcos! Na primeira, quando você me afastou e colocou um estranho para negociar o contrato como se ele fosse um cliente qualquer. E na segunda, foi depois de lidar diretamente com você. Se Giani ainda não pulou fora foi porque manteve contato com ele.

— Sem a minha autorização.

— Mas tentando te ajudar!

— Me diga como ajudou, se agora ele se recusa a tratar com qualquer um de nós? Mariana é a minha última tentativa. Se o que ele quer é se sentir especial, então ele se sentirá.

— Ela não está preparada para lidar com um cliente como ele. — E isso era

verdade. Mariana poderia ser boa em seu setor, e todos poderiam gostar dela, mas precisaria mais do que isso para convencer um homem como Giani Dupuy a apostar milhões de euros em um contrato de importação.

O que Marcos parecia ter se esquecido é de que ele era o meio mais preciso de entrarmos no mercado francês. Não podia haver erros nessa transação.

— Se não permitirmos que Mariana tente, então ela nunca estará mesmo — falou, fazendo questão de dispensar Mariana e Oliver, que se viram mais do que felizes em escapar da discussão acalorada entre nós dois.

De pé, cruzei os meus braços e encarei meu irmão, com a raiva me consumindo.

— Você pode achar que estou errado, Isadora, ou que estou sendo injusto, mas eu não vou colocar a sua saúde em risco por causa de um maldito contrato. — Comprimi os lábios. — Outra coisa: não volte a agir pelas minhas costas. Se tem algo que sempre admirei em nossa relação foi a confiança. Não me faça ver que estive errado em depositar tanta em você.

Marcos poderia ter me dado um tapa na cara, que teria doído menos.

Assisti-o deixar a sala de reuniões e o aperto que senti em meu peito em nada teve a ver com o ataque de pânico. Era raiva mesmo. E essa foi a motivação que me levou até a sala de Mariana. Porque era tudo culpa dela, desde o princípio.

— Onde ela está? — perguntei à assistente de minha irmã, que arregalou os olhos ao me ver.

— Na sala, mas eu... preciso comunicar a sua...

Não, ela não precisava. Até porque eu não pretendia esperar ser anunciada. Ao entrar, e ver o choque no rosto de Mariana, eu não me dei sequer ao trabalho de fechar a porta para que tivéssemos privacidade, e fui logo despejando tudo o que precisava.

— Você vai dizer ao meu irmão que não irá nessa viagem — avisei, colocando as mãos sobre a sua mesa. — Se ele ouvir de você que não se acha preparada, Marcos não terá outra opção que não a de me deixar ir.

Esse não era um bom momento para que ele se ausentasse. Não com os recentes mal-estares que Rachel vinha sentindo.

— Eu não vou fazer isso! Ficou louca? — Reagiu, tempestuosa.

Cara a cara com a bastarda, eu notei cada uma das diferenças que tínhamos. E eram elas que me faziam compará-la a sua mãe. Porque a única coisa que Mariana e eu possuíamos em comum era a cor verde de nossos olhos.

— Os únicos loucos aqui são vocês dois. E admita logo que você nem ao menos saberia o que fazer, Mariana. Então não pense que verei todo o trabalho que tive sendo jogado sobre você, para que no final receba os créditos — disse, agressivamente. — Eu estou cansada de vê-la me roubando coisas com que me

importo.

— Do que está falando? — perguntou confusa, e por um instante eu vi tudo escuro.

A costumeira sensação do chão se abrindo sob os meus pés tendo início.

— Primeiro foi o meu pai, você e todo aquele berreiro que fazia para chamar a atenção. Depois o meu irmão. — Precisei me apoiar em sua mesa para não perder o equilíbrio. — Não vou permitir agora que tome o meu lugar dentro dessa empresa.

— Eu não estou tomando nada, Isadora. Eu nem ao menos sabia a respeito dessa viagem.

— Marcos mal me permite trabalhar em paz. E tudo porque ele acha que você pode me substituir se algo acontecer. Mas você não pode!

— Isadora... — Mariana rodeou a mesa ao perceber que havia algo de errado comigo.

Achei que não pudesse ficar pior, e que eu conseguiria lidar com o ataque. Até que ela ousou me tocar.

— Não encoste em mim! — falei, ressentida. — Eu te odeio tanto que mal consigo olhar para você. Maldito foi o dia em que voltou, Mariana. Porque por sua causa tudo isso está acontecendo! — gritei, desvencilhando-me dela e deparando-me justamente com Sofia.

O choque e a crueza de minhas palavras fez com que seu rosto fosse tomado por uma expressão confusa.

— Mamãe? — Sua voz soou assustada. — Por que a minha titia *tá* brigando com você? O que a gente fez? — Ela não tinha feito nada, *não ela*.

De Sofia eu olhei para a Mariana, que parecia ver todos os sinais em mim. Eu estava entrando em pane.

— Não aconteceu nada, Sofia, apenas deixe que sua tia e eu fiquemos a sós. Sim?

Ela se recusou.

— Não, mamãe. Ela vai brigar mais com você. — Sofia balançou a cabeça, recusando-se a virar em minha direção.

Pressentindo que se não saísse dali eu acabaria perdendo o controle na frente das duas, eu deixei o escritório enquanto ainda tinha forças para tanto. Ao chegar em minha sala, eu não liguei o interruptor, ou me dei ao trabalho de verificar se havia batido a porta. Eu apenas me arrastei até a poltrona e abaixei a cabeça. Certa de que não conseguiria conter nenhum dos sintomas.

E todos eles vieram. A dormência, a tontura, o medo. Era tão sem lógica que mesmo que soubesse que a sensação de terror não era real, eu sempre me deixava levar. Somente quando os sintomas declinaram e o esgotamento

provocado pelo ataque assumiu o seu lugar, foi que me dei conta da bagunça feita sobre a mesa do meu escritório. Aos poucos, senti-me capaz de respirar novamente, uma respiração que pareceu falhar ao ver um conjunto de balas coloridas espalhadas sobre um envelope rosa.

Para a minha titia.

Era o que estava escrito.

Abri o envelope, deparando-me com um convite feito pela professora de Sofia, que comunicou que eu havia sido escolhida como uma das *melhores amigas* dela, e que por isso estava convidada a comparecer na confraternização para comemorar o dia dos amigos, que aconteceria logo após o retorno dos alunos das férias de julho. Afastei o papel como se ele queimasse, mas já era tarde. Porque tudo o que conseguia ver à minha frente era o rosto assustado de Sofia ao me encontrar discutindo com sua mãe.

Antes de me levantar eu notei outro papel, esse, escrito às pressas.

Liga para a minha mamãe se você for, titia.

Os corações desenhados a margem da folha era claramente obra de arte de Sofia, mas a letra era de Mariana, e talvez por isso ela tenha estado tão esquisita durante a reunião. Porque no fundo sabia sobre o pedido da filha e que as chances de eu magoá-la eram infinitamente grandes.

Ricardo

Sacudi a cabeça ao escutar outro dos comentários impróprios de um velho colega, que hoje cuidava da sala de monitoramento da Montenegro. Sempre que sobrava tempo entre os compromissos do Hangar e os que tinha com Isadora, eu gostava de dar uma volta aqui embaixo e conferir o andamento do sistema implementado. Além, é claro, de verificar o trabalho da equipe de segurança interna.

— Eu tive que responder que se ela não tinha se acostumado ao meu jeito nos trinta anos que passamos casados, ela não iria se acostumar mais. — O escutei, enquanto os dois outros caras gargalhavam.

Focado nas telas, e na movimentação atípica de quem entrava e saía do prédio, eu desviei a atenção para uma das câmeras das garagens subterrâneas e para a mulher filmada. A reconhecendo imediatamente.

— De que setor é essa câmera? — Apontei para o monitor central, preocupado para caralho com o que Isadora pretendia fazer. Havia uma cabine nas garagens, e era lá que ficavam as chaves dos veículos. Inclusive do seu Porsche.

— A da garagem I, tem um corredor inativo por ali.

Retirei o celular do bolso, mas não havia nenhuma chamada perdida.

— Desligue esse monitor — pedi, olhando diretamente para o gestor de monitoramento antes de deixar a sala. Sem oferecer a ele qualquer explicação.

Desci os dois lances de escada, esse sendo o caminho mais rápido para chegar a garagem, e cheguei até o ponto em que a câmera havia filmado Isadora. Encontrando-a um pouco mais adiante, com as malditas chaves em suas mãos.

— Dê-me as chaves, Isadora — pedi, ao rodeá-la... e merda! Essa mulher estava uma bagunça.

— Vamos lá, gatinha. Eu não vou deixar que se ponha em perigo dessa maneira. — Não esperei por uma resposta, apenas as peguei, guardando-as no bolso do paletó.

— Eu... estraguei tudo — sussurrou, absorta.

Querendo evitar que a vissem dessa maneira, eu a levei até o seu próprio carro, tirando-a dali para que pudesse se recuperar. Talvez, até mesmo desabafar comigo. O que ela fez.

— Marcos parece confiar cada vez menos em mim — falou, com os olhos fechados e a cabeça apoiada no encosto do banco de carona. — Nós discutimos hoje e foi horrível. Mas talvez... ele e você estejam certos, talvez até mesmo Mariana esteja. Porque eu sou uma pessoa ruim, Ricardo.

— Não, você não é. — Fui firme. Não podendo consolá-la como queria, pois meu foco tinha que estar no trânsito.

— Eu magoei uma criança — disse engasgada. — E pela maneira como Sofia olhou para mim, acho que ela nunca irá me perdoar.

— Sofia? — perguntei baixo. Preocupado, porque sabia do carinho que a sobrinha de Isadora nutria por ela.

— Sim.

— Crianças não são como os adultos, Isadora, elas não guardam rancor.

— Como você pode saber? — perguntou na defensiva.

— Porque eu tenho quatro sobrinhos, e nenhum deles parece lembrar das vezes em que minha irmã os põe de castigo ou os proíbe de comer algo de que gostem.

Eu a olhei por um breve segundo, encontrando-a surpresa. Não era costume falarmos sobre a minha família, ou até mesmo sobre a dela. Ainda me encarando, Isadora respirou fundo, como se lembrasse de algo ruim, até que admitiu, com dificuldade:

— Meus ataques não estão melhorando. Pensei que a essa altura eles estariam mais controlados, mas não estão. E isso me deixa desesperada, porque eu estou me esforçando, Ricardo, juro que estou.

Ao parar no semáforo, eu entrelacei nossos dedos.

— Faz pouco tempo, Isadora, e esse não é um processo rápido. O Dr. Carvalho explicou, não foi?

— Sim. Mas eu quero que isso acabe, Ricardo. Quero voltar a me sentir como eu mesma e não... presa a essa montanha-russa desgovernada onde o fim é sempre uma parede de concreto que me quebra em pedaços. Eu quero voltar a ser a velha Isadora. A que...

— ... não precisa de ninguém.

Ela assentiu.

— Você só está assustada. Com medo porque pela primeira vez está percebendo que não é de ferro. Você sangra quando ferida, chora quando magoada. E é o que te torna humana, Isadora, e não há absolutamente nada de errado nisso.

— Não? — inquiriu baixo esperando que eu confirmasse. — Às vezes, eu acho que você tem fé demais em mim.

Isadora

Ricardo voltou para o carro após pararmos em frente à loja esportiva. Não perguntei o que fora fazer, justamente, ali, e nem porque trouxera com ele uma bolsa com roupas de ginásticas femininas dentro.

— Eu não gosto de surpresas — falei, mesmo que toda essa sua atitude misteriosa distraísse-me do desastre acontecido há menos de uma hora na Montenegro.

— Pessoas controladoras normalmente não gostam mesmo — respondeu, focado no trânsito. Que a essa hora, finalzinho de tarde de um típico dia de semana, encontrava-se congestionado.

Somente quando estacionou em frente à garagem do prédio de quatro andares, que cobria quase que o quarteirão inteiro e tinha a fachada espelhada, foi que descobri o que ele pretendia. Ou quase, porque não fazia ideia do que ele e eu faríamos em sua empresa. O portão alto fora aberto internamente e, para a minha surpresa, deparei-me com uma área aberta, onde alguns homens corriam em treinamento.

— O que estamos fazendo aqui? — Ricardo parou o meu carro ao lado de um sedã branco, fazendo questão de pegar a bolsa de compras do meu colo.

Segui atrás dele, evitando olhar na direção dos outros homens e entrei ao seu lado na parte interna do prédio. Mais precisamente, no andar onde acontecia um

outro tipo de treinamento.

— O que eles estão lutando? — perguntei ao passarmos por uma sala onde havia um grupo de alunos adultos repetindo os mesmos movimentos.

— Arte marcial defensiva — respondeu, sem entrar em detalhes.

Continuamos pelo extenso corredor, que por sorte encontrava-se vazio, até que chegamos à última sala. Um pouco antes dela, havia um mural de fotografias e medalhas exposto em uma das paredes, e através delas dava-se para ter uma ideia da carreira e formação de Ricardo e de seus sócios. Ignorei o que era dito a respeito dos outros dois e passei o olhar rapidamente pelas imagens que me interessavam. Havia várias dele, desde o momento em que entrou na escola de cadetes, depois no Agulhas Negras, então a sua formatura... e a última, com ele devidamente fardado. Mas uma dela, em especial, chamou-me atenção, que era a que ele se encontrava rodeado por oficiais das mais altas patentes.

Não consegui desviar meus olhos da fotografia, porque tive a estranha sensação de que aquele era o lugar de Ricardo. Como se fosse ali que ele tivesse que estar. Servindo ao nosso país.

— Você era capitão. Por que nunca falou a respeito?

— Porque não muda nada.

Ok, não mudava. Mas não era uma conquista qualquer. Era importante.

— Capitão Rezende. — Testei as palavras, vendo-o se virar para mim como se eu tivesse dito algo errado. — Elas soam bem. — Soavam até bem demais, na minha opinião. — Não faz sentido que você tenha abandonado tudo isso — referi-me à carreira militar.

Ricardo realmente parecia feliz nas fotos. Realizado. Continuei a segui-lo pelo corredor, já que o homem não pareceu disposto a falar sobre o assunto. E o silêncio fez com que minha mente buscasse por explicações.

— Você deixou o exército por causa dela — constatei, mas ele não respondeu. — Como pôde largar tudo para...

— Esqueça o assunto, Isadora. Você nunca entenderia.

— Eu não sou idiota. — Passei por ele. — Sou perfeitamente capaz de entender a escolha que fez. Você a amava... ou ama, eu já nem sei...

Ricardo segurou meu braço, não deixando que eu me afastasse.

— Nós já tivemos essa conversa. Sobre culpa, sobre não amar, então não vou dizer novamente, ok?

A culpa que eu sinto não é por ceder a você, Isadora. E sim, por não amar minha esposa.

Essas foram as palavras que ele usou tempos atrás. Mas não sabia se deveria acreditar nelas, porque Ricardo não fez qualquer tentativa de separação nesse meio-tempo. Não me prometeu as estrelas ou o céu. Não que eu as quisesse, mas

enfim. Ele também não falou se o fato de não a amar significava que ele *me* amava. E pela primeira vez desde aquele dia, eu me dei conta de que uma parte de mim alimentou a esperança de que voltaríamos a ficar juntos de alguma forma.

Mas ele continuava com ela.

— Pare de pensar e vá se trocar, Isadora. — Ele me passou a bolsa com as roupas que havia comprado. — Tem um vestiário após aquela porta. — Acenou para a sua direita. — Somente eu e meu sócio o utilizamos, então fique tranquila.

Fiz o que pediu, e minha confiança sofreu um pequeno abalo ao me ver em frente ao espelho vertical do vestiário. A calça de ginástica era branca e se agarrava ao meu corpo. O top da mesma cor. A minha sorte era que havia uma camiseta cavada para ser jogada por cima, porque eu não tinha costume de me ver dessa maneira. Admito, eu era uma sedentária *workaholic*, que fazia parte daquela pequena parcela da população que emagrecia com uma facilidade quase que assustadora. Ganhar peso foi o que sempre se mostrou uma dificuldade, então eu era o tipo naturalmente magra. Pernas longas, cintura fina, barriga plana. E com isso vinha quase nada de peito e bunda, mas como tudo em minha vida, eu aprendi a lidar com o meu biótipo. Que, por alguma razão, parecia ser o desejado por nove a cada dez mulheres.

Elas se matavam para serem exatamente como eu, constatar isso, porém, não fez nada para abater a insegurança idiota que me tomou. Porque de repente, meus seios pareciam pequenos demais, a bunda magra, como Ricardo sempre dissera. E eu praticamente podia ver e sentir cada ossinho do meu corpo, porque... não havia carne suficiente para escondê-los.

Ah, que droga! Ricardo já me vira nua antes. Ele sabia como o meu corpo era, já o tocara de todas as maneiras possíveis...

Respirei fundo, enchendo-me de coragem e voltei à sala onde o encontrei à minha espera. O homem também havia se trocado e agora usava uma daquelas bermudas mais curtas que lutadores de MMA normalmente vestiam. E isso era tudo.

Diminuí o passo, intimidada pela sua aparência agressiva. Como se as dezenas de vezes em que o vi pelado na minha frente não tivessem significado nada. O contorno dos braços de Ricardo era perfeito, havia bons músculos ali, todos muito bem construídos. Então, havia o seu abdômen. Que era trincado de uma maneira que deveria ter sido considerada proibida. Seis gomos rasgados, terminando em um V profundo... rumo ao extraordinário material que ele escondia dentro de sua bermuda. O ápice da minha avaliação foi quando foquei em suas pernas musculosas e os pés descalços sobre o tatame.

Deus! Eu acho que amava os seus pés.

Ao me aproximar, eu tive de engolir em seco depois de ver a maneira ágil com que o homem transpassou a bandagem em sua mão. Finalizando o encaixe no pulso. Dando-me conta finalmente do que pretendia fazer comigo.

— Nós não vamos fazer *isso* — murmurei ao notar o outro par de bandagens jogados sobre o tatame. — Ricardo?

Ele apenas acenou para que me aproximasse, puxando-me de vez ao ver que eu hesitava. E, enquanto transpassava a faixa reforçada em meu pulso e mão, explicou:

— Andei lendo algumas matérias, e quero testar algo com você. — Ricardo finalizou a primeira mão e me encarou. — Mas para que dê certo, preciso que confie em mim.

Mordi o canto da minha boca, incerta.

— O que andou lendo?

— Atividade física de alta intensidade costuma ajudar pessoas que possuem a mesma síndrome que você. — Congelei, puxando a mão, mas ele não só a pegou de volta, como continuou: — Estou falando sério aqui, Isadora. Apenas tente.

— Tentar o que exatamente? — perguntei em um fio de voz.

— Bom, eu conheço muitas técnicas. Mas pensei em trabalhar alguns golpes e conceitos de *muay thai* com você. O que acha?

O que eu achava?

— Isso não tem nada a ver comigo, Ricardo.

E sendo honesta, depois que fui tirada das aulas de balé quando ainda era pequena, eu não havia tentado qualquer outra atividade esportiva. Eu ignorei a minha aparente *falta de jeito*, assim como Lorena ignorou.

— Você só vai saber se tentar — Ricardo disse com autoridade. — Está de top?

— Sim. — Ele pegou a borda da camisa que eu vestia e a puxou. — Ei...

— Você irá se sentir mais confortável sem ela.

Enquanto ele terminava o transpassar das bandagens, eu observei a sala, procurando de onde vinha a música alta que Ricardo acionara em algum momento e que agora parecia estourar pelos alto-falantes. Ok, eu estava me sentindo totalmente fora da *caixinha* aqui.

Com cuidado, Ricardo testou um par de luvas novos que pegou de um dos armários.

— São minhas? — perguntei ao vê-lo fechá-la, fazendo um teste, e em seguida retirá-la.

— Se você quiser sim.

Detive no último segundo o revirar de olhos, e as palavras que diria a ele que isso jamais aconteceria.

— Mas não a usaremos ainda, então prenda o cabelo e venha comigo. — Ele foi para o centro do tatame, e eu o segui enquanto puxava o cabelo extremamente liso em um rabo de cavalo alto. Pensando a todo momento em como ficaria humilhada quando Ricardo percebesse que eu não levava jeito para esse tipo de coisa. — Olhe para mim, só tem você e eu nesta sala. Se não rolar, nós pelo menos tentamos, ok? — Concordei. — Isso aqui não é uma competição, Isadora, e não há ninguém tentando ser melhor do que você.

Ele me conhecia tão bem.

Segui os gestos que ensinou durante a sessão de alongamento. Suas mãos me ajudaram a realizar alguns dos movimentos enquanto a sua atenção permanecia firme no meu rosto. Tornando impossível não notar a maneira lasciva com que olhou para mim a todo momento. Os olhos de cor chocolate, caindo no vão entre os meus seios constantemente, assim como em meu quadril e bunda, onde podia-se quase ver o tecido da minha calcinha marcando minha pele.

Será que era muito errado que eu tenha ficado excitada?

— Nós nem começamos e você já está vermelha, acrescente isso à lista de coisas que eu gosto em você. — *Nós tínhamos uma lista agora?*

Quando terminei de me alongar, sob a sua supervisão, Ricardo foi até o saco de pancada verificar a altura. Havia uma fileira deles pendidos do teto sob o tatame. Alguns maiores e mais largos do que outros. Com um aceno, ele me chamou e, aí sim, a tortura começou. Ricardo manteve-se o tempo todo nas minhas costas. Sua mão me forçava a ficar na postura. Pernas inclinadas, um pé na frente do outro. Cotovelo na altura do seio, mãos fechadas em punhos. Ele explicou que tudo tinha um porquê e eu o escutei atentamente enquanto fazia o que me pedia. Sentindo a mão áspera dele percorrer as partes nas quais falava, causando uma infinidade de sensações perigosas em meu corpo quente.

— Repita o meu movimento agora — exigiu ao meu lado. Movendo o quadril enquanto aplicava dois golpes no ar. — *Jab... direto.* Não precisa ser com força. Apenas repita. — Olhei para ele, vendo a confiança em seu olhar e repeti o movimento, lutando para afastar a imagem do rosto insatisfeito de minha mãe da memória.

— Se concentre, Isadora. O que for a merda passando pela sua cabeça, simplesmente faça com que pare!

Fazer com que parasse. Era tudo o que eu queria.

— Bata no saco, sem força. — Voltou a pedir e, de repente, eu me vi querendo ter a habilidade necessária para despejar sobre aquele pobre saco a raiva enraizada dentro de mim. — É bom, não é? — sussurrou, quase ao pé do meu ouvido, segurando o meu quadril para que pudesse fazer o movimento corretamente. — Vê como é fácil? — *Não, não era.* Mas eu não iria dizer isso a

ele. — Faça isso até cansar.

— O quê? — perguntei exasperada, soltando os meus braços.

— Bata nesse saco até cansar. — Mas eu já estava cansada. — Vamos lá, gatinha, mostre-me que tem garra.

Ele não podia estar falando sério.

Comecei devagar, meio contrariada. Sentindo-me por vezes sem jeito. Durante o tempo que durou, ele, ou ficou ao meu lado ou manteve o saco de pancada firme na minha frente. Tomando todo o cuidado para que eu não me machucasse. Bati naquela coisa até ficar suada e ofegante, mal sentindo os meus braços e dedos.

— Bata um pouco mais forte — pediu, a certa altura. — Incline as pernas e não esqueça o quadril, você tem que movê-lo quando for girar. — Droga, pareciam coisas tão simples a serem feitas, mas quando reunidas em um único movimento se tornavam confusas.

Ergui a minha mão, quando ele levantou o meu cotovelo. Mantendo a guarda, que por muitas vezes deixei cair. O som da música alta dificultava meus pensamentos, o que naquele momento foi um alívio.

Quinze minutos ou um ano inteiro depois, eu não saberia dizer, Ricardo firmou o saco, e pediu que eu parasse, entregando-me em seguida a garrafa de água que dividiu comigo. Não sei como fui capaz de segurá-la para falar a verdade, porque meus braços tremiam feito geleia. Ricardo percebeu, e por essa razão me ajudou a tirar as bandagens. Limpei a testa com o braço, e o encarei com a certeza de que um peso imensurável fora retirado das minhas costas nessa última hora.

— Como está se sentindo? — *Estranhamente bem.*

— Cansada? — optei por dizer.

— Algo dói? — questionou, verificando minhas mãos e pulsos. Neguei, fazendo-o sorrir. — Você consegue levantar os braços? — Voltei a negar, dessa vez, com ainda mais ênfase. — Eu vou cuidar disso, essa é a melhor parte, aliás.

Aguardei para ver o que o homem iria fazer, mas ele me arrastou de volta ao centro do tatame e pediu que eu me deitasse com a barriga para cima.

— Agora feche os olhos. — Eu os fechei, sentindo meu coração ainda acelerado bater no mesmo ritmo que a batida da música.

Ofeguei de prazer ao sentir as mãos de Ricardo apertarem meus braços em uma massagem revigorante. Ele não se importou com o fato de eu estar suada, e eu adorei que ele ainda estivesse com as bandagens. O toque áspero de seus dedos e do tecido grosso escorregavam pela minha pele, fazendo-me ver estrelas de tão gostoso. Comigo ainda deitada, eu tive as pernas alongadas por ele, fazendo com que cada articulação da parte inferior do meu corpo estalasse.

— Vire-se — pediu ao terminar, e eu gemi, querendo mais do seu toque.
— Eu estou tão cansada — falei, com intenção de persuadi-lo.
— Eu sei. — Ele riu do meu quase fingimento. — Mas seja boazinha, porque o esforço agora é todo meu.

Fiquei de costas, escondendo o rosto entre os braços cruzados. Suspirando ao ter os dedos de Ricardo apertarem desde o meu calcanhar até os ossinhos enfileirados da minha coluna. Tendo-o montado sobre mim, o peso do seu corpo intensificando a pressão. Fazendo com que o sangue voltasse a circular pelas áreas que mais foram trabalhadas e que se encontravam agora anestesiadas.

— Você fica sexy suada — deixou escapar, assim que alcançou meus ombros.
— Gostosa demais. — Seus dedos afundaram em minha carne, enquanto os pelos ralos da sua barba por fazer raspavam a minha nuca causando-me arrepios incandescentes. Se é que isso existia.

Com o corpo inteiro mole, Ricardo me virou facilmente. Puxando minhas mãos para o alto de minha cabeça e as mantendo ali. Presas ao tatame. Trocamos olhares, e em um momento atipicamente estranho eu sorri. Quase gargalhei, para falar a verdade. Acho que era o cansaço, mas de uma maneira agradável.

— Você deveria sorrir mais. — Ele soltou meus braços, permanecendo montado em meu quadril.

— Eu deveria. — Desci meu olhar pelo seu corpo, também suado. Mesmo que eu tenha sido a única a fazer um esforço realmente intenso, e o encontrei duro. O pênis rijo, mostrando a que veio. Ricardo não era um homem pequeno, não em estatura, e não em... tamanho.

A maneira como o encarei lá embaixo o fez sorrir, sacudindo a cabeça.

— Você parece faminta.

— Eu acho que estou... — Ergui o meu olhar. O formigamento se fazendo presente ao tê-lo se inclinando e ficando cara a cara comigo.

— Nós fizemos uma promessa — ele me lembrou.

— Você me fez. O que significa que sou a única que pode livrá-lo dela — sussurrei.

O nariz de Ricardo roçou o meu, enquanto o hálito de menta fazia-me lambe meus próprios lábios. Eu o queria.

— Eu te liberto — disse, tocando seu rosto e perdendo-me em seguida em sua boca.

Ricardo não pensou, não hesitou. Assim que as palavras fluíram, eu o senti sobre mim.

E naquele instante, debaixo dele, eu experimentei tudo. A ereção tocando meu abdômen, nossos corações batendo de modo feroz e violento, e os bicos de meus mamilos sendo esmagados pelo seu peitoral duro e suado. Ricardo afastou

minhas pernas e, ao tomar espaço, puxou para baixo a calça de ginástica que a essa altura mais parecia uma segunda pele por conta do suor. Ofeguei, ao vê-lo arrastar as mãos pelas coxas nuas, o toque rude levando-me a arquear o quadril em sua direção. Como um convite.

Sem nenhuma explicação, ou aviso, Ricardo interrompeu o beijo e se inclinou. Passando a retirar sua bandagem de forma lenta enquanto me fitava com os olhos loucos de tão selvagens.

— Coloque as mãos para cima — ordenou.

— Você não vai me amarrar.

— Ah, eu vou. — Sorriu de modo sacana. — Agora seja uma boa garota e faça o que pedi. — Vidrada nele, eu ergui as mãos sobre a cabeça. Deixando-o amarrar meus pulsos.

Não foi um nó feito com força, mas foi eficiente. Olhando dentro dos meus olhos, Ricardo beijou a minha testa e sussurrou:

— Fique tranquila porque eu prometo que irá gostar. — Ricardo tomou distância, empurrando agora as minhas coxas para que ficassem arqueadas. Seu dedo foi sem hesitar em direção à calcinha, ultrapassando a barreira frágil e úmida que ela agora representava.

Gemi quando me tocou, explorando minha vagina que de tão molhada fez com que seus dedos escorregassem, primeiro pelo clitóris, depois pelos grandes lábios e, por último, na entrada da minha boceta, que pulsou ao ser penetrada pela ponta do seu dedo médio. Esfreguei-me contra sua mão, querendo que ele fosse mais fundo e revirei os olhos, enlouquecida, ao sentir agora dois dos seus dedos indo até o fundo. E foi com eles dentro de mim que Ricardo se afastou e olhou para o meu corpo inteiro. Meus seios estavam nus, ou parcialmente, pois o top subira durante o nosso esfregar. Os mamilos intumescidos atraíram a sua atenção, sendo chupados e colocados entre os seus dentes até serem abocanhados inteiros. O hálito morno fez com que os pelinhos ao redor se arrepiassem mesmo que sob o domínio da boca molhada e quente de Ricardo.

Senti-os ficarem inchados, vermelhos. E enquanto Ricardo os sugava, revezando-se entre um e outro, eu assisti a tudo. Cada lambida, cada mordida. Debatendo-me um pouco mais forte sempre que seus dentes afundavam sobre a pele sensível. Nunca imaginei ser possível, mas eu estava a um passo de gozar por conta do que esse homem estava fazendo com os meus seios.

— Fique quieta — exigiu.

— Não consigo — respondi, desesperada.

— Não? — Ele parou, forçando ainda mais os seus dedos para dentro de mim enquanto afastava a boca dos meus mamilos. — Será que se eu a beijar você fica quieta? — Neguei, duvidando. Beijar só me deixaria mais ansiosa e agitada.

Pulsei ao redor dele, fazendo-o grunhir e cerrar os olhos.

— E se eu te morder? — Neguei, novamente. Minha boceta querendo alívio.
— Então só me resta uma coisa, Isadora...

Minha calcinha foi afastada ao mesmo tempo que senti o membro grosso e quente latejar contra a minha perna. Ofeguei alto ao ser penetrada por Ricardo, ficando finalmente quieta. Meu corpo cedeu à sensação divina que foi estar imobilizada debaixo daquele homem, que grunhiu coisas obscenas e desconexas ao entrar dentro de mim e mais ainda ao sair.

Em um golpe duro atrás do outro, seus testículos batiam em mim junto com o seu quadril. O som molhado e úmido da união dos nossos corpos misturava-se ao som dos estalos. Senti-o crescer em meu interior, me alargar de dentro para fora enquanto minha excitação nos lambuzava. O mantendo vidrado, louco. Gozei em poucos minutos, sendo alvo de seus olhos... que assistiram a tudo. Cada minuto de prazer que tive.

— Eu senti a sua falta — murmurou, ao mesmo tempo que minha boceta o sentiu inchar e esporrar dentro dela. Seus dedos agarraram meu cabelo, enquanto ele praticamente obrigava-me a encará-lo. Eu devo ter gozado novamente apenas pela pressão que o seu corpo pesado fez sobre o meu, mas estava tão extasiada, tão exaurida, que o pulsar veio suave drenando-o enquanto ele rosnava em meu ouvido. — Senti pra caralho.

Ele não era o único.

Ricardo

— NÃO HÁ NADA. Eu já revirei os dados de trás para frente e não encontro uma informação que esteja fora do lugar.

— E sobre a mulher que o acompanhou? — perguntei, distraído.

— Não há nada ali, ela é apenas, como a família Montenegro diria: uma emergente tentando fazer parte da alta sociedade.

Desde o baile que Samuel vinha tentando reunir algo que fosse relevante o suficiente para que pudéssemos usar contra Henrique durante o julgamento, ou então, uma prova de que ele representava risco aos Montenegro, a ponto de o fazer voltar para o buraco de onde saíra até a decisão definitiva do juiz. Mas o máximo que o desgraçado vinha fazendo nos últimos tempos era comparecer a festas e jantares. Circulando por aí, deixando a todos curiosos e interessados nos podres que ele poderia ter a revelar sobre uma das famílias mais influentes do estado, se não do país.

Uma possibilidade que não agradava ao Marcos.

Isadora era outra história. Uma um pouco mais complicada.

E era ela a razão de eu estar a essa hora da noite com Samuel, fazendo hora extra no Grupo Hangar. E enquanto ele procurava por respostas, eu tentava não a imaginar nos braços de Oliver. O que poderia estar acontecendo neste exato momento.

“Eu não posso correr o risco de você causando qualquer mal-estar, Ricardo. Será um evento importante, com convidados importantes. Você não é exatamente previsível quando se trata do Oliver.”

Foi com essas palavras que Isadora me dispensou, avisando-me de que preferia que Hélio assumisse o meu lugar pelo restante da noite. O que me fez lhe virar as costas e dar o *meu turno* ao lado dela como encerrado. Dias se passaram desde a tarde em que a trouxe para o Grupo Hangar, e nada mudara além da nossa óbvia incapacidade de nos manter longe um do outro. E porra, se

não tentei impedir que essa merda acontecesse.

Não só tentei, como obriguei-me a ficar longe no primeiro dia. Mas no segundo, eu já não sabia como fazê-lo. E, ao tê-la saindo tarde da noite da Montenegro, eu a puxei para a escada de emergência e fiz amor com ela. Seu corpo imprensado contra a parede, seus gemidos baixos. Seu corpo trêmulo sob o toque de meus dedos. Isadora era um vício, e, possivelmente, seria a minha ruína!

Mas havia essa ligação que nos prendia um ao outro, como se nossos corações e mentes corressem no mesmo ritmo. Da minha parte, eu sabia ser amor, porra. Da dela, eu não fazia ideia.

— Algo está te perturbando. O que é? — Samuel perguntou. — Você anda distraído e isso não é bom, Ricardo, não para os negócios pelo menos.

Bufei, tenso.

— Eu a quero, Samuel — revelei, contrariado comigo mesmo. — Ainda a quero e não sei como me manter afastado. Isso está me matando. E falo sério.

— E quanto a Clarissa? O bebê que esperam, o casamento?

— Você ouviu a parte em que eu disse que essa merda está me matando? — Levantei-me nervoso. — Um homem não sabe o que é inferno até que precisa escolher entre o seu filho e a mulher que ama.

— Então você finalmente admitiu que a ama.

Passei a mão pela nuca, inquieto.

— Se eu tivesse certeza absoluta de que Clarissa não tentaria qualquer besteira, eu já teria pedido a separação — confessei. — Mas não confio nela, não quando se trata da segurança do meu filho.

— Você acha que ela tentaria algo? Seria como dar um tiro no pé, certo?

— É o que eu penso. E no fundo ela sabe que estamos juntos por causa dessa gravidez, mas também sabe que eu quero muito essa criança. Então...

— Ela tem jogado com você.

— Basicamente, e antes que me pergunte por que eu não pago para ver e descubro qual é a dela, é porque sei que não estaria machucando apenas Isadora se algo saísse errado. Mas ao meu filho e, no momento, ele é minha prioridade.

— Você já fala como um pai.

Sorri, mesmo que apreensivo. Porque era assim que me sentia.

Clarissa

Olhei para o ponteiro do relógio enquanto mordida a ponta da minha unha e

pensava na maneira agitada com que Ricardo chegara em casa, perguntara pelo bebê, e em seguida, trancara-se no banheiro a fim de limpar a mente ou... o seria o corpo? Eu não poderia dizer com certeza, mas não era preciso ser um gênio para saber que Ricardo e a vagabunda por quem ele se dizia apaixonado, deveriam estar juntos outra vez. Eu notava pelo cheiro dele, pela maneira como encarava o nada quando estávamos em um mesmo cômodo. Ricardo já não era meu há um longo tempo, essa era a verdade.

Fechei os olhos, irritada, e a culpa por não ter tido uma criança antes, corroeu-me por dentro. Eu vinha pensando sobre isso desde o dia em que Ricardo chegou em casa, meses atrás, e disse que precisava de um tempo. Que ele iria sair, alugar ou comprar um imóvel, e ficar por lá até que tudo fosse resolvido. O que no caso, tratava-se da separação. Uma atitude que eu duvido que Ricardo teria tomado se houvesse uma criança envolvida. Ele não era esse tipo de homem.

Furiosa, eu coloquei as mãos sobre o meu abdômen ainda pequeno. Era como se essa coisinha se recusasse a crescer e se fazer presente. Atrapalhando tudo.

— Você está aqui para fazer com que o seu pai fique com a gente e se esqueça de uma vez por todas daquela mulher, meu filho. É bom que dê certo, porque...

Se não desse eu teria que tomar outra providência. Qualquer coisa para impedir que o *homem honrado* que Ricardo orgulhava-se de ser me deixasse.

O som de um celular vibrando pela casa fez com que eu me levantasse do sofá e o procurasse. Ricardo permanecia no banho, então quem quer que fosse teria de esperar. A curiosidade de saber de quem se tratava falou mais alto, porém, e ao encontrar o aparelho que ele usava no trabalho sobre a mesinha do corredor eu tentei desbloqueá-lo. As primeiras duas combinações deram errado. Era sempre a mesma coisa, a cada semana uma nova senha era programada. Sabendo que após a última o telefone ficaria bloqueado, eu comecei a pensar como o meu marido, quais eventos o marcaram, o que ele considerava importante... até que cheguei à data em que ele deixou o exército.

Era essa!

Vasculhei pelas fotos e não encontrei nada. Contatos, todos profissionais.

Então havia a mensagem:

“Assim que terminar aqui, eu irei para o flat.”

Passei por cima da vontade de arremessar o celular longe, e em vez de sair como louca perante Ricardo, eu simplesmente apaguei a mensagem. Nervosa porque havia somente o número da cadela, sem registro de nome. Por azar, antes que eu tivesse tempo de memorizá-lo, Ricardo saiu do banheiro. Encontrando-me, ali parada com o seu celular na mão. Sorri, docemente. Vendo-o analisar a cena à sua frente e entreguei o aparelho a ele.

— Achei que estivesse tocando, já estava indo levá-lo para você.

Ele o pegou, dando-me um aceno sério de volta. Incapaz de ser qualquer coisa menos do que cordial comigo. E eu odiava isso. Pois bem, quem quer que fosse a mulher roubando-o de mim, passaria a noite completamente sozinha.

Isadora

Verifiquei pela milésima vez o visor do celular, com esperança de que houvesse alguma resposta de Ricardo. Mas não havia nada. Apenas Oliver, que após o aviso de que eu pretendia ir embora, pediu para que fosse paciente e tentasse me misturar entre os convidados, rodeando-me de tempos em tempos como se eu não estivesse a um passo de deixar o evento sem me despedir de ninguém. Eu sei, ele conhecia a maioria das pessoas aqui essa noite, já que por se tratar da festa de um ex-senador muitíssimo prestigiado, o clube encontrava-se lotado de figuras importantes. Sabendo que não me faria bem, eu continuei a segurar a taça de espumante, sem realmente bebê-la.

Nervosa demais por conta da presença de Henrique, para fazer qualquer outra coisa que não procurá-lo pelo salão a fim de manter-me o mais distante possível. Não era para eu estar aqui essa noite. Mas Marcos pediu-me esse favor na última hora, e eu não tive como negar. Não com Rachel passando mal, outra vez. Foi ideia dele também, a de trazer Oliver como o meu acompanhante. Como se a sua presença fosse ser o bastante para tornar o evento suportável, o que poderia ter acontecido em qualquer outro dia. Mas não hoje.

Porque tê-lo ao meu lado, sendo sociável e educado, fez-me imaginar que esse provavelmente seria o nosso futuro caso ficássemos juntos. O que fez com que cada minuto fosse asfixiante.

— Você está dispersa esta noite — Oliver murmurou ao se aproximar.

— Estou? — perguntei. Tomando enfim um longo gole da minha bebida.

— E cínica também.

— Me desculpe, Oliver, é que...

— Henrique está aqui, e o *outro* não. — Eu o encarei, aturdida. — Só mais uma hora, Isadora, e nós saímos. Deixar o jantar antes da homenagem que os filhos do aniversariante pretendem fazer não seria educado. — Ele estava certo. — Enquanto esperamos, pense que há um motivo para que eu esteja aqui ao seu lado, e não o segurançazinho que vem mexendo com a sua cabeça, Isadora. Se esse motivo ainda não for suficiente para te fazer repensar o papel daquele homem em sua vida, eu não sei mais o que pode ser — Oliver sentenciou, afastando-se para cumprimentar outro conhecido.

Normalmente, ele não era tão agressivo, mas acredito que estivesse começando a se cansar do meu comportamento estranho. Imagine então quando descobrisse a respeito dos meus ataques. Talvez eu o deixasse descobrir, porque Oliver não parecia um homem que quisesse nada além do perfeito.

E aos olhos dele, eu continuava perfeita.

De repente, eu me peguei encarando cada uma daquelas pessoas. Seus rostos, as roupas. Os sorrisos forçados. Olhei para a taça em minhas mãos, os anéis que circulavam meus dedos e o brilho elegante do meu vestido de alta costura. E apaguei o sorriso educado que mantive por toda a noite congelado em meu rosto. Do outro lado, o olhar de Oliver cruzou com o meu, pedindo com um aceno discreto para que eu me aproximasse a fim de cumprimentar quem quer que fosse o homem à sua frente. Mas eu não fui. Em vez disso, virei-me e entreguei a taça ao primeiro garçom que passou por mim.

Saindo daquele lugar.

— Posso ajudá-la, senhorita? — Um dos funcionários do clube perguntou ao me ver chegar à portaria. Onde carros luxuosos e caros continuavam a chegar.

Verifiquei outra vez o meu celular, que continuava sem nenhuma mensagem de Ricardo. Telefonar para ele a essa hora seria algo que eu jamais faria. Principalmente porque temia escutar a voz de sua esposa no fundo, ou pior, de saber que poderia estar atrapalhando algum momento íntimo dos dois. Não vou mentir, na maior parte do tempo eu obrigava-me a não pensar nele como um homem casado. Dizia a mim mesma que... o que fazíamos não era errado. Mentia, fingindo que ele era meu e de mais ninguém.

Isso ajudava a passar os dias. Mas fazia-me afundar durante as noites em que eu não o tinha do meu lado. Noites, em sua maior parte, passadas em claro imaginando se ele estaria com ela. Se estariam dividindo a mesma cama...

— Eu preciso de um motorista. Um táxi, talvez. — Esperei que o rapaz soubesse o que fazer para me tirar daqui. Porque eu não fazia ideia.

— Um táxi? Justo você, querida? — Uma voz petulante foi ouvida, fazendo-me virar e apertar a bolsa entre os meus dedos.

Afastei-me por instinto, odiando a ideia de estar sozinha com o filho da puta do Henrique, que ao que parece decidira me seguir até aqui fora.

— Não se aproxime demais — o aconselhei.

— Vejo que o cão de guarda do seu irmão não está por aqui. Será que ele cansou de mijar ao seu redor?

O encarei, o sangue do meu rosto se esvaindo.

— Você é esperta demais para não ter notado que ele a deseja, Isadora — falou, como se achasse graça da situação. — Até mesmo eu notei, o que nos leva à questão... talvez você goste, certo? Talvez não seja tão fria quanto parece, e

sinta certo prazer em saber que um homem como aquele a queira. — Ele riu, considerando a situação muito absurda. — Talvez eu deva avisá-lo de que tentar qualquer aproximação seria inútil, porque nós dois sabemos que você não é gelada apenas por fora.

— Cale a boca.

Endireitei minha postura, mas por dentro eu fervia de apreensão. Porque sua brincadeira estava muito perto da verdade e, se ele viesse a descobrir sobre o meu caso com Ricardo, eu estaria arruinada.

— Tem algo de errado nessa história, Isadora — constatou de repente. — Você não é mais a mesma, notei enquanto a observava fugir de mim durante a noite. Por alguma razão, estou achando-a... vulnerável e isso não é bom. Não para você, e não para as pessoas interessadas em atingir o Marcos.

Essa era uma ameaça ou apenas um alerta?

— Não torne o trabalho dessas pessoas fácil demais, querida. Algumas delas apreciam o desafio.

— Obrigada pelo aviso, mas eu o dispenso — falei séria, mesmo que nervosa por dentro. — Agora, se for esperto como sei que é, você se manterá longe de mim e da minha família. Eu o conheço melhor do que qualquer um deles, Henrique, e sei como a sua mente funciona. O que me torna uma adversária à altura.

— Então você também tem esse fogo dentro de si. — Henrique sorriu, aproximando-se um pouco mais. O que me fez enrijecer, porque eu não suportava que invadissem meu espaço pessoal. — Só tome cuidado, querida, e não vá pelo mesmo caminho que os seus irmãos. Eles não são exemplos a serem seguidos, toda essa passionalidade... Veja o que fizeram com Mariana e o Marcos. Ela, teve a minha filha. E ele, se casou com alguém que não faz parte do círculo social do qual você tanto preza. Aposto que isso deve matá-la de raiva, não é? Ver o herói da sua vida cometendo um erro atrás do outro.

— Rachel não é um erro — a defendi instintivamente, vendo-o sacudir a cabeça.

— Lembre-se do que falei, Isadora. Não torne o meu trabalho fácil. — O desgraçado ergueu o meu queixo. — Você não é assim.

Afastei sua mão de forma abrupta, vendo-o sorrir de forma cafajeste.

O momento tenso foi interrompido pela chegada do funcionário do clube que, em vez de solicitar um táxi, havia me conseguido um motorista executivo. *Perfeito.*

Henrique permaneceu parado em frente ao carro, e até mesmo fez questão de abrir a porta para que eu entrasse.

— Mantenha a guarda levantada, Isadora — murmurou antes de fechá-la. Nos

entreolhamos através do vidro escuro, e eu logo desviei os meus olhos, recusando-me a ser intimidada por ele.

— Para onde deseja ir, senhorita? — o motorista perguntou, pronto para programar o endereço em seu GPS.

Titubeei por um instante, repensando minhas opções já que Ricardo não me enviara qualquer mensagem. Mas, antes mesmo de verificar o celular pela milésima vez essa noite, eu passei a ele o endereço que ia para o sentido oposto ao da minha casa. As chaves que Ricardo deixou comigo eram mantidas sempre ao alcance. Eu não era capaz de prever quando precisaria de um lugar para me esconder do mundo real.

E era exatamente o que eu desejava agora.

Ricardo

PAREI NO BATENTE da porta, observando Isadora dormir e desejando finalmente poder fazer o mesmo. Eram sete horas da manhã, e confesso que não esperava encontrá-la aqui. A única razão de eu ter passado no *flat* antes de me dirigir à mansão foi porque o seu telefone encontrava-se desligado, o que me obrigou a fazer uso do sistema localizador que todos os Montenegro possuíam em seus aparelhos. Uma pequena, mas eficaz, medida de proteção que fora colocada em uso após o desaparecimento de Rachel.

Com um sistema adaptado, o setor de inteligência do Hangar conseguia rastrear por até 24 horas os celulares desligados. Não era muito tempo, quando se tratava de sequestros e sumiços de esposas rebeldes, por exemplo, mas que em alguns casos, como esse de Isadora, mostrava-se mais do que suficiente.

Verifiquei o quarto, vendo que ela realmente tinha passado a noite aqui e me perguntei por que não fui avisado. Acredito que por estar cansado, a parte da cama vazia ao lado de Isadora, soou-me tentadora. Enquanto desabotoava a camisa branca, usada por baixo do paletó de serviço, eu repassei a noite anterior. Após chegar em casa, tomar um banho e engolir o fato de que Isadora estava fora com Oliver, eu me joguei na sala de TV e tentei assistir a qualquer merda passando àquela hora. E diferente do que fazíamos normalmente, já que Clarissa era quem ficava responsável por levar Zacarias para caminhar na parte da manhã e eu à noite, ela insistiu de que o levaria em meu lugar, antes mesmo que eu tivesse a chance de lhe dizer não.

Juro que pensei que a noite não poderia ficar pior, eu já estava nervoso, inquieto. Imaginando as mãos do infeliz pomposo em minha mulher, *sim*, porque eu não conseguia ver Isadora de outra forma que não minha. E foi aí, nesse momento de raiva, em que me encontrava a um passo de ir atrás dela, que Clarissa voltou para casa desesperada porque Zacarias se soltara da guia durante a caminhada e escapara. Sendo encontrado horas depois e a cerca de dois

quilômetros do ponto em que ela o perdera.

Pois é, as coisas sempre podiam piorar.

Ao terminar a inspeção enquanto me despia, eu notei o vestido de Isadora sobre a poltrona na lateral da cama, assim como os sapatos e sua bolsa. Era sábado de manhã, e a minha fera não tinha qualquer compromisso, mas o meu era ela. Dividido entre dar vazão a raiva que ainda sentia dessa mulher ou simplesmente esquecer a noite de ontem e me deitar ao lado dela.

Sacudindo a cabeça, em reação ao corpo seminu deitado sobre a cama, eu me aproximei. Desistindo da ideia de manter-me afastado, mesmo que permanecesse puto da vida. Sem acordá-la, puxei o lençol que a cobria e encaixei meu corpo por detrás do de Isadora. Sentindo as curvas delicadas e magras dela aconchegarem-se contra os meus músculos e toda a tensão instalada neles. Morrendo de saudade, deslizei a mão pelas suas pernas, deparando-me com o tecido rendado em seu quadril.

Isadora tinha uma coisa com lingerie caras, que deixava-me louco. Elas não eram propositalmente sexys, não, em sua maior parte eram apenas elegantes e discretas. Cores claras e sóbrias usadas em renda e seda, tudo da melhor qualidade. Eu podia sentir ao simplesmente tocá-las. Então havia o cheiro em sua pele, que contrário à sua personalidade forte, era suave. Atalcado e doce.

Não que eu entendesse de perfumes, mas porra... o dessa mulher era letal.

Acaricieei sua cintura, após desvendar todos os segredos de sua calcinha, e não parei até chegar aos seios expostos. Foi ali que deixei minha mão repousar. Em um dos cumes redondos, cujo mamilo logo despontou ante a aspereza de meus dedos.

— Ricardo? — Isadora murmurou, segurando meu antebraço, quando este a envolveu.

— O que está fazendo aqui? — perguntei baixo, sentindo sua respiração irregular. Incapaz de ignorar o fato de que ela propositalmente aninhou o traseiro magro contra o meu membro, que reagiu ficando duro.

— Como...? Eu te avisei que viria. Enviei uma mensagem, mas...

— Não, você não enviou — falei em seu ouvido. Irritado com a mentira.

— Eu fiz, Ricardo. E posso provar. — Ela fez como se fosse se levantar, mas eu a detive, apertando o seu seio com um pouco mais de força. Eu a queria na cama comigo.

— Esquece, eu não quero provas. Quero apenas dormir por algumas horas. Minha cabeça parece que vai explodir, merda.

— Que horas são? — ela perguntou, rendendo-se ao meu aperto.

— Ainda é cedo — disse entredentes.

— Você continua nervoso.

— Isa...

— Foi por causa de ontem? Por que saí com Oliver?

— É por sua causa, mas não é apenas isso — decidi explicar, dividir essa parte da minha vida com ela, mesmo com a possibilidade de que ela não fosse gostar.

— Zacarias escapou da guia na noite passada e até encontrá-lo foi uma loucura.

— Clarissa não parava de chorar, dizendo estar arrependida e tornando impossível a tarefa de que eu me concentrasse no que estava fazendo. — Ele está comigo há mais de cinco anos, se eu o perdesse...

— Você o ama.

— Claro que amo.

— Que bom que o encontrou então — disse com a voz suave, entrelaçando sua mão na minha.

— Oliver a beijou? — perguntei, incapaz de dormir de imediato, não com tanta coisa na cabeça. — Ou a tocou e...

— Ele não fez nada, Ricardo. — Certo.

— Não sei como... mas eu quero que ele saiba que você é minha — falei, já letárgico pelo cansaço.

Devo ter dormido instantes depois, à espera de uma resposta de Isadora, que até onde consegui lembrar, não veio.

Isadora

Mantive o celular em meu ombro enquanto procurava pelo material necessário.

Pó de café, açúcar... Olhei ao redor, perguntando-me por que Ricardo não mantinha uma cafeteira elétrica, dessas em que se usava uma cápsula, um pouco de água, apertava-se um botão e pronto. Mas não, ele tinha que possuir uma antiga. Dessas que era necessário o uso de coador de papel e tudo. Quando a minha ligação foi atendida, eu respirei fundo. Indiscutivelmente aliviada.

— *Srta. Montenegro?* — Eu tinha ligado para o número pessoal da Vera.

— Meu irmão ou alguém da família está por perto? — perguntei, feliz por encontrar um pacote de coadores novos. Já era alguma coisa.

— *Hum, não* — respondeu hesitante. — *Está tudo bem com a senhorita? Você não voltou para casa e...*

— Vera, eu preciso que me ajude em uma coisa, mas você tem que jurar que não dirá nada ao meu irmão.

— *A senhorita está me preocupando. Eu devo alertar os seguranças? Chamar*

a polícia?

Revirei os olhos.

— Não, apenas me escute, porque eu não faço ideia do que fazer aqui. — Expliquei a ela o que eu queria, e olhei para a cafeteira como se ela fosse o maior desafio da minha vida. — Quantas colheres de açúcar eu preciso colocar para o café não ficar doce demais? Ou eu não preciso colocar nenhuma? Eu só quero fazer um café forte...

Vera titubeou antes de responder, deixando-me nervosa.

— Não pode ser muito difícil, não é? Se vocês conseguem fazer essa máquina funcionar, eu também consigo — disse, apressando-a.

Aos poucos, ela foi fazendo algumas perguntas a respeito da máquina e do nome do fabricante. E como uma especialista, ela me passou a quantidade exata de colheres de café e açúcar para um café mais forte do que doce.

— *Está dando certo?*

— Sim, o café está pingando — revelei, ainda mais aliviada.

— *Então, nada de polícia?* — perguntou baixo, em um tom de voz que beirava a chacota.

— Não, sem polícia. Agora finja que esse telefonema nunca aconteceu. — Encerrei a chamada e fiquei satisfeita ao sentir o aroma do café espalhar-se pela cozinha, mesmo que eu não suportasse o gosto. Mas não importava, porque não era para mim o café, e sim para o Ricardo.

Pouco foi falado essa manhã, mas foi o suficiente para sentir que ele não estava bem. Que algo o perturbava. Eu só queria que ele tivesse algo para comer quando se levantasse. Assim como ele sempre garantia que eu tivesse.

Andei pela cozinha, descalça e coberta pela camisa que ele tinha usado e que ainda exalava o seu cheiro, percebendo orgulhosa que havia acabado de fazer o meu primeiro café da vida. Arqueei a sobrancelha, achando-me ridícula, mas nem mesmo isso fez com que o sentimento dentro do meu peito diminuísse.

Eu estava... feliz.

Ao sinal de que o café estava pronto, eu me dirigi até a bancada a fim de desligá-lo da máquina. Dando-me conta da presença de Ricardo apenas no momento em que ele rodeou meu corpo e cheirou a minha nuca.

— O que você pensa que está fazendo? — Seu queixo repousou em meu ombro.

— Café — respondi simplesmente.

— E desde quando você faz esse tipo de coisa, quero dizer...

— Essa foi a minha primeira vez — revelei, virando-me para ficar cara a cara com ele.

Ricardo me beijou, parecendo um pouco mais descansado. Seus dedos

afagando o meu cabelo com carinho.

— Por quê?

— Você sempre se preocupa se estou ou não me alimentando, eu só queria retribuir a sua preocupação.

Ele me olhou por um instante, antes de dizer:

— Obrigado. — Ricardo beijou minha testa e se afastou, servindo-se do café.

Desviei meu olhar de suas costas largas e me servi de um copo de suco, sentando-me à sua frente.

— Zacarias está bem? Você só me disse que o encontrou, mas em seguida apagou. — Não sem antes agir como um troglodita ciumento, o que me atrapalhou a voltar a dormir, porque, como toda mulher controladora, eu fiquei repassando suas palavras em minha cabeça. Analisando-as de todos os ângulos possíveis.

“... eu quero que ele saiba que você é minha.”

Eu acho que Oliver já sabia.

— Eu não preguei os olhos durante toda a noite — admitiu, fazendo um nó se formar em minha garganta. — Mas sim, Zac está bem.

— Como ele se perdeu?

— Isso é o que não entra na minha cabeça. Zacarias foi treinado, quando não está com a guia ele não se afasta, a menos que sinta o meu cheiro ou que algo realmente chame a sua atenção. O que não acontece com frequência. Fora que o caminho que Clarissa fez com ele era o mesmo de todos os dias. Ele teria conseguido voltar para casa tranquilamente.

— Era ela quem estava com ele? — Ricardo assentiu.

— E você?

— Eu estava louco — admitiu. — Olhando para a tela da TV e cogitando a ideia absurda de ir te tirar daquela festa. — O que teria sido o pior dos escândalos. — Clarissa notou o meu humor, e por isso se ofereceu para levá-lo no meu lugar.

Tinha algo de estranho nessa história.

— Então ela o perdeu...

Ricardo me encarou, sem deixar o meu comentário passar batido.

— Ele escapou.

— Sim, claro.

Talvez fosse loucura minha, ou apenas uma tentativa da minha cabeça distorcida de encontrar algo a mais que me fizesse odiar Clarissa, mas eu suspeitava de que esse desaparecimento não tivesse acontecido ao acaso.

E que talvez ela o tenha perdido de propósito.

Como se formasse suas próprias conclusões, Ricardo se levantou e bebeu a

primeira dose do café. Engasgando em seguida.

Assustada, eu fui até ele e o acudi. Ou pelo menos tentei.

— Porra, Isadora. — Ele abriu os olhos, marejados pelo esforço feito. — Você tem sorte que eu já te amo, porque se dependesse do seu café...

Ricardo se deu conta do que disse antes de mim, a expressão até então tranquila dissolvendo-se. Respirei fundo e dei um passo atrás. Ele tinha dito realmente o que eu escutei?

— Você me ama? — perguntei baixo, absolutamente nervosa porque essa era a primeira vez que um homem dizia isso para mim.

— Se não a amasse, eu não estaria aqui agora — disse como se fosse óbvio enquanto eu consegui apenas assentir. Agindo feito uma idiota. — Também não estaria procurando o que elogiar no seu café... quando tenho absoluta certeza de que é o pior que já tomei em toda a minha vida.

Meu coração acelerou, e eu não soube o que dizer ou o que falar. Ou como respirar.

— Você me ama e eu faço um café horrível — repeti e ele assentiu, dando-me tempo para compreender tudo. — Mas e ela? Vocês ainda estão juntos... Não, deixa para lá. Eu não quero saber nada a respeito de Clarissa. Nada.

O homem se aproximou, segurando o meu rosto entre suas mãos. Sua boca indo de encontro à minha testa. Ao passo que ele respirou junto comigo. No mesmo ritmo e frequência.

— Em algum momento nós teremos que conversar sobre ela, Isadora. — Ele pareceu sério demais, o que me deixou assustada.

— Mas não hoje — falei, antes de deixá-lo continuar. Sendo egoísta a ponto de não querer que a pequena bolha de felicidade em que acordei essa manhã fosse destruída. — Qualquer outro dia, mas...

— ... não hoje — ele completou, deixando-se ser beijado por mim, que interrompi o beijo rapidamente ao sentir o gosto amargo e ruim de café em sua boca.

— Está... horrível.

— Eu falei. — Ele sorriu, passando a mão pelo meu rosto e puxando-me novamente para dentro dos seus braços.

Isadora

SEGUREI O CONVITE deixado por Sofia em minha mesa, perguntando-me se fazia o que era certo, não tendo mais a certeza de que minha sobrinha gostaria de me ver ou de ouvir minhas desculpas. Depois do mal-estar de Rachel no dia anterior, do encontro indesejado com Henrique e da maneira intempestiva com que Ricardo reagiu, jurando que cuidaria do infeliz com as próprias mãos, eu estava mais do que consumida emocionalmente.

Ter de enfrentar então uma criança geniosa e que se encontrava magoada comigo, parecia-me assustador.

Horas atrás, quando Ricardo me trouxe até a mansão, e eu descobri através de Vera que Marcos levava Rachel e Arthur para a Vinícola, a fim de descansarem e deixá-la se recuperar do cada vez mais suspeito mal-estar, eu tentei não pensar no fato de que muito breve nós teríamos outro monstrinho faminto chorando alto pelos corredores dessa mansão e muito menos no fato de Ricardo ter admitido com todas as letras o que sentia por mim, e procurei me focar na decisão de comparecer ou não à escola de Sofia essa noite.

Porque pensar nas palavras de Ricardo, me levaria a dois caminhos. O primeiro, a sua esposa. E o segundo, ao que eu sentia por ele.

O esforço logo se mostrou inútil, pois meu coração continuou vibrando como nunca antes. O problema era que nos braços dele era fácil acreditar no que me disse, o difícil era continuar acreditando quando cada um de nós pegava um caminho diferente ao ir para casa.

Em algum momento nós teremos que conversar sobre ela, Isadora.

O que fosse que ele tivesse para dizer, eu tinha certeza de que me magoaria. E talvez eu fosse uma idiota por não querer escutá-lo, por acreditar que ao não saber eu estaria me privando de mais sofrimento. Será que era assim que as pessoas agiam quando se apaixonavam?

De modo irracional e imprudente?

Ao receber a mensagem de Ricardo, avisando estar à minha espera lá embaixo, eu desci as escadas e comuniquéi a Vera sobre a minha saída.

— Mas a senhorita irá voltar essa noite? — perguntou ao me alcançar já quase na porta.

Assenti, sabendo que não deveria brincar com a sorte. Não quando o que vinha acontecendo entre nós dois, tinha tudo para terminar em desastre caso alguém descobrisse.

Como se soubesse que eu estava com medo e que precisava de um tempo para pensar no que faria em breve, Ricardo fez o trajeto até o colégio de Sofia mais calado do que o de costume, mesmo sendo naturalmente reservado. A verdade era que eu gostava que ele fosse assim, e mais ainda, que pudéssemos estar lado a lado sem ter a obrigação de preencher o vazio provocado pelo silêncio. Porque o que nossas bocas não falavam, tenho certeza de que nossos gestos e corpos faziam.

— Você está fazendo o que é certo. Não fique com medo, ok? — Ricardo falou assim que chegamos em frente ao colégio.

— Eu não estou com... — A sobrancelha escura foi arqueada, contestando a mentira antes mesmo que eu a dissesse. — Tudo bem, talvez eu esteja com um pouco *de receio*. Mas quem não estaria?

Eu havia decepcionado uma criança, droga! E no lugar dela, eu jamais me perdoaria.

— Lembre-se do que te falei. Crianças não guardam rancor.

Com o pátio do colégio praticamente vazio, eu o atravessei até chegar ao auditório onde seria realizada a confraternização. Ricardo, que esteve do meu lado até aquele instante, deu um beijo rápido em minha mão, forçando-me a continuar o pequeno trajeto sem ele. Ao me aproximar da entrada, olhei pela fenda de vidro da porta e vi um número considerável de pais e familiares sentados em fileiras. A plateia inteira atenta ao garoto no centro do auditório.

Procurei não pensar demais e respirei fundo. Por sorte, o auditório estava em sua maior parte escuro, o que me permitiu ficar nas sombras, enquanto tentava enxergar entre as crianças amontoadas na primeira fileira algum sinal de Sofia.

Na terça-feira, um dia após a discussão que tive com sua mãe, eu e o Dr. Carvalho conversamos sobre o ocorrido. E a sugestão que me fez foi a de que eu pedisse desculpas a Sofia. *Simples assim*, ele falou. Mas o que era simples para o doutor, não era para mim. Abrir meu coração e pedir desculpas eram coisas que eu não fazia com frequência.

De pé, no fundo do auditório, eu assisti a duas outras apresentações até ver aquele pinga de gente que era a minha sobrinha atravessar o auditório com um microfone na mão. Ela sorriu nervosa na direção em que imaginei estar a sua

mãe, e depois olhou para todos os outros rostos. Até que respirou fundo, o ruído fofo saindo através das caixas de som, e começou a falar.

Falou tanto e com tanta desenvoltura que eu não pude deixar de me sentir orgulhosa.

Bastarda ou não, ela era uma Montenegro. Não restavam dúvidas.

— Ela é a minha pessoa preferida, porque é a titia mais linda do mundo. E eu a chamo de princesa porque ela se parece como uma: é bonita, inteligente e vende vinho na empresa do meu vovô. Toda minha família vende vinho. — Sorri. — Não o meu papai, o meu papai cuida dos cavalos no nosso haras. Ele os ensina a se comportarem. O meu Barão está tendo aulas para que eu possa ser uma amazona quando crescer. Eu também tenho peixinhos, sabe? — Ela desviou completamente do assunto, olhando para a professora, de pé em um canto estratégico do auditório, como se pedisse desculpas por estar fora do roteiro. — É que eles não morrem mais e eu fico feliz por isso. Mamãe diz que eu aprendi a cuidar deles.

Quando os professores do colégio se deram conta de que se não a tirassem do palco Sofia passaria o restante da noite falando de toda a sua família e de todos os seus animais, a sua professora subiu no auditório e pediu para que ela finalizasse o que era para ser uma pequena apresentação.

— Eu não terminei — falou baixo com a professora. Mas o microfone estava perto. — Eu preciso dizer que a minha titia não veio porque ela é a pessoa mais ocupada do mundo todo, a minha mamãe disse — Sofia continuou conversando com a professora, que devolveu o microfone a ela, resignada. — A minha titia é a minha melhor amiga também, e o meu papai tá filmando para eu mostrar a ela. — Um nó imenso se formou em minha garganta ao escutá-la. Suas palavras fizeram-me lembrar de todas as vezes em que esperei minha mãe aparecer no colégio para me ver, ou simplesmente participar de alguma reunião escolar. Mas ela nunca tinha tempo, suas obrigações com todos aqueles projetos que apoiava publicamente sempre a mantiveram ocupada.

Para o desespero do corpo escolar, Sofia continuou falando sem parar. Até que, por um acaso, deparou-se comigo.

— Olha a minha titia, ali! — gritou eufórica, abandonando o microfone no chão e desaparecendo pelo fundo do auditório.

Para alívio de todos, eu acho.

Não teve uma só cabeça ali presente que não olhou na minha direção, fazendo-me sentir um peixe fora d'água. Mariana e Guilherme foram os primeiros a se levantarem e, sem seguida, com o fim da apresentação dos alunos, todos se misturaram.

Sofia, que havia dado a volta por trás do auditório, corria agora em minha

direção.

— Você me ouviu? — perguntou agitada, ao conseguir chegar até onde eu estava. — Se não ouviu, eu posso te mostrar...

— Eu escutei tudo, Sofia. E você foi incrível lá em cima.

— Eu treinei com meu papai *cabói* antes, mas não conta para ninguém — confidenciou.

— Então está tudo bem? Você não está com raiva de mim? — sondei, abaixando-me para ficar na sua altura.

— Não, eu não *tô*. Minha mamãe disse que os irmãos brigam. Que eu ainda vou brigar muito com o meu. Mas que sempre vou amar ele, porque irmãos têm que se amar, sabe?

— Sua mãe disse isso? — Eu não conseguia ligar a Mariana impulsiva que conheci com essa que Sofia descrevia. Madura, sempre com algo positivo a dizer à filha. Mariana tinha todos os motivos para me impedir de fazer parte da vida de Sofia. E ainda assim, fazia o possível para que a filha não enxergasse o meu outro lado.

— Sim. E você ama a minha mamãe, não ama? Ela é sua irmã, por isso você é minha titia — Sofia explicou como se eu não soubesse, ou como se precisasse ser lembrada do fato. — Não briga com ela de novo, *tá*? — sussurrou baixinho, a expressão séria em seu rosto. — Isso me deixa triste.

Fiquei sem palavras, sentindo-me mais como a criança do que como a adulta nessa história. Peguei-me assentindo, incerta. Até que Mariana e Guilherme se aproximaram de nós duas, e eu me levantei.

— Eu não falei que ela vinha, mamãe? — disse ainda eufórica e minha irmã concordou. Pedindo que Sofia mostrasse onde ficava o banheiro, para que ela pudesse trocar a fralda do Enzo. Antes de se afastar, porém, Mariana me encarou e deu um sorriso forçado. A filha poderia ter me perdoado, mas ela ainda não.

Guilherme permaneceu comigo, e eu notei o modo protetor com que olhou para a família dele. *Eu quero o mesmo para mim*. A súplica pareceu vir do fundo da minha alma, deixando-me assustada.

— Eu costumava achar que vocês duas eram diferentes, mas são iguais — Guilherme comentou do meu lado. O engraçado era que o que Mariana tinha de impetuosa, esse homem tinha de pacífico.

Ele era o equilíbrio dela.

Isso te parece familiar, Isadora?

— Espero, não só pelo bem da Sofia, que algum dia vocês duas se deem uma chance de se conhecerem melhor.

Eu não sabia se algum dia isso iria acontecer. Tanta desavença se impôs entre mim e Mariana que, quando pensava a respeito, eu percebia a quantidade de

ofensas e discussões que havia para se perdoar e esquecer. Desviei os olhos e peguei Sofia puxando duas coleguinhas em nossa direção, o que fez Guilherme rir.

— Acho que Sofia quer te apresentar às amigas.

Ótimo!

— Titia, essas são as minhas colegas de classe. — As cumprimentei, sorrindo para as duas garotinhas, além de Sofia, que me olhavam fascinadas.

— Você é mesmo uma princesa? — A mais baixinha delas perguntou.

— Ela tem uma penteadeira de princesa — Sofia disse, como se isso explicasse tudo. — E tem um monte de pedrinhas brilhantes. De todas as cores. Assim como as princesas têm. Minha titia também tem *um guarda* que abre a porta para ela, e tem vestidos lindos.

— E coroa, você tem? — Eu estava prestes a responder, mas Sofia foi mais rápida.

— É claro que ela tem, só que a guarda no cofre do meu titio. — A menina pareceu convencida, e se virou para mim.

— Meu pai também tem um cofre. Mas nele não tem coroa.

— Um dia eu vou ter uma coroa também — Sofia respondeu à colega, enquanto nos dirigíamos todos para o corredor. Ela na frente, compartilhando suas histórias fantasiosas. E Mariana, atrás, brincando com o Enzo, que tinha ido parar no colo do pai.

— Titia, aquele não é o seu guarda? — Sofia parou ao perguntar, fazendo-me procurar por ele em meio à pequena multidão que se instalara no meio do corredor. O que não foi difícil, porque Ricardo era, sem a menor dúvida, o homem mais alto ali.

Não fui a única a olhar em sua direção. Mariana também o viu ao estacar do meu lado.

— Foi ele quem me trouxe, Sofia — respondi.

— Quando eu crescer, eu terei um *guarda* também? — ela questionou para ninguém em especial, mas foi a sua mãe que respondeu.

— Já falei que é segurança, Sofia.

— Mas ele não *guarda* a minha titia?

— Ele a protege — ela corrigiu a filha.

— Do quê? — Excelente pergunta.

— Das pessoas que não gostam da gente, meu amor. Lembra que conversei com você sobre não falar com estranhos e tomar cuidado?

— Sim, eu lembro. Agora posso ir lá falar com ele? Dizer um *oi*? Ele não é estranho, mamãe.

Mariana me olhou e eu dei de ombros. A filha era dela, não era?

— Não se afaste demais. — Sofia foi até o Ricardo, que me surpreendeu ao recebê-la com um sorriso largo no rosto. Como se fossem velhos conhecidos.

— O Sr. Rezende não me vê com bons olhos — Mariana comentou baixo. — Sei disso pela maneira como fica tenso quando chego perto de você, como se estivesse esperando pelo momento em que vamos nos atracar e rolar no chão. — *Bom, nós já havíamos feito isso.* — Eu não sei o que há de errado nessa história, Isadora. Ou o que você e Marcos estão escondendo, mas é visível que aquele homem sabe o que está acontecendo com você e que, provavelmente, eu sou a única a não ter a menor ideia.

— Por que está tão encanada com isso? A minha vida não é do seu interesse.

— Assim como a minha também não foi da sua. Mas em momento algum você se importou se as atitudes que tomou iriam ou não me ferir, não é? — Enrijeci, desconfortável.

Odiando ser pega desprevenida.

— Sofia é a única razão pela qual estou escutando você falar nesse momento. — Obriguei-me a soar calma, mas Mariana continuou. Disposta a revidar as ofensas da última vez em que discutimos.

— Nunca mais, Isadora, faça com que a minha filha sofra. Sabe como foi difícil mentir para uma criança e dizer que você não é a *bruxa má* que ela viu brigar com a mãe dela? Porque foi isso que eu fiz, eu passei por cima do meu sentimento por você para evitar que minha filha se decepcionasse. Então antes de fazer algo que possa magoá-la, pense muito bem. Porque Sofia foi e ainda é todo o meu mundo. Ela e Guilherme foram as razões pelas quais permaneci de pé quando você e Marcos me viraram as costas. E você não tem ideia de como dói saber que a tia que ela imagina não é real, que só existe na cabecinha dela.

Mariana se afastou após pronunciar cada uma dessas palavras com raiva, voltando para onde Guilherme e Enzo estavam. Controlei a vontade que senti de revidar e me concentrei em Sofia e Ricardo. As únicas pessoas que pareciam enxergar algo de bom em mim.

— O seu segurança falou que quando eu for grande como você, ele irá me proteger também, titia. Não é legal? — Arqueei a sobrancelha para o Ricardo, que parecia alheio ao que havia acabado de acontecer.

— Acho que tem alguém aqui querendo roubar o seu segurança — ele elucidou, deixando Sofia agitada. Com pressa em se explicar.

— Não quero roubar, não. Eu e minha titia podemos te dividir — falou, com medo que eu realmente achasse que ela estava tentando roubá-lo de mim. — Não é? — Ela se virou e eu confirmei.

Despedi-me de todos, pouco tempo depois. Não sem antes, ajoelhar-me na frente de Sofia e a agradecer pela noite. O sorriso em seu rosto foi de lado a lado

e o beijo que deu no meu, deixou um rastro grudento de *gloss purpurinado lilás*. O preferido dela. Em todo o percurso até a mansão, Ricardo e eu conversamos amenidades.

Qualquer assunto que não o que pairava sobre nossas cabeças. Os acontecimentos dessa manhã, o que ele disse, o que fizemos por horas sobre os lençóis... Eu quase podia sentir seus dedos em minha pele. Tocando-me, venerando-me. *Eu te amo*: ele sussurrou em meu ouvido na última vez que transamos.

Você é minha... e eu te amo.



Inspirei fundo no momento em que entramos na garagem interna da mansão. Meu tempo se esgotava. Saber que não dormiríamos juntos essa noite angustiou-me. Porque eu não queria estar aqui, sozinha nessa casa imensa e longe dele.

— Odeio ver a expressão em seu rosto sempre que a trago para casa. É como se não suportasse mais estar aqui. — Ri, porque essa era a verdade, não é?

— E não suporto — admiti. — E já não considero essa casa como minha há algum tempo, mas...

— Sim?

— Não quero pensar nisso agora, só quero que repita o que me disse essa manhã. — Ricardo me encarou, um sorriso discreto formando-se em seu rosto.

— Você quer me ouvir dizer que a amo — falou, com cuidado, puxando-me para o seu colo. A proteção oferecida pelos vidros escuros do carro nos dava a privacidade necessária.

Em uma das raras ocasiões da minha vida, a calça jeans que escolhi para usar essa noite facilitou o encaixe preciso dos nossos corpos. Minhas pernas ao redor do seu quadril, minhas costas inclinadas contra o volante. Enquanto ele me observava, à espera de uma resposta.

— Sim.

Fui beijada, primeiro com delicadeza. Um beijo profundo e suave. Doce e ácido. Mas não foram apenas nossas bocas que se tocaram ou beijaram: nossos corpos pareceram seguir os movimentos que elas faziam. O mesmo ritmo inquieto, a mesma intensidade. Havia roupa demais e espaço de menos.

— Por quê? — perguntou baixo. A voz rouca e arrastada, arrepiou-me por dentro.

— Para que eu possa dormir bem essa noite.

— Você irá. — Ele me beijou, afagando o meu cabelo. Acariciando meu rosto. Beijando meu nariz, boca, bochecha. Testa. Ele parava, nós tomávamos fôlego, e então voltávamos a nos beijar. Meu coração de alguma forma já sentia sua falta.

Eu não queria que ele fosse embora.

— Diga, preciso te ouvir, por favor. — Se eu não podia tê-lo, que pelo menos...

— Eu te amo. — Ricardo segurou o meu rosto com força. — E não é de agora, Isadora. Faz tempo. Faz. Muito. Tempo. E não é fácil.

— Me amar não é fácil? — Ele balançou a cabeça, confirmando.

— É uma das coisas mais difíceis que tenho feito em minha vida. — Meu corpo inteiro retesou.

— Você estragou tudo — falei, fazendo-o rir. — Eu só queria te ouvir dizer que me amava.

— E vai ouvir. Basta ser paciente.

— Eu sou. — Ele negou.

— Nós sabemos que não é, meu amor. Nós sabemos. — Sua boca mordeu a minha, puxando o meu lábio inferior enquanto ele me apertava pela cintura. Os dedos ávidos subindo até os meus seios. — Eu te amo aqui.

— Sim. — Fechei os olhos, sentindo os mesmos dedos deslizarem até o outro seio.

— Te amo aqui.

— Si-sim. — Estremeci, tendo o meu mamilo apertado por sobre o suéter. Sua mão, indo até o vão quente entre as minhas pernas.

— Te amo aqui, porra, eu te amo muito aqui. — Sorri, contra sua boca. Ofegando baixinho ao tê-lo agora tocando o meu coração. Literalmente. — Mas acho que te amo principalmente aqui, Isadora.

Colei minha testa à sua, minha respiração falha.

— Diga tudo de novo, por favor.

Isadora

— ESTOU TE ACHANDO melhor hoje. — O Dr. Carvalho comentou depois que fiz um breve resumo da última semana. Era sempre assim que começávamos. — Será que hoje você se sentiria confortável em conversar sobre o papel de Ricardo em sua vida?

O nome de Ricardo fora citado uma ou outra vez ao longo de nossas sessões. Sem nunca realmente aprofundarmos no assunto.

— O que gostaria de saber? — Tudo o que ele sabia até então era de que havia uma relação conturbada em minha vida.

— Comece contando como vocês se conheceram.

— Eu o conheci no meu trabalho. — Não era bem uma mentira. — Ele trabalha para o meu irmão.

O Dr. Carvalho me olhou, como se entendesse tudo.

— Como o Henrique? — A essa altura, ele sabia tudo sobre o infeliz.

— Um pouco diferente. A princípio, pensei que ele fosse apenas um dos tantos seguranças ao redor do meu irmão, mas não. A empresa do Ricardo presta serviços à minha família.

— Interessante. Mas por que ele faz a sua segurança?

— Foi um pedido do Marcos. — Eu não entraria em detalhes.

— Então, posso tomar como certo de que o seu irmão não faz ideia de que estão juntos?

— Se desconfiasse, ele já teria interferido.

— E o que aconteceria, Isadora? Digamos que em algum momento Marcos descubra. O que você faria?

O que eu faria?

— Eu terminaria — falei, sentindo um nó na garganta.

— Por quê?

— Ricardo não é nada do que as pessoas esperam para mim. E minha mãe...

ela me mataria se me visse com um homem como ele.

— Sua mãe não está viva, Isadora — falou com cuidado.

— Mas eu sei que a decepcionista. E decepcionista o meu irmão também.

— E quanto a você? Como *você* se sentiria ao terminar as coisas com esse homem?

Meu olhar foi atraído para o quadro acima de sua cabeça, e enquanto pensava a respeito de sua pergunta eu prometi a mim mesma que se algum dia a oportunidade surgisse eu o destruiria com as próprias mãos. Olhar para aquela mulher deixava-me deprimida.

— Você poderia, por favor, tirar esse quadro da parede na minha próxima consulta? — perguntei, em uma tentativa forçada de mudar de assunto.

— Você é a primeira das minhas pacientes a se incomodar com ele.

— Eu o odeio. — Fui honesta. — Ele me perturba.

O Dr. Carvalho se apoiou contra a poltrona e me observou.

— Dizem que a mulher retratada nesse quadro era uma cortesã. — Meu olhar passou a ser de interesse. — Ela cresceu rodeada pela pobreza e, ainda assim, foi uma das prostitutas mais requisitadas de Londres, no século XIX. Não lhe faltavam clientes, até o dia em que ela se apaixonou por um nobre casado.

Ele não podia estar falando sério.

— E o que aconteceu? — Não consegui me conter.

— Me conte como você se sentiria caso a relação que tem com o Ricardo terminasse, que eu concluo a história.

Recostei-me contra a poltrona e pousei as mãos sobre as pernas cruzadas.

— Você está jogando sujo.

— Com você essa é a única maneira de obter resultados, Isadora.

— Pois bem. Eu tento não pensar em como será, porque a verdade é que tenho medo do que vai acontecer quando terminarmos. Me apavora a ideia de acordar algum dia e saber que não o verei. Ou que não estaremos mais juntos.

— Isso só irá acontecer se você permitir. — Sacudi a cabeça.

— Meu irmão nunca o aceitaria. Além disso, eu teria que lidar com os jornais e com o julgamento de todos os que me conhecem. Não seria fácil. — Principalmente se a *Santa Clarissa* fosse a sonsa que eu acreditava que ela era.

— Você parece tão preocupada com que os outros irão pensar. A única coisa que não vi até agora foi *você* preocupada em como irá ficar caso venha a perdê-lo.

— Eu darei um jeito de ficar bem — falei por falar, sabendo que era mentira.

E que no momento em que Ricardo ou eu virássemos as costas, tudo desmoronaria. Não havia maneira de passar por essa separação de modo indolor. E tudo em que conseguia pensar enquanto olhava para o rosto atento do Dr.

Carvalho era no quanto iria doer.

— Beba um pouco de água, Isadora. — Ele me passou o copo, que virei de uma só vez, esperando que a água gelada aliviasse a sensação de impotência que havia surgido. A pior coisa que poderia acontecer estava acontecendo. Que era me render diante dos ataques. Parar de lutar contra eles e aceitá-los como uma parte de mim. Quando a verdade era que eles não eram. — É por isso que tem evitado pensar sobre o assunto, não é? Por que a ideia de o perder a deixa em pânico?

Eu o encarei.

— Eu contei o que você queria saber. Agora me conte a história dela — consegui dizer.

Nos entreolhamos, e o Dr. Carvalho esperou até ter certeza de que eu estava bem antes de prosseguir.

— Como disse, ela se apaixonou por um homem casado. Deixou de atender seus clientes, que eram muitos, e se tornou a cortesã do Marquês. Alguns historiadores conjecturam a ideia de que ela tenha sido apenas mais uma mulher na vida dele, enquanto ele, bem, fica claro com a pintura que o Marquês significou o mundo para ela.

— E depois? Eles se casaram?

— Ele a deixou, Isadora.

— Por quê? — perguntei frustrada.

— Bom, o curador que me vendeu defende uma versão contrária à dos historiadores, e acredita que o Marquês a tenha deixado porque a amava demais para ser capaz de lidar com o seu passado. Foram muitos os homens da corte que estiveram com ela, fora a educação distinta que os dois possuíam. Você consegue imaginar um nobre apresentando uma cortesã à sociedade naquele século? — Comprimi os lábios, antes de me revoltar e dizer impulsivamente:

— Se ele a amasse, ele não a teria abandonado.

— É o que eu também penso. Agora me responda, quem você é nessa história: o Marquês ou a cortesã?

Voltei a fitar a pintura e a pobre mulher, vendo-a com outros olhos enquanto pensava no maldito Marquês e a imagem que tinha se transformado em uma representação tangível das consequências de um coração partido. Saber o que havia por trás de sua tristeza e postura desamparada fez-me ter vontade de chorar. Porque eu sabia a verdade.

Eu era uma espada de dois gumes.

— Eu sou os dois. — *O que deixa e o que padece.*

Marcos

Caminhei ao lado de Rachel, mantendo meus dedos firmes em suas costas. A quatro ou cinco passos de distância, encontrava-se o segurança que nos havia acompanhado até o escritório da minha equipe jurídica, que ficava no outro lado da cidade. Uma das razões pelas quais decidi trazê-la hoje era porque minha esposa precisava de um conselho legal do Sr. Ferreira sobre a mudança que pretendia colocar em prática na Montenegro. Ao que parece, quando se tratava do seu trabalho minha opinião não era suficiente.

— O que o Sr. Ferreira pensa a respeito? — perguntei ao chegarmos no térreo.

— Que muitas empresas no exterior já possuem esse programa implementado em suas rotinas. A diminuição de horas de expedientes para essas mães no primeiro ano após o nascimento de seus filhos tem gerado um grande aumento de produtividade.

— A decisão é sua, carinho — falei, perdendo o fio da conversa ao dar de cara com o último dos homens que gostaria de ver atravessando o meu caminho.

O filho da puta só poderia ter alguma reunião com o meu pessoal, pensei, ao reconhecer o advogado de defesa o acompanhando.

— Sra. Montenegro — Henrique cumprimentou minha esposa com declarada ironia, ao passar por nós dois, sem disfarçar o sorriso dissimulado.

Do meu lado, Rachel segurou-me pelo braço. Não sei se querendo proteção ou em uma tentativa antecipada de evitar que eu fizesse uma besteira. Olhei ao redor, vendo o meu segurança a postos, prestes a interferir caso se mostrasse necessário.

— Espere-me aqui — pedi a Rachel, ao ver que não tínhamos nenhuma outra companhia, e voltei até onde o desgraçado se encontrava.

Henrique olhou para trás, ignorando o elevador, parecendo realmente surpreso.

— Deixe-me adivinhar: veio pedir para que eu não volte a me aproximar de Isadora? — Fechei o semblante ao me dar conta de que não fazia ideia do que ele falava. — Ah, você não sabe, não é? — Henrique sorriu. — Não posso acreditar que sua leal irmãzinha tenha lhe escondido o nosso encontro.

Avancei sobre ele, sem pensar nas consequências.

— De que merda está falando?

Henrique me encarou, sem se intimidar.

— Isadora está diferente, Marcos — declarou, como se eu desse a mínima

para sua opinião. — Eu me pergunto o que causou essa mudança, mas acabo de me dar conta de que você também não sabe.

— Eu quero você longe da minha irmã, seu infeliz! Se souber que ousou tocar nela de alguma forma...

— Você não é o primeiro a me fazer essa ameaça. O seu valioso cão de guarda andou me fazendo uma visita. — Olhei para o seu rosto com atenção, o queixo surrado exibia um hematoma recente. Mas até então eu não fazia ideia de que Ricardo vinha tendo contato com o desgraçado.

— Eu falei isso uma vez e repito, Henrique. Você está mexendo com a família errada.

— Não há muito o que eu possa fazer nesse momento, sem ferrar com minha liberdade. O que nos leva a uma importante questão, que é a de que você está se preocupando com a ameaça errada. Talvez você devesse olhar para os lados e ver com quem sua irmã anda...

— Marcos. — Rachel se aproximou, ao me ver esmagar Henrique contra a parede. — Não vale a pena.

— Termine o que ia dizer — exige, emputecido. Mas o filho da puta já não encarava a mim, e sim à minha esposa.

— Você o prendeu direitinho, não foi? Acreditem, esse casamento de vocês dois foi uma grande surpresa. Uma pena que o seu pai tenha falecido, Rachel, e que o dinheiro que dei a você não tenha sido o bastante para salvá-lo.

— Marcos, não! — Minha mão parou no ar e eu pensei nas testemunhas que tínhamos: o advogado de Henrique, que não pensaria duas vezes antes de depor contra mim, e o meu segurança. Que não eram exatamente uma preocupação, mas que ainda assim...

— Você está avisado, Henrique. Outra palavra a respeito de qualquer uma de minhas irmãs, e eu garanto que irá se arrepender! — esbravejei, afastando-me em seguida.

— Ficou louco, Marcos? — Rachel falou, ao ficarmos sozinhos. — Você não pode sair ameaçando o Henrique dessa maneira, não se quiser perder a razão perante o juiz.

— Eu não sou um homem de ameaças, carinho. O que falei agora estava mais para um aviso.

Minha esposa revirou os olhos, andando um pouco à frente. Perguntando, assim que nos sentamos no banco de trás da Mercedes, sobre o que Henrique falava a respeito de Isadora.

— Ele não concluiu, disse apenas que eu estava me preocupando com a pessoa errada. Que se olhasse para o lado, eu veria com quem Isadora... bom, ele não terminou.

— O que acha que ele quis dizer com isso? — Rachel sondou.

— Não faço ideia, mas eu não preciso das insinuações de Henrique para suspeitar de que há algo de errado com minha irmã. Porque essa merda está na cara.

— Está? — Encarei a maneira como Rachel falava, como se me escondesse algo.

— Está, carinho. E se eu descobrir que ela anda correndo algum tipo de risco e que você sabia de algo e não me contou, não será apenas Isadora a ter problemas, me ouviu?

— Sua irmã já não é nenhuma criança.

Não era mesmo. Isadora era uma das mulheres mais inteligentes e autossuficientes que eu conhecia, mas não quando se tratava de suas emoções.

— Infelizmente, para ela, enquanto estiver sob o meu teto ela terá que responder a mim, Rachel.

— Isso é tão machista.

— Acredite em mim, é melhor que seja dessa forma.

RICARDO

Desviei os olhos de Isadora, que descontava toda a tensão do seu corpo no saco de pancada mais à frente e olhei na direção de Heitor, que entrava na sala de treinamento no exato momento. Essa era a segunda vez que eu a trazia até o Grupo Hangar, algo que se mostrou extremamente necessário após a consulta com o Dr. Carvalho no dia anterior.

— Então é isso o que você tem feito aqui embaixo — Heitor falou, juntando-se a mim no que se referia a observar Isadora. O corpo esguio repetindo com atenção os golpes que lhe ensinei na primeira aula. Mas não era a tentativa de fazê-los com habilidade que a impulsionava e sim toda a merda a passar por sua cabeça. — Esse é o motivo das câmeras dessa sala estarem desligadas? — Assenti. — Samuel já sabe?

— Não.

— Você é louco, cara. Tem ideia da confusão em que está se metendo? — Ele pareceu preocupado.

Sacudi a cabeça, apoiando meus braços sobre as pernas e voltei-me completamente atento ao que Isadora fazia. O cabelo suado encontrava-se uma bagunça. Sua pele vermelha. E a roupa de ginástica não fazia muito para esconder o corpo da mulher que eu amava.

— Pare de olhar para ela — grunhi, ao me dar conta de que Heitor enxergava o mesmo que eu.

— Você está tão fodido, Ricardo.

— O dia em que você sentir o que eu sinto por essa mulher, irá entender.
— Ok, você é louco por ela, isso eu já entendi. Mas e quanto ao que ela sente?
— inquiriu. — Você precisa saber onde está pisando antes de cair de cabeça nessa loucura, meu amigo.

Antes de cair? Eu já estava praticamente enterrado, porra!

O pior é que não encontrava solução para o problema à minha frente. Clarissa vinha agindo de forma instável, o que me impedia de prever a sua reação. Quanto a Isadora, bem, eu duvidava que minha fera fosse aceitar a gravidez de Clarissa. E algo me dizia que no instante em que descobrisse, eu a perderia.

— Eu sei — respondi, após algum tempo.

— Você quer ficar com ela — ele constatou, e eu assenti.

— Só não sei como fazer isso ainda, Heitor. Mas vou descobrir.

— Você não pode ter as duas, cara. Não pode viver com sua esposa e criar seu filho enquanto traz a irmã de um dos nossos principais clientes para o nosso local de trabalho e finge que isso é normal. Clarissa pode tê-lo pegado pelas bolas, mas...

— Você e Samuel realmente acham que ela engravidou de propósito? — Ele hesitou, antes de confirmar.

— Vai me dizer que essa merda nunca passou pela sua cabeça? — Já, mas então eu me lembrava de todos os anos em que estive ao lado dela e só não a achava capaz de algo assim.

Assobieei, fazendo com que Isadora parasse de agredir o pobre saco, e ela pareceu aliviada. O sorriso, cada vez mais frequente em seu rosto quando estávamos juntos, se esvaiu ao ver Heitor do meu lado. Acenei para que se aproximasse, não querendo que ela se fechasse em uma concha como tendia a acontecer às vezes. Eu queria que Heitor conhecesse a Isadora que fez a porra do meu mundo sacudir.

— Eu amo essa mulher, Heitor — fui honesto, sorrindo para Isadora, que se aproximou hesitante de nós dois.

— Abra o jogo então, meu amigo. Conte a ela sobre o seu filho e conte a Clarissa sobre ela. Faça isso antes que seja tarde demais.

Isadora

Ser apresentada a um dos amigos de Ricardo não era exatamente o que eu esperava. Principalmente quando o amigo era um gigante em forma de homem e parecia ter o prazer de fazer uma piada atrás da outra. Subi com os dois para os

escritórios do Grupo Hangar e fiquei surpresa com a organização que toda a empresa possuía. Sim, talvez eu fosse um pouco exagerada quando se tratava de ambientes profissionais, mas não conseguia me imaginar trabalhando em ambientes desorganizados. Dava-me urticária só de pensar.

— Então, você é a famosa Isadora Montenegro — Heitor comentou, no instante seguinte em que Ricardo pediu licença para que pudesse atender uma chamada.

— Até onde me lembro... sim — respondi, desconfortável. Não era fácil confiar em estranhos, principalmente aqueles que me olhavam com tanta curiosidade como Heitor vinha fazendo. — Há quanto tempo vocês são amigos? — perguntei, fingindo não estar incomodada.

— Nós nos conhecemos através do Samuel, passamos anos sem nos ver e voltamos a nos encontrar quando ele pediu exoneração do exército — explicou, sorrindo.

— Muito tempo, então.

— O bastante para saber a confusão em que ele está se metendo. — Bufeí, sabendo que minha apreensão tinha motivo. — Que ele é louco a ponto de arriscar tudo por sua causa, nós já sabemos, mas e quanto a você? Porque algo me diz que você não passa de uma mulher rica e entediada, que se cansou da mesmice e decidiu se divertir um pouco.

O encarei boquiaberta.

— Você não sabe absolutamente nada a meu respeito.

— E o Ricardo sabe? — Assenti.

— Mais do que qualquer pessoa nesse mundo. — Acho até que Ricardo me conhecia mais do que o Marcos.

Nos entreolhamos, até que Heitor sorriu.

— Ok, você não se intimida fácil e isso é bom caso se veja na situação de ter que enfrentar Clarissa algum dia. Só que como amigo dele, eu me sinto no direito de te dar um aviso, Srta. Montenegro. O homem com quem tem se relacionado é completamente louco por você, e o meu medo é que isso ferre com a vida dele. Então, se isso acontecendo entre vocês dois não significar nada, é melhor que dê o fora agora. Deixe-o viver a vida dele e siga com a sua. Porque Ricardo é o único aqui com tudo a perder.

Não, ele não era o único.

— Sobre o que estão falando para estarem tão sérios? — Ricardo adentrou o escritório, colocando o celular sobre a mesa, com uma expressão divertida em seu rosto anguloso. Achei que Heitor fosse responder, mas os dois homens olharam para mim à espera.

— Heitor e eu estávamos falando sobre você. — Cruzei os braços, andando

pela sala. — Como se conheceram... — expliquei, fazendo com que os dois relaxassem.

Mas não eu.

“... se isso acontecendo entre vocês dois não significar nada, é melhor que dê o fora agora.”

A voz em minha cabeça ficou eufórica com a possibilidade, ela era mesmo a única razão que eu tinha e a que diariamente aconselhava-me a pular, outra vez, fora desse barco. Mas eu não podia. Porque se uma parte de mim desejava o fim do meu caso com Ricardo, o meu coração desejava o contrário.

E pela primeira vez na vida seria ele que eu escutaria.

Ricardo

CHUPEI A CINTURA de Isadora, ouvindo-a suspirar exausta. A pele suada contra a minha boca, parecia-me ainda mais gostosa. Eu era faminto por essa mulher! E mais ainda pela maneira como se descontrolava e reagia ao mero toque de meus dedos... Preocupado com a maneira com que se fechou após sairmos do Hangar, eu fiz o máximo para que se abrisse e compartilhasse comigo o que se passava em sua mente, mas a reação de Isadora ao ser pressionada foi me beijar e pedir para que eu fizesse amor com ela.

O que eu fiz. Duas vezes.

Mas estar dentro dela por todo esse tempo não fez nada pelo tesão que sentia, pensei, ao deslizar meus lábios por suas costas. Sentindo o cheiro do sexo espalhado por toda a nossa pele. O que fez com que o meu pau reagisse pela terceira vez essa noite. Começar tudo de novo teria sido uma delícia, principalmente por conta da maneira sensível e débil em que seu corpo ficara após o último orgasmo. Mas não dava, e apesar da ereção latejando agora mesmo contra a sua pequena e gostosa bunda, eu estava exausto.

— Você está calada — disse praticamente em seu ouvido, ao me deitar sobre ela. — Mais do que o normal.

— Estou pensando. — Solto um leve ofego de prazer ao sentir o peso do meu corpo.

— Eu deveria ficar preocupado? — Mordi o lóbulo de sua orelha, enquanto meu hálito quente dos nossos beijos fez com ela estremecesse.

— Depende.

— Seja clara. — Isadora se virou e se sentou na cama. As pernas nuas enroladas no lençol de linho.

Permaneci deitado, um dos braços sobre a testa, e enquanto a observava eu tracei o caminho de suas sardas com os meus dedos.

— O Dr. Carvalho e eu temos conversado muito a respeito da razão pela qual

eu tenho os meus ataques. — Detive a mão por um segundo, antes de continuar acariciando-a, surpreso por vê-la falar sobre o assunto. — Aos poucos nós dois temos percebido que eu não aprendi a lidar com nenhum tipo de emoção demasiada intensa. Talvez, por ver minha mãe sofrendo ao amar tanto o meu pai, eu tenha me fechado, entende? — Sim, eu entendia. — Então acho que eu cresci sem me permitir amar ninguém. Sem sentir afeição, ou carinho. A única pessoa com quem me abri foi o Marcos, porque por muito tempo eu o achei parecido comigo. Ele era tudo o que restara da minha família. — Incomodava-me o fato de que fosse tão fácil para Isadora excluir Mariana de sua vida. — Eu demorei a compreender que Marcos, apesar de ser o meu alicerce, foi também a razão pela qual eu excluí da minha vida todas as outras pessoas. Não que ele tenha culpa... — Ah, ele tinha. — Porque fui eu que me convenci de que enquanto eu o tivesse do meu lado, eu não precisaria de mais ninguém.

Isadora respirou fundo, e olhou por sobre o ombro. Procurando pelos meus olhos.

— Depois do Marcos, e da bagagem que veio com ele... — Ela revirou os olhos verdes, e logo concluí que se referia à cunhada e ao filho do irmão. — Depois dele... você é a primeira pessoa a quem eu me permiti sentir algo, Ricardo — admitiu, fazendo-me sentar sobre a cama e encará-la de perto. — Meu erro foi acreditar que se nos afastássemos eu deixaria de sentir, mas isso não aconteceu. — Sua voz ficou embargada, e confesso, a vontade de beijá-la foi grande, só não o fiz, pois não queria que parasse de falar. Não quando se abrir era algo tão raro para Isadora. — Eu não sei que nome dar a isso, Ricardo, mas eu continuo sentindo.

Era amor. Tinha que ser.

Vendo que ela precisava de tempo para respirar e se acalmar, eu toquei de leve os seus lábios. Um beijo rápido, apenas.

— Acho que eu não dou a mínima para como vamos nomear o que você sente — falei baixo, vendo-a quase sorrir.

— Eu quero ficar com você — disse, de repente. Os olhos obstinados. — E quero que seja apenas nós dois. Não quero me sentir culpada a cada vez que te beijar... isso tem me feito mal. Tem feito mal a você também, eu posso sentir...

O *tarde demais* a que Heitor se referiu, chegara antes de eu estar preparado para contar a verdade a Isadora e vê-la sair de minha vida. Porra, eu não estava pronto para perdê-la, não ainda.

Porque mesmo que me separasse de Clarissa, que era o que eu pretendia fazer no momento certo, jamais seria apenas nós dois. Sempre haveria uma terceira pessoa envolvida, e essa pessoa era o meu filho.

ISADORA

— Isadora? — O chamado de Marcos fez-me parar no primeiro degrau da escada. Esse parecia ser o seu lugar favorito para me abordar. Conferi o relógio, dando-me conta de que nem era tão tarde assim e que o problema dele comigo dessa vez provavelmente seria por ter deixado a Montenegro no período da tarde e não no horário ao qual ele estava acostumado.

Esforcei-me a parecer neutra. Impassível. E não como uma mulher que passara uma parte da tarde batendo em um saco de pancada a fim de extravasar a raiva pelo excelente resultado da viagem feita por Mariana, que sim, havia conseguido fechar o contrato com Giani Dupuy. E, muito menos, como uma mulher que passara o restante do dia na cama com o próprio segurança, e que só o deixou, porque seria arriscado demais passar a noite inteira juntos.

Quanto a Mariana, eu sabia que não era profissional sentir-me irritada com sua conquista, mas não podia me impedir de sentir ódio por vê-la assinando a última linha de um contrato que era meu. Eu queria o bem da Montenegro mais do que todos dentro daquela empresa, mas torci, mesmo que um pouquinho, para que Mariana estragasse tudo e Marcos me deixasse reassumir as negociações.

— Onde esteve até agora? Vera me informou de que não apareceu desde a hora em que saiu da Montenegro.

Mulherzinha fofoqueira.

— Eu estava com a Samanta e a Karen, mas antes disso tive alguns assuntos pessoais para resolver, a respeito da fundação.

Sobre a fundação era verdade, mas esse era um assunto que fora resolvido ontem ao almoçar com o Sr. Teixeira, que na semana seguinte ao baile se mostrou solícito em atender a sugestão que lhe fiz sobre afastar Joana de uma das cadeiras do instituto. Eu não costumava ser vingativa, mas também não podia ignorar a sua óbvia tentativa de humilhar a mim e à minha família. E, entre permitir que a esposa de um célebre advogado continuasse a fazer parte da fundação e a promessa de uma doação ainda mais extraordinária no próximo ano, o Sr. Teixeira optou por me satisfazer, é claro. Até lá, eu terei completado a idade estipulada no testamento insano deixado pelo meu pai, e teria acesso total a herança que me era de direito e que até então fora administrada por Marcos.

— Você acha que eu sou estúpido, Isadora? Que não sei quando mente? — Claro que ele saberia.

— Não, assim como eu também não sou um fantoche que você pode controlar.

A forma como me avaliou deixou-me nervosa. Eu odiava a sensação de estar sendo julgada. Recriminada.

— O que está acontecendo com você, irmã?

Marcos tinha o poder de sempre me fazer sentir como uma criança de dez anos.

— O que há de errado comigo? Pela primeira vez na vida eu estou *perto* de me sentir bem, e tudo o que consegue é me fazer acreditar que há algo de errado com isso. Quando não há. — Marcos endureceu o rosto. — Eu não sou perfeita, percebe? Nem insensível como todos parecem acreditar.

— Toda essa mudança tem a ver com Henrique?

— Como? — perguntei perplexa.

— Eu vou te perguntar e espero que seja honesta, Isadora. Por que escondeu de mim que você e ele se encontraram?

— Do que está falando?

— Eu estive com Henrique, e ele me falou algumas coisas que no momento não fizeram sentido, mas que agora fazem. Há algo de diferente em você e, se não foi ele quem causou essa mudança, quem mais poderia? — Eu não respondi, porque a ideia de Henrique e ele falando acerca da minha vida deixava-me furiosa.

— O que mais ele disse? — Henrique não tinha provas sobre o meu caso com Ricardo, *ainda*, caso contrário ele teria aberto o jogo completamente. Mesmo assim, com Marcos, qualquer insinuação se transformaria em uma batalha. E discutir e se estranhar parecia tudo o que vínhamos fazendo nos últimos tempos.

— Que eu não deveria me preocupar com ele, e sim com quem está ao redor. O que nesse momento só me leva a duas direções... e nenhuma delas me é admissível.

Engoli em seco, meu irmão não era mesmo estúpido, mas por uma única vez eu desejei que fosse.

— Eu não quero estar nesse papel, mas eu preciso saber se está vendo alguém e quem é, Isadora. Esse definitivamente não é um bom momento para que se envolva em um relacionamento, suas crises estão cada dia piores, você não se alimenta bem, não dorme bem...

— Não aja como se você se preocupasse, tudo o que deseja é me controlar — falei baixo. Eu não queria ser esse tipo de pessoa, mas era mais forte do que eu. E sim, Marcos poderia sentar em seu trono de ferro dentro da Montenegro e se achar no direito de me dizer o que fazer, mas ele não tinha.

— Eu não me preocupo? — rugiu, nervoso. — Eu sou seu irmão, Isadora. O mesmo que estive aqui em todos esses anos.

— Você disse certo: estive — falei entredentes. — Só que anda tão ocupado comandando tudo e todos, e vivendo a sua vidinha feliz, que não é capaz de ver o quanto me abandonou nos últimos tempos.

— Essa é a razão de estar saindo com alguém?

— Eu não sou mesquinha a esse ponto. O que está acontecendo com a minha vida não tem nada a ver com você vivendo a sua, ok?

— Como não, Isadora?

— Não se trata de você ou dessa família! Se trata do que eu sinto e do que eu quero.

— Mas não deveria querer — falou, como se soubesse. — Não quando mal consegue se cuidar sozinha. Então eu lamento, mas não irei permitir... Principalmente se o homem com quem eu devo me preocupar for qualquer um dos dois que estou imaginando.

Oliver ou Ricardo.

— Você pode me afastar da Montenegro se quiser, Marcos. Pode me impedir de viajar e fazer o meu trabalho, mas tem um âmbito cujo seu controle não interfere. Sabe por quê? — Seus olhos se estreitaram. — Porque se trata da minha vida e das minhas escolhas...

— Isadora.

— Será que não vê? Você quase destruiu a vida de Mariana e da Rachel com todo esse seu autoritarismo. Não posso deixar que destrua a minha, porque não há muito aqui, Marcos. Eu estou por um fio.

— O que quer que eu faça, então? Que cruze os braços e te assista cometer mais erros?

— Não é como se a nossa família jamais errasse!

— Isso é o que me preocupa, irmã. Nós erramos, não você. — Compreendi o que quis dizer.

Todos eles eram suscetíveis a impulsos. Mas não eu.

A chegada abrupta de Vera no corredor fez com que Marcos e eu nos afastássemos e a conversa cessasse quase que imediatamente. O que naquele momento foi o melhor que poderia ter nos acontecido.

Ricardo

Entrei em casa, encontrando cada uma das lâmpadas apagadas. Zacarias me rodeou por todo o caminho até o andar superior, latindo de forma mais nervosa do que o habitual. Chamei por Clarissa enquanto acendia as luzes do corredor, sem obter resposta. Ao passar em frente ao antigo quarto que dividimos no passado, eu a procurei, sem sucesso.

Conhecendo a esposa que eu possuía foi difícil não ficar apreensivo. Por isso me encaminhei até o quarto em que dormia atualmente, e parei ao encontrá-lo

com a porta aberta. Várias de minhas roupas e caixas estavam espalhadas pelo chão, como se alguém tivesse procurado por algo e ao não encontrar...

Sem ideia do que acontecera, eu segui até o único cômodo do andar que ainda não havia conferido, perdendo a cabeça ao me deparar com Clarissa sentada na beirada da banheira. Os olhos abertos e vidrados no chão.

— Clarissa... — parei de falar ao ver a caixa de comprimidos, que não me era assim tão estranha. Vê-los então, ali, espalhados pela pia foi como voltar ao passado. Ser atormentado por tudo novamente. Porque essa não era a primeira vez que Clarissa tentava algo assim. O que não entrava na minha cabeça era o fato de ela ter continuado com os remédios antidepressivos, cujo médico interrompera o uso anos atrás. — Quanto disso você tomou? — perguntei nervoso, aproximando-me dela e medindo o seu pulso. — Quanto, Clarissa?! — insisti, notando seu corpo letárgico. Pesado.

— O suficiente — respondeu, pálida, caindo em meus braços.

Isadora

NA MANHÃ SEGUINTE, eu senti o perfume suave de Rachel e virei-me, dando-lhe um quase sorriso. Eu tinha sido a primeira a chegar à sala de reuniões e estava aproveitando os minutos de silêncio antes que tudo saísse fora de controle. Porque reuniões assim entre o conselho e meu irmão dificilmente terminavam de forma branda.

— Preparada? — ela perguntou, suave, pondo-se ao meu lado e olhando a vista.

Um pequeno suspiro lhe escapou enquanto eu a observei. Rachel parecia diferente.

— Sempre. — Eram anos intermediando essas reuniões de qualquer maneira. — Estou te achando cansada — sondei, curiosa.

Ela me olhou como se quisesse me contar algo, como se precisasse fazer, mas acabou por desistir.

— Não é nada. Só muito trabalho — falou, virando-se para a sala de reuniões ainda vazia.

— Você é feliz, Rachel? — minha pergunta a surpreendeu. — Com tudo o que aconteceu entre você e o meu irmão, sei que ele mudou e que a ama, mas...

— Eu sou. — Foi honesta. — E quanto ao seu irmão, eu o perdoei Isadora. Não costumo pensar no que aconteceu ou em tudo o que passamos. Ele pode ser um bode velho teimoso e controlador, mas não tem um dia em que Marcos não me mostre o quanto me ama. Isso, para mim, é suficiente. Fora que eu sempre serei grata à família que ele me deu. Arthur, você, Mariana...

Senti minhas bochechas queimarem, recordando vagamente todas as discussões e pré-conceitos que formei a respeito dessa mulher. Lá atrás, quando tudo em minha vida parecia perfeitamente no lugar, eu acreditava que Rachel queria apenas se aproveitar do status e poder do meu irmão. Se tornar a primeira Sra. Montenegro na vida dele e usufruir todos os benefícios que vinham com a

posição. Eu a odiei por um longo tempo, principalmente, por sentir que quanto mais ela se aproximava mais eu perdia o Marcos. Mas então, ela entrou na minha vida também e eu percebi que de nós duas ela era a que mais precisava dele.

Diante da entrada estranhamente pontual de Mariana, nós duas olhamos na direção da porta. Mariana sorriu para Rachel e me encarou como se esperasse que eu falasse com ela. O que nunca acontecia, a menos, claro, que eu fosse obrigada.

— Marcos está atrasado? — comentou. — Beatriz está trazendo o conselho. — Beatriz era a tola da nova recepcionista.

— Ele está encerrando um telefonema — Rachel respondeu. — Não irá demorar.

O que significava que eu ou Rachel daríamos início à reunião.

Ao vê-las conversando sobre seus filhos, Mariana alegando que Enzo vinha sofrendo com o nascimento dos dentes, assim como Arthur, eu me afastei. Revirando discretamente os olhos. Sendo a primeira a receber o conselho quando Beatriz abriu a porta. Cumprimentei cada um deles e aguardei que se sentassem.

— Meu irmão irá se juntar a nós a qualquer momento, senhores — falei, sentando-me na segunda cadeira principal da mesa retangular. — Enquanto isso, nós podemos dar início à revisão das planilhas do último trimestre — falei assim que Oliver passou pela porta.

— Antes de começarmos, eu gostaria de saber se conseguimos o contrato com o Sr. Dupuy, Srta. Montenegro. — O representante do conselho perguntou diretamente para mim, mesmo que soubesse que a responsável pelo contrato agora era a minha irmã.

— O Sr. Dupuy aceitou os nossos termos — Mariana o atualizou. — O contrato está assinado, porém Giani não abre mão que seja Isadora a continuar trabalhando com ele. De acordo com o que conversamos, ele não se importaria de vir ao Brasil sempre que for necessário, desde que... — Eu assumisse.

— Se essa era a questão, por que não foi ela quem viajou? — Ele se voltou para a Mariana.

— Isadora está afastada das negociações referentes à filial, o senhor já foi comunicado a respeito disso. — Rachel o lembrou.

— A verdade é que meu irmão me respeita tanto que acha que qualquer pessoa pode me substituir, quando essa não é a verdade — falei, sendo brutalmente honesta. — Giani não me quis concluindo a negociação porque sou mulher, e sim porque tenho competência para lidar com cada setor dessa empresa de olhos fechados. — Todos na sala ficaram em silêncio. E eu sabia por quê.

Marcos havia entrado na sala e, para deixar sua presença ainda mais clara, ele se aproximou e tocou no meu ombro.

— Não falta competência a Mariana, Isadora. E sim experiência. O que ela só irá adquirir se der a cara a tapa. O que ela fez com maestria.

— Sim, mas pondo em risco o meu trabalho — falei, sem me intimidar. — Eu passei meses lidando com um homem que tem um ego dez vezes maior do que o seu, Sr. Montenegro. Então ela viaja, consegue uma assinatura e tudo está bem?

Com a expressão fechada, Marcos me encarou.

— Você pode me esperar em minha sala, Isadora. Nós não precisamos de você nessa reunião. — Senti o sangue se esvaír do meu corpo. Ele não podia estar falando sério.

— Marcos... — para a minha surpresa, foi Mariana quem interveio, com os olhos assustados.

Mas Marcos não lhe deu atenção, apenas continuou a me encarar deixando claro que não iria repetir o que fora dito.

— Se meu pai não fosse tão insuportavelmente machista e deixado aquele testamento absurdo, nós dois teríamos um problema maior aqui, Marcos, e sabe o que é pior? É que eu sei quem sairia ganhando. E não seria você, irmão. — Levantei-me orgulhosa e falei baixo querendo que o mínimo de pessoas me ouvisse. — E não pense que eu não sei que estou sendo punida porque você perdeu o controle sobre mim da mesma forma como puniu Mariana, quando ela quase arruinou o nosso nome. Só não se esqueça de que eu jamais fui como ela e que, se você me atacar, eu ataco duas vezes mais forte. — *Mesmo desmoronando por dentro.*

Deixei a sala sentindo cada uma de minhas estruturas ruírem. Como um terremoto interno e inesgotável. Exhaustivo. Passei por algumas pessoas sem realmente identificá-las e me tranquei em minha sala. Mas estar sozinha não era o bastante. Eu precisava sair daqui. Qualquer lugar, menos esse.

Peguei o aparelho sobre a minha mesa e disquei o número que conhecia de cabeça, a ligação chamando sem que ninguém a atendesse. Tentei uma outra vez e o telefonema caiu novamente na caixa postal. Ignorei a apreensão que senti, mesmo que por dentro meus instintos alertassem-me de que algo havia acontecido. Ricardo passara o dia sem dar notícias. Não respondeu a qualquer uma de minhas mensagens, e isso não era comum.

Avisei ao Hélio, que ficara responsável por substituí-lo hoje, de que em breve eu desceria. E quando me vi prestes a sair, Marcos entrou em minha sala.

— Você abandonou a reunião? — perguntei.

— Não, mas o conselho pode me esperar. O trabalho deles é estar aqui uma única vez por mês, aguardar alguns minutos não irá matá-los — Marcos disse, olhando para o celular em minha mão.

— O que fez hoje, Isadora...

— O que exatamente eu fiz? Falei a verdade?

— A essa altura, achei que esse era um assunto encerrado.

— Esse é o seu problema, Marcos. Você diz *não* e acha que todos nós estamos de acordo. Mas não é assim, sinto muito. E não, esse não é um assunto encerrado, porque o próprio Sr. Dupuy quer que eu esteja de volta!

— Novamente eu vou te perguntar, o que tem acontecido com você? Eu não sou seu inimigo, Isadora. Nunca fui.

Não sei se era raiva por ele ter seguido com sua vida e me deixado para trás, ou se era raiva por ter me protegido a tal ponto que eu não vivi. O problema aqui, é que eu não vinha conseguindo me comunicar com meu irmão. E isso nunca aconteceu.

— Sinto muito, eu só estou cansada. — Foi essa a resposta que Rachel me deu essa manhã, não foi?

Pois é, talvez eu também estivesse cansada.

Sem pedir, ou anunciar, Marcos se aproximou e fez como se fosse me abraçar. Mas eu me neguei a receber o seu carinho. Depois da humilhação que me fez passar naquela sala, eu não o queria perto de mim.

— Eu me importo com você, não estaria tentando protegê-la se não o fizesse. Por isso estou preocupado que você esteja indo para se machucar novamente. Henrique não foi uma boa experiência, entende o que quero dizer, Isadora?

— Não, eu não entendo, Marcos. Mas quero que saiba que dessa vez sou eu que estou disposta a passar por cima do que você ou a imprensa pensam. Eu estou cansada de ser infeliz, de todos achando que eu não tenho sentimentos, ou que não me importo com o que dizem a meu respeito. — Cruzei os braços, o encarando. — Tudo o que eu quero é que alguém me ame. Mas alguém que não seja você!

Meu irmão ficou lívido, sem outra opção que não a de me deixar sair.



Passei a chave no trinco da porta do *flat* e o encontrei vazio. A preocupação que sentia por não ter notícias de Ricardo misturava-se à angústia em meu peito, que doía como nunca em minha vida. Exausta, eu me sentei no sofá sem ligar nenhuma das lâmpadas e lentamente fui me despindo. Sentindo a necessidade de tirar o peso do mundo sobre as minhas costas.

Mas isso não aliviou a sobrecarga.

E a cada peça que retirei, uma ou outra lágrima deslizou pelo meu rosto. Até

que eu não aguentei e me encolhi. Apertando o meu próprio corpo com tanta força que o ar se esvaiu de meus pulmões. A discussão com Marcos, a maneira como falou comigo. Eu não aguentava mais.

Assim como não aguentava a pressão de amar um homem que não podia ter. Porque era isso que eu sentia por Ricardo. Não havia outra explicação. Não havia outro nome a dar.

Era amor.

E era desse amor que eu precisava agora, pensei aflita. Era dos braços daquele homem que o meu corpo sentia falta. Era a voz dele, o seu sorriso. Os seus beijos. O mundo que criávamos quando estávamos juntos.

O choro se intensificou e eu tentei uma última vez falar com ele. Meus dedos tremiam enquanto eu discava o seu número. Apenas para descobrir que o celular de Ricardo se encontrava desligado. E o que fosse que isso significasse fez-me ter o pior e mais longo dos ataques de pânico.

Ricardo

COM A CABEÇA baixa, eu girei o telefone em minhas mãos enquanto esperava pelo despertar de Clarissa, que, segundo o médico plantonista que a atendeu, teve sorte de ingerir uma dosagem abaixo da considerada fatal. Dois ou três comprimidos a mais, e minha esposa poderia ter sofrido um aborto ou entrado em um estado de coma com complicações severas.

— *O quadro dela é estável, nós iremos monitorá-la por mais 24 horas e pedir que o assistente social e o psicólogo estejam com sua esposa assim que ela acordar. Analisar o estado emocional dela nesse momento é muito importante, Sr. Rezende. Mas adianto que Clarissa teve sorte, um pouco mais e nós não teríamos conseguido reverter os efeitos da superdosagem. Quanto ao bebê, os batimentos cardíacos e a ultrassonografia que fizemos não mostra nenhuma complicação ou dado alarmante, mas nós continuaremos monitorando os dois, até que os últimos exames saiam.*

Clarissa teve sorte. Que frase mais inadequada para se referir a uma mulher que tinha acabado de me causar o maior susto da vida, e ela não tinha apenas se colocado em risco como também ao nosso filho.

— *O que preciso que entenda é que mesmo após a alta de sua esposa, será necessária uma avaliação mais profunda. Um acompanhamento para que a gente possa analisar se esse incidente é um caso isolado ou um sintoma prévio de uma futura depressão pós-parto. Em alguns casos, os sinais aparecem antes, mesmo que em uma intensidade menor.*

— *Essa não é a primeira vez que ela faz algo assim — revelei, fazendo com que o médico me encarasse. Anos atrás, Clarissa usara do mesmo artifício, a*

mesma ameaça. E dera resultado. A diferença era que não havia outra mulher envolvida em suas motivações, e sim a minha carreira no exército.

— *Ela tem depressão? — Neguei, explicando a ele que essa foi a conclusão que os médicos que a trataram na época chegaram. E que por isso o uso de antidepressivos fora proibido. — Bom, se ela não é diagnosticada e essa não é a primeira vez, então eu o aconselho a manter um olhar mais atento sobre sua esposa, Sr. Rezende. Pelo que eu entendi, vocês estão passando por problemas em seu casamento, e isso, ligado ao fato de ela estar grávida, e com as emoções à flor da pele, pode estar deixando sua esposa mais sensível. E mesmo com as diferenças, é muito importante que o senhor esteja ao lado dela nesse momento...*

A conversa com o médico se dera na madrugada de ontem, horas depois de eu chegar em casa e encontrá-la daquela maneira. E agora, um dia inteiro depois, eu me dei conta de que a única ligação feita fora para a dona Laura. Samuel, Isadora, a segurança da Montenegro... todas as chamadas foram rejeitadas porque eu não tinha cabeça para lidar com qualquer um deles no momento.

Mas com Isadora, era diferente. Com ela, eu não sabia o que ou como dizer. Inquieto, abaixei a cabeça, incapaz de afastar as comparações que surgiram entre o passado e o presente. Como ignorar o fato de que Clarissa parecia saber o momento certo de apertar a corda ao redor do meu pescoço? Anos atrás, quando estava prestes a receber uma promoção por tempo de serviço e missões cumpridas no exército, Clarissa deu-me o mesmo susto.

Mas a pressão não veio somente dela, veio do meu pai e irmã, que alegavam já ter passado da hora de Clarissa e eu nos casarmos. Meu pai, em específico, ainda tentou me convencer de que com o tempo que servi, não seria difícil conseguir um emprego estável aqui em Joinville. A situação tornou-se tão insustentável na época que eu abri mão da minha carreira, e voltei, a fim de cuidar dela.

O estado em que a encontrei, e o amor que na época eu sentia foi o que me fez declinar a promoção e voltar para Santa Catarina. Então nós nos casamos e, em seguida, eu me uni ao Samuel e o Heitor, e o Grupo Hangar surgiu.

Um movimento sobre a cama fez-me erguer a vista e me deparar com Clarissa acordada. O rosto pálido, quase inerte. Furioso, eu me levantei e andei pelo quarto. Ciente de que brigar e discutir não iria adiantar de nada, porque se havia algo que essa mulher não vinha fazendo nos últimos tempos era escutar o que dizíamos. Consolá-la também não era algo que eu me achava capaz de fazer no momento, não com o punhado de emoções densas corroendo-me por dentro.

— Eu estou bem? — perguntou, ao ver que eu permaneceria calado. — Não

lembro de muita coisa, mas...

— Por que fez isso? — exige saber.

Não entrava em minha cabeça que Clarissa não tenha parado para avaliar as consequências de sua decisão. Porque elas eram muitas. Sentir raiva por tudo o que fiz de errado era compreensível, mas descontar em nosso filho? Nele não, porra!

— O que passou pela sua cabeça, ou melhor, o que não passou? Porque eu não acho que você tenha pensado no bebê, Clarissa. E deixe-me só te dizer algo: se tem alguém nessa história que não tem culpa de absolutamente nada, esse alguém é a criança que espera.

— Tudo com que se preocupa é com esse maldito bebê. Nosso filho isso, nosso filho aquilo... E eu, Ricardo? Por que não se preocupa comigo? Com o que estou sentindo, com o que eu quero? — Encarei-a incrédulo. — Quando não é você, olhando-me como se eu fosse uma lunática desorientada, é a sua mãe!

— E com razão! Você por acaso pensou nas consequências do que fez? Não vê que poderia ter sofrido um aborto?

— Então não há risco de o bebê morrer? — Parei por um minuto, perplexo.

— Não — respondi seco. Chegando à conclusão de que a frieza de Isadora não era nada perto da que eu via em Clarissa agora. Normalmente, eu me recusaria a acreditar que a mulher doce e apaixonada com quem me casei poderia ser tão calculista, mas a prova estava aqui. Para quem quisesse ver. — O que achou que iria conseguir com isso? Se matar? Abortar o bebê que espera?

Ela negou, sem chegar a abrir a boca.

Não que tenha precisado, porque Clarissa não era uma pessoa que desconhecia os efeitos colaterais de medicamentos, principalmente se tomados em alta dosagem. Então eu tinha dúvidas quanto a ela ter tomado aqueles comprimidos ao acaso, sem saber exatamente o que eles causariam em seu corpo.

— Não satisfeita, você teve que ligar para os meus pais antes e deixá-los preocupados! Meu pai acha que você tentou se matar para valer, Clarissa.

— Mas foi para valer!

— Não foi e nós sabemos disso! — grunhi de volta. — Eu a conheço há bastante tempo, e sabe o que mais me enfurece? É que você não se importou se iria ou não sacrificar um ser inocente por capricho, ou se esse seu incrível plano poderia sair do controle e acabar em tragédia. Já imaginou se perde esse bebê? O que acha que iria me segurar do seu lado, Clarissa?

Não era minha intenção ser cruel, mas ela precisava ouvir algumas verdades. Algo que não acho que tenha escutado de seus pais, que, mesmo humildes, sempre a mimaram por ser filha única. Ela foi o centro do mundo deles, e que ao crescer, não se importou em excluí-los de sua vida... a fim de ficar comigo. Uma

atitude drástica e da qual nunca concordei.

— A culpa — falou, tranquila. — Ela não te deixaria ser feliz porque toda vez que você olhasse para a sua vadia rica ou a visse sorrir, você iria pensar no nosso bebê e em como poderia ter evitado tudo.

Sacudi a cabeça, atordoado.

— Eu estaria assustado se não fosse o fato de eu tê-la conhecido antes, Clarissa. Todos aqueles seus humores, o comportamento autodestrutivo... eles sempre estiveram aí. O que me mata é pensar que a mulher que acreditei que você tinha se tornado não é real. Que toda a mudança que me prometeu não passou de fingimento. — Matava-me, porque eu dividi anos da minha vida com Clarissa. E se eu não era capaz de enxergar o que havia bem debaixo do meu próprio nariz, qual era a porra do meu discernimento quanto ao resto? — Sei que a culpa pelo que está acontecendo é minha, mas isso não justifica a mulher que estou vendo agora. E essa provavelmente é a centésima vez que a lembro, mas eu nunca menti para você a respeito do nosso retorno e sinto ter de dizer, mas na minha cabeça eu não traí você. Eu traí... ela. Traí o amor que sinto por ela.

Clarissa pareceu assimilar o que eu havia acabado de lhe dizer. Mas não acho que tenha sido fácil, ou que tenha feito qualquer diferença.

— Isso é tão você, Ricardo... Sempre tão honrado, tentando fazer o que é certo e se sacrificando em nome desse bebê. Uma pena que terá que fazer uma escolha.

— De que merda está falando? — inquiri, sem rodeios.

— Da escolha que terá que fazer, querido. E eu estou aqui, ansiosa para saber qual será — soou indiferente. — A vadia rica ou a filha que esperamos? Porque eu sei que está com ela novamente... você fede a ela... a perfume caro... de mulher mimada que nunca teve que lutar por nada nessa vida! — Clarissa notou a veia sobressalente em minha testa.

— Filha?

— Desculpe-me... eu devo ter esquecido de dizer, mas nós teremos uma menina. — Ela não parecia sentir remorso por esconder isso de mim. — *Tique-taque... tique-taque...* Você também escuta? Esse é o seu tempo passando, Ricardo. E, apenas para que saiba, eu sei quem é a mulher com quem está saindo, sei o que faz, onde vive. Sei como encontrá-la e, se quiser, se eu realmente quiser, eu tenho como destruir a imagem respeitável que aquela vadia tem, assim, em um estalar de dedos.

A vontade que senti naquele momento foi de estrangular Clarissa. Mas eu não era o tipo de homem que respondia violentamente a tudo.

— Toda essa cena que armou... foi para que eu visse do que é capaz? Para que soubesse o tipo de mulher que você é? — Ela se mexeu desconfortável quando

eu me aproximei. — Pois bem, Clarissa. Você acaba de fazer o seu ponto aqui, agora é a minha vez de fazer o meu. Quer foder com a minha vida como tem feito? Faça. Mas não ameace a segurança e bem-estar *da minha filha*. Não faça isso nunca mais, porque eu juro, Clarissa, se outra merda como essa acontecer, eu não medirei esforços para tirar essa criança de você!

Isadora

Apertei o botão do sexto andar e olhei para baixo, procurando me distrair com o par de sapatos nunca usados, dando-me conta de que eu sequer lembrava de tê-los comprado. Mas eram bonitos, pensei, de modo fútil. Um esforço a fim de deter o nervosismo que sentia. Não apenas pela discussão que tive com Marcos ou pelo estranho e repentino desaparecimento de Ricardo, mas também pela forma como nos falamos durante a ligação que me fez. O tom de voz torturado com que pediu para que eu o encontrasse em seu *flat*.

A suspeita de que algo havia acontecido, ganhou força. Mas esse era sempre o meu primeiro pensamento, minha mente quase sempre esperava pelo pior, não importa o quanto eu esteja preparada para enfrentar tempestades. Eu só esperava que a tempestade dessa vez não pusesse fim ao atual sentimento dentro do meu peito. Essa quase esperança, o quase otimismo sobrepunha-se a todo o resto.

Endireitei a postura assim que as portas se abriram, parte de mim sentia-se ansiosa e a outra, nervosa. Ansiosa por estarmos prestes a ficarmos cara a cara após a minha admissão de que desejava realmente ficar com ele. Só nós dois. E nervosa porque no que se tratava da *nossa relação* eu começava a achar que ela não permaneceria escondida por muito mais tempo. Marcos não era estúpido. E suspeitava de que o silêncio dos últimos dois dias do meu querido irmão fosse nada menos do que o mar calmo antes da tal tempestade que se aproximava.

Eu quase podia imaginar sua mente astuta ligando todos os pontos até Ricardo. Assim como podia prever a discussão que teríamos quando a certeza lhe batesse. O que Marcos não imaginava era que eu estava disposta a assumir os riscos que viriam caso Ricardo e eu decidíssemos ficar juntos.

Mais do que já estive disposta a assumir qualquer outra coisa nessa vida. E eu não era o tipo de mulher acostumada a saltar em abismos demasiado fundos. Precaução e estabilidade, fossem físicas ou emocionais, sempre guiaram minhas ações.

Com a chave do *flat* em mãos, eu virei a maçaneta apenas para o caso de ele já ter chegado, e entrei ao encontrá-la aberta, hesitando ao me deparar com Ricardo

de pé, no outro lado da sala. Olhar para ele deu-me a certeza de que meus instintos estavam certos e que havia algo de errado com o homem. Seu peito, que subia e descia, as mangas de sua camisa dobradas até o meio dos seus braços e o olhar atordoado que me dirigiu confirmaram o que eu já suspeitava: Ricardo estava ferido, machucado de alguma forma.

— O que acontec... — Ele não esperou para que terminasse o que pretendia dizer e caminhou até onde eu estava, parada um pouco além da porta, enquanto a *Balenciaga* branca escorregava pelos meus dedos.

E como se tivesse o propósito de me consumir viva, eu fui agarrada pela nuca e tive a boca tomada. O homem não pediu licença ou deu qualquer aviso, sequer me preparou para o que vinha com seu beijo. A angústia, a dor... quase um reflexo de tudo o que eu sentia.

— Ricardo? — chamei seu nome, ao ser empurrada até a estante de livros. Meu corpo sendo inteiro rodeado. — O que está... — Ele não me deixava terminar, sua boca queria a minha. Mas não era questão de sexo, tesão. Era desespero.

Perdi-me em meio ao beijo esfomeado. Selvagem de um jeito assustador.

Os dedos ávidos deslizaram para o meu couro cabeludo, seu corpo inteiro movendo-se de encontro ao meu. Senti a protuberância cutucar meu abdômen e as coxas me imobilizarem. E, conforme Ricardo me beijava como se o *nosso mundo* estivesse a um passo de desmoronar, eu dei-me conta de que, de alguma forma, o nosso tempo havia acabado.

— Ricardo! — Eu o afastei, querendo respostas. — O que aconteceu? Por que está agindo assim?

Ele me encarou, desde a boca até os meus olhos. E por mais que minhas mãos estivessem espalhadas em seu peito, mantendo-o afastado, Ricardo conseguiu cortar a distância e colar a sua testa na minha.

— Eu sinto muito — foi o que disse, mas não o que entendi, porque o homem parecia prestes a partir o meu coração. — Sinto que eu não possa ficar com você — murmurou, torturado, segurando-me com mais força. — E sinto que eu tenha que olhar nos seus olhos agora e te dizer porque estou fazendo isso, porque não podemos ficar juntos. Eu só te peço uma coisa, Isadora, escute-me até o final, ok?

Sacudi a cabeça, porque não tinha nada *ok* nessa situação ou nessa verdade que precisava ser dita.

— Eu te amo — falou, e continuei a negar.

Até poderia ser amor, tinha tudo para ser, mas eu não acho que Ricardo quisesse sentir-se dessa forma. Não acho que se esse homem pudesse escolher, realmente escolher, que o seu amor seria meu. Eu podia enxergar a verdade por

detrás dos seus olhos.

— Eu não quero saber — falei, nervosa. — O que for... eu só não quero. — Ele acariciou o meu rosto, agindo como os carrascos que desejam boa sorte a suas vítimas antes de soltarem a lâmina e decapitarem suas cabeças.

O problema é que não era a minha cabeça em risco aqui, era o coração.

Virei o rosto, não querendo que Ricardo enxergasse as lágrimas formando-se em meus olhos.

— Há muito acontecendo na minha vida agora, Isadora. Mas uma em especial é a razão pela qual não podemos...

— Pare de dizer isso! — gritei, perdendo gradativamente o controle. — Pare de repetir que não podemos ficar juntos, justamente, quando estou disposta a ficar. — Empurrá-lo já não adiantava, pois, meus pulsos foram contidos. — Pela primeira vez na vida, Ricardo, eu senti que pertencia a alguém. Que era sua e que esse lugar era nosso, mesmo que fosse errado — murmurei a última parte, porque por dentro, tudo doía.

Havia um par de mãos e dez malditos dedos rasgando-me fora a fora. De cima a baixo. Cortando cada artéria vital, cada órgão. Partindo-me em centenas de pedaços, como cacos de vidro espalhados pelo chão.

— Apenas me escute, merda — ele pediu, sacudindo-me inteira. Dizendo coisas que não compreendi, que não queria ouvir.

Por isso o cortei.

— Você permitiu que eu me sentisse sua, não fez nada para impedir.

— Mas você é! — rebateu, rápido demais. Convicto demais. — Você é minha, eu só...

— ... não pode ficar comigo.

Ricardo não respondeu, transtornado.

— Você não é diferente de nenhum deles, sabia? Meu pai, Marcos, Henrique... Eu fui magoada e deixada por todos eles.

O homem manteve o meu rosto entre as suas mãos de um jeito bruto. Nem um pouco suave. Da mesma forma como não foi suave o beijo que me deu, e que fez com que cada lágrima, até então contida, deslizesse pelo meu rosto. O polegar de Ricardo as limpava conforme caíam uma a uma.

— Não fale essa merda. Só não fale ou me compare a eles, porque eu...

— Você me ama? — bufei, sarcástica. — Sim eu já ouvi essa história.... o mais triste, Ricardo, é que mesmo com todo esse amor que alega sentir, eu continuo não sendo suficiente.

E lá estava ele, o antigo e seguro muro elevando-se entre o mundo e eu. Protegendo-me de sentimentos como esses, me lembrando do motivo pelo qual eu deveria mantê-lo erguido. Essa foi a forma como Lorena quis que eu

crescesse e agora eu entendia por quê. Ela não queria que eu sofresse.

Afastei-o com mais força, lutando contra o seu aperto e corpo, quase que inteiro colado ao meu. Eu o queria longe, e me queria segura dele.

— Você e eu estávamos separados, Isadora, não foi planejado... — começou a se explicar. — Se já não fosse o bastante, eu precisei descobrir através de outra pessoa que você simplesmente deixou o país sem me dar qualquer explicação. Eu enlouqueci, percebe? Clarissa notou o meu estado e começou a aparecer todos os dias... sempre dizendo algo para me fazer lembrar o que você e eu vivemos, deixando-me tão furioso que... no final, já cansado de sentir raiva e saudade de você, eu cedi a ela. — Ricardo forçou um pouco mais o seu aperto quando me recusei a escutá-lo. — Eu ainda não terminei.

— Para mim você terminou, sim — rebati em um murmúrio seco e puxei o meu braço do seu controle. Sem me importar se o gesto intempestivo me machucaria.

Eu só queria sair dali. E foi o que fiz.

— Isadora... porra! — Ricardo esbravejou, seguindo-me pelo corredor estreito do prédio. Apertei com pressa os botões, sabendo ser inútil, e que isso não faria com que o elevador chegasse mais rápido. Mas ainda assim, eu tentei. Olhando para trás uma única vez, antes que o homem pudesse me alcançar.

O que quase aconteceu.

— Nada disso muda o que eu sinto por você.

Foi a última coisa que escutei sair de sua boca antes que as portas do elevador se fechassem. E enquanto descia, rumo ao térreo, eu me dei conta de que se Ricardo quisesse, ele teria entrado no elevador comigo. Mas ele não quis, porque estava mesmo deixando-me ir embora.

Caminhei às cegas pelo saguão do edifício, mal sendo capaz de enxergar um palmo diante de mim. A figura conhecida de Hélio, em frente ao prédio, porém, foi como um bálsamo. Fazendo-me sentir um repentino alívio.

De modo profissional, ele abriu a porta da Mercedes e me avaliou rapidamente. Querendo ter certeza de que eu estava bem. *Acho que mais alguém sabia.*

— Para onde agora, Srta. Montenegro? — Eu o fitei através do retrovisor, incerta do que responder.

Não havia lugar onde eu quisesse estar. O único acabara de se tornar inviável. Olhei para fora da janela, todos os andares do prédio de Ricardo, e respirei fundo.

Você achou mesmo que essa história iria terminar de um jeito diferente? A voz da minha consciência inquiriu, de maneira neutra. Sem provocações, apenas conformada.

Sim, por um ou dois segundos eu pensei que teria o meu próprio final feliz. Que teria para mim o que Rachel e Mariana tinham.

Nós não deveríamos ter voltado, essa é a verdade. A voz disse mais uma vez, calando-se em seguida. Talvez eu não fosse a única decepcionada aqui, pensei arrancando devagar cada uma de minhas luvas. Um processo lento a fim de manter-me ocupada.

— Nós podemos ir para a casa do meu irmão. — Eu não tinha outro lugar para ir de qualquer maneira.

A constatação fez com que as últimas duas ou três lágrimas molhassem o meu rosto. Lágrimas que eu limpei, esfregando com tanta força as minhas bochechas que meu gesto incomum atraiu a atenção do Hélio, que sorriu de modo compreensivo e balançou a cabeça. Quase como se se perguntasse qual era o problema com as mulheres dessa família. Como ex-motorista de Rachel, ele deve ter presenciado cenas como estas. Muitas delas, eu acho.

Passei os próximos minutos distraída, a cabeça apoiada no encosto do banco de trás. Vendo os carros e pessoas passarem, até que escutei o telefone de Hélio tocar através do sistema eletrônico do carro. O som foi interrompido e reproduzido diretamente no fone sem fio em sua orelha.

— Sim, ela está comigo — respondeu, sério. — Eu acho que não... — Outra pausa, e outra troca de olhares através do retrovisor. — Sim, eu a levarei para casa. Não... ela não pode falar agora. — Hélio conferiu-me pelo retrovisor, verificando-me uma última vez.

— A senhorita precisa de um tempo antes de chegarmos a sua casa? — *Eu precisava?*

— Não — falei no automático. — Apenas siga direto até a mansão, por favor.

Evitei questionar-me quem era ao telefone, porque novamente, só poderiam ser duas pessoas. E no momento, eu não desejava falar com qualquer uma delas. Ao reconhecer os portões de cor bronze e a horda de seguranças rondando a propriedade, eu fiz questão de erguer o rosto e endireitar as costas. Alinhando minha postura. A Mercedes fez o caminho de sempre, circulando a fonte em frente à casa, e estacionou.

Atordoada, mal percebi quando Hélio deu a volta no carro e abriu a porta para que eu saísse. O que fiz, sem ideia de como chegaria ao meu quarto sem desabar pelo caminho.

— Não foi o Sr. Montenegro quem telefonou. — Hélio compartilhou comigo, em um tom de voz baixo e acolhedor, fazendo-me encará-lo.

— Boa noite, Hélio, e não se preocupe em passar a noite aqui. Vá para casa e faça o que faz todas as noites. — *Seja lá o que isso for.*



Ao entrar pela porta da frente, optei por pegar o caminho mais rápido até a escadaria, a fim de evitar qualquer encontro parecido com o que tive com o Marcos. Infelizmente, por alguma razão que jamais compreenderia, eu continuei a ser testada. E o teste dessa vez veio em forma de cunhada e sobrinho, que acabaram por serem completamente ignorados. A voz de Rachel perdeu-se conforme eu subia os degraus sem olhar para trás.

Querendo ficar sozinha, eu me tranquei dentro do quarto, que apesar de imenso assumia cada vez mais a forma de uma pequena prisão. O dossel da cama, as cortinas claras, as duas sacadas imperiais. O quarto era o segundo maior de toda a casa, e ainda assim, já não parecia ter espaço suficiente para abrigar a mim e a minha mente cada vez mais confusa.

As piores lembranças da minha vida vinham desse lugar. Porque era aqui que Lorena se escondia quando estava irritada com algo. Era aqui, que por horas a fio ela penteava o meu cabelo como se descontasse em mim toda a sua raiva. De maneira lenta, e letárgica, eu retirei um sapato de cada vez, jurando a mim mesma nunca mais usá-los. Prevendo que eles sempre me fariam recordar a noite de hoje. Com a mesma calma com que os descalcei, eu atravessei o quarto e me sentei rigidamente no recamier em frente à janela. O passado e o presente se misturando em minha cabeça.

A criança que não era capaz de entender por que o próprio pai não gostava dela também não era capaz de entender por que ela não era a prioridade de ninguém. Não de Marcos, e não de Ricardo. Com raiva, e querendo conter a mágoa, eu afundei as unhas no estofado macio, engolindo os gritos que suplicavam para escaparem pela minha garganta. Mas que me recusei a deixá-los sair, engolindo-os um a um. E quanto mais fazia, mais vazia me sentia.

Olhei para fora daquela janela, pensando em minha mãe, no Marcos, em Mariana. Pensando no que havia de errado comigo, mas principalmente, no porquê de Ricardo tê-la escolhido.

As unhas afundaram com mais força ao não compreender.

“Clarissa notou o meu estado e começou a aparecer todos os dias... sempre dizendo algo para me fazer lembrar o que você e eu vivemos, deixando-me tão furioso que... no final, já cansado de sentir raiva e saudade de você, eu cedi a ela.”

Senti que poderia rasgar a porcaria do recamier com as minhas próprias unhas.

Um ofego estrangulado finalmente escapou quando eu me curvei, ainda sentada, e tapei os meus olhos. Quando terminei, quando o choro cessou, a maioria dos perfumes e objetos sobre a minha penteadeira encontravam-se quebrados. Meus pés, cobertos pela meia-calça, caminharam pelo chão repleto de estilhaços de vidro até chegar à cama, e foi ali que fiquei pelo restante da noite. Prometendo a mim mesma nunca mais me colocar nessa posição. Eu não queria voltar a sentir, queria apenas ser a antiga Isadora.

A que feria antes de ser ferida.



Despertei na manhã seguinte com a porta do meu quarto sendo aberta quando não havia a menor possibilidade que isso acontecesse. A menos, é claro, que alguém tenha utilizado a chave reserva. Fitei a direção de onde o som vinha e me deparei com Rachel e Vera encarando assombradas o estado em que se encontrava o meu quarto.

— As mãos dela... — Vera focou na mão que segurava o lençol e de onde se podia ver um pequeno corte transpassar através da pele pálida entre um dos meus dedos. Acho que com a raiva e a dor que senti na noite passada, eu devo, em algum momento, ter segurado um dos frascos de perfume com tanta força que... posso tê-lo quebrado?!

Preocupada, Vera segurou meu braço, querendo analisar o corte da palma da mão, mas eu o puxei de volta. Ele já estava seco e a mancha de sangue ao redor só parecia pior do que era, porque o vermelho vivo fazia um contraste quase trágico contra a minha pele branca.

— Não é nada.

— Como não, menina? Esse corte pode infeccionar e...

— Vera — Rachel falou, após analisar o cenário catastrófico em que eu mesma havia me colocado. — Você poderia pegar algo para que a gente limpe o corte? Mas, por favor, não deixe que nenhum dos funcionários venha para os cômodos desse corredor agora de manhã. Não quero que eles saibam o que aconteceu por aqui.

— Sim, claro — Vera respondeu, prontamente.

— Obrigada. — Minha cunhada sorriu para a governanta antes que ela saísse e nos deixasse sozinhas.

Com a cabeça doendo, eu me levantei e bebi um longo e necessário gole da água mantida sobre o criado-mudo, enquanto desviava-me dos cacos de vidro a

fim de não pisar em nada. Ao me deparar com o espelho na penteadeira, eu notei que mal havia me despido na noite anterior.

Sem fazer cerimônia, deixei Rachel no quarto e enfiei-me debaixo das duchas de água quente que amorteceram parte da dormência do meu corpo. O maldito ataque de pânico aconteceu bem ali, sob a água. E enquanto eu lutava para respirar, a noite de ontem voltava com força total à minha cabeça. Até que eu parei de lutar, e deslizei até o chão do boxe.

Meu corpo inteiro sentia frio, não importava o vapor ladeando a minha pele. Nem o embaçado cobrindo os vidros das portas e os espelhos do banheiro. Encolhi-me, esgotada, odiando cada uma das memórias que voltaram para me assombrar. Não havia meio ou forma de fazer com que meu cérebro, sempre tão ativo, parasse de funcionar nem que fosse por míseros minutos, e isso deixou-me ainda mais nervosa. Porque por pelo menos uma ou duas horas eu desejei ser capaz de esquecer tudo.

Não foi até que o chuveiro foi desligado, e uma toalha enorme cobriu o meu corpo, que eu tive coragem ou forças de deixar o banheiro. Rachel me ajudou a chegar até a minha cama, sem dizer nada. E para a minha surpresa, o material que solicitou à Vera já se encontrava por ali, o que facilitou a limpeza do corte.

Deve ter ardido, pensei pela careta que Rachel fez ao passar o algodão sobre a ferida, mas eu não senti. Porque, o que era a dor de um corte raso perto da dor que eu sentia invadir o meu coração?

— Não conte ao Marcos — falei ao vê-la terminar. — Eu não quero que ele saiba sobre o que aconteceu aqui, eu o conheço e... — Isso só iria fazer com que tudo piorasse.

— Eu não direi, não se preocupe — garantiu. — Eu deveria estar na Montenegro agora, mas fiquei preocupada com você, pela forma como chegou ontem, e o que for que tenha acontecido, Isadora, eu quero que saiba que estou aqui se precisar conversar.

— Acabou — disse sem encará-la.

Rachel liberou um gemido baixo, que me pareceu muito como um lamento.

— Eu não me importo, sabe? — forcei-me a dizer, quando a verdade era outra. — Não dou a mínima se pela primeira vez desde que me entendo por gente eu tenha me sentido viva. Desejado coisas que alguém como eu não deveria desejar. — Eu a encarei. — Eu fui estúpida por achar que poderia ter o que você tem, Rachel. Porque eu não sou como você... e talvez eu não mereça...

— Não diga isso.

— De todos os homens, por que ele? — indaguei a mim mesma. — Por que, justamente, ele?

— Não tenho uma resposta, Isadora. Desculpe-me. Tudo o que sei é que a

maioria das coisas que envolvem amor e emoções não fazem sentido. Elas apenas são o que são.

— Eu sinto que estou morrendo por dentro... como é possível?

Minha cunhada sorriu de maneira compreensiva.

— Você não está morrendo, só está amando. E amar nem sempre é fácil.

Suas palavras fizeram-me lembrar das de Ricardo. Sobre como era difícil me amar. Mas e quanto a amá-lo? Será que Ricardo pensava que era fácil? Será que não via que estar com ele, mesmo que ninguém soubesse, fora um dos maiores saltos que dei na vida?

Não escutei nada do que minha cunhada falou depois disso, porque não tive estômago.

— Eu quero ficar sozinha, Rachel. — Não foi preciso dizer uma segunda vez, Rachel respeitou a minha vontade e saiu do quarto, batendo a porta com suavidade antes de fechá-la. Os cacos de vidros e objetos continuaram espalhados pelo chão acarpetado, mas não era com essa bagunça que estava preocupada e sim com a que se enraizava pouco a pouco em meu interior.

Ricardo

— Você receberá alta hoje, mas preciso que retorne assim que possível, Sra. Rezende. É de extrema importância que eu a acompanhe de perto — o médico avisou, assinando o prontuário e a alta de Clarissa.

Que escutou a tudo calada, como se cada palavra dita pelo médico não tivesse importância. Diferente de mim, que me ative a cada detalhe. Desde como nossa filha não corria quaisquer riscos de complicações, até como Clarissa deveria participar de um grupo de apoio formado por terapeutas e mães de primeira viagem. Compartilhar momentos, dividir experiências...

“... mesmo com todo esse amor que alega sentir, eu continuo não sendo suficiente.”

A voz angustiada de Isadora reapareceu, atormentando-me como se já não tivesse feito isso uma centena de outras vezes desde a noite passada. Toda a conversa foi repetida em minha cabeça, o impacto dela batendo com ainda mais força.

Então, havia o fato de que não fui capaz de contar a ela o principal. Que a razão de tê-la chamado até aquele *flat* tenha sido ignorada no instante em que ela passou por aquela porta. Eu ainda tentei falar, não vou negar, mas temi que ao dizer as palavras *Clarissa e eu teremos uma filha*, Isadora não aguentasse. Ou

talvez, fosse eu o único a não aguentar. A não ter ideia de como seria depois que eu a perdesse.

Não que deixar de dizer a ela naquele momento, tenha impedido que Isadora compreendesse a mensagem. E sim, eu estava abrindo mão da mulher que eu amava em troca da segurança da minha filha.

E por mais difícil que fosse chegar a essa decisão, eu a tomaria outras mil vezes mais. Não por amar menos Isadora, ou por não achar que ela merecesse ser minha primeira opção. Mas porque sei que jamais conseguiria fazê-la feliz se, por negligência minha, algo acontecesse ao bebê que Clarissa esperava.

— Nessa fase de sua gestação, o seu peso deveria estar maior, assim como o tamanho do seu bebê, Sra. Rezende. Você já está no segundo trimestre, e nesse período engordou cerca de 1,5kg apenas. — Olhei de soslaio para Clarissa. Depois de acompanhar quatro gestações de Olívia, eu tinha ideia de como uma gravidez poderia ser diferente da outra. Por isso não me preocupei com o fato de Clarissa não ter engordado tanto, mas agora eu percebia que fui privado de acompanhá-la em algumas consultas. Não sei se por ela querer me ferir, ou por ter algo a esconder. — Vamos melhorar isso, sim? Dar atenção a esse bebê e fazer com que ele cresça saudável.

Após terminar de alertá-la sobre os cuidados que deveria ter de agora em diante, e insistir que a esperava no grupo de apoio do hospital, eu acompanhei o médico até o lado de fora do quarto enquanto a mãe de Clarissa, que aparecera sem avisar essa manhã, insistira em ajudá-la. O que só vinha deixando-a mais nervosa.

— O fato de o bebê estar abaixo do peso significa que algo está errado?

— Normalmente esse pode ser um sintoma preocupante, que indica alguma doença ou possível atraso em seu desenvolvimento. Mas com a bateria de exames que fizemos desde que sua esposa deu entrada nesse hospital, nós saberemos com mais precisão o que pode estar acontecendo. Ainda assim, eu adianto que não há com o que se preocupar. Não no que se refere à sua filha. Minha maior preocupação no momento é com o estado emocional de sua esposa. A tensão a rodeando é o que pode estar interferindo no ganho de peso. O que irei pedir ao senhor é que a acompanhe de perto. Uma pessoa que tenta duas vezes fazer o que sua esposa fez, pode muito bem tentar uma terceira e, dessa vez, pode ser que a tentativa de chamar a sua atenção termine em tragédia.

Assenti, porque até então ele não tinha dito nada de novo. Ao me dar dois tapinhas nas costas e dizer que tudo ficaria bem com as duas pacientes, o médico se afastou e me deixou naquele corredor vazio enquanto eu jurava a mim mesmo fazer o impossível para me certificar de que tudo ficaria bem. Eu já havia perdido o suficiente.

E agora, sem Isadora e a possibilidade, mesmo que remota de ficarmos juntos, tudo o que me restara era a minha filha.

Marcos

RACHEL E EU andávamos pelo corredor da Montenegro, após um almoço rápido na franquia do restaurante que fora implementado no primeiro andar da empresa logo depois das inúmeras mudanças estruturais que o edifício passou desde que ela assumira sua nova função dentro da empresa. E, além do renomado restaurante, nós tínhamos um de nossos novos empreendimentos, que era a *Adega Premium Montenegro*, com o intuito de oferecer as melhores safras e edições especiais de nossos vinhos, além de proporcionar a empresários da região toda a experiência de comprar e degustar o que tínhamos de melhor junto da supervisão de excelentes *sommeliers*.

Esse foi um dos projetos pelos quais Rachel lutara para pôr em prática, mesmo com a sugestão do conselho de que ela não interferisse na base central da Montenegro, ou nos transformasse em uma empresa cujo setor fugia do alvo principal, que em nosso caso tratava-se da produção de vinhos.

Sem interferir, eu apenas permiti que Rachel desse andamento ao projeto, no qual eu realmente acreditava, e aguardei até que o resultado da implementação mostrasse frutos. O que aconteceu. Para desgosto do conselho.

— As reuniões de avaliação da diretoria começam hoje — Rachel me lembrou. — Eu estarei com a tarde inteira preenchida, então se tiver como ligar para a Vera mais tarde e verificar se a nova babá está se adaptando... — Não era da vontade de Rachel deixar Arthur sob os cuidados de babás, mas vinha sendo impossível não tê-las. Então, com muito custo, ela concordou em contratar uma de maneira definitiva, evitando que uma equipe diferente fosse contratada cada vez que fosse necessário. A babá era uma senhora com experiência suficiente com recém-nascidos, além de ter ótimas referências. E era isso o que procurávamos, uma presença tranquila e confiável. Ainda mais agora, com Rachel sentindo-se constantemente mal. Alegando que suas dores de cabeça e sonolência nada mais eram do que estresse.

Eu vinha me obrigando a acreditar nela, porque o contrário nos levaria a uma possibilidade que me dava nos nervos só de imaginar.

— Farei isso agora, não se preocupe — garanti, perdendo o fio da meada ao me deparar com a porta do escritório de Isadora aberta. Observei o seu perfil de longe, bem como a maneira distante com que olhava pela janela. Os braços fortemente cruzados em frente ao corpo magro e o rosto sério. Sem um pingaço de ardor que encontrei dias atrás, quando minha irmã chegou em casa após outro de seus encontros misteriosos. Sei que não era da minha conta, merda. Que eu deveria manter-me afastado, mas eu não podia deixar de temer por ela.

Oliver ou Ricardo. Era essa merda que vinha me inquietando. Porque não acho que nenhum dos dois fosse adequado para Isadora. O primeiro, apesar de ter crescido conhecendo as normas da sociedade em que vivíamos, jamais a faria feliz. E o outro, o outro era casado e um território definitivamente proibido para Isadora. O que me levava à questão de que era ele provavelmente o filho da puta com quem ela vinha dormindo. E eu só não tinha feito nada a respeito, *ainda*, porque não tinha quaisquer garantias ou certeza.

Cogitei a ideia de ir até ela, mas tive o meu braço segurado ao dar o primeiro passo.

— Sua irmã precisa de um tempo. — Olhei para a minha esposa. — Dê isso a ela e não a force, tudo bem?

— É da felicidade de Isadora que estamos falando aqui, Rachel. Como espera que eu lhe dê um tempo?

— Você disse certo, é da felicidade dela. Então a deixe lidar com o que a está incomodando... sozinha.

— Você sabe com quem ela tem se encontrado, não sabe?

— Quando se trata desse assunto, Marcos, a minha lealdade está inteiramente com a sua irmã. Então não se envolva, e deixe que ela lide com o que aconteceu por conta própria, ok? Está na hora de Isadora parar de depender de você emocionalmente, e de você deixá-la viver a vida que ela decidir viver.

— O que aconteceu? — perguntei, preocupado. Fazendo minha esposa titubear. — Rachel...

— Eles não estão mais juntos, ok? — Eu deveria ter sentido alívio, certo?

Mas ao olhar novamente em sua direção, tudo o que desejei foi consolá-la. E claro, quebrar a maldita cara de Ricardo. Pois naquele instante eu tive uma certeza: Oliver jamais a deixaria. Se ele algum dia tivesse a chance de ultrapassar as barreiras de Isadora, não acho que a perderia de vista depois. O mesmo não poderia ser dito a respeito de Ricardo.

Então eu liguei todos os pontos. Repassei cada conversa tida com aquele infeliz, a aliança em seu dedo. A viagem de Isadora. Era ele quem vinha

mexendo com a cabeça da minha irmã a ponto de fazê-la não dar a mínima para a opinião da imprensa e da sociedade. Era ele quem estava pondo em risco a vida dela. E não Henrique.

— Eu vou matar o desgraçado, Rachel.

— Não, você não vai. — Ela me seguiu, enquanto eu pegava o caminho oposto ao do meu escritório.

Fazia dias que eu não esbarrava com Ricardo, mas até aí nada fora do normal. Nós nos falávamos apenas quando era necessário ou ele tinha alguma nova informação a me dar. Mas eu sabia onde encontrá-lo, e se hoje não fosse o seu dia de folga, o homem e eu teríamos uma conversa bem séria.

Cheguei ao térreo e, antes de me dirigir até as salas de segurança, com Rachel em meu encalço, eu me deparei com um pequeno tumulto acontecendo na recepção. Dois seguranças pairavam ao redor, observando a cena como se não soubessem como agir enquanto uma mulher que eu nunca tinha visto na vida gritava para que a deixassem entrar.

Aproximei-me, compreendendo por que os seguranças não fizeram qualquer tentativa de abordarem. Primeiro porque a mulher estava grávida, e segundo, porque se encontravam à espera da segurança de sexo feminino. Uma tentativa de evitar qualquer mal-entendido, que poderia facilmente chegar aos jornais.

Mantive-me na margem, buscando compreender o que era dito por ela, ao passo que as duas recepcionistas olharam-me assustadas, enquanto uns poucos curiosos diminuía o passo a fim de escutar o motivo da gritaria.

— Telefone para ela e avise que eu sou a esposa de Ricardo Rezende — explicou pausadamente. — Duvido que vocês não o conheçam e duvido ainda mais que a Srta. Montenegro não irá me deixar subir após escutar o meu nome.

Rachel parou do meu lado, tapando a boca com apreensão ao olhar para aquela cena. Seus olhos caindo direto na evidente barriga da esposa de Ricardo.

— Eu não posso fazer isso, não se a senhora não tiver horário marcado.

— E eu lá preciso de horário marcado para falar com a mulher que está trepando com o meu marido?

Rachel deu um passo à frente, prestes a interferir, mas eu a detive. Raiva em sua forma mais brutal explodiu dentro de mim.

— Sra. Rezende? — falei ao me aproximar, vendo-a se virar e empalidecer. — A senhora irá me acompanhar até o meu escritório. — Em seguida anunciei a uma das recepcionistas: — Liberem a entrada dela, por favor — pedi, e com um aceno fiz com que a segurança nos acompanhasse.

Rachel não subiu no mesmo elevador que nós três, eu não a queria participando da conversa que pretendia ter com a esposa de Ricardo. Não depois de ela ter mantido em sigilo toda essa história de mim. Isadora não estava apenas

se relacionando com um homem aleatório, um caso qualquer, facilmente esquecível. Não, minha irmã estava dormindo com um homem casado, porra. Um homem, que ao que parece, estava prestes a se tornar pai.

Isadora

Massageei a têmpora repetidas vezes. Vinha sendo complicado concentrar-me em algo além dos problemas serpenteando o meu cérebro nos últimos dias. Não contei, mas acho que fazia mais de uma semana desde que Ricardo e eu tivemos a tal conversa e eu acordei na manhã seguinte com um corte na palma da minha mão e o coração inteiro fragmentado. Os cacos? Eu acho que eles estavam agora mesmo circulando por minhas veias, porque estar em minha pele incomodava. Ardia.

A entrada, como sempre, inesperada de Rachel em minha sala, distraiu-me do caminho para o qual meus pensamentos estavam prestes a ir. A expressão em seu rosto, porém, encontrava-se tão alarmada que só conseguia pensar no que poderia ter acontecido dessa vez.

— Rachel? — Eu a ajudei a se sentar.

— Ela está aqui, está com o Marcos.

— Quem? — A primeira pessoa que me veio à mente foi a sua mãe, mas Rachel e ela não mantinham contato. Minha cunhada não fazia questão, e Marcos garantiu para que assim fosse. — A esposa dele...

Esposa dele?

Não fazia sentido, a menos que...

— Clarissa? — perguntei em um murmúrio e Rachel assentiu.

— Não vá lá — falou quando me afastei, prestes a sair porta afora. — O Marcos está cuidando de tudo.

Eu deveria ficar tranquila com isso?

Ignorei-a, marchando nervosa até a última sala, hesitando ao escutar as vozes enquanto o assistente pessoal de Marcos, fingia, com o rosto inteiro vermelho, não escutar nada.

— O que a sua querida irmã está tentando, é roubar o meu marido! Mas chega, eu não vou permitir que ela destrua a minha vida dessa forma!

O rapaz me olhou, fazendo uma pequena careta. Com a certeza de que se eu entrasse na sala, penas voariam. E não seriam as minhas.

Mas foda-se, quem essa mulher pensava que era para invadir a minha empresa?

Além do quê, Ricardo já tinha feito a sua escolha. E a escolha era ela.

Escancarei a porta, fechando-a em seguida. Marcos e Clarissa olharam imediatamente para mim.

— Aí está você... — a sonsa disse, olhando-me dos pés à cabeça, com um olhar de ódio em seu rosto.

Não achei que seria tão difícil encarar o meu irmão depois de escutar o que essa mulher falou. Porque uma coisa era ele suspeitar, outra era ter a confirmação do quão baixo eu descí.

Porque eu não havia apenas me envolvido com um homem casado. Eu me envolvi com um homem casado cuja esposa... esperava um bebê — constatei em pânico ao olhar para o seu abdômen inchado. Toda e qualquer reação que pensei que teria abandonou-me enquanto eu tentava com muito custo respirar.

— Você está grávida.

— E você não sabia? — A *Santa Clarissa* sorriu com escárnio, passando a mão pela barriga arredondada. — Meu marido dormiu com você, mas não contou que será pai em breve? Que ele e eu esperamos uma garotinha? — Eu ia vomitar, droga. Senti-me recuar, com minhas pernas falhando. — Nós já até decidimos o nome. Será Isis.

— Sra. Rezende, como eu estava lhe dizendo, a senhora irá sair desse prédio agora mesmo e sem causar problemas...

— Ou o quê? Você irá pedir para os homens que trabalham para o meu marido me arrastarem para fora? Permita que qualquer um deles me toque, Sr. Montenegro, que eu garanto que Ricardo colocará esse lugar abaixo em menos de um minuto.

Marcos me olhou por sobre o ombro dela, analisando a expressão perplexa que eu exprimia. Eu não sabia sequer por que continuava dentro dessa sala.

— Mas não se preocupem, o que eu tinha para dizer já foi dito. Agora é a sua vez de repassar a sua irmã que se ela pensar em chegar perto do meu marido novamente, eu faço questão que todos nesse país saibam a vadia que ela é.

Clarissa virou-se para mim outra vez, que permanecia de pé em frente à porta agora fechada. Não me movi ao vê-la se aproximar. Sequer pisquei. Meus olhos estavam vidrados demais em sua barriga. No fato de que ela esperava um filho do homem que eu amava.

Não era um pesadelo, eu poderia beliscar meu braço umas mil vezes que ao abrir os olhos iria me deparar com a mesma cena. A esposa grávida de Ricardo, olhando-me como se estivesse prestes a me comer viva.

— Dói, não é? — Desviei os olhos do seu abdômen e a encarei. — Mas é bom que doa, para que você entenda que não pode ter tudo o que quer. Ricardo está comigo, nunca deixou de estar. E se você tem um pingão de consciência, irá se

afastar dele e parar de tentar destruir a minha família. — Ela voltou a tocar na sua barriga, como se a acarinhasse. Tentei fazer as contas, imaginar de quanto tempo ela estaria, mas me perdi no caminho. Cinco, seis meses? Isso significava que ele já sabia quando ficamos juntos. Ricardo sabia e escolheu não contar. — Não importa o que ele diga, ou as promessas que tenha feito, meu marido jamais me abandonaria para ficar com alguém como você. As noites que passaram naquele antro de *flat* não significaram nada, sua vadia mimada. Você só esquentou a cama dele, porque... — A raiva que sentia misturou-se com o choque, minha reação sendo tão explosiva, que não aguentei continuar ouvindo-a falar e a calei. A palma da minha mão estalando em seu rosto.

Meu irmão grunhiu um xingamento, saindo de trás da mesa, a fim de impedir que Clarissa revidasse, e o meu braço, ainda trêmulo, foi segurado e afastado quase que imediatamente do rosto vermelho e marcado dela.

Bati contra o corpo duro, que poderia ter facilmente rodeado-me como fizera tantas vezes, mas tudo o que Ricardo fez foi me puxar para o mais longe possível de sua esposa, sussurrando em meu ouvido:

— Você perdeu a cabeça, droga? — Escutei o grunhido em meu ouvido, e fechei os olhos, não fazendo ideia a quem ele se referia. Clarissa ou a mim.

Não que fizesse diferença, porque após me afastar, foi para ela que ele correu. *Para ela.*

— Tire essa mulher desse prédio agora, Sr. Rezende, ou eu não respondo por mim! — Meu irmão grunhiu de volta, enquanto em algum lugar da sala Clarissa começou a chorar e repetir que havia sido maltratada e ameaçada.

Senti-me cada vez mais enojada. E juro, ver Ricardo e meu irmão batendo de frente um com o outro era a última coisa que eu precisava ver no momento.

— Eu deveria acabar com você por ter ousado encostar o dedo em minha irmã!

Ricardo o encarou, igualmente furioso.

— Você não consegue mesmo enxergar o mal que faz a ela, não é? Isadora é uma mulher adulta, porra! Pare de se meter em sua vida como se ela não pudesse tomar suas próprias decisões, porque ela pode.

— Eu confiei a segurança dela a você. Achei que o risco estava em Henrique, mas estive errado esse tempo todo, porque bem debaixo dos meus olhos você traiu a minha confiança. E para mim, Ricardo, um homem que não respeita o próprio casamento, não é homem.

Droga!

— Não me venha falar sobre ser homem, porque você não faz ideia dos sacrifícios que tive que fazer na minha vida para ser o homem que sou hoje. Não tem a menor ideia de tudo o que tive que abrir mão. É fácil para você julgar o

que acha ou não certo, mas você não está em minha pele, Sr. Montenegro, não sabe o que é se sentir dividido entre um amor e...

— Ricardo, eu não estou me sentindo bem — Clarissa falou, o interrompendo, de repente. A expressão, que até instantes mantinha-se neutra, tornou-se afetada. Fingida.

Vi-o ir de encontro a ela, preocupado. E não aguentei. Eu simplesmente não podia permanecer ali. Então, deixando toda aquela confusão para trás, eu abri a porta do escritório de Marcos e saí sem dizer qualquer palavra, tendo o desprazer de me deparar com Mariana, que tinha os olhos arregalados por tudo o que havia escutado.

Passei por ela, mal notando que me seguia. Mal notando os olhares incertos e curiosos que recebi pelos corredores. Porque, pela primeira vez, nada disso teve importância. Eu só queria desaparecer dali.

Apertei repetidas vezes o botão do elevador, até que ele chegou ao andar da diretoria e eu entrei, com Mariana ainda do meu lado. De pé, forçando-me a parecer tudo, menos arrasada, eu não a encarei. Não podia.

Porque sentia que qualquer esforço ou emoção que demonstrasse, mesmo que fosse raiva, levaria-me ao chão. Então fechei os olhos, afastando-me dela e do restante do mundo. E enquanto o elevador descia, eu tentei fazer com que o meu coração se acalmasse e o peito parasse de doer. Meu corpo inteiro protestando diante dos braços que me envolveram sem que eu pedisse.

— Eu já passei por isso, e sei como dói — foi o que Mariana falou, recusando-se a me soltar. — Sei que me odeia, que sou a última pessoa que gostaria de ver ou falar agora, mas eu nunca a deixaria sozinha nesse momento. Nunca, Isadora. — Eu a encarei, como se a visse pela primeira vez na vida. — Eu vou tirá-la daqui, ok?

Mariana esperou para que eu a acompanhasse, dando-me tempo de pensar. Através dela, eu avistei dois seguranças parados em frente ao elevador que a deixaram sair, mas que agiram como se fossem me impedir.

— Saíam da frente dela — Mariana disse ao perceber, puxando-me pelo braço.

— Nós não temos permissão, o Sr. Rezende acabou de ligar, ele quer que ela permaneça no prédio.

Por quê? Para acabar de vez comigo? Para olhar na minha cara e mentir? Dizer que me amava enquanto me escondia o filho que teria?

A filha, Isadora! Eles terão uma menina.

— Eu só vou avisar uma vez: saíam da frente dela! — Os dois devem ter ficado assustados com a maneira como Mariana falou, porque saíram. — Avisem ao chefe de vocês, seja ele o Marcos ou o Ricardo, que pela nossa segurança

vocês acharam melhor não nos seguir.

— Nós não podemos fazer isso.

— Ah, vocês podem. A menos que queiram ser demitidos pela minha irmã. Se temem o Marcos, é porque não tiveram que lidar com ela ainda.

Eles me encararam, e eu me perguntei se conseguiria pôr medo em alguém no estado em que encontrava. Ainda assim, eles nos deixaram seguir adiante. E durante todo o percurso para fora da cidade, nenhuma Mercedes ou SUV preta nos seguiu. Eram só eu e Mariana indo, logo percebi, para o curral que ela chamava de casa.



— Pare o carro, por favor — pedi, na metade do caminho. — Só pare esse maldito carro. — Mariana jogou o Audi vermelho para o acostamento, fazendo parte da poeira da estrada subir. Retirei o cinto depressa e saí do carro sem me importar com o que a estrada de terra faria com meus sapatos ou a saia de linho que vestia. Eu só precisava de ar.

Preocupada, Mariana também deixou o carro e me fitou de soslaio, dessa vez, sem se aproximar. Anos mantendo-a distante não permitiriam que a nossa relação se tornasse agradável de uma hora para outra.

— Por que nunca me disseram nada a respeito dos seus ataques de pânico? — perguntou, sem entender. — Foi por isso que Marcos a fez ficar, não foi?

Assenti.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Desde que você voltou. — Eu a encarei, observando se Mariana iria hesitar ou reagir. — Tudo só desmoronou depois que você decidiu ir contra a ordem de Marcos e retornar ao Brasil.

— Você teria feito diferente? — ela quis saber. — Se ele a mandasse para fora contra a sua vontade, se te afastasse de tudo que você amava, tudo o que conhecia, você teria ficado lá, Isadora? Eu passei os quatro primeiros anos da minha filha vivendo um inferno porque morria de medo que vocês descobrissem a respeito dela. Morria de medo do que poderiam fazer com a Sofia.

— Mas você não pensou nela quando voltou.

— Não, eu não pensei — admitiu. Decidindo ser honesta.

— Você realmente ama o seu marido? — Eu sempre quis saber isso. Sempre.

— Amo. Ele é a minha outra metade, a melhor metade. — Ficamos em silêncio, e eu acreditei nela. A maneira como falou, o brilho nos olhos. Pelo bem

daquele fazendeiro xucro, era bom saber que ela havia superado o Henrique e a obsessão que sentiu por todos aqueles anos.

Quando percebi que não surtaria, ou que o ataque não viria em sua pior forma, eu entrei no carro sem dar qualquer explicação e esperei que ela também o fizesse.

Mariana sentou-se do meu lado, ligou o motor enquanto eu olhava para fora da janela, percebendo estar rodeada por verde e montanhas de todos os lados. Achando difícil entender como ela pôde trocar a vida de luxo na qual cresceu por essa vida. Viver em um haras, procriar como se não houvesse fim. Mas então eu recordava o que estive prestes a enfrentar para ficar com Ricardo, e me dei conta de que esse era o sacrifício dela.

“Você não faz ideia dos sacrifícios que tive que fazer na minha vida, de tudo o que abri mão.”

“Amar não é fácil.”

“É uma das coisas mais difíceis que tenho feito em minha vida.”

— Quando para de doer? — perguntei, machucada e ela compreendeu a que eu me referia.

— Não para — lamentou. — Não até que tudo esteja bem.



O carro de Mariana estacionou, dessa vez, em frente ao casarão do haras. Ela foi a primeira a sair e chegar aos quatro degraus que ficavam em frente à varanda que contornava a casa, dando-me novamente o meu próprio tempo. A alcancei quando parou, e os meus passos oscilaram ao ver Sofia correr em sua direção.

— Ela não está no colégio? — perguntei a Mariana, que negou.

— Sofia não acordou se sentindo bem essa manhã.

— Mamãe! Você voltou para cuidar de mim? — perguntou eufórica, jogando-se no colo da mãe.

— O que combinamos antes de eu sair, Sofia? A senhorita deveria estar deitada e descansando — Mariana contestou, e quando Sofia estava prestes a lhe responder, ela olhou para trás e me viu.

— Você trouxe a minha titia para me visitar?

Mariana negou, e explicou à filha que eu também não estava me sentindo bem hoje e que por isso precisava ficar quietinha, fazendo com que um sorriso assustador se formasse em seu rosto.

— Ela pode ficar quietinha comigo, não pode? — *Perfeito!*

Ao chegarmos na sala, Fátima, a funcionária que trabalhava para ela e o marido, apareceu trazendo o Enzo em seu colo, que, meu Senhor, parecia maior a cada vez que eu o via. Diferente da irmã mais velha, ele olhou para a mãe e de tão sonolento voltou a deitar a cabeça no ombro da empregada e dormir.

— Você não precisa se preocupar com nenhum dos dois. Enzo passa a maior parte do dia dormindo, e nós temos uma babá que vem no período da tarde para cuidar dele e de Sofia. Se quiser, você pode ficar no quarto de hóspedes, ou na sala de TV, que é enorme e arejada. Respirar um pouco de ar fresco, talvez, te faça bem.

Não acho que ar fresco solucionaria os meus problemas.

Quando saiu rumo à Montenegro, eu praticamente me arrastei até a sala de TV que sugerira. Saí do alto de meus saltos e procurei por uma posição confortável no sofá imenso, cobrindo-me com uma das mantas encontradas ali perto e fixando os olhos no verde que eu podia ver através das janelas largas. Perguntando-me repetidas vezes porque, de todos os lugares, eu aceitei me esconder justamente na casa de Mariana.

Não demorou até que Sofia entrasse na sala, trazendo com ela um cobertor rosa e vários DVDs em sua mão, perguntando de forma tímida se podia se deitar comigo. Quando concordei, ela colocou um dos DVDs no aparelho e, com a mãozinha pequena, mexeu no controle até que a imagem da tal princesa congelante surgisse na tela. E como se soubesse da minha propensa dor de cabeça, ela abaixou o volume e se deitou do meu lado. Os olhos verdes fixos no desenho, cujas falas ela pareceu saber de cor, pois as repetia para si mesma enquanto a animação passava.

— Essa é você, e ela sou eu. — Apontou para a Elsa e para a Anna, e após algum tempo deu um pulo do sofá emocionada. — E essa é a minha parte favorita. — Sofia arregalou os olhos ao ver a rainha Elsa cantar a música no gelo, como se fosse a primeira vez. — Rainhas e princesas não choram, titia. Quando elas estão tristes, elas cantam.

Certo, e ela era uma pequena espertinha, pensei comigo mesma.

— Minha mamãe diz que quando o nosso coração dói, a gente tem que ficar quietinha até passar, mas quando eu canto, passa mais rápido. É só cantar muito, muito alto, sabe?

— Por que o seu coração dói? — peguei-me perguntando.

— Porque meus peixinhos iam para o céu — sussurrou. — Mas agora eles não vão mais. Meu papai *cabói* não deixa. E agora é o seu coração que tá dodói, não é? — perguntou, honestamente preocupada.

— Sim, é o meu coração, Sofia.

— Eu vou cantar para você. Assim nós duas saramos mais rápido.

E Sofia cantou... pela próxima meia hora. Até depois que a cena passou, e a rainha Elsa foi salva, a música continuou em sua cabeça. Quando me dei conta, ela havia adormecido com uma mecha de meu cabelo presa em sua mãozinha.

Os créditos passando pela tela da TV, agora escura, fizeram com que eu tivesse condições de pensar no que havia acontecido horas atrás. Ricardo, sua esposa... Ele teria uma filha com outra mulher. Um bebê que não sairia de mim, e que não seria nosso.

A percepção disso deixou-me arrasada. Porque, de repente, eu desejei estar no lugar de Clarissa. Ter tudo o que ela tinha.

Mariana

— Como Isadora está? — Rachel perguntou, assim que me viu entrar na sala de Marcos. Foi ela quem me avisara sobre a visita de Clarissa enquanto pedia para que eu fosse verificar seu marido e Isadora, pois ela não conseguiria dar um passo que fosse sem vomitar pelo chão de tão nervosa que estava. Algo que vinha sendo recorrente, não o estar nervosa, mas os enjoos.

— Eu a deixei com Sofia, e ela não protestou. — Isso era resposta suficiente. Se Isadora não se importou de passar a tarde na companhia de uma criança que a idolatrava e não parava de falar na sua presença, é porque ela não estava bem a ponto de se recusar.

De Rachel, eu olhei para o estado explosivo em que Marcos se encontrava. Ele estava...

— Ricardo te bateu? — Rachel sacudiu a cabeça, como se não fosse para eu tocar no assunto, mas já era tarde demais.

— O filho da puta ficou louco quando Isadora saiu dessa sala, quis ir atrás dela.

— Ele pediu que os seguranças não a deixassem sair — falei.

— E quando ela saiu, Marcos e eles discutiram... e isso aí aconteceu.

— Ele ficou pior. — Marcos grunhiu, mas Rachel sussurrou *mentira* atrás dele. — Foi bom que você a tenha levado para o haras, ele não a procurará por lá, já bastam os problemas que aquela mulher causou nesse prédio hoje.

— Eu já cuidei de tudo, Marcos. — Rachel o tranquilizou. — Todos nesse andar foram avisados de que se algo escutado sair daqui haverá demissão por justa causa. Claro que isso não irá acontecer, mas eles pareceram bem assustados na hora. Por sorte, o seu assistente me garantiu que a maioria dos funcionários

que viram aquela mulher aqui não fazem ideia de quem ela é ou o que pretendia. O tumulto ficou por conta da curiosidade mesmo.

Tomara que fosse apenas isso mesmo, porque se essa notícia caísse nos jornais... seria o fim de Isadora. E a julgar pela expressão cobrindo o rosto de Marcos e Rachel, acho que essa também era a preocupação deles.

— Nós não podemos deixar que isso saia daqui de dentro — falei.

— Isadora não suportaria — Rachel completou. — Mas se por acaso sair...

— Nós iremos ignorar — Marcos a cortou. — Eu me recuso a ter de dar qualquer explicação a respeito desse assunto. — Ele se levantou e, se eu bem o conhecia, meu irmão estaria agora mesmo se culpando por ter impedido que Isadora retornasse para a Espanha, como ela tantas vezes pediu.

Antes que o espertinho viesse com alguma solução drástica, como a de um novo exílio dentro de nossa família, eu interferi.

— Você sabe que não pode se livrar dela, certo? Não como fez comigo no passado. Não é assim que as coisas funcionam — lembrei-o.

— O que você espera que eu faça então, Mariana? Cruze os braços e veja a carreira e a imagem de Isadora afundarem? É injusto, mas o mundo é cruel e os homens ainda mais. Infelizmente, nós ainda vivemos em uma sociedade machista e muitas vezes patriarcal, o que me leva à certeza de que tudo o que pensarão a respeito de Isadora, se a notícia se espalhar, é no fato de que ela se envolveu com um homem casado... e falarão sobre isso por um longo tempo.

Rachel e eu nos entreolhamos.

— Esse não é um bom momento para ser duro com sua irmã, Marcos — Rachel falou, calma. — A última coisa que Isadora precisa é se sentir indesejada ou como um peso em suas costas.

— Ela não é isso.

— Não é, mas se você agir da maneira como está agindo agora, é a impressão que dará a ela.

— Ele era o meu chefe de segurança, porra. Não entra na minha cabeça!

— Por que não? — perguntei. — Se ela o ama...

— Amor? — Meu irmão me encarou como se eu tivesse dito alguma besteira.

— O que eles tiveram não teve nada a ver com amor, Mariana. Não romantize essa história.

Marcos era mesmo um bode velho teimoso! Rachel tinha razão.



Quando voltei para casa naquela tarde, em um horário diferente do que o de costume, uma das primeiras coisas que notei foi que o casarão se encontrava, anormalmente, silencioso. Guilherme ainda estava na sede do haras, e como estávamos em época de leilões, duvidei de que ele fosse aparecer antes das 20h em casa.

Temendo o estranho silêncio, eu passei pela cozinha e notei que Fátima havia deixado o jantar preparado e voltado para a casa do Sr. Fonseca, como fazia sempre que terminava o trabalho. Carlos até tentou convencê-la a se aposentar, mas a mulher insistira em continuar a cuidar do casarão. Principalmente após a chegada de Enzo. Por falar no meu filho, o quarto dele foi a próxima parada que fiz. E como sempre, eu o encontrei dormindo tranquilamente no berço. Dei um beijo rápido em sua bochecha gorda e cumprimentei a babá, que estudava para as provas da universidade na poltrona ao seu lado.

Somente quando cheguei à sala de TV foi que compreendi a razão do silêncio dentro da casa. Sofia estava deitada ao lado de Isadora, as duas dividindo o mesmo cobertor enquanto aqueles bonecos amarelos que Soff tanto gostava explodiam algo na televisão.

— Esse é o terceiro filme que eu mais gosto, titia — eu a escutei falar baixinho.

Na verdade, Sofia tinha um cronograma, que começava com Frozen, passava pela Dory e terminava nesse último. Sempre na mesma ordem. O que me levava a crer que as duas estavam no terceiro e último filme do dia.

— O Gru era malvado, mas ficou bonzinho, sabe? Hoje ele é feliz e tem três filhinhas... — Revirei os olhos, com pena de Isadora, e me aproximei. Permitindo que Sofia me visse.

— Eu tô melhor, mamãe. Até cuidei da minha titia. — Isadora olhou na minha direção, e em seguida se voltou para a TV. Seu rosto estava inchado e vermelho, e eu tentei não pensar no quanto ela deve ter chorado para chegar a esse ponto.

Satisfazendo a vontade de Sofia, eu me ajeitei no sofá enquanto me concentrava no desenho. Percebendo que não havia nada a ser feito no momento que não curtir a fossa com uma irmã que me odiava e uma filha que me forçava a ver *Minions* a cada duas semanas.

Isadora

MOVI-ME INQUIETA SOBRE a cama, sem encontrar uma posição em que pudesse dormir. E para cada lado que virava, o colchão parecia mole demais, ou duro de menos. Irritada, eu me levantei, sentando-me sobre os lençóis amarrotados que pareciam grudar em minha pele mesmo com a brisa gelada que entrava através da sacada. As cortinas, assim como as portas, foram afastadas, permitindo-me olhar para o céu cheio de estrelas.

Não que eu desse a mínima para o fato de o céu estar ou não bonito.

Abraçando minhas pernas, eu apoiei o queixo em meus joelhos e continuei a olhar lá para fora, até que a tela do meu celular acendeu e o nome de Ricardo apareceu novamente. Foram três ligações suas não atendidas desde que deixei a Montenegro essa tarde. Três chamadas e uma única mensagem:

Apenas escute o que eu tenho a dizer, Isadora. Por favor.

Indecisa, eu levei os dedos até a tela do aparelho tentada a apertar o botão vermelho, mas fazendo justamente o contrário.

Escutei a voz de Ricardo, e suas palavras não fizeram qualquer sentido. Entrando por um ouvido e saindo por outro. O som rouco, desesperado, fez-me sentir ainda mais raiva. Não dele, mas de mim.

— Por que não me contou? — O cortei, porque isso era tudo o que eu desejava saber. Como aconteceu, por que aconteceu, nada disso não importava mais.

Um silêncio desconfortável surgiu no outro lado da linha.

— *Você teria ficado? Seja honesta comigo, Isadora, se eu tivesse dito que Clarissa estava grávida, nós teríamos ficado juntos?*

— Você agiu como um covarde — sussurrei, exausta.

— *E você acha que eu não sei?* — ele grunhiu, nervoso. — *Acha que não*

tentei contar pelo menos uma dezena de vezes, porra? Mas então eu pensava nas consequências, no que aconteceria com nós dois...

— Não teria *um nós*, Ricardo. E eu não estaria agora mesmo sentindo como se não tivesse chão sob os meus pés! Sua esposa ameaçou contar tudo à imprensa, chamou-me de vadia mimada na frente do meu irmão, se isso não fosse o bastante ela... disse que o que tivemos não significou nada! — falei com a voz embargada, sem fôlego. — Você não tinha esse direito, Ricardo. Entrar na minha vida como entrou, fazer com que eu te quisesse, apenas para dizer *não* no final.

— *Eu não estava preparado para passar por aquela merda de novo, Isadora. Deixar você partir, vê-la se afastar e sair da minha vida. Eu já a perdi uma vez...*

— E não está perdendo agora? — rebati, praticamente gritando. — O que mudou? Que diferença fez manter isso para você quando o resultado foi o mesmo? Eu saindo da sua vida e você ficando com ela.

Ricardo esbravejou no outro lado da linha. Eu nunca o tinha visto assim.

— *Nós precisamos nos ver. Eu preciso explicar olhando na sua cara... preciso... porra, eu preciso só olhar para você. É isso. Eu quero olhar para você e...*

— Não há mais nada a ser explicado — falei com a voz forçadamente controlada. — Não entre nós dois. E se algum dia chegou mesmo a se importar comigo, você irá me prometer algo.

Ele soltou uma baforada, que foi escutada através do telefone.

— *O que você quiser.*

— Nunca mais diga a uma mulher que a ama se você tem ciência de que não pode ficar com ela. O que fez comigo... não foi justo.



Levei a xícara de chá quente à boca e beberiquei um pouco só do líquido fumegante. Minhas duas mãos seguiam ao redor da xícara que uma das empregadas trouxera minutos atrás, desde então eu não saí do meu lugar. As pernas estavam sobre a poltrona na sacada do quarto, enquanto a chuva caía lá fora. Torrencialmente.

Eu não tinha conseguido ir para a Montenegro essa manhã, simplesmente não consegui sair da cama, vestir-me ou me maquiar. Tudo pareceu exigir demasiado esforço. Então eu fiquei, e aqui estava. Presa nesta casa, e pela primeira vez, sem ideia do que fazer ou que plano seguir.

Porque nada do que imaginei que poderia ter acontecido, se igualava a

verdade de fato.

E a verdade, era que eu estava vivendo um pesadelo.

Cansada de tanto pensar, eu me enrolei no robe de seda comprido e fui até um dos salões do andar inferior utilizados para promover festas e jantares. Havia dois deles, mas apenas um a permanecer vazio. Passei pelos corredores, descalça, e sorrateiramente escancarei as portas duplas e altas. Os lustres pendentes do teto eram enormes, as paredes forradas por um papel de parede vinho e as cortinas compridas. Havia quadros de nossa família espalhados pelas paredes, mas não foi neles que foquei e sim no piano antigo centralizado no salão, e que há muito tempo pertencera a Lorena.

Deslizei os dedos pelo instrumento, pensando em todas as vezes em que fui obrigada a me sentar em frente a ele. Aulas chatas e intermináveis que nunca fizeram nada por mim. Mas mamãe as adorava e agora, quando tudo desabava ao meu redor, eu só podia pensar em colocar isso para fora de alguma forma. E se não seria gritando, ou cantando, como Sofia aconselhara, seria tocando.

Deus, eu não fazia isso a o quê? Quatro, cinco anos?

Sentei-me na banquetta, levantei a tampa e dedilhei sobre o teclado. O som da sonata "Moonlight", de Beethoven, preenchendo o salão de modo deprimente. Depois de tantos anos sem tocar, eu devo ter errado uma ou outra nota, mas apenas um bom ouvido perceberia.

Uma lufada de ar me atingiu pelas costas e o som dos sapatos italianos inconfundíveis sobressaiu-se ao dedilhar de meus dedos.

— Faz anos que não a ouço tocar. — Escutei a voz de meu irmão.

— Meu repertório não é diversificado, e a maioria das músicas que conheço são trágicas.

— Lorena adorava. — Ele se sentou do meu lado na banquetta.

— Sim, ela gostava. — Mas eu lembro que ninguém ficava perto quando ela tocava. Porque isso era algo que mamãe fazia em seus piores dias. — Você nos pouparia tempo se fosse direto ao ponto, não estou exatamente disposta a falar sobre nossa mãe.

— E sobre a mulher que estive na Montenegro ontem, você está disposta?

— Não — falei, apenas. Tocando com mais força as teclas, usando um único dedo e deixando que a canção soasse lenta.

— Talvez esse seja o momento de você se afastar, Isadora. E se focar apenas...

— Não ouse. — Eu o encarei, impassível. — O meu trabalho e aquela empresa, são tudo o que me restou. Não me tire isso também... eu não suportaria.

Marcos enxergou o meu desespero.

— Você já imaginou o escândalo que será se essa notícia chegar aos jornais?

Sacudi a cabeça, afastando o meu olhar do pequeno hematoma em seu queixo,

que decidi ignorar. Eu sabia como ele fora parar ali, mas não sabia o que pensar a respeito.

— Você pensou em escândalo quando se casou com a Rachel? Você pensou pelo menos uma vez em mim quando deu as costas à opinião da sociedade e decidiu trazê-la para a nossa casa e brincar de casinha?

— São situações diferentes, Isadora.

— Diferente como?

— Eu amo a Rachel.

— E quem garante que eu não amo o Ricardo? — perguntei baixo.

— Você não pode estar falando sério.

Virei o rosto, desistindo da ideia de tocar, suprimindo o choro com tanta força que meus olhos e coração doeram.

— Não importa mais, porque acabou. — Levantei-me, sendo segurada pelo braço.

— Não parece agora, Isadora, mas tudo o que está acontecendo é o melhor. Você e o Sr. Rezende jamais dariam certo. Não é apenas o mundo de vocês que é diferente, irmã, mas a vida que levam. Ele será pai, e isso muda um homem de tantas formas. A prioridade dele será essa criança e a esposa.

— Eu já entendi, Marcos. Me solte. — Não queria escutá-lo lembrando-me do que já imaginava. Como se eu já não tivesse passado a noite inteira pensando sobre o assunto.

Torturando-me sozinha.

— Você pode não compreender agora. Mas o fará no futuro.

Marcos beijou minha testa e se afastou.

Marcos

O estrondo da tampa do piano batendo contra as teclas foi o que me fez parar e virar na direção em que tinha deixado Isadora. Ela permaneceu sentada, e com o olhar vazio percorrendo as paredes do salão de festas. Fazendo-me recordar todas as vezes em que vi minha mãe dessa mesma forma. Não vou negar, vê-la passar por isso sem poder ajudá-la não era fácil. Mas Isadora, nos últimos tempos, parecia fechada para tudo e qualquer sugestão que eu lhe desse. Como se de alguma forma me culpasse.

Escutei o seu soluçar de onde eu estava, e assim que a ideia de ir até ela passou pela minha cabeça, eu a afastei. *Sua irmã precisa passar por isso no tempo dela. Não a pressione.* Eu sabia que Rachel estava certa, que o melhor

seria não pressionar Isadora, mas porra se eu não me preocupava com ela. Não era segredo para ninguém que eu vinha agindo feito um carrasco no que se referia a minha irmã, mas eu fazia isso porque dei-me conta, tarde demais, de que de todas as mulheres que me rodeavam, a mais frágil era ela.

Rachel era doce, em tudo, mas me tinha completamente em sua mão. Mariana era explosiva, não guardava nada para si mesma. Se estava com raiva, gritava e esperneava até ser ouvida. Isadora, não. Isa guardava tudo para si, cada dor, cada emoção. E isso pesava sobre as suas costas. A consumia viva. Eu percebia agora.

— Eu vou manter o meu olho sobre ela, Sr. Montenegro. Não se preocupe — Vera disse ao meu lado, provavelmente depois de ser atraída pelo som trágico que escapou do piano.

— Rachel está com o dia cheio de reuniões, e eu não sei como chegar até ela, Vera. Parece que sempre que tento, Isadora vem com sete pedras na mão.

Admito que mudei muito por conta de Rachel, mas me preocupar era algo que sempre faria por essa família. A perda prematura dos meus pais ensinou-me a ser assim.

— Tem sido demais para a pobrezinha. Todas as mudanças que ocorreram nessa casa e na vida de vocês.

— Isadora não é boa em lidar com situações que estão além do seu controle.

— Ou com um coração partido — Vera comentou baixo, surpreendendo-me.

Ricardo

O som dos socos que eu despejava no saco de pancada era alto, e a cada movimento o suor escorria pelo meu corpo. Não sei a quem eu tentava punir, se à porcaria do saco, que parecia não ser suficiente para extravasar a tensão que eu sentia, ou se a mim mesmo. Nem a música ecoando estridente através do alto-falante da sala de treinamento conseguiu aplacar a dor que eu carregava comigo. Uma dor que pareceu rasgar-me por dentro ao escutá-la no telefone.

“Nunca mais diga a uma mulher que a ama se você tem ciência de que não pode ficar com ela. O que fez comigo... não foi justo.”

Soquei com mais força, segurando o saco quando ele voltou, com a respiração pesada e os músculos tensos. Exaurido, eu o empurrei uma última vez e decidi que ainda não era o bastante. Eu queria o esgotamento completo. E foi o que aconteceu conforme aumentei a intensidade dos chutes.

Não há mais nada a ser explicado.

Porra, havia sim!

Afastei-me do tatame e apoiei as mãos em uma das paredes, nervoso para caralho. E mesmo com a cabeça baixa enquanto obrigava-me a manter a calma, eu vi quando a porta *vai e vem* abriu e uma das razões de Isadora ser como era entrou. O semblante de Marcos estava rígido, e o queixo marcado do soco que o fez me soltar no dia anterior. Eu não estava melhor, Marcos jamais seria atacado sem revidar, e se não fosse por sua esposa ter se colocado entre nós dois enquanto Clarissa assistia a tudo calada, eu não sei se teria parado de bater no filho da puta arrogante.

Aproximando-me dele, eu peguei o controle e desliguei o som. Retirando em seguida as bandagens que cobriam meus punhos, sem nunca afastar os olhos dos dele.

— Veio terminar o que começamos ontem? — inquiri, sério.

— Eu confiei em você — ele falou. — Mas um homem em minha posição não pode se dar a esse luxo, certo? Eu entreguei em suas mãos um dos bens mais preciosos que eu tenho, Ricardo, e o que você faz? A quebra inteira, porra! A mulher que eu vi antes de sair de casa essa manhã em nada se parece com a minha irmã.

— Você realmente prefere a Isadora apática? A que não sente um pinga de emoção? É o que está me dizendo?

— O que eu prefiro já não importa, e sim o que faremos daqui para frente.

— Eu estou fora.

— Eu não esperaria menos de você. Não o quero perto de Isadora, nem você e nem a mulher que chama de esposa, porque o que Clarissa fez ontem... Se fosse um homem no lugar dela, Ricardo, eu mesmo o teria arrastado daquele prédio.

Cerrei os dentes.

— Deixe que de Clarissa cuido eu. — Marcos assentiu.

— O que aconteceu entre você e Isadora acabou, fui claro? Eu não vou admitir...

— Você não irá admitir? Com quem pensa que está falando, Sr. Montenegro? Um moleque? — Ele enrijeceu. — Só há uma razão pela qual eu não estou agora mesmo batendo na porta da sua casa e implorando o perdão de sua irmã, e esse motivo é a minha filha. Eu já tomei muitas decisões erradas nessa vida, mas não pretendo falhar com ela. Isso não significa que eu não ame Isadora, Marcos... porque eu amo.

— Se amasse não a teria enganado.

— Você vai mesmo vir com esse discurso para cima de mim? Você, Marcos? O homem que fez com que eu rodasse esse estado inteiro à procura da esposa que o deixou? — O soco que me deu foi inesperado, mas não injustificável. E mesmo imaginando a dor que eu sentiria quando o sangue esfriasse e a

adrenalina deixasse o meu corpo, eu não fiz qualquer esforço para revidar ou me mover. — Se omiti a verdade da Isadora, foi pela mesma razão de você ter feito algo parecido com sua esposa. Porque a ideia de ficar sem ela não era aceitável, era? Por que comigo seria diferente?

— Fique longe de Isadora, Ricardo... — avisou.

— Deixe-me adivinhar, isso é uma ordem? — Ele cerrou o maxilar. — Você parece ter se esquecido, Marcos, que eu não sou um dos seus funcionários. Você é quem é o meu cliente, e se sua família permanece segura é graças à empresa que eu e meus sócios dirigimos. Então não venha você e essa sua arrogância, achando que pode fazer comigo o mesmo que fez com Henrique, porque não pode.

Passei por ele, meu ombro batendo contra o seu de forma brusca. Eu não iria revidar a porra do soco que Marcos deu. Primeiro, porque acho que mereci; e segundo, porque com a raiva que sentia no momento eu não conseguiria parar até que o estrago fosse grande.

Isadora

— VOCÊ TEM ESTADO dispersa em nossas consultas. — Desviei o olhar do quadro acima da cabeça do Dr. Carvalho e o encarei. — Três consultas, e em todas elas você não disse praticamente nada. Estou começando a achar que voltamos à estaca zero e nós estamos apenas perdendo tempo, Srta. Montenegro.

Franzi o cenho para o homem, pensando na tortura que foram essas últimas três semanas. Sentar na sua frente e falar sobre a minha vida parecia banal demais perto de tudo o que passei.

— Você emagreceu. — Ele não era a primeira pessoa a me lembrar do fato de que eu não vinha me alimentando bem. — Não que eu ache que você possa se dar a esse luxo, porque magra você sempre foi. Então, ou está fazendo alguma dieta radical motivada por algum distúrbio alimentar, que esquecemos de tratar, ou algo mais aconteceu.

— Como acha que a cortês se sentiu ao ser deixada? — perguntei, por fim.

Vera, meu irmão, Rachel... eu tinha pessoas demais preocupadas com o meu peso para também ter que escutar o Dr. Carvalho inquirindo sobre a minha alimentação.

— Como *you* acha que ela se sentiu? — ele rebateu a pergunta, e eu voltei a analisar o maldito quadro.

— Sem chão — respondi, indiferente. — Em um minuto, você está nos braços de alguém que ama e depois é afastada. E tudo desaba. O chão desmorona, as paredes se partem. Ela deve ter ficado sozinha, porque nada supriu a falta que ele deve ter feito em sua vida. Então ela pode ter chorado sozinha todas as noites desde que foi deixada. E se sente terrível por chorar, porque isso a torna fraca, mas ela não pode impedir de se sentir da maneira que faz porque ela sente falta dele. Ele era a parte mais real do mundo dela, eu acho. A mais verdadeira.

— Há quanto tempo isso aconteceu? — ele perguntou, compreendendo tudo.

— Eu tento não pensar. — Mas não conseguia, porque sabia exatamente

quantos dias fazia, quantas horas.

— Por que você acha que isso aconteceu? — a pergunta foi reformulada. Era sempre assim com o Dr. Carvalho. Quando eu me recusava a responder, ele contornava e aparecia com a mesma pergunta. Só que de outro modo.

— Por favor, eu não quero ser analisada hoje. Não sobre Ricardo. Eu sei porque ele me deixou, sei que jamais serei prioridade na vida dele, mas não estou pronta para dissecar cada minuto do que vivi com aquele homem ainda. Eu só quero esquecer, ok? Só *preciso*... esquecer. Você pode me ajudar com isso?

— Não, Isadora, eu não posso. Sinto muito.

— Isso foi exatamente o que ele disse. — Eu ri, amarga. — Que sentia muito.



Voltei à Montenegro após o término da consulta, passando por todos aqueles corredores sem me dirigir a ninguém. O burburinho criado pelos setores nas últimas semanas reduzira, mas não acabara por completo. Os olhares também não. Mas isso era tudo o que eles tinham, porque apesar das suspeitas a respeito do meu envolvimento com a mulher barraqueira que pisara na Montenegro, ninguém sabia ao certo o que havia acontecido. E os que escutaram as palavras dela com clareza, bem, eles foram chamados um a um na sala de Marcos, e claro, previamente alertados.

Quanto à minha família, eu não sei ao certo como eles vinham lidando com toda essa história. Rachel convencera Marcos a me dar espaço, mas só a presença dele na Terra já era algo a ser sentida. Porque se o homem evitava me pressionar de maneira óbvia e direta, ele não conseguia o mesmo ao tentar esconder sua insatisfação e preocupação. Então havia Mariana, e o fato de que nós não tínhamos voltado a nos falar, não tão abertamente, pelo menos. Qualquer comunicação feita entre nós ocorria com o olhar. E eu percebi que podia decifrar praticamente tudo ao simplesmente olhar para ela.

Não, eu não acho que conseguiria esquecer o passado. Havia muita coisa a ser perdoada entre nós duas. Muita coisa não dita. Muita acusação feita. Mas minha relação com Mariana, ou a falta dela, era uma das últimas coisas a se passarem pela minha cabeça.

Com a reunião entre Marcos e Oliver tendo sido iniciada, eu entrei na sala sem pedir licença e me sentei ao lado dos dois homens que repassavam os últimos números dos investimentos externos da Montenegro. A margem de lucro permanecera estável no último trimestre, não foi reduzida, porém não sofreu

aumento. O que em minha opinião era preocupante. Nossa marca era nova lá fora, mas a campanha de marketing implementada fora agressiva, e até então eficiente.

— Nós temos que mudar a abordagem — falei, interrompendo-os. — O público que nos interessa já conhece nossos produtos. O que eles precisam é consumir. Tornar um hábito.

— E como faremos? — Oliver quis saber. — Há marcas bem mais acessíveis no mercado europeu e com qualidade excelente. A França e a Espanha estão entre os maiores produtores de vinho, Isadora, para eles é mais lucrativo importar o produto do vizinho ao lado do que vir até nós.

Movi-me desconfortável, porém com a mente bastante clara.

— Se o que essa parcela do mercado quer é preço, então eles não são o nosso público, Oliver — fui direta. — Não há maneira de abaixarmos o valor de nossos produtos, assim como não há de nossos distribuidores abaixarem o lucro deles. Então, talvez esteja na hora de focarmos em quem não se importa de pagar mais de 20 euros por uma garrafa de vinho.

Oliver retraiu-se discretamente, mas Marcos continuou a me observar.

— Nós vivemos em um país tropical, conhecido, principalmente, pela fama de sermos um povo festivo, termos mulheres bonitas e o clima agradável. O que temos de mais forte na visão dos espanhóis com quem estive e entrevistei é a nossa cultura. Então, chegou a hora de mostrar para eles que nós não estamos querendo apenas que eles bebam o nosso vinho, mas que tenham toda essa experiência ao consumir um produto brasileiro.

— O que você está pensando em fazer sairia caro. — Oliver me alertou, ele não seria o diretor financeiro dessa empresa se não fosse um homem controlado. Que via sempre os dois lados da moeda.

Mas mudar nossa abordagem, fazer outra campanha de marketing, e talvez, lançar uma linha de vinhos com a cara do Brasil, só que vendida lá fora, tinha tudo para dar certo.

— Talvez — disse, já pensando nas mudanças que poderíamos implementar. — Mas tenho certeza de que Marcos concorda comigo. — Olhei para o meu irmão. — É melhor investir um pouco mais agora, e no próximo semestre duplicar nossos ganhos do que permanecer com a mesma estratégia.

Esperei que Marcos mostrasse a sua posição, o que só não fez, porque fomos interrompidos pela entrada abrupta de Rachel e Mariana.

Juro, eu não sei quando minha família e essa empresa deixaram de ser o que eram para se tornarem esse circo.

— Desculpe-me por interromper a reunião, Marcos — minha cunhada falou. — Mas é um assunto sério, e de família. — Ela olhou sem graça para o Oliver,

que entendeu a justificativa e pediu licença, deixando-nos a sós, não sem antes pedir para que eu me encontrasse com ele assim que estivesse livre.

Assenti, pouco atenta, e procurei não ficar nervosa. Ciente de que a possibilidade mais provável aqui era a de um novo escândalo. Um envolvendo o meu nome.

Absolutamente perfeito.

Marcos pegou o *iPad* que lhe foi entregue pela esposa, e pareceu congelar já na primeira linha, deixando-me doente de tão apreensiva.

— O que foi agora? É sobre o Ricardo?

— Não. — *Não?*

O que poderia ser pior do que isso? Porque pela expressão dos três havia algo pior, ou igualmente ruim. Mas a única coisa que eu mantinha, além do meu caso com Ricardo, e que me mataria se alguém viesse a descobrir, seriam as minhas crises de ataque de pânico.

— Deixe-me ver, Marcos — pedi, mas ele se negou.

— Não é uma boa ideia.

— Pare de me dizer o que fazer, pelo amor de Deus, e me passe essa porcaria de *iPad*!

"Síndrome que atinge Isadora Montenegro afeta hoje cerca de 10% da população", diz o especialista Rogério Barbosa, formado em psicologia e coordenador da universidade particular de Florianópolis. O segredo mantido a sete chaves pela família de uma das mais respeitadas socialites de Santa Catarina foi revelado por uma fonte que não quis se identificar, mas que se disse próxima à família. De acordo com ela, Isadora mostra todos os sinais, como desorientação momentânea e ansiedade, colocando-se em risco, e a todos que convivem com ela."

Isso não deveria ser matéria. Não deveria ser sequer interessante. Era da minha vida que esses carniceiros estavam falando, da minha vida!

— Como eles podem ter descoberto? — Mariana perguntou, enquanto eu deslizava pela poltrona, atordoada. — Isadora sempre tomou cuidado, não há como...

Não tinha como descobrirem, e isso não fazia sentido.

Ricardo, Mariana, Rachel, Marcos, Carmen, Vera e o meu médico, eles eram os únicos a saber. E não conseguia mesmo imaginar que qualquer um deles me traísse dessa maneira.

Continuei a ler a postagem feita por aquela pseudojornalista em uma rede social, que a essa altura já deveria ter dezenas de compartilhamentos. Abutres, era o que esses idiotas eram. O pior? Era que eles se achavam no direito de noticiar a merda que fosse apenas para colecionarem curtidas e comentários.

Arrastei a imagem. Mais de quinze mil curtidas e quatro mil comentários.

Afastei o *iPad*, sentindo-me desligar, com meu cérebro entrando em parafuso.

Como eles descobriram? Quem foi a tal fonte que contou a eles? Eu vivia protegida em meu próprio mundo, Ricardo sempre tomou cuidado.

Ricardo. E se tivesse vindo dele, mas não diretamente dele?

— Foi ela — falei, sem fazer sentido. — Foi a esposa do Ricardo quem fez isso.

Os três me olharam, preocupados.

— Talvez não tenha sido.

— Não há talvez nisso, foi ela! — falei, nervosa. — Você não viu o tapa que eu dei naquela mulher, Rachel. Não viu a maneira como ela me olhou. Ela poderia ter levado o meu caso com o Ricardo aos jornais, mas sabia que seria um tiro no pé. Então...

— Eu vou matar aquele desgraçado.

— Você não vai matar ninguém, Marcos! Ficou doido? — Rachel falou, irritada.

Não consegui ouvir mais nada, porque tudo o que imaginei foi Ricardo dividindo o *meu* problema com a esposa. Compartilhando algo *meu* com ela, algo que ninguém deveria saber. Senti-me traída duas vezes.

— A equipe jurídica irá cuidar disso, em menos de 24 horas quem repassar essa informação...

— Você não irá fazer nada — falei, cansada. — Eu não quero rebater ou ter de me explicar. Só quero que isso seja esquecido.

— Isadora, nós precisamos soltar uma nota. O que foi dito ali...

Nós já tínhamos entrado com várias ações judiciais contra essa jornalista, mas nada parecia surtir efeito. Responder a cada ataque desesperado que ela fazia, seria como deixá-la saber que nos atingia.

— Eu não dou a mínima para o que foi dito ali. Se estou ou não desorientada, se sou ou não um risco. Eu não ligo! — Levantei-me, nervosa. — Na maior parte do tempo, eu já nem sei o que estou fazendo, passo o dia enfurnada em uma sala que me sufoca. Olhando para pessoas que não quero olhar. Sendo educada quando essa é a última coisa que desejo ser. O conselho, você e toda a imprensa... podem ir... para onde vocês quiserem. Desde que me deixem em paz!

Apesar da vista turva, eu cheguei a minha sala e me sentei no sofá de couro, fazendo o mínimo de movimentos possíveis. Encarei as paredes, sentindo-me exatamente como a nota liberada por aquele portal hediondo dissera: desorientada. Um risco para mim mesma.

Não olhei na direção da porta quando ela foi aberta. Apenas bufei, ao não ter minha privacidade respeitada. Era como se eu dissesse e não fosse escutada.

— Nós podemos entrar? — Rachel foi quem perguntou, mas eu não me virei para olhar a fim de verificar quem era o *nós*.

— Não — falei, querendo realmente ficar sozinha.

O que não aconteceu. Tudo o que sei é que quando dei por mim Rachel estava sentada de um lado e Mariana do outro. As duas caladas.

— Se você veio até aqui interceder pelo seu marido...

— Eu não vim — falou, rapidamente. — Eu sei quando Marcos está errado.

— Há algum momento em que ele não esteja? — perguntei seca, e ela riu.

Rachel conhecia meu irmão, suas falhas, seus defeitos. Nada aqui era novidade para ela.

— Tem certeza de que não quer que nenhuma nota saia? — Rachel perguntou.

— Nós poderíamos dizer que você já está bem...

— Mas eu não estou. — Eu a encarei. — Uma pessoa que tem pelo menos um ataque de pânico por dia, que acha que vai morrer sempre que acontece, que sente calafrio só de imaginar outro acontecendo, essa pessoa não está bem, Rachel.

— Mas...

— É da vida dela que estamos falando — Mariana interviu. — Nós não temos que explicar ou rebater tudo que é dito, isso não diz respeito a eles. Se ela está ou não bem. Não somos nós que estamos errados, são eles que continuam a nos tratar como se estivéssemos.

Olhei para Mariana. Ela, melhor do que ninguém entendia o que eu estava sentindo.

— Sem notas — foi tudo o que eu disse.

— Tudo bem — Rachel concordou, apoiando-se no sofá e pousando as mãos sobre a barriga, imperceptível. Mariana e eu olhamos para ela por um segundo e depois desviamos os olhos. Estava na cara que Rachel estava grávida.

— Quando irá dizer ao Marcos? — perguntei, e ela me deu um sorriso preocupado.

— Quando essa tempestade passar?

— A essa altura você deveria ter aprendido que as tempestades em nossa família não passam, Rachel. Elas amenizam, para em seguida virem ainda mais violentas.

— Você acha que pode piorar?

Nós três nos olhamos, mas foi Mariana e eu que assentimos.

Quando se tratava da nossa família, tudo sempre podia ficar pior.

Ricardo

— Tem ideia de quem possa ter feito isso? — Samuel perguntou de sua cadeira, enquanto eu lia a matéria que fora divulgada através de um maldito perfil de Instagram. O modo mais fácil de viralizar qualquer merda hoje em dia.

— Tenho um suspeito — disse entredentes.

— Leu o que disseram no final? — Assenti. — Tudo o que ela fizer será contestado, cada decisão que tomar... A credibilidade dentro da empresa.

— Isso não vai acontecer. — Marcos afundaria a porra da cidade antes de permitir que algo assim acontecesse. E eu, bem, eu enterraria vivo o infeliz que causou essa confusão.

— Ei, cara. Eu conheço esse olhar em seu rosto — Samuel falou, preocupado. — Não vá por esse caminho.

— O que descobriu sobre Henrique até agora? — perguntei, pela última vez. Semanas de investigação e nada. Nós só não tínhamos revirado a conta bancária e de e-mail dele de trás para frente, ainda, pois sabíamos que ao fazer estaríamos cruzando a linha tênue entre o que era sensato e o que não era.

Então nós continuávamos às cegas, sem nenhuma informação relevante a ser usada contra o desgraçado.

— A mulher que o acompanhou não nos levou a lugar nenhum? — Ele negou.

— Ela é só uma mulher rica querendo um consolo. — Entendi o que ele quis dizer.

— Eu vou dar um jeito nisso — falei. — Sabe onde Heitor está, por acaso? — perguntei antes de sair.

— Ele ligou avisando que chegaria em breve. E, Ricardo? — Samuel chamou ao me ver caminhar em direção à porta. — Não faça nenhuma besteira, cara.

No caminho até o endereço do apartamento em que Henrique se instalara após ser solto, eu telefonei para Clarissa a fim de saber como ela estava. Na maior parte do dia era dona Laura quem mantinha o olhar sobre ela, o que vinha fazendo com que minha esposa pirasse completamente. Sua mãe, que até tentou ficar por mais alguns dias, fora mandada embora assim que Clarissa teve alta. O que não me surpreendeu nem um pouco.

— Como ela está? — perguntei à dona Laura quando esta atendeu ao telefone da minha casa.

— Calada. Não disse muito hoje e não para de olhar para o telefone. Vocês brigaram?

— As mesmas discussões de sempre, mãe.

— Bom, eu acho que ela está realmente agitada e isso não é bom para o bebê.

Encerrei o telefonema pouco tempo depois, e procurei me concentrar no que tinha para fazer. Um problema de cada vez, esse era ao meu lema nos últimos tempos. Atrás de mim, um outro carro parou. Léo e o parceiro com quem vinha trabalhando para um de meus clientes, saíram de dentro e olharam ao redor, provavelmente se perguntando o que eu pretendia ao vir aqui.

Mesmo sem perguntas, os dois me seguiram. Subindo comigo assim que me identifiquei e tive o acesso liberado. O que imaginei que aconteceria, pois se tinha algo que Henrique não tinha nessa vida era senso de sobrevivência.

Para a minha surpresa, deparei-me com a porta do apartamento aberta e, ao passar por ela, eu o avistei servindo-se de uma dose generosa de uísque. Como se o mundo não estivesse desabando fora desse prédio.

— Eu não autorizei a entrada deles — Henrique apontou para os dois homens que entraram comigo.

— Revistem tudo — pedi, o ignorando enquanto dava uma olhada na maneira confortável, e cara, com que esse homem vinha vivendo. — Eu não pretendo sair daqui hoje enquanto não encontrar a prova que te liga à merda de matéria que saiu no jornal.

— Você acha mesmo que eu deixarei que revistem esse lugar sem um mandato?

— Ah, eu acho — falei, seguro. — Primeiro, porque você não é estúpido. Chamar a polícia seria o mesmo que permitir que eles encontrem as provas das quais eu vim atrás. E segundo, porque antes que você tenha a chance de avisar a eles ou a qualquer pessoa sobre essa visita, eu quebro os seus dedos. Cada um deles, Henrique. E farei devagar. — O desgraçado não respondeu. — Agora que estamos acertados, você e eu teremos uma conversa bem séria. Acho até que definitiva.

— Deixe-me adivinhar, você está puto com o que saiu na imprensa, não é? Eu sempre desconfiei de que aquela mulher tinha mesmo algum problema, só não imaginei que fosse tão grave. — Sem paciência, eu empurrei o meu braço contra o seu pescoço, colocando-o contra a parede.

Fazendo-o parar de falar.

— Até agora eu fui extremamente paciente, Henrique. — Apertei um pouco mais. — Eu te avisei para ficar longe dela e você não ficou. — Ele tentou me afastar, mas eu o imprensei contra a parede. — Eu te avisei para não mexer com essa família e você mexeu. — Ele grunhiu, como porcos faziam antes do abate. — Foram tantos avisos que te dei, e você ignorou cada um deles. Então, de repente, vai e comete o erro de entregar essa merda aos jornais.

— Eu não entreguei — falou com dificuldade.

— Não? Então me diga como tem pagado por todo esse luxo se os seus bens foram bloqueados? Não há maneira de conseguir arcar com isso aqui, pelo menos não de uma maneira honesta.

— Eu vou repetir, eu não entreguei nada.

— É assim que vamos jogar? — inquiri com raiva. — Porque é inútil, Henrique. Eu não acredito em nenhuma palavra que sai da sua boca. Fora que eu tenho uma forte suspeita de que você está aprontando algo. Eu sinto cheiro de merda sendo feita no ar.

— Você está tão preocupado em encontrar um culpado, em ser o salvador de Isadora, que não enxerga um palmo a sua frente. Não fui eu, Ricardo!

— Está me dizendo que se meus homens vasculharem o lugar eles não irão encontrar nada que o ligue aos Montenegro? — Ele não respondeu e eu o soltei, olhando ao redor, fazendo minha própria varredura.

Eu não era louco, merda, e tinha quase certeza de que isso era coisa de Henrique. Se não fosse ele, quem poderia ser? Quem ganharia com essa porcaria saindo nos jornais?

— No fundo, você sabe que não é bom o bastante para ela, não sabe? — provocou, com intenção de me distrair. — A verdade é que ninguém é, Ricardo. Isadora pode ter os probleminhas dela, mas está além do que homens como você e eu merecemos — disse, enchendo outro copo com a bebida sobre o aparador. — Por isso ela foi um desafio, um desafio bem gostoso, eu devo admitir.

Larguei os papéis que verificava em uma das gavetas da estante e o encarei, levantando-me devagar.

A ideia de que esse filho da puta tenha posto as suas mãos em Isadora... que estive com ela por dois malditos anos. Eu o mataria agora, se fosse esse tipo de homem.

— Você fica melhor calado, Henrique. Já te disseram isso?

Ele bufou.

— Eu soube que havia algo de errado com Isadora no momento em que a avistei naquele palco, tão empenhada em fazer um excelente e cativante discurso, quando a verdade é que ela não dá a mínima para nada daquilo. Isadora é egoísta a ponto de querer um homem que não pode ter. E esse homem foi você, não é? Por isso ela está diferente. — Cerrei o punho, mais do que pronto para bater a merda fora dele. — Eu gostaria de ter estado lá quando a sua esposa apareceu, gritando e exigindo ver Isadora. — O filho da puta riu. — Soube que foi divertidíssimo.

Meu punho esquerdo acertou a sua cara, deixando-o zozinho. Minha mente ficou agitada, nervosa, tomando ciência do que ele tinha acabado de dizer.

Alguém lá de dentro o estava informando das coisas que aconteciam. Como isso era possível?

— Quem o está ajudando, Henrique? — Preparei-me para socá-lo outra vez. — Eu não estou com pressa, posso passar o dia inteiro aqui, esperando que se recupere apenas para que eu possa derrubá-lo novamente. Então, como vai ser?

Henrique olhou, fulminando-me com os olhos.

— Você não percebe, não é? Se eu sabia a respeito de vocês dois, por que escolheria dizer sobre os ataques de pânico dela? Isadora não é minha inimiga, de todos daquela família, ela é a única que tem o meu respeito. Eu jamais a atacaria dessa forma... a menos que ela merecesse. Mas se fosse para fazer, eu iria preferir ver você derrubado também. Então não faz sentido que tenha sido eu a liberar a informação.

O infeliz estava certo. Mas isso não impediu que eu lhe desse outros dois socos. O próximo, sendo impedido somente porque Léo retornou à sala e perguntou se eu tinha perdido a porra da minha cabeça. O problema? É que eu estava cada vez mais certo de que sim.

— Acho que é isso o que você procurava. — Folheei os papéis que me foram entregues pelo parceiro de Léo, e qualquer traço de diversão que ainda pudesse ter se extinguiu ao me deparar com fotos de Isadora e Sofia. Em diversas ocasiões. Nenhuma delas me dava as respostas de que eu precisava, mas pareciam ser o necessário para provar que Henrique continuava a ser uma ameaça aos Montenegro. E isso, em um momento em que não podia garantir a segurança da *minha fera*, era mais do que suficiente.

Deparei-me com algumas imagens de Mariana também. Mas não eram nada quando comparadas ao número de fotografias de Sofia saindo da escola, ou de Isadora, chegando e saindo da Montenegro. E claro, uma da última vez em que ela deixou o meu *flat*. Hélio à espera dela, e o rosto de Isadora baixo.

— Você não tem direito algum sobre elas — referi-me a Sofia e Isadora. — Por que tem essas fotos? O que pretende com isso?

— Vá à merda. — Ele rosnou baixo. — Você e essa família a qual está tão disposto a defender. Não percebe que nenhum deles vale nada, Ricardo? Que todos são iguais? Arrogantes, presunçosos... Cada um deles, à sua maneira, acredita que o mundo gira ao redor do que fazem. Eu convivi com aquela família por anos, e sei do que estou falando!

— Poupe-me dessa sua ladainha, Henrique. Eu sei muito bem quem eles são e como agem. Sua preocupação é tocante, mas essas fotos aqui, elas acabam de assinar o seu retorno ao buraco do qual não deveria ter saído. Provisório ou não, é lá que você irá ficar até que a justiça seja feita.

— A justiça é falha, Ricardo. Não percebeu ainda?

— Ela é sim, para muitos brasileiros. Mas não para o vespeiro que você cutucou. E pelo que eu conheço dos Montenegro, eles irão te comer vivo, Henrique.

Ricardo

NA MANHÃ SEGUINTE, após passar a noite revirando os papéis e provas reunidas com Samuel, eu tinha o que era necessário para tirar Henrique do caminho de Marcos. Não foi isso, entretanto, que tirou o meu sono, e sim o fato de não ter sido ele a vender a informação para os jornais. Não voltei para casa naquela noite, achei melhor dormir no Hangar e tentar pôr o sono em dia, algo que não vinha acontecendo direito nos últimos tempos. Fora que eu não estava com paciência para ter outra discussão sem sentido com Clarissa.

— *Ele tem tido contato com alguém dentro da Montenegro. — Foi a conclusão que Samuel também chegou, o que me levou a repassar cada dia dos últimos meses a fim de encontrar algo que deixei passar. Uma atitude suspeita, um olhar demasiado longo...*

— *Acha que pode ter sido essa pessoa a soltar a matéria? — perguntou.*

— *Não. Henrique sabia sobre Isadora e eu há semanas. E não fez nada a respeito, então não acho que tenha sido ele ou a pessoa com quem está se comunicando.*

— *Quem foi então?*

— *Isso é o que eu pretendo descobrir, Samuel.*

Enquanto aguardava pela autorização para que pudesse ir até a sala de Marcos, ele decidiu vir até mim. Provavelmente para cumprir a promessa de arrancar-me ele mesmo de seu prédio.

— Pensei que tivesse deixado claro que eu não o quero perto de nada referente a Isadora.

Estendi o envelope a ele.

— Esse é o último trabalho que eu faço para você. — Marcos me avaliou e tomou os papéis da minha mão, olhando-os rapidamente enquanto as secretárias da recepção do andar da diretoria observavam a tudo, esperando por um

escândalo, possivelmente.

— Acho melhor conversarmos na minha sala. Beatriz, não deixe que ninguém me interrompa. — A secretária assentiu, desviando os olhos ao me ter a encarando.

— O que ele pretendia com fotos delas? — Marcos perguntou, assim que entramos em seu escritório. — Até da Sofia...

— Não posso dizer o que ele pretendia, mas se eu fosse você reforçaria a segurança, pelo menos, até que esse seja um assunto resolvido.

— Seus homens...

— Nenhum deles viu nada. Nem mesmo eu notei que havia algo de errado. — Ele assentiu.

— E quanto a esses e-mails?

— Um deles foi rastreado até o endereço de IP de um dos computadores daqui de dentro. Eu só estou esperando uma autorização sua para começar a busca no sistema.

— Você já a tem — falou, atordoado. — Alguma suspeita?

— Provavelmente alguém que tenha sido próximo dele no período em que trabalhou aqui, ou um funcionário novo. Que tenha entrado nos últimos meses e que atue diretamente no setor da diretoria, porque a pessoa com quem ele trocou mensagens deu acesso a tudo. Horários, datas...

— Beatriz.

— Novamente, Sr. Montenegro, eu me ponho na posição de pedir que reavalie o setor de RH da Montenegro. Eu já coloquei o Grupo Hangar à disposição para acompanhar o processo seletivo que sua equipe faz, mas o diretor de RH recusou a oferta.

— Ele não pensa com a cabeça certa, se é o que deseja saber.

— Eu já havia percebido. Agora, quanto ao Henrique...

— Você acha que ele pretende algo?

— Apenas precaução, Sr. Montenegro. — Eu odiaria ver Isadora em perigo, essa era a verdade. — Mas respondendo a sua pergunta, eu não acho que Henrique tentará algo, esse não é o estilo dele, mas não podemos contar somente com a sorte.

Marcos se mostrou aflito, o homem sabia que não poderia contar comigo dessa vez.

— Quanto à matéria que saiu, há alguma possibilidade de que você tenha dito a sua esposa algo sobre o problema de Isadora?

— O que está insinuando?

— O que ouviu.

— Não foi Clarissa. — Marcos assentiu, com o semblante rígido.

— Eu também não acho que tenha sido, mas a minha irmã pensa o contrário.

Eu não esperaria menos de Isadora, o problema aqui é que não havia maneira de Clarissa saber a respeito de qualquer assunto envolvendo Isadora. E acredite, essa possibilidade já havia passado pela minha cabeça. Só que eu rapidamente a afastei, porque meus clientes não eram tema de conversa entre nós dois.

Aagitada e calada... Foi assim que dona Laura a descreveu ontem. Mas não podia ser. Talvez eu estivesse sendo uma mula teimosa por achar que Clarissa poderia ter algo de bom ainda, mostrar alguma civilidade ou consideração com o próximo. Talvez, eu só não quisesse admitir para mim mesmo que a mãe da minha filha seria calculista a esse ponto.

— Vejo que está pensando na possibilidade. Tem ideia de que se isso for mesmo verdade, Isadora jamais irá te perdoar? Sua esposa fez com que todos os olhares se voltassem para a Isadora, e não de uma maneira positiva... O conselho está preocupado, os diretores estão. Não há um jornal que não tenha usado sua doença para explorar os nossos nomes.

— Como Isadora tem lidado com tudo isso? — perguntei baixo, preocupado, e não era de hoje.

Marcos avaliou-me.

— Ela me entregou uma carta de demissão essa manhã. Isso responde a sua pergunta?

Caralho!



— Quem quer que você esteja pensando em matar, faça longe de mim. — A voz de Clarissa ecoou pelo quarto ao se dar conta de que eu a observava.

E ela não estava errada em achar que essa era a minha intenção, porque assim que aceitei a possibilidade de que fora ela, tudo pareceu fazer sentido. Reli a matéria, à procura de um furo, e a escolha de palavras usadas encaixava-se perfeitamente em algo que Clarissa diria a respeito de Isadora ou qualquer outra mulher que se impusesse em seu caminho.

— Como descobriu? — perguntei, direto.

— Do que está falando? — Fez-se de sonsa.

— Da maldita matéria, Clarissa, como você descobriu, porra?! — Ela comprimiu os lábios, um gesto que fazia sempre que era desmascarada ou se sentia acuada.

— Descobri o quê, Ricardo? Sobre a loucura da mulher por quem você quase

me deixou?

— A cada dia que passa, eu vejo que a única louca nessa história é você.

— Eu acho que não, e é bom que tudo tenha terminado entre vocês dois, porque eu jamais aceitaria que essa criança que espero tivesse qualquer contato com alguém como aquela mulher. Por isso a vadia rica não dirige mais, certo? Não é de estranhar que tenham te transformado no motorista dela. Porque o irmão dela e você sempre souberam que ela representava um risco a si mesma. Qual é o problema que todos saibam agora, então?

— Você cospe essas merdas como se fosse um exemplo de razão e o seu telhado não fosse de vidro, Clarissa — disse abismado. — Será que eu preciso lembrá-la que o que tentou fazer com a nossa filha não é algo que uma pessoa sã faça?

— Aquela fui eu tentando salvar o nosso casamento — falou com a maior naturalidade do mundo.

— Não. Aquela foi você colocando em risco a vida de um bebê por puro egoísmo!

— Ele ainda está aqui, não está? Por que todo esse drama?

— Drama, porra? — esbravejei, quase explodindo, mas voltando a mim no último instante. — Só me diga, Clarissa, como descobriu. Isso é tudo o que quero saber. Não vou discutir com você, não vou perder a merda da minha cabeça outra vez, eu só quero que...

— Pelo histórico do seu notebook. Está tudo lá, as matérias salvas, o número de contato dos especialistas... Então eu procurei o número salvo no GPS do seu carro e descobri sobre o Dr. Carvalho. Não é difícil, Ricardo. Eu estou com você há tempo bastante para saber como fazer esse tipo de pesquisa.

— Você quer dizer como burlar a privacidade alheia, certo? Como invadir a porra do meu espaço a fim de prejudicar uma pessoa inocente?

— Inocente? — Ela riu. — A vadia tentou roubar você de mim!

Eu a segurei pelo braço.

— Essa é a última vez que eu a escuto chamar Isadora dessa maneira, Clarissa. A última! — Sei que ela entendeu o recado, pois rapidamente desviou do assunto.

— Não é como se você não burlasse a privacidade alheia, também? Eu sei como o seu trabalho funciona.

— Eu não faço isso por prazer. Faço quando vejo que existem riscos reais direcionados aos meus clientes. Agora me responda, o que ganhou com isso? Não me refiro ao dinheiro, porque você não precisa dele, mas ao resto. O que ver o nome dela estampando jornais e revistas facilita a sua vida?

— Não facilita em nada. Eu só estou retribuindo o tapa que ela me deu. —

Clarissa deu de ombros, como se não tivesse acabado de ferrar com a vida de outra pessoa por mesquinaria.

— Vai chegar um momento, Clarissa, que tudo o que sentirei ao olhar para você será pena. Não haverá mais preocupação, nem mesmo a vontade que tenho de lhe dar uma chance de provar que o monstro que vejo na minha frente nada mais é do que uma ilusão. Que essa não é você. O meu respeito e carinho você já perdeu, e foi por eles que eu tentei tão arduamente compreendê-la. Mas chega.

— Ela me bateu, Ricardo, e você não fez nada.

— O que esperava que eu fizesse? Foi escolha sua ir até lá, Clarissa. Foi escolha sua enfrentá-la. E se você estava consciente de suas decisões, então eu acredito que estava para arcar com as consequências. E sabe o quê? Eu estou começando a achar que você realmente mereceu o tapa.

Isadora

— O Sr. Arantes está lá dentro querendo falar com a senhorita — Vera comunicou, sua expressão atenta. Sem entender por que eu estava aqui fora. Sentada no jardim, de roupão, e deixando que a brisa bagunçasse o meu cabelo e pensamentos. Eu estava quase certa de que Marcos não iria aceitar a minha carta de demissão, mas tudo o que o homem fez ao receber o documento foi me dar as costas e dizer que depois conversaríamos.

Mas o que mais havia para ser conversado? Nada.

— Peça para que ele venha até aqui, eu não quero recebê-lo no escritório de Marcos.

— Tem certeza? — Ela verificou o estado em que eu me encontrava.

— Sim, Vera, eu tenho. — Ela assentiu, e saiu resmungando algo que eu não compreendi e nem fiz questão.

Ouvir as pessoas falarem parecia extremamente difícil nos últimos tempos. Eu não me importava com o que era dito, e ninguém respeitava o fato de que eu desejava estar rodeada de silêncio. Mesmo que fosse apenas externo, pois minha mente barulhenta praticamente gritava emoções e palavras, que fiz questão de ignorar, a cada minuto do dia.

Oliver se surpreendeu, claro, ao se deparar comigo, e em seu terno, possivelmente feito sob medida, ele caminhou até o banco e sentou-se do meu lado. Todo rígido e pomposo, isso era o que Ricardo sempre dizia a respeito dele. Virei o rosto ao pensar naquele homem, sentindo a dor se intensificar. Porque junto do seu nome vinham a saudade e a raiva. E não havia emoções que

consumissem mais a mente e o corpo de uma pessoa, do que essas.

— Marcos está certo, você não me parece bem.

— Veio falar em nome dele? — Era o que todos pareciam fazer ultimamente.

— Não. — Negou. — Eu vim apenas ver como está. Estou desde ontem te ligando e você não atende.

— Eu queria ficar sozinha.

— Como pretende agir em relação ao que está acontecendo, Isadora? Não gosto de ser o portador dessa notícia, mas a história sobre suas crises se espalhou rapidamente.

Eu imaginava. Não foi para menos que recebi dezenas de ligações invasivas de pessoas que nunca foram próximas perguntando como eu estava. Após a terceira chamada, eu parei de atendê-las.

— Eu não tenho culpa se essas pessoas não têm vida para cuidar e escolheram como *hobby* cuidar da minha e a da minha família — disse, entredentes.

Absurdamente calma por fora.

— Fico feliz em saber que está lidando com essa situação... tão bem. — Oliver me avaliou. — Em todo caso, eu acho que sei como te ajudar nesse momento.

Me ajudar?

— Em que sentido?

— O caso entre você e aquele homem terminou, certo? A esposa dele está grávida e...

— Oliver, vá direto ao ponto.

— Agora que tudo está em seu devido lugar, ele com a esposa, e você sem ele, talvez seja o momento de olhar para quem está do seu lado, Isadora. Posso estar sendo precipitado, mas eu já dei tempo a você antes, esperei que superasse toda a infeliz situação com o Henrique, e veja o que aconteceu.

— Oliver.

— Apenas me escute, tudo bem? As pessoas estão dizendo absurdos. Você não faz ideia. — Acho que eu fazia sim. — A questão é que não há melhor maneira de acabar com um escândalo dessa proporção que não com outro escândalo. Fora que se algum dia... o seu caso com aquele homem chegar aos jornais, o que espero que jamais aconteça, você me terá do seu lado.

— Aonde quer chegar?

— Saia comigo. Um jantar, Isadora.

— Mas nós jantamos juntos direto.

— Não esse *tipo* de jantar.

Desviei os olhos dos dele, e a risada de Ricardo surgiu em minha mente. Assim como a imagem dele andando descalço pela cozinha do *flat*, os beijos que

trocamos, o olhar atento a tudo o que eu fazia. A maneira como sentia-me em casa com ele.

E se eu nunca mais voltasse a me sentir assim? E se jamais reencontrasse a sensação de estar *em casa*? De pertencer a alguém?

— Isadora... — Oliver chamou, percebendo que eu tremia. Mas não era um ataque de pânico, era saudade. — Sei que é cedo, mas eu vou te ajudar a passar por isso. Comigo do seu lado, tudo ficará mais fácil. Não precisa ser real, a princípio, nós podemos fingir estar juntos. A imprensa irá acreditar e isso será tudo o que eles dirão por um bom tempo.

Fingir... imprensa... não seria real. Ele estaria do meu lado... quando Marcos e Ricardo já não se encontravam.

O que Oliver propunha era assumir uma posição em minha vida, que eu não sabia se estava preparada para permitir. Não após ter tido o mesmo com Henrique. Com ele também não fora real, fora fingimento da minha parte. Fora pelas aparências. Não sei se desejava ir por esse caminho novamente, porque eu não queria o Oliver.

Eu queria o Ricardo.

Três meses depois...

Isadora

A ÁGUA QUENTE saindo dos jatos da ducha recai sobre o meu rosto enquanto eu terminava de ensaboar o corpo. Sentindo em cada curva a prova do peso que havia perdido. Três meses foi o tempo que passou desde que a bomba sobre a minha síndrome explodiu nos jornais e redes sociais. E toda essa pressão só fez com que os ataques piorassem. O Dr. Carvalho, até mesmo cogitou a possibilidade de me encaminhar para um psiquiatra, a fim de tentarmos uma nova abordagem para o meu tratamento, mas eu não consegui por medo de ir por esse caminho. Medo de perder ainda mais o controle do meu corpo e mente. Então, em vez de mudarmos o tratamento, nós passamos a nos ver duas vezes por semana.

Horários que aconteciam sempre que eu me sentia esgotada, por conta, principalmente, das horas passadas dentro da Montenegro. Marcos não permitiu que eu me demitisse, claro, fazendo-me enxergar com clareza tudo o que estaria abrindo mão caso insistisse. E ele não se referia ao salário, porque dinheiro não era problema, nunca foi. Meu irmão se referia mesmo era ao nosso legado: a razão de ser quem éramos se devia à Montenegro. Então eu fiquei, e continuei a ser a primeira e a última a sair desde o dia em que ele rasgou a carta de demissão na minha frente. Trabalhar ajudava, pelo menos na maior parte do tempo. E quando não o fazia, eu recorria ao Dr. Carvalho.

Adiei de propósito o momento de sair do banheiro, prevendo o quanto, emocionalmente, o dia de hoje me desgastaria. Depois de obter provas que garantiam ao tribunal o risco que Henrique representava, Marcos e a nossa equipe jurídica bateram de frente com o, agora, antigo juiz a cuidar do caso. Conseguindo não apenas a troca dele como uma antecipação do julgamento. Não questioneei o método usado pelos nossos advogados, apenas senti-me aliviada por saber que a sombra de Henrique não estaria mais à espreita. Marcos nos mostrou

as fotos, e contou com a ajuda de Beatriz, a recepcionista, que preferiu delatar o homem por quem se declarou apaixonada, em vez de passar pela complicação de ser processada pela nossa família.

Pois é, para alguns o amor era frágil assim.

Ao sair do boxe, eu me enrolei em um roupão felpudo e me dirigi até o closet. Rachel, Mariana e eu, por sorte, não precisaríamos estar presentes na sala no momento que a decisão do juiz fosse revelada. Marcos fez de tudo para impedir que algo assim acontecesse, conseguindo a liberação para que déssemos antes os nossos depoimentos. Evitando desconfortos e possíveis complicações. Principalmente agora que a gravidez de Rachel era mais do que evidente.

Prestes a entrar no sexto mês, Rachel não cabia em si de tanta felicidade. E sim, os cuidados para com ela eram bem extensos, acho até que exagerados em alguns momentos. Mas minha cunhada não se importava, desde que ela e o bebê estivessem bem.

Quando me juntei a Rachel no banco de trás do carro que o motorista guiava, eu me questionei se era a única apreensiva. Quero dizer, Henrique teve um papel importante em algum momento da vida de cada um de nós, foi por muito tempo amigo de Marcos, meu noivo e o primeiro amor da vida de Mariana, acredito eu. E agora, nós nos víamos na posição de vê-lo poder ser condenado.

Tudo bem que a pena para o seu crime era relativamente baixa, mas ainda assim não era algo com o qual pessoas como Henrique lidariam com facilidade.

— Está nervosa? — Rachel perguntou, dando voz aos meus pensamentos.

— Um pouco. Não dormi direito essa noite, então não estou pensando com clareza.

— Por conta do julgamento ou porque existe uma esperança, mesmo que mínima, de aquele homem estar lá? — Ela não poderia estar mais certa.

Porque foi nisso que pensei durante toda a noite: em como seria estar cara a cara com o Ricardo após todo esse tempo. Eu não o tinha perdoado ainda por mentir para mim, por me deixar sentir algo que jamais senti por homem algum... assim como também, não o tinha esquecido.

Não respondi a Rachel, ou sanei sua curiosidade. Esse assunto entrara para a lista de temas que eu não discutia com ninguém. Mariana, meus pais, os ataques de pânico. *Ricardo*. Uma lista que parecia aumentar sempre que eu a verificava.

— Como estão as coisas entre você e o Oliver, Isadora? — ela mudou sua abordagem, utilizando-se da mesma artimanha do Dr. Carvalho.

— Bem, eu acho — respondi, séria.

— Então, estão mesmo juntos? — insistiu, desconfiada.

Para o mundo, ou para a parte dele que nos interessava, Oliver e eu estávamos juntos. Ou nos conhecendo intimamente, dando-nos uma chance. As referências

eram infinitas. Somente nós dois sabíamos que nada do que diziam era verdade, e que quando não havia ninguém por perto nós sequer nos tocávamos.

Não aceitei sua proposta, simplesmente, por odiar o que era dito a respeito da minha síndrome ou por odiar o olhar de pena que minha família me dirigia. E sim porque estar com ele parecia algo que a Isadora normal, a que não tinha síndrome de pânico, a que era a primeira e a última a chegar na Montenegro, a que passava por cima de tudo e todos, faria.

Mordi a ponta da minha língua e assenti devagar, sem o menor remorso. Oliver era o meu escudo contra o mundo.

— Não faça isso — ela sussurrou. — Não fique com ele só porque não pode ter o Ricardo. Pode não parecer agora, mas no futuro, quando você olhar para trás, verá o erro que está cometendo.

— Sabe o que percebi, Rachel? — Não quis soar cínica, mas não havia outra forma de dizer isso a ela. — Que independente do que eu faça, para alguém eu sempre estarei errada.

— Mas você não o ama.

— O amor é supervalorizado — falei, olhando para ela e sua barriga, sentindo a velha sensação de vazio me preencher.

Você quer o que elas têm, é por isso que se sente vazia.

— Agora, por favor, pare com todo esse sentimentalismo. Eu não sou como você.

— Eu também te amo, não se preocupe — disse, ignorando o *meu humor cadelão*.

Rachel não teria conquistado o coração do meu irmão se não soubesse como lidar com pessoas como nós.



Passava das duas da tarde quando Mariana, Rachel e eu nos sentamos na antessala de onde ocorria o julgamento de Henrique. Permanecemos em silêncio por um longo tempo. Até que minha querida irmã decidiu quebrá-lo.

— Sofia perguntou pelo pai esses dias. — Rachel a encarou. Mas eu não pude, não quando tinha quase certeza de que Ricardo encontrava-se do outro lado da porta para a qual nós três olhávamos.

— O que você disse? — minha cunhada perguntou.

— Disse que o seu pai estava viajando e que eu não sabia quando voltaria. Então ela perguntou por que ele nunca a procurou ou quis vê-la. Sofia falou que

ela só queria vê-lo um pouquinho, e que depois ele podia voltar para a viagem dele. Que ela não o atrapalharia. Tive vontade de chorar naquela hora, porque eu não soube o que dizer. Como contar para a minha filha tudo o que o pai dela fez? Sei que o papel que Henrique assinou nos assegura que ele não tem qualquer direito paterno, mas... não é fácil vê-lo de outra forma.

— Sofia está melhor sem ele — falei de modo direto, repudiando a ideia daquele homem perto da minha sobrinha.

— Por ser muito sensível, eu achei que ela fosse ficar triste, mas minutos depois Sofia voltou dizendo que entendia a viagem do seu pai e que não era para eu ficar preocupada, porque ela era muito feliz com o papai caubói dela. Que ela o amava tanto, mas tanto, que *transportava* amor.

— Transportava? — indaguei, sem entender.

— Ela quis dizer transbordava — Mariana explicou.

Assenti, enquanto Rachel sorria ao meu lado.

Sofia, Arthur, Enzo e esse novo bebê a caminho. Não sei onde essa família iria parar se essas duas continuassem a parir tantos filhos. E pensar que de nós três, eu era a mais velha e a única, ao que parece, a não entrar na disputa para ver quem povoava a terra mais rápido com pequenos Montenegro cheirando a leite.

Acho que eu era a mais sensata aqui também.

— Eu tenho dó dos filhos de vocês. — As duas me encararam. — Uma coisa é dividir essa herança em três, outra, será em cinco.

— Ou mais — Mariana falou, séria, como se pensasse realmente no assunto.

— Mas não é como se fosse pouco a dividir, não é? — completou baixinho. E ela estava certa. A herança que nos ficou de direito não era pequena, e com o passar dos anos e a administração de Marcos, ela deve ter facilmente duplicado. Mas não era algo que eu, pelo menos, parasse para refletir.

O pensamento de crianças e bebês, próximas gerações e o futuro dessa família fez com que eu estremecesse por dentro, apreensiva. O breve martírio foi interrompido ao ver que um grupo formado por advogados, assessores e testemunhas deixavam a sala de julgamento. Tentei não o procurar entre a pequena multidão, mas foi impossível não notá-lo. Ricardo era alto, seu porte grande. E que Deus me ajudasse, mas se ele fosse um animal, ele seria facilmente um daqueles cavalos de raça que se destacavam pelo tamanho e o alarde que causavam.

Com o semblante carrancudo, o homem saiu da sala seguido pelo seu amigo Samuel, que deveria estar aqui como seu advogado. Os dois conversavam baixo, e ele, vestido com um terno alinhado, que poderia facilmente ter sido feito sob medida. A maneira como andou, segura, ameaçadora. O jeito tenso como moveu a cabeça, e a veia, sempre sobressalente em seu pescoço, deixaram-me

completamente muda. Então, como se sentisse a minha presença, ele levantou a cabeça e me lançou um olhar que fez Rachel e Mariana ofegarem do meu lado.

Ricardo parou no meio do caminho, impondo-se entre os que tentavam passar. Havia dúvida em seu olhar e muito do que eu sentia: saudade. Apertei meus dedos, querendo correr para os braços dele e pedir definitivamente que ele nunca mais me deixasse. Dizer tudo o que senti e passei nos últimos meses. Pedir que, pelo menos uma vez na vida, ele me escolhesse. Não temporariamente, mas para sempre.

Mas não fiz. Eu não podia.

O homem ao seu lado falou algo que o fez se virar e assentir. Olhando-me uma última vez, Ricardo fez todo o caminho, dos meus pés até o último fio de meu cabelo, como se memorizasse a minha imagem, querendo mantê-la para si. Não houve palavra trocada, não houve tentativa de aproximação, nem um simples aceno de cabeça. Ricardo simplesmente se virou e seguiu o amigo, fazendo-me odiá-lo um pouco mais.

— Uau! — Mariana falou ao meu lado. — Ele olhou para você como se quisesse... te comer viva.

— Como se a amasse, Mariana. Ele olhou para ela como se a amasse muito — Rachel a corrigiu, e minha irmã revirou os olhos.

Abalada, eu obriguei a mim mesma a não deixar transparecer o que sentia. Algo que antes parecia-me tão fácil, agora, exigia tudo de mim. Eu já não era dona das minhas emoções, e meu controle, sempre tão severo, quase sempre andava por um fio. Mas isso não me impediu de ignorar o que as duas diziam, e mascarar minha saudade, porque, em breve, Marcos e nossos advogados deixariam a sala, e eu não queria que ele olhasse para mim e visse dor em meus olhos. De todos aqui, meu irmão era quem eu mais precisava convencer a respeito do Oliver. Quanto melhor ele pensasse que eu estava, mais frouxa seria a corda em meu pescoço.

Ricardo

— Você precisa seguir em frente, cara — Samuel disse, um quarteirão antes de chegarmos a sua casa. Foi ele quem me acompanhou hoje, mais como advogado do que como amigo. Eu estava aliviado por saber que Henrique era uma carta fora do baralho agora. E que os três anos que pegou, reduzidos depois de infinitas tentativas de conciliação entre os advogados das partes envolvidas, eram mais do que suficientes. — A maneira como olhou para ela hoje, não me

parece de alguém que esteja superando.

— Talvez porque eu não esteja?

— Vamos lá, Ricardo, você acha mesmo que teria dado certo? Que se Clarissa estivesse fora do seu caminho, você e Isadora teriam terminado juntos?

— Se não existisse Clarissa e Isadora realmente quisesse, sim. Nós teríamos terminado juntos, o meu anel estaria em seu dedo agora, e o meu sobrenome após o dela. Nós teríamos a porra de uma casa com cerca branca, filhos e toda essa merda. Porque eu a amo, Samuel, e algo me diz que ela sentia o mesmo por mim.

— Sentia?

— Você não tem visto os jornais? Há fotos dela com aquele paspalho em tudo quanto é lugar. Se essa loucura entre os dois for adiante, eu a perderei.

— Ricardo... você já a perdeu.

O filho da puta estava certo.

Isadora

Aceitei a taça oferecida por Oliver, mas não a tomei. Eu desejava ter apenas algo em minha mão enquanto o escutava falar. Meu estômago, de certa forma, retorcia-se por dentro, pois nós sabíamos aonde a noite de hoje iria terminar. Oliver chegou a dizer que depois que o assunto Henrique estivesse resolvido, ele pretendia dar um outro passo nessa nossa, até então platônica, relação. Apertos de mãos, beijos rápidos em meu rosto, às vezes um toque ainda mais rápido em meus lábios. Que quase sempre acabavam comigo gelada.

Mas Oliver parecia não enxergar, não de verdade. Estava tão cego para a perfeição que acreditava que eu era, que não via a parte danificada que eu carregava comigo. Ele também nunca tinha presenciado qualquer um de meus ataques, porque desde que a verdade sobre eles chegou à imprensa, eu redobrei o cuidado. Controlei-me duas vezes mais. O que acabava por me deixar desgastada, física e emocionalmente. O Dr. Carvalho era contra que eu tentasse tão arduamente detê-los, mas com Marcos, o conselho e todos a minha volta à espera de que eu surtasse bem ali, diante de seus olhos, eu precisei fingir.

E quanto mais fingia por fora, mais danificada eu ficava por dentro.

— Sei que irá considerar a minha decisão um tanto afoita, mas acho que não há outro caminho a seguir que não esse, Isadora. Todos sabem sobre nós dois, e... — Oliver pegou a taça da minha mão e a colocou sobre o apoio da sacada do seu apartamento, que foi onde jantamos essa noite. — Acho que está na hora da

gente tentar fazer com que isso dê certo.

Levei meu próprio tempo para assimilar o que ele quis dizer, não por ser estúpida ou lenta, mas porque fiquei incomodada com a maneira como ele não apenas despejou as palavras sobre os meus ombros, como invadiu o meu espaço e me beijou. Não houve acelerar em meu peito, nem frio na barriga. Eu continuei gelada. Então, sem pedir licença, a lembrança dos beijos de Ricardo vieram à mente e eu me afastei. Rígida.

Não era aqui que eu deveria estar, soluzei ante o pensamento.

— Aceita se casar comigo, Isadora? — Voltei à realidade, como quem cai de um precipício. Meu olhar tornou-se alarmado. — Não me olhe como se eu fosse louco, eu sei que é rápido demais, mas eu a quero como esposa. Não consigo imaginar nenhuma outra mulher ocupando esse lugar. E o amor, bem, ele pode vir com o tempo, não acha?

A que amor ele se referia, ao seu ou ao meu?

— Eu... — *Casar com Oliver*. É o que todos esperavam de mim, o que o conselho esperava. O que Marcos acharia propício, apesar de precipitado, e o que a imprensa adoraria ver acontecendo. Os pais de Oliver já me adoravam sem sequer me conhecerem.

Seus amigos, idem.

Seria possivelmente o casamento do ano. Mas por que então eu me sentia asfíxiada com a ideia de usar o seu anel? Por que dormir e acordar com ele parecia-me algo tão terrível? Difícil de ser suportado?

Mas vocês seriam perfeitos juntos.

Sim, nós seríamos, mas não seria real. Não teria amor... e eu não seria feliz.

— Isadora? — Oliver chamou, mas eu já não conseguia respirar. O nó preso na garganta assumiu outra proporção, impedindo-me de reagir. — Isso é um ataque? Fale comigo, como eu posso te ajudar?

Ele não podia, essa era a verdade. E enquanto tentava descobrir o que fazer comigo, Oliver encheu-me com uma infinidade de perguntas, pedindo-me para que me sentasse, quando eu, obviamente, não queria. Passando a mão pelo meu rosto suado, quando eu não desejava ser tocada. Não era culpa de Oliver que ele não soubesse o que fazer ou como agir. Que não entendesse que eu não era capaz de controlar minhas reações durante o ataque.

Assustado, Oliver se afastou, voltando minutos depois com um copo de água, que eu me forcei a tomar. Sua abordagem foi mudando; se antes ele não conseguiu parar de me fazer perguntas, agora ele optou por permanecer em silêncio. Como se não soubesse lidar com esse meu outro lado: o quebrado.

— É sempre assim? — quis saber, e eu apenas assenti.

— Você deveria se medicar, Isadora, minha mãe conhece os melhores

psiquiatras do país. Ela sofreu por muito tempo com enxaquecas de cunho emocional. Psicólogo é perda de tempo. — Não, não era. O Dr. Carvalho podia ter um método atípico, e ser bastante insistente, na maior parte das vezes, mas eu não sei o que teria feito sem ele e as nossas conversas nos últimos meses. Os ataques continuavam? Sim. Mas agora eu compreendia quais eram os gatilhos que os provocavam, e começava a evitá-los. Mesmo que nem sempre fosse possível. — Você precisa de um tratamento mais eficaz.

— Algo que me faça perder de vez o controle da minha mente? Não, obrigada, eu não quero me dopar com comprimidos e perder o pouco de sanidade que me resta — falei nervosa, tendo Oliver se levantado ao escutar o som da campainha.

— Deve ser o seu segurança. — *Como?* — Eu pedi que ele viesse — explicou ao ver a expressão confusa em meus olhos. Verifiquei o relógio, fazia cerca de trinta minutos desde que ele tinha se afastado para pegar o copo de água. O raio do copo era apenas uma desculpa para se livrar de mim? — Eu adoraria levá-la em casa, mas bebi três taças de vinho essa noite e...

— Você ligou para o Hélio? — Ele não tinha sequer se dado ao trabalho de perguntar se era isso o que eu queria.

Oliver assentiu.

— Acredito que você precise descansar um pouco, o dia foi extenuante de muitas maneiras. Ter de lidar com o julgamento de Henrique deve tê-la deixado estressada. Então achei melhor que você fosse para casa, e claro, que use esse tempo para pensar na possibilidade de mudar o seu tratamento. Porque, a menos que você tenha estado pior do que a vi nessa noite, ele não parece estar surtindo qualquer efeito.

Oliver se afastou, e essa preocupação controlada fez-me pensar em todas as vezes que presenciei conversas assim entre amigos de meus pais e velhos conhecidos. Essa formalidade disfarçada de intimidade. Essa secura nas palavras. Não havia emoção.

Ao vê-lo caminhar com calma em direção à porta, eu apertei o copo entre as minhas mãos e olhei para o restante de água que ainda havia ali. Até que a voz que eu reconheceria em qualquer lugar foi ouvida, e o meu coração bateu uma batida mais lenta.

Apenas para acelerar violentamente em seguida.

— Onde ela está? — Nossos olhares se encontraram, enquanto Ricardo ignorava completamente a tentativa de Oliver de impedi-lo de chegar até mim.

— Não foi para você que telefonei. — Oliver rosnou atrás dele, que novamente não deu a mínima. — Acho bom que se retire, Sr. Rezende. Você não é bem-vindo a minha casa.

— O que você fez com ela? — Ricardo perguntou, verificando-me inteira.

Seus dedos deslizavam pelo meu rosto, para ter certeza de que eu estava bem. Seu olhar percorria cada detalhe, mas principalmente a boca. Até que sua atenção fixou em meus olhos e ele quase, quase envolveu minha nuca. Como fez tantas vezes no passado.

— Qual foi o gatilho? — ele voltou a perguntar, acho que preocupado que Oliver tenha tentado algo que não deveria comigo.

E para a minha surpresa, ou choque, não saberia dizer. Oliver mostrou a que veio.

— Não houve gatilho nenhum, eu apenas a pedi em casamento...

Não compreendi direito o que aconteceu depois que essas infelizes palavras escaparam da boca de Oliver, sabia apenas que Ricardo grunhiu um xingamento para o outro homem e exigiu que ele saísse da sua frente, deixando-nos passar. Porque foi isso que Ricardo fez, ele, literalmente, me arrastou pelo apartamento de Oliver. Dando-me a opção de ir com ele por vontade própria, ou de ser arrastada caso me recusasse. O que eu fiz. Não por desejar ficar mais um minuto que fosse naquele apartamento, mas por não querer, *não poder*, estar perto desse homem sem sentir vontade de pecar.

Chegamos ao seu carro, em silêncio, enquanto eu tentava entender o que o infeliz fazia aqui no lugar de Hélio. Ricardo falara sério quando anunciara que seu trabalho com a Montenegro estava feito. Sem mais favores a Marcos, sem visitas inesperadas ou participação em nada que se referisse à empresa. E, ao mesmo tempo que isso foi a melhor coisa que ele poderia ter feito, já que tê-lo à espreita dificultaria nossas vidas, foi também a mais dolorosa. Porque em um dia, nós éramos inseparáveis. No outro...

Calada, eu estranhei quando a SUV estacionou em frente a uma loja de conveniência, que Ricardo entrou e saiu, cerca de cinco minutos depois. Trazendo com ele uma garrafa de água que foi virada quase que inteira junto do remédio que ele engolira. Pela expressão em seu rosto, eu imaginei que Ricardo estivesse com dor de cabeça. O que às vezes era comum a ele, principalmente em dias complicados.

O silêncio persistiu, deixando-nos tensos. Principalmente porque em vez de ligar o motor do carro e nos tirar dali, Ricardo bateu a cabeça contra o encosto do banco e fechou os olhos. Ele deveria estar sentindo muita dor, droga!

Respirei fundo, pensando no que fazer, até que ele falou:

— O que você respondeu a ele? — a pergunta veio baixa, quase um rosnado, levando-me acreditar que ele se referia ao pedido de Oliver.

— Eu ainda não respondi. O ataque veio na hora, e...

— Mas o que pretende responder? — Ele se moveu agitado no banco, agora olhando diretamente em meu rosto.

O homem parecia furioso comigo, quando não tinha o direito de estar.

— Não acho que falar sobre esse assunto com você seja o mais adequado.

— Foda-se o adequado! Porque se você está planejando casar com um filho da puta que preenche as exigências de outro filho da puta, que é o seu irmão, isso é sim da minha conta. Não posso ficar quieto enquanto vejo você ferrar com a sua vida em um casamento de aparências, só porque me odeia ou porque é o que todos esperam. Até mesmo o seu corpo se rebelou contra o pedido, ou será que essa sua mente teimosa não compreendeu isso ainda?

— Por que está tão nervoso comigo? Não é como se você tivesse direito...

Ricardo me lançou um olhar furioso.

— Se estou nervoso, é porque me dei conta de que estou te perdendo, se já não a perdi, Isadora.

— Por que faz isso comigo? Por que continua... a dizer todas essas coisas quando sabe que não é certo? Você fez a sua escolha quando optou em mentir para mim, Ricardo. Assim como escolheu ficar com ela, depois de me fazer... amar você. Como pode ainda não ter certeza se já me perdeu? Como pode chegar agora e agir como se eu não tivesse todos os motivos para dizer sim ao Oliver. Você está com ela...

— Pela minha filha. — Suas palavras não me trouxeram alívio algum. Porque enquanto Ricardo falava eu só conseguia pensar em Antônio. Na família que ele tanto tentou preservar. — Eu tive que fazer uma escolha... e não foi fácil, Isadora.

— Mas você a fez. Então arque com as consequências dela e... deixe que eu tome as minhas. Se eu quiser casar com Oliver...

— Não repita essa merda.

— Se eu quiser casar com ele, eu vou fazer. E ninguém irá me impedir, nem você ou o Marcos. Porque foi tentando ficar na vida de vocês, tentando amar vocês... que eu cheguei a esse ponto. Então se eu tiver que me deitar todas as noites com a porcaria de um homem que eu não amo, apenas para nunca mais sentir a dor que você me causou, eu farei, Ricardo... farei porque eu nunca mais quero sentir o que senti ao ver sua esposa. Ao olhar para ela e saber que era o seu filho que ela estava carregando. Que era uma parte sua que eu nunca teria. Ali, naquele momento foi que você me perdeu. Quando eu soube que deu a ela... algo que... — *deveria ser meu.*

Sacudi a cabeça, recusando-me a ser esse tipo de mulher.

— Por favor, apenas me leve para casa. — Ricardo socou o volante, e antes que eu pudesse reagir ou dizer qualquer outra coisa, o homem fez algo infinitamente pior.

Ele me beijou.

Despejando semanas de vontade e saudade sobre mim. Tudo de uma única vez. Sei que gememos juntos, o som rouco que lhe escapou misturou-se com o meu, preenchendo o silêncio do carro com nossa bagunça, a confusão que éramos. Não havia salvação para a gente, havia?

— Você faz ideia do inferno que tem sido a minha vida longe de você? — sussurrou, contra a minha boca, com sua voz grossa, soando sôfrega. — Não há um só dia em que eu não pense em tudo o que poderia ter feito de diferente... em que poderia...

Eu o beijei, querendo esconder dele a saudade refletida em meus olhos. A mesma saudade encoberta pela indiferença, e que me levou a procurar por sua boca. Nossas línguas entrelaçaram-se, enquanto seus dedos pressionavam o meu rosto de modo tempestuoso. Senti-o ofegar, tomar fôlego, em meio ao próprio beijo. Grunhir a cada mordida que deixou.

Nossa reação um ao outro, fez-me perceber que o pior não era estar beijando Ricardo, cedendo a essa paixão, o pior... era saber que o rompante não iria durar. E por mais intenso e profundo que tenha sido o beijo, eu não fui capaz de deter as pequenas gotas de lágrimas que escorreram até a nossa boca. Lágrimas que Ricardo chupou dos meus próprios lábios, como se elas fossem uma parte de mim.

Foi enquanto ele as tomava, encarando-me ferozmente, que a realidade do que fazíamos nos bateu. Respiramos juntos, pesadamente. E bem devagar, nos afastamos.

Mesmo que suas mãos tenham permanecido em minha nuca, impedindo-me de virar.

— Porra, eu nunca mais quero te colocar nessa posição, ou voltar a te machucar, Isadora. Por isso eu juro a você que só volto a te tocar, da maneira que realmente anseio, no dia que eu for um homem livre.

Meu coração saltou, quase saindo pela boca.

— E se você nunca for... — Ricardo deslizou o polegar até o meu lábio inferior, trêmulo e inchado do nosso beijo, detendo com seu gesto as minhas palavras.

— Então, eu espero que você deixe que outro homem a faça feliz. Mas não o Oliver.

Isadora

*“Eu sei que existe um lugar melhor.
Por que você sempre me leva lá.
Cheguei a você sem esperança,
você me deu mais que um aperto de mão.
Me segurou antes que eu caísse,
me diga que eu estou segura, você me tem agora.”¹*

— VOCÊ GOSTA DESSA música, não é, titia? — Sofia perguntou, sentada no pufe central do meu *closet*, admirando várias das joias que eu havia separado. De tempos em tempos eu costumava organizá-las, transferindo algumas para o cofre da agência bancária da capital e selecionando outras para doações de caridade. Mantendo comigo apenas as utilizadas no dia a dia ou as mais recentes, que ainda não haviam sido usadas.

Na maioria das vezes, eu contava com a ajuda de alguma das arrumadeiras da casa, mas não hoje. A pequena organização, nada mais era do que um estudo de território para o projeto que em breve eu colocaria em prática. Havia uma outra razão também, uma bem mais simples de ser explicada, que era a de encontrar a tiara que usei na minha festa de quinze anos. A ligação que eu tinha pelo acessório foi o que o fez permanecer comigo por todo esse tempo, mesmo que eu nunca mais a tenha usado. Talhada com várias folhas ao longo do arco de ouro, a tiara seria facilmente adaptada ao que eu tinha em mente.

— Sim, eu gosto — respondi a Sofia, um pouco distraída. Olhando para o *closet* inteiro bagunçado enquanto obrigava a minha mente masoquista de voltar ao beijo que acontecera entre mim e Ricardo há alguns dias. O que era impossível, pois eu era mais do que capaz de provar do seu gosto em minha boca ainda. Não era só o frescor de menta que parecia ter se agarrado a mim, como

também o cheiro de Ricardo e a lembrança do olhar feroz que me lançou. Cada detalhe daquele dia seguia registrado tão fortemente em minha memória, que era difícil fazer com que meu cérebro não continuasse rebobinando toda a cena, minuto após minuto.

O mesmo não poderia ser dito a respeito do pedido de casamento de Oliver. Que não foi exatamente um pedido, mas, que de acordo com ele, fora sério. O que exigia da minha parte uma resposta. Por sorte, Oliver já tinha uma viagem programada para o exterior, o que o manteria ocupado pelas próximas semanas. E enquanto ele se dividia entre a Espanha e a França, os dois principais países com quem vínhamos fazendo negócios, eu refletia todos os prós e contras sobre a sua proposta.

Encarando-o mais como um pedido que poderia ou não trazer-me benefícios, do que como qualquer outra coisa. O que estava no topo da minha lista de prós?

Estando casada com Oliver, eu jamais correria o risco de ter o que restava do meu coração, quebrado.

Não que Oliver tenha se mostrado assim, tão paciente. Mas na primeira vez que trouxe o assunto em um de nossos telefonemas, eu me limitei a pedir para que esperasse até o fim de sua viagem e que me desse esse tempo para... pensar.

*Você tomaria a direção
Se eu perdesse o controle?
Se eu me deitasse aqui
Você me levaria para casa?*

*Você cuidaria
De uma alma quebrada?
Você me abraçaria agora?
Oh, você vai me levar para casa?²*

— Ela vai ficar repetindo? — Sofia voltou a perguntar, referindo-se à música, quase que ao mesmo tempo que eu encontrava a caixa vermelha que estive procurando.

— Vai sim — respondi, abrindo-a.

— O que é isso, titia? — Ela ficou na ponta dos pés querendo ver o que eu tinha em minha mão.

— É uma tiara.

— Como a das princesas? — Ela escancarou a boca ao ver, tão ou mais encantada do que fiquei quando coloquei os olhos sobre ela pela primeira vez.

— Sim. — A tiara não era rodeada por diamantes ou pedras preciosas, e ainda

assim, parecia a de uma princesa. Uma jovem e mirim princesa.

Foi amor à primeira vista quando eu a vi na própria sede da *Cartier*, e um dos tantos presentes dados por Marcos, que tenho certeza de que não se importaria que fosse passado à frente.

— Agora ela é sua, Sofia. — Minha sobrinha olhou para mim, sem entender. — É um presente. — Estendi a caixa, mas ela não pegou.

— Mas é sua, titia, se me der vai ficar sem.

— Eu tenho mais joias do que posso contar, Soff. Mas essa tiara é especial, por isso quero que fique com ela. — Os olhinhos verdes se fixaram na tiara, como se não acreditasse. — O seu tio me deu de presente quando completei 15 anos, e ela não merece ficar guardada aqui. Entende? Precisa de alguém que use e cuide dela.

— Coloca em mim? Eu quero ser princesa agora!

Sofia se virou empolgada, e eu ajeitei a tiara em seu cabelo solto e rebelde. Sem dizer nada, ela se aproximou do espelho que pegava todo um lado do *closet* e sorriu. As duas covinhas surgindo em suas bochechas.

— É a tiara mais linda que eu já vi, obrigada! — Ela pareceu realmente emocionada. — Agora, a gente pode trocar essa música? Ela *tá* me deixando *tiste demais*.

Peguei-me sorrindo, como não fazia há semanas.

— Eu vou trocar, acho que ela está começando a me deixar triste também.

Sofia ficou comigo por um bom tempo depois que comecei a guardar as caixas de joias. Vera trouxe algo para que ela comesse, já que era final de tarde e em breve sua mãe viria para buscá-la. Quando saí do closet, após fechar a última gaveta de joias, eu a encontrei deitada em minha cama, os olhos fechados e a mão pequena em volta da tiara.

— Aquela é a sua tiara. — Escutei Mariana dizer ao adentrar o quarto.

Um cômodo ao qual ela nunca teve acesso.

— Sim. Eu dei de presente a ela. — Minha irmã me encarou, e eu soube o que passava por sua cabeça. — Sinto muito que eu nunca tenha deixado que você a usasse. — Ela havia pedido muitas vezes quando éramos mais novas. — Eu fui egoísta, acho.

— O problema nunca foi a tiara. Foi você — disse, com certa hesitação. — Se era seu, eu não podia chegar perto. Era como se eu fosse tomar para sempre e nunca mais devolver. — Era isso o que eu temia que acontecesse mesmo. — Eu nunca quis tomar nada de você, Isadora. Por muito tempo, tudo o que quis era fazer parte da sua vida. Até que certo dia, depois de tanto ser ofendida, eu deixei de querer.

— Como disse, eu sinto muito. — Sei que era pouco, mas esse era todo o

pedido de desculpas que ela ouviria de mim. Porque eu sentia mesmo. O Dr. Carvalho, aos poucos, vinha fazendo com que eu enxergasse coisas a meu respeito e minha vida, que antes foram ignoradas por medo.

E sim, eu fui egoísta e tive ciúmes dela. Talvez até um pouco de inveja da liberdade que sempre teve e que eu nunca me permiti ter. Nós éramos diferentes, Mariana era como o sol, e eu a lua. Mas nós éramos irmãs, e eu, bem, eu amava a sua filha. E foi exatamente isso que o Dr. Carvalho contestou na última conversa que tivemos. Por que eu era capaz de admitir tão abertamente o meu amor por uma criança, e não era capaz de fazer o mesmo com os outros? Mas eu sabia a resposta.

Era porque Sofia era incapaz de me magoar ou ferir. Ela era inofensiva ao meu coração. Os outros não.

— Será que eu deveria me preocupar em vê-las juntas, dividindo o mesmo cômodo? — Nós duas olhamos para trás, onde Marcos manteve-se parado, nos encarando com o olhar esquisito. Como se esperasse pelo momento em que nos atracaríamos.

Meu irmão ainda não havia se acostumado a nos ver *parcialmente* tranquilas ao redor uma da outra.

— Está tudo bem, eu só vim pegar a Sofia. — Ele se aproximou e olhou para a sobrinha.

— Aquela é...

— Sim, a tiara — Mariana e eu dissemos juntas. Certas de que ele lembraria as brigas que tivemos por causa dela quando éramos mais novas

— Isadora a deu de presente a Sofia. — Marcos se virou na minha direção, mas eu não sustentei o olhar.

Por que todos agiam como se o meu gesto fosse algo de outro mundo?

— Se eu soubesse que essa tiara causaria tanto alvoroço no passado, eu não teria comprado. Juro que não — ele falou, mas seu tom de voz era quase divertido. — Eu tentei encomendar outra depois, mas informaram-me que não faziam duas peças iguais. Não como essa.

— Então você comprou o colar de pérola negra para Mariana — completei.

— E você disse que era a joia mais horrível que viu em sua vida. Que não era especial. — Sim, essas foram exatamente as minhas palavras.

— Eu menti. — A encarei através do Marcos e nós três ficamos em silêncio, até que Rachel se aproximou com sua cada vez maior barriga.

— O que está acontecendo aqui? Quando vocês três se juntam, eu tenho quase certeza de que é porque algo sério aconteceu e já começo a ficar nervosa. — E todos nós sabíamos que ela não podia ficar nervosa. Não com a propensão a repetir o quadro clínico de sua última gravidez.

— Mariana veio buscar Sofia — expliquei.

— E por que estão com essas caras? E o que é aquilo na mão da Sofia... ah, meu Deus, é uma tiara! Como a de uma princesa. — Ela atravessou o quarto, sorrindo encantada. Marcos e ela estavam felizes por conta do bebê que estava para vir, mas isso não arrancava o semblante preocupado do rosto de meu irmão, que ele tão arduamente tentava esconder da esposa.

Mariana seguiu Rachel, as duas conversando enquanto retiravam uma Sofia adormecida da cama. Deixando meu irmão e eu para trás.

— Você não está melhorando — Marcos falou, após ficarmos a sós. — Achei que se te desse um tempo, você voltaria a ser a antiga Isadora, mas ela não irá voltar, não é?

— Você gostava mais dela. — Não perguntei, somente afirmei.

— Não se trata de gostar, irmã, e sim de saber como ela pensava.

Eu o fitei.

— O que sentiu quando perdeu a Rachel pela primeira vez, Marcos? Quando olhou para o lado e percebeu que ela havia desaparecido, fugido de você?

— Raiva.

— E na segunda vez?

— Achei que a tivesse perdido para sempre.

— Acha que foi diferente com Mariana? Quando ela traiu o Guilherme? — Ele negou. Porque nós dois sabíamos, Mariana sofreu muito com tudo o que aconteceu a ela e ao Guilherme.

— Por que pensa que comigo deveria ser diferente? Vocês estão com as pessoas que amam, estão felizes. Mas eu não, Marcos. Como espera então que eu esteja bem? Que aja como se não estivesse quebrada por dentro? Você pode ter rasgado a minha carta de demissão, mas isso não muda nada. Eu continuo aqui. Sofrendo e achando que perdi tudo, e essa sensação só aumenta a cada dia que passa. E, Marcos, já se passaram dias demais.

Meu irmão não soube o que dizer, ou simplesmente achou melhor não compartilhar comigo o que se passava em sua cabeça. Eu o amava, isso não mudou. Nem esteve em questão. Mas havia uma estrutura rachada entre a gente, que ele e eu já não sabíamos como consertar. E eu, não era estúpida, sabia que a escolha de sair dessa casa não iria fazer com que a tensão entre nós dois melhorasse. Pelo contrário.

Mas a decisão estava tomada, e nada, nenhum deles iria me fazer desistir de viver a minha vida, onde e como eu bem entendesse. Eu só não havia contado *a novidade* a nenhum deles ainda.

Ricardo

— Você entrou há pouco tempo no oitavo mês de gestação, e apesar da perda de peso que sofreu desde a nossa última consulta, o bebê se mantém saudável. Um quadro que pode mudar, se não fizermos alterações em sua rotina, mamãe.

— O médico a alertou. — Essa é uma fase importante para o bebê, e mesmo com o seu desenvolvimento quase que por completo, ele precisará de tempo para se adaptar às mudanças que ainda estão por vir. Para isso, você também precisa estar saudável. Você continuou a tomar as vitaminas que receitei?

Clarissa hesitou, mas acabou assentindo no final.

— E como anda a sua alimentação? — ele perguntou, fazendo algumas anotações rápidas

— Péssima — respondi por ela.

— Certo. Você tem feito o acompanhamento que indiquei? Participado das reuniões? Caminhada?

— Não — respondi novamente. Fazendo com que o médico arqueasse a sobancelha.

— Eu gosto de acompanhar de perto as grávidas que fazem pré-natal comigo, Sra. Rezende, mas você não tem sido muito participativa. Faltou às duas últimas consultas. — Encarei Clarissa. Ela continuava a mentir, porra. — E não parece preocupada com o fato de que já estamos no último trimestre. Daqui para frente, as chances de o bebê nascer a qualquer momento são enormes. Algumas mulheres entram em trabalho de parto semanas antes, e eu gosto de estar preparado. Mas se você não se alimenta bem, não toma as vitaminas que pedi que desse continuidade após os primeiros meses, ou segue qualquer uma de minhas recomendações, como espera que a sua filha esteja preparada para vir ao mundo?

Clarissa chorou, fazendo com que o médico, claramente, sentisse-se culpado por ter lhe provocado tal reação. O que não aconteceu comigo. Eu vinha mantendo um olhar sobre ela desde o incidente, e conhecia cada uma de suas artimanhas, a forma como ficava mansa ao se ver pressionada. Como chorava quando não conseguia o que queria...

Antes de sairmos do consultório, o seu médico pediu para falar comigo a sós.

— Qualquer sintoma diferente que ela apresentar, a traga ao hospital, sim? — pediu. — Eu não acho que a sua esposa esteja tomando as devidas precauções e me preocupo, porque a imunidade dela está baixa, assim como algumas taxas do

resultado de seu último exame de sangue. O que não estaria acontecendo se a Sra. Rezende estivesse tomando as vitaminas e medicações que lhe passei desde o início da gravidez ou se alimentando como deveria. Tenho acompanhado a sua preocupação, Sr. Rezende. Eu, no seu lugar, estaria da mesma forma.

Repassei a conversa breve que tive com o médico por todo o caminho até em casa, e ao chegarmos, a primeira coisa que fiz foi ir até a gaveta dos armários da cozinha e procurar pelos remédios que Clarissa deveria estar tomando e que obviamente não tomava. Não era possível que até nisso ela estivesse sendo relapsa. Abri-os, um a um, e os encontrei inteiramente cheios.

— No que está mexendo aí? Você não pode fazer isso!

— Eu não posso? Porque eu não concordo com você, não quando tenho uma esposa tentando chamar a minha atenção da maneira mais baixa possível. É isso, ou você está tentando com muito afinho machucar a minha filha.

— Você está louco.

— A única louca aqui é você — disse entredentes enquanto pegava as vitaminas e um copo cheio de água. — Só que eu não deixarei que essa situação continue, então sente a sua bunda na cadeira e tome seus remédios, ou eu juro que os enfio em sua garganta. E farei isso todos os dias até que a minha filha nasça. Saudável.

Dei as costas a ela após vê-la engolir comprido atrás de comprimido, mas ao subir para o andar superior, notei que Clarissa me seguia. Eu vinha evitando entrar em discussões com ela nos últimos meses, passava sempre a maior parte do tempo no Hangar e, às vezes, quando a cabeça estava muito quente, eu escolhia passar a noite por lá.

— Eu o odeio! — Essa era a primeira vez que ela dizia algo assim. — Odeio o que fez comigo, odeio essa criança. Odeio aquela mulher. Odeio o nosso casamento. Eu passei metade dele sozinha. Bancando a boa esposa, e para quê? Para chegar agora e ver você apaixonado por uma vadia mimada?

— Se me odeia tanto por que não me deixa livre, porra? Por que insistir em um casamento que já não tem salvação? Você me forçou a fazer uma escolha, tornou a minha vida o inferno que ela é hoje, fez com que eu deixasse o exército... a minha carreira militar para cuidar de você. Para estar aqui... *por você*. Mas não pense nem por um segundo que eu permitirei que faça mal a criança que espera, Clarissa... porque eu já perdi demais por sua causa, e me recuso a perder também a minha filha.

— Eu não dou a mínima. Eu a odeio tanto... tudo o que esse bebê fez foi te afastar ainda mais de mim. — Ela sorriu, amarga. O que me fez segurá-la pelo braço, com força. — E se não te deixo livre, é porque quero que sofra tudo o que eu sofri. Que pague por ter me trocado por um bloco de gelo humano que nunca

irá amar a sua preciosa filha. Sabe como eu sei disso? — Cerrei a mandíbula. — Pela forma como ela olhou para a minha barriga, a surpresa... a raiva. Você partiu o coração da vadia rica, Ricardo, e ela irá partir o seu. Porque eu não acho que aquela mulher seja capaz de amar a filha de sua esposa. Que amante conseguiria?

— A vontade que eu tenho é de fazer você engolir cada maldita palavra que sai da sua boca... mas o que mais me choca, Clarissa, o que mais me fere... é ver o seu descaso em relação à criança que espera. Como pai, eu não consigo entender. — Porque Isis não havia sequer nascido e, porra, não restava dúvidas de que eu seria capaz de dar a minha vida por ela.

— A verdade, Ricardo, é que por mim a sua filha não nasceria. Se eu tivesse tomado uma pílula a mais daquela vez... uma só... — A minha mão levantou, eu estava muito puto, caralho.

— Filho, não. — Dona Laura entrou no quarto no momento em que eu mais precisava dela, afastando nós dois e impedindo-me de cometer o maior erro da minha vida. — É isso o que ela quer, Ricardo. Foi isso que passou os últimos meses tentando. Te fazer perder a cabeça para que você saia como o errado dessa história.

— Deixe que ele me bata, dona Laura. Deixe porque se isso acontecer... não será apenas a mulher que ele ama que irá perder, será a filha também.

— Não me ameace, Clarissa. Não com isso — falei, ignorando a tentativa de dona Laura de me acalmar. — Porque se precisar, eu vendo tudo o que eu tenho, abro mão de toda essa merda, apenas para conseguir a guarda da minha filha no final. Quer lutar comigo? Lutar por uma criança que você nem ao menos quer? Apenas tente.

— Eu não ligo para quem irá ficar com essa criança, porque eu me recuso a te dar o divórcio — falou baixo, chegando bem perto de mim. — Não vou permitir que fique com aquela mulher nunca!

Clarissa levantou as duas mãos, mas mesmo que eu as tenha segurado pelo pulso fui incapaz de impedir que a unhada que tentou deixar em meu rosto afundasse em minha pele. Afastei-a, sob os gritos de dona Laura e a olhei, incrédulo.

Meu rosto ardia, meu coração batia furioso dentro do peito. E eu estava a um passo de mostrar a essa mulher que eu chegara ao meu limite.

— Isso é o que nós vamos ver, Clarissa. Na hora certa.



— Tem certeza de que quer fazer isso? — Assenti, de forma mecânica. — Quero dizer, nós temos provas que garantiriam a Clarissa a perda da guarda de sua filha imediatamente. Mas, então haveria contestações, adiamento de processos. Ela provavelmente alegaria estar abalada por conta do relacionamento de vocês... — Samuel recostou contra a poltrona. — É arriscado, Ricardo, mas não impossível. Ainda tem o fato de que a unhada que ela te deu no rosto se enquadra como agressão física...

— Nós não iremos por esse caminho, tudo o que essa merda tem feito é arder. Mas não é isso o que eu quero... e sim, a garantia de que eu terei a guarda da minha filha após a separação.

— Não é comum o tribunal dar o parecer em favor do pai. Mas, nesse caso, pode ser que sim. Basta ter paciência e torcer para que ela não seja uma boa atriz.

Encarei Samuel, que deu de ombros. E apertei a nuca, sentindo que, a qualquer momento, minha cabeça, de tão pesada, explodiria enquanto eu pensava nas repercussões que uma decisão como essa traria a todos.

— Quando pretende entregar os papéis a Clarissa? — quis saber, para que pudesse fazer as alterações que sugeri ao longo de nossa conversa.

Fora Samuel quem os preparou quando tomei a decisão de sair de casa na primeira vez. Eu só não tinha tido a oportunidade de entregá-los a Clarissa na época, principalmente porque passei todos aqueles meses focado quase que inteiramente em Isadora.

— Assim que ela não puder descontar a sua raiva em Isis.

O que aconteceria assim que a minha filha nascesse.



Dias depois, enquanto acompanhava o treinamento de abordagem dos seguranças que se formariam na próxima turma, eu rodeei o tatame, atento aos alunos que se destacavam. Após participar de duas aulas, meu corpo encontrava-se quase tão exausto quanto a minha mente. O que era bom. Extravasar a tensão

que vinha carregando desde que o *assunto divórcio* voltou a surgir entre mim e Clarissa na noite passada, era o único meio de não estourar. Eu não conseguiria olhar para ela e mentir, dizer que já não tinha tomado a minha decisão quando a verdade era que já havia. Mas até que a separação fosse possível, e segura, eu pretendia permanecer em nossa casa atento ao que Clarissa aprontava, pensei, enquanto escutava o meu celular tocar mais adiante.

Antes de chegar ao banco onde estava o aparelho, eu saí do tatame e assim que vi o nome de Hélió no visor, pedi para que algum deles me substituísse por alguns minutos.

— Diga, Hélió. — Era ele quem me atualizava acerca de tudo o que acontecia com Isadora.

— *Eu a perdi, Ricardo. Tem quase seis horas que tento entrar em contato com a Srta. Montenegro, mas eu não a encontro* — falou preocupado. — *Essa é a primeira vez que ela desaparece assim, e como você deixou claro que se algo acontecesse a ela, eu deveria entrar em contato...*

Ricardo

VERIFIQUEI AS COORDENADAS obtidas através do localizador instalado no aparelho de Isadora, uma precaução, que, quando se tratava dessa família, tornava-se realmente necessário, e do visor do meu celular eu olhei para o edifício situado em uma das quadras mais nobres do centro de Joinville. Ok, eu estava no lugar certo, mas não recordava de alguma vez ter estado aqui com Isadora, ou de escutar algo a respeito de algum de seus amigos morarem pelos arredores.

Entrei na portaria e me identifiquei apenas como o segurança da Srta. Montenegro. Não dei meu nome, para o caso de Isadora se recusar a descer, por isso fiquei surpreso ao ver que a recepcionista discara um ramal e informara a quem quer que fosse sobre a minha presença.

— O senhor pode subir, Sr. Rezende. Ela está na cobertura.

Subi, e andei a esmo ao chegar no corredor, notando que Isadora só poderia estar no único apartamento, que ao que parece, cobria toda a extensão do andar. Que droga essa mulher fazia aqui?

Bati na porta semiaberta e caminhei alguns passos para dentro após escutá-la gritar para que eu entrasse. Demorei a avistá-la, e enquanto registrava o local, eu notei a ausência de móveis e decoração, o piso de porcelanato branco... as paredes recém-pintadas. E claro, todo o espaço infinito que o apartamento parecia ter. Era muito grande, e não, eu não estava sendo exagerado.

Virei-me em direção ao terraço, que tinha ligação direta com a sala, sem quaisquer divisórias, janelas ou portas bloqueando o ar que entrava pelo espaço aberto. Foi exatamente ali que eu a encontrei. Inclinação sobre a sacada de vidro, admirando a vista.

Assim como eu a admirava agora.

Meu corpo protestou de saudade, a preocupação que senti após o telefonema de Hélio foi perdendo força conforme eu me aproximava. No terraço, além de algumas plantas como coqueiros e cactos, havia um deque de madeira onde se

podia sentar e tomar sol. Essa sendo a parte sem cobertura do terraço. Caminhei até Isadora, querendo entender o que tudo isso significava. Mas perdendo completamente a linha de raciocínio ao ser atingido pelo seu perfume. Porra! Não era só dela que havia sentido falta, era desses pequenos detalhes também.

O gosto de sua boca macia, sempre quente. O cheiro que espalhava-se pela sua pele e se agarrava a minha após fazermos amor. A maciez do cabelo, o brilho raro em seus olhos verdes. E sim, a maneira como suas unhas afundavam em minha nuca ao ser penetrada. Como se ter-me dentro dela, fosse a sensação mais incrível de sua vida.

Maldição, eu esperava que fosse mesmo.

— O que acha desse lugar? — Ela me olhou por cima do ombro, a pele branca quase sem maquiagem.

Havia algo de diferente em Isadora, algo... fresco.

Para começo de conversa, ela não usava nenhum de seus vestidos formais ou saias justas. Não havia camisa social a cobrindo, nem o costumeiro coque severo que insistia em usar. O cabelo castanho seguia solto, mechas finas voando pelo seu rosto quando o vento batia. E sim, Isadora vestia uma calça jeans clara, e uma blusa de seda branca de alças finas.

Passei por cima da vontade de entrelaçar meus dedos na alça e descê-las, expondo os seios que eu sabia estarem nus, e foquei em sua pergunta. *O que eu achava desse lugar?*

— Ele me parece grande. — Assim como era a minha vontade dela.

— Ele é — Isadora respondeu.

— O que pretende com isso, Isadora? O sumiço repentino, esse apartamento...

— Eu o comprei — disse, de repente, quase como se temesse a minha reação. O que mostrava que ela me conhecia bem demais. Porque assim que as palavras escaparam de sua boca, a minha mandíbula apertou. — Acabei de assinar os papéis.

— Por quê? — Talvez fosse coisa da minha cabeça, mas esse era um passo que parecia afastá-la ainda mais de mim.

Como se ao tomar a decisão de se mudar, Isadora estivesse dizendo com todas as letras que se cansara de esperar. De imaginar que algum dia eu a escolheria. O que essa mulher não fazia ideia é de que eu já a havia escolhido. Pedir o divórcio definitivo a Clarissa, não fora uma decisão motivada apenas por querer a segurança de Isis. Tinha a ver também com ela, com o amor que sentia e pelo desespero em que fiquei ao imaginar que ela poderia se casar com outro homem antes que tivéssemos a chance de nos acertar. O que eu precisava agora, era saber se Isadora estaria disposta a passar por cima do julgamento e opinião de todos, a fim de estar do meu lado quando o momento de lutar pela minha filha

chegasse.

— Porque eu preciso — disse, virando-se para ficar cara a cara comigo. O vento bagunçando o seu cabelo, obrigou-me a afastá-lo de seu rosto.

A promessa de não tocá-la não cabia ao gesto que fiz, porque quando olhei nos olhos dessa mulher e disse a ela que só a tocaria de novo, como realmente ansiava, eu me referi a muito mais do que um afastar de cabelo. Ou um beijo na testa. Eu me referia a tudo. A amá-la com meus dedos, com minha boca. A beijá-la até arrancar o seu maldito fôlego. Foi a isso que me referi.

— O que o seu irmão pensa a esse respeito? — Isadora retirou por conta própria o cabelo, afastando minha mão sem precisar dizer nada.

— Ele ainda não faz ideia. Mas saberá em breve. — A reação dele não parecia preocupá-la. Não era como se não fôssemos capazes de adivinhar como Marcos reagiria a notícia. Porque era certo, ele ficaria furioso. — Tenho certeza de que com o tempo Marcos irá compreender porque estou fazendo isso. Em breve, ele e Rachel terão outro filho... e aquela casa se tornará cheia demais para mim. Um pirralho chorão já é o suficiente.

“... eu não acho que ela seja capaz de amar a filha da sua esposa. Que amante conseguiria?”

As palavras de Clarissa voltaram à minha mente, como um lembrete de algo que realmente poderia vir a acontecer, paralisando-me por um momento.

O toque de seu dedo sobre o que ficara do arranhão de Clarissa em meu rosto, fez-me querer beijá-la. Simples assim.

Nos entreolhamos, e foi como se ela soubesse.

— Quando pretende se mudar? — Minha mão fechou sobre a dela, e eu me recusei a deixá-la se afastar.

— Em dois, três meses, eu acho. Preciso que as mudanças tenham terminado.

— Que tipo de mudanças?

— No closet...

— Claro.

— Na cozinha, meu quarto, no outro terraço...

— Há outro terraço?

— Sim, um pouco maior do que este.

— Deixe-me adivinhar... é lá que fica a piscina?

— Não que eu pretenda utilizá-la, mas sim, é lá que fica a piscina.

Ficamos em silêncio, o dedo de Isadora ainda sobre o meu arranhão. E eu, bem, eu fiz questão de afastar cada mecha de cabelo que me impediu de olhar dentro dos seus olhos.

— Você já desejou poder voltar no tempo e fazer tudo diferente? — perguntei, perto demais dela.

— Sim — Isadora respondeu, desviando seus olhos dos meus. Nossos narizes quase se tocando.

— O que mudaria?

— O dia em que acreditei que você me amava.

Então, por um minuto quase que inteiro, seus olhos prenderam-se aos meus. Frios, como quando a conheci.

— Eu gostaria de não ter levado suas palavras a sério, talvez isso não tivesse me feito abaixar a guarda, o que, por consequência, fez com que *eu* te amasse.

— Você ainda me ama? — indaguei baixo, detendo o meu dedo em uma mecha que pus atrás de sua orelha.

— Que diferença faz? — questionou. — Pelas minhas contas, sua filha está perto de nascer... e bom, o seu casamento deve andar divertido, pois você está arranhado no rosto... o que me leva a não querer pensar como deve estar em outras partes...

— Você me ama ou não, Isadora? — insisti, vendo-a hesitar.

— Por que quer saber? — Ela se mostrou nervosa.

— Eu vou me separar de Clarissa.

— Vai? — A voz de Isadora, titubeou, trêmula. O breve momento de vulnerabilidade desapareceu junto de suas próximas palavras, que vieram cortantes. — Deixe-me adivinhar, ela só precisa assinar os papéis, não é? — concluiu, incrédula. — E até que ela assine, o que eu não acho que fará, o que você pretende fazer? Ficar comigo? Repetir o quanto me ama... para no final, vir com alguma desculpa e quebrar o pouco do que resta do meu coração?

Sacudi a cabeça, veemente.

— Eu te fiz uma promessa e pretendo cumprir, Isadora, enquanto não for um homem livre não voltarei a encostar o dedo em você, não da maneira como desejo, nem mesmo que a vontade de te fazer minha, seja maior. Ou que a certeza de que você *já é minha*, siga firme. Eu não farei isso com nenhum de nós dois. O que eu quero, não, o que preciso, é saber se você me ama a ponto de... aceitar a presença da minha filha em sua vida.

Esperei por uma resposta, que não veio. E, enquanto Isadora olhava-me como se eu tivesse acabado de dizer a coisa mais absurda que já ouvira, eu quase me convenci de que tinha feito mesmo isso: dito algo absurdo.

— Eu não entendo... — Eu a segurei pelos ombros, quando ela recuou. As palavras mal saindo de sua boca.

— Apenas imagine, ok? Se em algum momento no futuro, você e eu tivéssemos a chance de ficarmos juntos. Ficar realmente, Isadora. Sem nada nos impedindo, nenhum empecilho. Você conseguiria lidar com a minha filha? Você seria capaz de amá-la?

Isso era tudo o que eu precisava saber. Se podia contar com ela do meu lado.

— Espera, deixe-me ver se eu entendi. Você quer se separar, mas quer ficar com a guarda dela? É isso? — Assenti, sem dar a ela garantias.

A guarda de Isis era o que eu queria? Sim, mas sabia que não seria fácil. Ainda mais se Clarissa decidisse dificultar a porra da minha vida. Mas com Samuel cuidando de tudo, só restava a mim convencê-la de que entrar em uma disputa judicial comigo, não a beneficiária em nada. Fosse pela recusa em assinar os papéis e me dar o divórcio, fosse pela guarda de Isis.

A quem Clarissa, até o momento, não demonstrava nenhum interesse.

Isadora

— Nunca será apenas nós dois, Isadora — Ricardo disse, e apesar de eu ter entendido o que ele queria dizer, eu não aceitei. — Isis será parte permanente em minha vida e se tudo sair exatamente como espero que saia, eu terei sim a guarda dela.

Ricardo parecia convicto de que a teria. Mas e quanto a mim?

Onde eu me encaixava em seus planos?

“Você me ama a ponto de aceitar a presença da minha filha em sua vida?”

Sacudi a cabeça devagar, porque eu não me achava capaz de algo assim. Ela era filha dele com outra mulher, uma mulher que... sempre estaria ligada a nós dois de alguma forma. Que seria uma sombra em nossas vidas. Então vinha o fato de que eu... não sabia como amar. Eu temia essa emoção.

Meu amor, não era para muitos. Ele era escasso.

— Você não pode estar falando sério. — Eu o encarei. — Eu nem ao menos sei se posso...

Calei-me, porque algo me alertou de que se eu dissesse essas palavras em voz alta Ricardo jamais me perdoaria.

— Se pode amar a minha filha, é isso? — ele indagou, sério. — Ou lidar com o fato de que se algum dia nós ficarmos juntos, Isis virá comigo e que será parte disso aqui... *da gente*.

Engoli em seco.

— Tem ideia do absurdo que está me propondo? O que você quer é que... eu assumo uma criança que não é minha... uma criança que... nos separou. Se você teve que escolher entre mim e ela, e escolheu ela... então sua filha é a culpada de estarmos separados, Ricardo. E eu... eu não posso lidar com isso. Eu não sei como dar ou oferecer o que está pedindo. Isso, é claro... se algum dia aquela

mulher te deixar livre.

Dessa vez foi Ricardo quem sacudiu a cabeça, atônito, soltando os dedos ao redor dos meus braços.

— Eu vou repetir isso uma única vez, porque quero ter certeza — ele falou, pausadamente. — Você me ama, eu sei disso. Mas não é capaz de lidar com a minha filha? É isso que está dizendo, Isadora?

Não consegui responder. Porque para mim, na minha cabeça distorcida, não era tão simples assim. Eu tinha medo de não conseguir, medo de não ser capaz de amar alguém além dele, medo de me tornar uma mulher horrível. Medo de acordar daqui a vinte anos e perceber que era uma pessoa infinitamente pior do que a minha mãe foi. Ela nunca amou Mariana. Sequer a tocava quando estávamos longe dos holofotes. Eu não queria repetir os mesmos erros que ela.

— Eu não posso fazer isso. — Não podia correr o risco de fazer a vida desse homem miserável... porque sim eu o amava. Sobre todas as coisas.

— Você prefere viver uma mentira — ele concluiu, e eu assenti.

Porque enquanto estivesse mentindo para mim mesma, não haveria dor, não é? Para nenhum de nós dois.

— Eu te amo, porra! — murmurou rouco, contra a minha testa. E se em um momento senti-me despedaçar; no outro, senti que tudo o que fora quebrado, nos braços dele, poderia ser posto no lugar novamente. Isso, é claro, se ele jamais me soltasse. — Mas essa bagunça, esse querer estar com você e nunca poder. Isso cansa, Isadora. Porque eu estou disposto a me sacrificar, a enfrentar o que for preciso, para ter você e a Isis em minha vida. Para ficar com as duas. Mas não posso lutar pela gente sozinho. Não cabe somente a mim. Não enquanto você recua... achando que se casar com o Oliver é o mais seguro.

— Oliver não tem nada a ver com isso.

— Tem se você disser sim a ele, porra! — Ele me encarou furioso, pegando a minha mão para verificar. — Se já não tiver dito... se já não tiver cometido esse erro.

Ricardo parecia cansado, esgotado. E eu mais ainda.

— Eu ainda não respondi — falei baixo, puxando minha mão de volta. — Mas já pensou que, você e eu, talvez nós não tenhamos sido feitos para ficar juntos? — questionei, sendo terrivelmente honesta. — Que toda essa loucura...

— Não foi loucura — disse convicto. — Foi amor.

— Nós já tentamos outras vezes... e nunca deu certo.

— Talvez a gente não tenha tentado para valer. Você já pensou nisso?

Todos os dias.

Isadora

CAMINHEI PELO SALÃO de festas da mansão, misturando-me entre os convidados. Distraída demais para pensar em outra coisa que não na conversa tida com Ricardo na última vez que nos vimos. Não que em algum momento desde aquele dia eu não tenha repassado cada uma de suas palavras. Analisando-as de trás para frente, pensando se era ou não capaz de lidar com o futuro que ele pintou diante dos meus olhos.

E a cada vez que questioneei a mim mesma, a resposta que obtive não foi muito diferente da que dei a ele. E se eu não fosse capaz? Se não conseguisse e isso o fizesse me odiar?

Tudo era tão confuso, e eu não tinha certeza se estaria na posição que minha mãe esteve ao lidar com Mariana, ou se na posição em que a mulher que arruinou a minha família, esteve. Eu seria sempre vista como a outra, a que veio depois de Clarissa. A que destruiu o casamento dela. A mídia adoraria noticiar isso, então tudo se tornaria uma bola de neve descendo por uma montanha de gelo interminável.

Lembrei-me contrariada do telefonema que ele atendeu na minha frente, seus olhos selvagens vidrados nos meus enquanto ele falava:

— *Ela está bem, Hélio. Pode avisar ao Sr. Montenegro... que a irmã dele está bem.* — A vontade que senti foi a de gritar o contrário.

Que não, eu não estava bem. E não ficaria até que ele voltasse para a minha vida.

Mas sozinho.

Isso jamais vai acontecer, querida. Não é assim que as coisas funcionam. Eu quase podia escutar a voz de minha mãe. Imaginar o rosto dela, o cinismo em sua expressão. Eu quase podia... e era tão real que fazia com que eu sentisse vontade de chorar.

Sorri placidamente para um casal de conhecidos, e continuei a me afastar da

parte mais cheia do salão. Marcos aniversariava hoje, e esse era o motivo de termos aberto as portas da mansão para alguns poucos e selecionados convidados. Nada exagerado, apenas uma reunião íntima, a fim de não deixar a data passar em branco. De longe, avistei Rachel e ele conversando com um antigo casal de amigos de nossos pais. Provavelmente contando a novidade de que eles esperavam uma menina. Mais à frente, Mariana e o marido encontravam-se entretidos com Carmen e Filipo...

E eu só desejava correr daqui. Desaparecer.

— Quantos anos o meu titio, vai fazer? — Sofia, que andava ao meu lado, perguntou exibindo orgulhosamente a sua tiara. Ela vinha sendo o centro de todas as atenções quando se tratava de nossa família. Ela e Arthur, que parecia ter um precoce fascínio pelas câmeras. O contrário do pai. — Mais de vinte?

— Muito mais do que vinte. — Acrescente aí, o dobro.

— Quando eu tiver a idade dele posso dar uma festa assim também?

— Claro que pode. — Você provavelmente fará o que quiser de qualquer maneira.

O mundo iria pertencer a essa garota, facilmente. Sem nenhum esforço.

— Eu farei então, e você vai me ajudar, não é tia? — Assenti, bebendo um pouco do espumante seco que levava em minha mão. — Nós usaremos a mesma roupa, pode ser assim? E eu vou querer que o Barão venha... acha que meu titio vai deixar?

— Seria melhor trazer os seus peixes... — Porque eu não conseguia imaginar, Marcos aceitando um cavalo, do porte que o Barão teria quando adulto, dentro de sua casa.

— Mas eles virão também, não se preocupe. — Eu não estava preocupada, não com isso. — Vai ser o máximo — falou, e acho que essa vinha sendo a sua palavra preferida dos últimos tempos porque tudo para Sofia era o máximo.

Discretamente, eu deixei o salão, com ela em meu encalço falando sobre a tal festa. Se eu preferia um vestido azul, como o da Elsa, ou um verde como o da Anna. Ao não chegarmos em um consenso ela solucionou o problema dizendo que ele podia ter as duas cores. E ainda disse: *não é o máximo?*

Não me importei de tê-la como companhia essa noite, Oliver ainda não havia retornado de sua viagem, e a previsão é de que não o fizesse em menos de um mês. O que para mim era um alívio, porque quanto mais o Sr. Dupuy o prendesse na França, mais tempo eu teria para refletir sobre a sua proposta. Eu sei, a Isadora de meses atrás não estaria sequer cogitando essa ideia.

Mas eu já não era aquela Isadora. E mesmo podendo lidar comigo e minhas dores internas sozinha, eu não acho que conseguiria apagar Ricardo da minha mente sem ajuda. Sem alguém tentando ocupar o lugar dele em minha vida. Mas

então eu pensava em tudo o que teria que fazer, beijar outro homem que não o Ricardo. Dividir a mesma cama... o mesmo futuro. Oliver e eu tínhamos realmente tudo para dar certo, se fôssemos analisar essa situação logicamente. Mas na prática?

Na prática, eu entrava em desespero só de nos imaginar juntos.

Então pensava, não era como se eu fosse encontrar um novo amor ao virar a esquina. Não é? O homem da minha vida era o Ricardo, então que diferença faria? E se fosse para fazer isso, que pelo menos fosse com alguém que eu admirava e respeitava.

— Titia, você conheceu o meu pai? — Sofia perguntou, de repente. Fazendo com que o meu pequeno devaneio terminasse.

— Sim. — Optei por ser sincera, e isso trouxe um sorriso em seu rosto.

Os olhinhos verdes brilhavam euforicamente.

— Você gostava dele? — Peguei-me assentindo, incapaz de quebrar o seu coração. — Minha mamãe disse que ele teve que viajar para muito longe, por isso não me visita. Mas ele existe, e não está no céu, não é? — Machucou-me que ela quisesse ter a certeza de que o pai não estava no céu.

— Não, Sofia, ele não está no céu.

— Você sabe como eu posso falar com ele? — Não era possível que essa garotinha estivesse me perguntando isso.

— Não... eu... sinto muito.

— Tudo bem — falou, rápido demais. — Algum dia o meu papai virá me ver, sabe? E quando isso acontecer, titia, eu vou dar um abraço bem apertado nele. Mas não conta para a minha mamãe, porque ela fica triste quando eu pergunto dele...

E quem não ficava?

— Não se preocupe, eu não vou falar. Esse será o nosso segredo. — Ela sorriu.

— Sim, um segredo. O meu papai *cabói* diz que eu não sei guardar segredo, mas eu sei, sim.

A fama dela não era boa quanto a segredos. A minha discussão com Mariana? Todos sabiam, ela fazia questão de repetir a cada almoço de domingo sobre ter me visto brigando com a mamãe dela, mas complementando logo em seguida que irmãos brigavam mesmo. Que era normal e que ninguém precisava ficar preocupado com a história dela, pois tudo já estava bem. Então ela se virava para gente e perguntava: *não é?*

Revirei os olhos, por conta da lembrança, e me sentei no banco do jardim. Antes que Sofia pudesse fazer o mesmo, porém, Vera a chamou. Dizendo que o seu horário para se recolher, fora horas atrás e que ela precisaria subir. Minha

sobrinha marchou, não muito contente atrás da governanta, deixando-me ali sozinha.

Dispersa, eu olhei para as minhas mãos, as joias que eu usava, e brinquei com o anel de pérola. Circulando-o ao redor do dedo, de tão largo que se encontrava. Do anel, eu olhei para os meus sapatos. Que sim, incomodavam-me um pouco, por isso, bem lentamente eu puxei o calcanhar para fora e encostei no banco. A atenção indo para o celular que trouxera comigo, e que piscou anunciando o recebimento de uma nova mensagem. O nome de Ricardo apareceu na tela.

De forma inconsequente, eu deslizei o dedo a fim de abrir a mensagem e a foto de uma réplica de joelho malformado apareceu na tela. Meus olhos, focaram-se nos cílios longos do bebê, na quantidade de cabelo encobrindo sua cabecinha, e na boca rosa e pequena. Não vi os olhos, ou qualquer traço que me lembrasse o Ricardo, mas eu soube ao olhar para aquela criança que era a filha dele. Soube, porque ao mesmo tempo que o meu coração acelerou, ele também doeu.

A minha filha nasceu.

Era o que dizia a mensagem, que logo foi sobreposta a outra enviada quase em seguida por ele.

Não sei ao certo porque, mas eu... queria que você a visse.

E essa foi a razão de eu ter deixado o celular deslizar pelos meus dedos, aturdida demais para notar a aproximação de Marcos, e pior, para impedir que ele pegasse o aparelho e se deparasse com a razão do meu ataque.

Se bem que eu não tinha certeza se era realmente os sintomas de um ataque que me assolavam no momento ou se apenas eu, sofrendo por não ser a mulher ao lado de Ricardo agora.

— É a filha dele? — Marcos perguntou, quase irritado.

— Sim. — O aniversariante se sentou, e encarou a foto de Isis.

— Você ainda não o esqueceu — constatou.

— Marcos, essa noite não, por favor. — Eu me levantei, agitada. — Você acha que eu estou melhor sem ele, e eu entendo. Por um longo tempo eu pensei o mesmo, mas não faz mais sentido... Como posso estar melhor, se ainda dói? Não deveria ser o contrário? — indaguei, com a voz embargada.

— Ele mentiu para você, Isadora.

— Eu não preciso ser lembrada disso. — Cruzei os braços em frente ao meu corpo.

Essa era sempre a primeira coisa que eu pensava ao acordar e a última ao dormir.

— Você realmente o ama?

— Sim. — Eu realmente o amava. — Mas já não importa, porque você estava certo, agora eles serão pais e tudo pode mudar. — Talvez eles não se separassem, e ele se redescobrisse apaixonado por aquela mulher... talvez eles fossem felizes comigo longe. — Eu não me encaixo mais nada vida dele, e o melhor a fazer talvez seja aceitar o pedido de Oliver.

— Explique-me isso, Isadora.

Eu ainda não havia compartilhado esse assunto com ninguém.

— Ele me pediu em casamento, antes de viajar — expliquei. — Deixando claro que nós seríamos perfeitos um para o outro e que deveríamos dar esse passo. — Não fora um pedido romântico, e sim uma constatação. Um juntar de fatos coerentes.

— E o que respondeu? — A voz de Marcos não era suave agora.

— Que daria a resposta quando ele voltasse.

— Isadora...

— Pelo menos uma vez na vida, não conteste a decisão que eu tomar. Não me proponha um caminho mais fácil ou diga que eu estou bem do jeito que estou, porque não é a verdade.

Eu precisava sentir que pelo menos uma vez na vida estava sendo prioridade de alguém, e se isso me levasse direto para os braços de um homem que eu não amava. Não tinha problema.

— Eu tenho errado tanto com você... — Sim, ele vinha mesmo, mas já não importava.

Nada do que ele e Ricardo tinham feito importava. Eu estava esgotada com os dois. Por isso quando meu irmão me colocou em seus braços e pediu desculpas, eu não reagi. Não sabia como dizer a ele que estava tão magoada com tudo, tão ferida... e confusa, que não podia dizer algo que não sentia. E que naquele momento eu não me achava capaz de perdoá-lo.

— Marcos. — Rachel e sua barriga apareceram, fazendo com que nos afastássemos. — Sinto muito, eu não queria interromper... — Ela colocou a mão na cintura redonda e nos olhou apreensiva.

— Você não está interrompendo nada, não se preocupe — falei, movendo-me para longe deles, logo após desejar ao Marcos um feliz aniversário e me despedir de ambos.

Não fui capaz de voltar à festa depois do ocorrido no jardim, olhar para qualquer uma daquelas pessoas não teria feito-me bem. A tristeza que sentia dessa vez era tão profunda, tão insolúvel, que eu precisaria de paz para lidar com

ela. Algo que só tive ao deitar a cabeça no travesseiro e abrir pela última vez, prometi a mim mês, a foto de Isis.

Ela era linda, pensei instantes antes de adormecer.

Marcos

Atravessei a ala da maternidade, enquanto procurava pelo berçário. Não havia ninguém comigo dessa vez, nem Rachel ou um de meus seguranças, porque esse era um assunto que tinha de ser resolvido apenas entre mim e Ricardo. Não importava o quanto minha esposa tenha pedido nos últimos tempos para que eu não me metesse nos assuntos de Isadora, porque algo me dizia que se não interferisse, Isadora terminaria infeliz como a nossa mãe.

Os trejeitos, o comportamento e semblante contraído, forçado... Lorena fora da mesma forma. Uma parede indestrutível por fora, mas completamente quebrada por dentro.

Avistei-o de longe, sentado no corredor em frente ao berçário. O corpo tenso. A cena diante dos meus olhos fez com que recordasse o nascimento de Arthur. Os dias infernais que passei preso a um hospital, à espera da melhora de Rachel e do meu filho. Eu não desejaria o mesmo a ninguém, nem mesmo para o homem que deveria ter se mantido longe de minha irmã e não o fez.

Dando-se conta de uma nova presença, Ricardo inclinou o rosto e franziu o cenho ao se deparar comigo.

— O que faz aqui? — perguntou, de modo agressivo.

Avaliei o lado de dentro do berçário, antes de respondê-lo, notando que os poucos bebês que haviam lá dentro encontravam-se no colo de suas mães. E que Clarissa não era uma delas.

— Como está a sua filha? — rebati, sem respondê-lo. — Por que ainda não recebeu alta? — Fazia quatro dias desde a noite em que ele enviou a mensagem para Isadora, e desde então ela andava um desastre. Um muito pior do que já estava. Vera dizia que ela mal comia, e na Montenegro não era diferente. Isadora desmarcara todas as reuniões da semana, permanecendo trancada em seu escritório na maior parte do tempo. Rachel, Mariana, eu... todos estávamos preocupados. Porque ela já não nos enfrentava ou atacava quando a pressionávamos. O cinismo desaparecera dos seus olhos, a altivez...

Eu estava perdendo a minha irmã, contatar isso foi o que me trouxe até o Ricardo. E, no fundo, eu acho que só queria olhar na cara do infeliz e descobrir qual era a dele, por que razão enviar a foto de sua filha para Isadora quando

ainda era um homem casado?

— Ela nasceu abaixo do peso, terá que ficar alguns dias a mais no hospital...

— Mas ela corre algum risco? Está intubada?

Ele negou, fazendo com que eu relaxasse e me sentasse do seu lado, olhando para o interior do berçário como fiz tantas outras vezes após o nascimento de Arthur.

— Por que enviou uma foto dela para a minha irmã, Ricardo? O que pretendia ao fazer uma merda como essa? — perguntei baixo, escutando-o bufar.

— Quando irá parar de se meter nos assuntos de Isadora? Não vê que já passou de todos os limites? O fato de você estar aqui agora...

— Por que enviou a foto? — insisti.

— Porque eu amo a sua irmã — respondeu cansado. — E ela foi a primeira pessoa com quem desejei dividir esse momento assim que coloquei os olhos sobre a minha filha. Eu queria que Isadora a visse, que sentisse a mesma emoção... Minha intenção não foi magoá-la. Magoar Isadora, aliás, é tudo o que eu tenho tentado não fazer.

Assenti, odiando que o infeliz soasse sincero.

— E quanto a sua esposa? — Ele sacudiu a cabeça.

— O que você pretende vindo até aqui, Sr. Montenegro? Eu o conheço bem demais para saber que por detrás de cada atitude que toma... — Ricardo se calou ao ver a enfermeira que vinha no final do corredor, trazendo com ela um pequeno bebê enrolado em uma manta rosa.

O homem ao meu lado se levantou, apreensivo. Cada instinto protetor dele entrando em ação. Sei porque já estive em seu lugar.

— Ela conseguiu? — perguntou e a enfermeira negou, parecendo nervosa.

— Sua esposa se recusa a amamentar, Sr. Rezende. Não é questão da Isis não conseguir pegar o peito, e sim que...

— Clarissa não quer — concluiu nervoso.

— Nós fizemos várias tentativas nos últimos dias, mas com a piora no quadro de sua esposa, eu acredito que em breve o médico irá mudar o antibiótico dela, então não teremos como tentar por mais algum tempo.

Eu não era a merda de um fuxiqueiro, mas não pude deixar de escutar a conversa entre os dois.

— Nós continuaremos a usar o leite materno que temos armazenado, e após o tratamento, se for o caso, tentaremos outra vez com a sua esposa. Talvez ela esteja mais calma, até lá. — A enfermeira o informou. — O mais provável é que se a situação persistir, a pediatra da sua bebê indique uma fórmula láctea, mas não há com o que se preocupar... Isis está ganhando peso aos poucos, e se continuar assim esse não será um empecilho para que ela tenha alta médica. Nós

a pesamos agora há pouco e ela conseguiu chegar aos dois quilos e duzentos.

Ela era muito pequena, porra.

Nada do que fora dito pareceu fazer com que Ricardo deixasse de se preocupar. E quando a enfermeira entrou no berçário levando com ela a sua filha, o homem permaneceu ali de pé, olhando para as duas como se não soubesse o que fazer. Que próximo passo dar.

— Eu já passei pelo mesmo — disse ao seu lado. — Não importa o quanto digam para que a gente não se preocupe, a gente sempre irá se preocupar. Trata-se dos nossos filhos lá dentro.

— Não acho que você tenha passado pelo mesmo, Marcos, porque a sua esposa jamais se recusaria a alimentar o próprio filho, ou pior, agir de forma como Clarissa age quando tentamos aproximá-la de Isis... Por mais que eu tenha errado com ela, uma parte de mim sempre acreditou que, quando nossa filha nascesse, Clarissa se arrependeria das coisas que disse ao longo da gravidez, que tudo que fez até então era apenas uma forma de me castigar, mas...

O homem parecia estar lidando com muito no momento, para acabar desabafando dessa forma.

— Se ela pegou a filha no colo três vezes desde que Isis nasceu, foi muito, Marcos. Agora me explique, como uma mãe faz isso? — Ele sacudiu a cabeça, e mais do que atormentado, Ricardo parecia inconformado. — Esse não é o melhor momento — disse ao se encarar, dando-se conta de que falara demais. — O que for a merda que tenha vindo até aqui dizer, não o faça.

— Isadora te ama.

— Eu disse que esse não é o melhor momento, porra. Será que é difícil entender?

— A minha dúvida aqui é se você a ama, Ricardo.

— O problema já não é mais se eu ou ela nos amamos, Marcos. E sim... se a sua irmã seria capaz de lidar com a minha filha quando eu conseguisse a guarda dela. O que ela disse com todas as letras que não é.

— Você irá se separar — concluí, afundando as mãos nos bolsos dianteiros da minha calça.

— Morrerei tentando, pelo menos.

Nos encaramos, e eu soube naquele momento que não estava sendo fácil para Ricardo também. Que a tensão em seu rosto era mais do que justificada.

— Minha irmã pode ser um pouco... geniosa, mas...

— Você não precisa falar em nome dela. Eu conheço a sua irmã... por inteiro. — Cerrei o maxilar. — Sei de todas as debilidades emocionais que possuí, sei tudo o que a fere, quais são seus gatilhos... e é por isso que não acho justo forçá-la a lidar com a minha filha. Não se ela não estiver aberta a amá-la. A última

coisa que Isis precisará na vida é de outra mulher a desprezando...

Ele estava certo.

Despedi-me de forma automática, e o assunto que viera tratar já não parecia adequado. Pedir para que ele deixasse minha irmã em paz, não era uma preocupação. Porque tudo estava bastante claro em minha cabeça. Ricardo tinha muito em que pensar e lidar, e eu não sabia, honestamente, se Isadora conseguiria aguentar essa situação. Não depois da péssima influência materna que teve.

— Marcos — fui chamado, antes de me virar completamente. — Como Isadora está?

Eu o avaliei.

— Como você estaria se estivesse em seu lugar? Se fosse o filho de outro homem que minha irmã tivesse acabado de gerar?

— Péssimo.

— Foi o que imaginei.

Isadora

Inclinei-me sobre o balcão da joalheria, examinando o par de brincos que havia chamado a minha atenção assim que entrei na saleta, à espera do gerente. Que era quem sempre me atendia quando eu decidia que era o momento de adquirir uma joia nova. O que tendia a acontecer em períodos extremamente estressantes.

— Essas são pérolas Akoyas, as suas prediletas, se não estou enganado. A diferença é que elas possuem um tom de rosa único e são bem miúdas. Perfeitas para a linha infantil... — Ele me olhou com interesse, pois ao invés de estar interessada no colar que tão gentilmente mostrou, eu me vi interessada em um pequeno par de brincos para recém-nascidos. — Seria um presente?

O gerente perguntou, avaliando-me.

— Sim, seria.

— E quanto ao colar, a senhorita gostou? Nós recebemos novas peças da coleção *Spring*, que tenho certeza de que...

— Eu vou levar apenas os brincos.

— Os de safira?

— Não, os de pérola. Apenas eles. — Empurrei a peça em sua direção, e ele assentiu.

Mostrando-se forçadamente entusiasmado.

— É uma excelente escolha, Srta. Montenegro. Excelente.

Além de serem as pérolas mais pequenas que já havia visto, e de possuírem o fundo branco, elas apresentavam mesmo um brilho único puxado para a cor rosa. Sei que era loucura, e não era como se eu tivesse planejado, mas assim que meus olhos bateram neles, meu pensamento tornou-se fixo.

No caminho até a Montenegro eu planejei a melhor forma de pedir para que Hélio entregasse o meu presente ao Ricardo. Quando expliquei a ele o que pretendia, ele assentiu, deixando escapar, assim, sem querer, que a filha de Ricardo permanecia internada. Minha boca chegou a abrir, as palavras perto de escaparem, mas eu me calei.

Não queria saber dos detalhes. Lembrando-me de que não havia porque saber.

O bilhete que escrevi ainda na joalheria, fora colocado dentro da caixinha azul bebê, e as instruções que passei a Hélio era para que ele a entregasse apenas ao Ricardo. E a mais ninguém.

Dias se passaram, e eu não tive respostas ou um agradecimento de Ricardo. Continuei pulando refeições, pois não me lembrava de comer, continuei perdendo peso, os ataques de pânico haviam piorado. Eu já não falava durante as reuniões ou batia de frente com Marcos. Faltava-me ânimo.

Então, em certa manhã, ao deixar a Montenegro um pouco mais cedo do que o de costume, eu fui abordada por uma mulher, com seus 50, 60 anos, que parou diante de mim e me empurrou a pequena caixinha azul bebê, fazendo meu coração parar aos pouquinhos.

— Meu filho e eu... nós agradecemos o seu presente, mas não precisamos disso.

Eu não movi um músculo a fim de pegar a caixa de volta, mais do que atordoada.

— A senhora é a mãe do Ricardo?

— Sim, e você a mulher por quem o meu filho se apaixonou, não foi? — Não respondi, olhando-a com o rosto e nariz levemente empinados. — Eu sei que é a senhorita... Ricardo tem essa tendência a escolher mulheres complicadas. Acho que ele já nasceu com esse lado protetor, de querer ajudar e resgatar a todos. Quando é óbvio que nem todas as pessoas podem ser salvas.

Eu não sabia se ela se referia a mim, ou a nora.

— Meu filho pode ser um pouco reservado quando se trata de seus assuntos pessoais, então duvido que a senhorita saiba pelo que ele está passando. — Eu a escutei calada. — Mas isso aqui... — Ela se referiu a caixa. — Não é o que ele ou a minha neta precisam. E com tudo o que tem acontecido... o meu filho precisará de paz para manter a cabeça no lugar e focar no que realmente é importante.

— Eu sou um problema? É o que está tentando dizer?

— Não. Mas também não vou mentir, eu olho para a senhorita, no alto desses seus sapatos caros, bem-vestida e toda rígida, e não consigo imaginá-la sendo a mulher que meu filho precisa ao lado dele agora. Está mais do que claro que Clarissa representa um risco à minha neta, e que ela não faz questão de ter a filha por perto. Acho que após os gritos dessa manhã, o hospital inteiro já entendeu.

Riscos? Do que essa mulher falava? Vendo que eu permanecia calada, ela continuou:

— Não estou dizendo isso porque quero o seu mal ou o do meu filho, pelo contrário. Além disso, eu não a conheço. Não sei como a senhorita é...

— Exatamente, a senhora não me conhece. — Virei-me, encarando-a.

— Meu filho merece alguém que se doe por inteiro, senhorita. Assim como a minha neta precisará.

— De que tipo de risco a senhora se referiu? — Essa seria a única pergunta que eu faria a essa senhora. A única.

— Clarissa não quer a filha, desde a gravidez ela mostrou certa... revolta com a minha neta. Ricardo não confia o bem-estar de Isis a ela.

Eu não sabia disso. Não fazia ideia.

— Entende por que estou aqui hoje? Minha neta...

— Sim, eu já entendi. Sua neta precisa de alguém que se preocupe com ela e... a ame. E a senhora acha que essa pessoa não pode ser eu. — Eu também não achava.

— Isso. — Ela voltou a me empurrar a caixa, mas eu não a peguei.

— É apenas um par de brincos.

— De pérolas... que devem ter custado dez vezes mais do que a minha aposentadoria. — Talvez um pouco mais, mas nós não iríamos discutir valores aqui.

— É um presente. — Laura fechou a caixa azul, e me deu um sorriso amarelo.

— Sei que suas intenções são boas, mas...

— Como eu disse, é apenas um presente. Não significa nada. Se não forem usar em Isis, joguem fora então. Agora... se me der licença.

Afastei-me, notando a sombra de um dos seguranças da Montenegro ao meu redor. E mesmo ciente de que deixava a mãe de Ricardo atordoada com o meu comportamento frio, eu me recusei a pegar o presente de volta. Ao me deparar com Hélio à minha espera, ele sorriu, simpático como fazia sempre, mas dessa vez eu não o encarei ou acenei de volta.

Irritada com ele por não ter seguido minhas instruções, irritada com a mãe de Ricardo por ter aparecido aqui e deixado claro que não me achava merecedora do seu filho e neta, e mais ainda, irritada comigo mesma por ter... me importado.

Nem que fosse por um segundo com aquela réplica de joelho malformado.

Quanto mais forte eu precisaria ser até que tudo ficasse, realmente, bem? Até que essas palavras deixassem de ser uma mentira e se tornassem verdadeiras?

Um mês depois...

Ricardo

ENTREI EM MINHA antiga casa e fui recebido pela mãe de Clarissa. Que após a alta dela, se juntara à filha. Não me opus a sua presença, eu não estava mesmo morando aqui e não gostava da ideia de Clarissa sozinha nessa casa.

Uma casa que agora era dela. Assim como era o carro, alguns outros imóveis e mais da metade de tudo o que eu possuía. Samuel disse que eu era louco, que se tivesse esperado pela decisão judicial, não teria que ter aberto mão de nada além do que o necessário. O problema era que esperar levaria tempo.

E a sensação que tinha era a de que já havia perdido muito dele. Não era para tanto que os últimos meses trouxera o peso de dez anos em minhas costas. Isadora e eu, sua partida, a gravidez de Clarissa. E agora... Isis. Que era uma parte do meu coração fora do peito.

— Onde ela está? — referi-me à Clarissa. Pelo menos, uma vez a cada dois, três dias, eu aparecia para vê-la. Às vezes, Clarissa me escutava. Outras, dava-me as costas simplesmente. Com o fato de ela ter se recusado a alimentar Isis nos primeiros dias, o seu leite secara. O que fez com que parássemos de tentar, pois era doloroso para a Isis que não recebia nada e para Clarissa, que se dizia incomodada.

— Lá em cima. Clarissa está melhor hoje — falou hesitante, e eu apenas assenti.

Eu continuava a não confiar nela. E nada que saísse dali parecia-me certo ou sincero.

Subi os degraus, parando em frente ao nosso antigo quarto. E a encontrei penteando o cabelo, após o banho.

— Apareceu cedo hoje — disse sem me olhar. — Veio saber como estou, ou tentar outra vez fazer-me ver a sua filha? Porque se for isso, esqueça.

— Por que está fazendo isso, Clarissa? É para me punir?

— Eu estou conseguindo? — Franzi o cenho. Calmo demais para me irritar logo cedo.

— Minha mãe irá trazer Isis mais tarde...

— Não precisa.

Eu a encarei. Não vou dizer que tenha sido fácil conseguir a assinatura de Clarissa, ela enrolou o quanto pôde. Mas assinou após perceber que a alternativa a isso era lutarmos judicialmente pelo divórcio, e ela assumir o papel de mãe. Um que deixou claro não querer. E ao mesmo tempo que isso tinha me aliviado, tinha me deixado furioso também.

— Como quiser, Clarissa — falei, dando-lhe as costas.

Ao chegar no andar inferior, a mãe dela estava à minha espera.

— Eu preciso falar com você, Ricardo. Clarissa surgiu com a ideia de se mudar essa manhã. Ela não deseja ficar aqui, e eu... eu acho que em algum momento ela acabará se arrependendo. Que irá se dar conta de tudo o que está abrindo a mão... por isso tentei convencê-la a não vender a casa, a apenas alugar, mas minha filha se recusa a me ouvir. Por isso peço que você tenha paciência com ela...

— Paciência foi tudo o que eu tive, Rita. Mas não vou pedir para que ela fique, ou pense melhor. Essa é a decisão da sua filha. E ao contrário do que você tem tentado me empurrar, nem eu e nem o médico acreditamos que o que tenha deixado assim foi a minha saída dessa casa. Porque o comportamento instável de Clarissa vem de muito antes do nosso casamento.

— Minha filha é uma menina tão boa... eu não consigo enxergá-la da maneira que está pintando.

— Eu também não conseguia. E olha no que deu, Rita. Eu quase perdi tudo.

E não me referia a dinheiro, referia-me a amor. Ao que era verdadeiramente importante.



Cheguei na casa de meus pais, minutos depois, e assim que entrei fui direto para o quarto onde Isis vinha ficando desde a sua saída do hospital. Com a recusa de Clarissa em vê-la, e os cuidados necessários que um recém-nascido exigia e que eu não fazia ideia de como proporcionar, eu tomei a decisão de passar um tempo na casa deles. Olívia era quem mais me ajudava, dando-me apoio moral e explicando-me o que fazer.

Minha mãe também auxiliava, ela e meu pai mostraram-se tristes com a

situação, mas bastava olharem para a Isis que a expressão em seus rostos mudava. E foi para ela que fui, minha filha era quem mantinha a minha cabeça sã.

Por muitas vezes ao longo das últimas semanas, eu pensei em procurar Isadora, mas então recordava dos cuidados e amor que Isis precisava. No suporte que eu pretendia dar a ela. *No lar*. E as palavras de Isadora voltavam à minha cabeça, fazendo-me desistir da ideia.

Movendo-se no berço, Isis pareceu notar minha aproximação e choramingou, como se pedisse colo. Peguei-a, aninhando em meus braços e ela imediatamente se calou. Mesmo prestes a completar um mês, ela continuava pequena. Ter nascido abaixo do peso, deixou a todos preocupados, mesmo que a razão para tanto tenha sido a nutrição inadequada e deficiente que Clarissa manteve durante a gravidez. E assim como a mãe foi detectada no final da gestação, Isis também nascera com o sistema imunológico abaixo do considerado normal em recém-nascidos. O que exigia ainda mais cuidados.

Quanto a Isadora, eu vinha obrigando-me a não pensar nela. Não era por não amá-la, porque porra eu amava, era mais para me proteger. Resguardar o pouco de sensatez que me restara após toda essa confusão. Eu não queria ser um pai pela metade, e sem Isadora em minha vida, a minha filha tornava-se uma prioridade.

— Deixe-me adivinhar. Você está pensando nela novamente? — Dona Laura entrou no quarto, trazendo a mamadeira de Isis. A fórmula que, por sorte, ela não teve dificuldade em se adaptar.

— Estou tentando não pensar. — Dona Laura assentiu.

— Você sabe que... as vezes as mães também erram, certo? — enrolou, fazendo-me olhar para ela. — Nós não somos perfeitos, Ricardo. Você irá entender quando Isis for mais velha. Tentando proteger quem amamos, a gente erra e muito.

— Por que está me dizendo isso? — Esperei até que Isis puxasse o bico da mamadeira, observando-a com cuidado. Os cabelos castanhos eram como os de Clarissa. Enrolados. E os olhos tinham a mesma cor que os meus, um pouco mais claros, no entanto. Mas eles iriam escurecer. Era o que todos na casa diziam.

— Eu achei que estivesse fazendo o que era certo e que, a última coisa que você precisava em sua vida naquele momento, com Clarissa com complicações médicas, você querendo o divórcio, Isis pequena demais... fosse mais uma complicação.

— Vá direto ao ponto, dona Laura.

— Aquela mulher... ela te enviou isso dias depois que Isis nasceu. — Minha

mãe estendeu a caixa azul. — Eu soube de quem se tratava porque o motorista informou que a Srta. Montenegro o instruiu a entregar somente a você. Mas você não estava, então...

— Você recebeu.

— Sim. — Dona Laura pegou Isis do meu colo, passando-me a caixa.

Minha filha não pareceu gostar da troca de braços, e chorou, mas minha mãe balançou a cabeça, apontando para a caixa. Para que eu a abrisse.

Fui deixado sozinho, com meu coração batendo forte, como não fazia há bastante tempo. Eu mal lembrava a última vez em que me senti vivo, porra. Não, eu lembrava sim, foi na última vez em que a vi. Mais precisamente, quando Isadora rejeitou um futuro comigo e com Isis.

Abri a caixa, deparando-me com um minúsculo par de brincos, duas pequenas pérolas, que só poderiam ter sido mesmo escolha de Isadora. Ela as amava. Dentro, havia também um cartão dobrado.

Parabéns... sua filha é linda.

Sua, sempre.

I.M.

Fechei os olhos, a dor em meu peito batendo com tanta força que eu devo ter amassado a caixa. Há quanto tempo isso tinha sido enviado?

Sentindo-me esgotado, eu me sentei na poltrona, olhando para o quarto improvisado de minha filha e, pela primeira vez desde que me lembrava, eu permiti que a emoção assumisse o controle.

Perguntando-me por que raios tinha de ser tão difícil? Se nós dois nos amávamos, se queríamos estar um com o outro... por que sempre deixávamos que algo nos afastasse?

— Por que não me contou antes? — perguntei, ao vê-la reaproximar do batente da porta.

— Quando o motorista disse o nome dela... eu só fiquei preocupada. O mundo que aquela mulher vive, meu filho... não é como o nosso. Você e Isis acabariam se machucando. Eu tentei protegê-los.

— Eu queria entender que ideia insana é essa que vocês parecem ter de que interferir na vida do outro é ajudar. Não acha que há intromissão demais, não? Clarissa, o irmão dela... o filho da mãe do Oliver.

Dona Laura pareceu sentir-se culpada, enquanto eu, bem, eu tentei avaliar tudo o que teria feito diferente caso tivesse tido acesso a essa caixa antes. Para começar, eu teria ido atrás de Isadora. Teria insistido para que ficasse comigo e Isis. Eu teria tentado uma última vez.

— Por que agora, mãe?

— Você ainda não viu o que estão dizendo na internet, não é?

Sacudi a cabeça.

— A festa de noivado dela... é hoje. — Dona Laura notou minha apreensão.

— Eu sinto muito, filho... eu procurei por essa mulher na época. Disse a ela que a última coisa que você e Isis precisavam era de outra Clarissa em suas vidas. Eu cometi um erro, mas que mãe não teria medo? Quando Isis for maior...

Como se soubesse que falávamos dela, Isis chorou e esperneou, querendo o meu colo. Peguei-a outra vez, e tentei com muito custo não perder a cabeça com o que minha mãe dissera.

Festa de noivado... ela tinha dito sim a ele.

Porra, qual era o problema de Isadora? Qual era o *nosso* problema?

Isadora

Um... dois... três...

Essa era a quarta vez que eu contava até vinte. Em uma tentativa quase que inútil de me acalmar. O reflexo em meu espelho mostrava a imagem de uma mulher que conhecia muitíssimo bem. Séria, controlada. Impecável. Quem quer que me olhasse agora não faria ideia de que por dentro eu estava gritando por todos os tipos de socorro.

Era manhã de sábado, e contrariando o que fiz nas últimas semanas eu não fui para a Montenegro. Não usei o trabalho como escape, porque hoje o escudo seria outro.

Oliver.

Eu aceitei o seu pedido no dia seguinte a visita da mãe de Ricardo. Indo a favor da minha natureza racional, eu disse *sim* ao homem que não representava quaisquer ameaças ao meu coração. E por todos os dias que se passaram desde a minha resposta eu me obriguei a acreditar que havia tomado a melhor decisão.

Não procurei por Ricardo, e ele também não me procurou. Não perguntei ao Hélio sobre ele, não quis saber. Divórcio, Isis... eu afastei tudo da minha mente, ou tentei. Tentei muito, dia e noite. Madrugada. Tentei tanto que sentia a ferida sensível. Como uma coceira que a gente coça até sangrar.

E por mais trágico que fosse, eu seguia coçando... e sangrando.

De forma lenta, quase letárgica, eu peguei o creme sobre a penteadeira e passei pelos meus ombros magros. Todos mostravam-se preocupados com o peso que perdi, mas nenhum deles teve coragem de tocar na razão de tudo isso.

Era como se o nome de Ricardo tivesse se tornado proibido dentro dessa casa. Marcos, Rachel, Mariana... nenhum deles nunca mais falara sobre o homem. Como se uma regra interna houvesse sido declarada, uma regra a qual eu não tive acesso.

Através do espelho eu olhei para a caixa contendo o vestido que usaria essa noite. O enorme laço, os papéis de seda, agora espalhados pela cama. Fora um presente de Oliver. Uma amostra do que o meu futuro seria.

Você está desistindo, deixando-se se entregar...

Eu estou cansada. Rebatí a voz.

As batidas em minha porta, fizeram-me piscar os olhos. Como se acordando de um pequeno pesadelo, Marcos parou no batente da porta e aguardou por uma autorização para que pudesse entrar.

Assenti, apenas. Esperando que o assunto dessa vez não fosse a minha mudança. Um casamento não se organizava em menos de seis meses. Não o meu, pelo menos. E por mais que soubesse da pressa de Oliver para que isso acontecesse, eu não pretendia passar esse meio-tempo morando nessa casa. Minha opinião não havia mudado.

— Você não desceu para tomar o seu café da manhã — falou, sentando-se na beirada da cama e me olhando pelo reflexo.

— Não estou com fome.

— Você parece nunca estar, tem perdido peso. Anda cansada. Não sorri.

— Eu nunca fui uma pessoa exatamente sorridente.

— Tem certeza do que está fazendo? — Marcos perguntou sério, ignorando o meu comentário cínico.

Quanto a ter certeza, bem, eu... tentava não pensar muito no assunto. Oliver e eu sequer tínhamos conversado pessoalmente ainda. Ele chegaria essa tarde, e então a festa de noivado que organizou aconteceria. E era isso.

Nós dois iríamos nos casar, possivelmente, em alguns meses. E tudo ficaria bem.

Não notei que meu coração batia forte, até que Marcos apoiou a mão em meu ombro e a apertou.

— Respire... — ele pediu, trazendo recordações de Ricardo à minha mente.

Fazendo-me reviver todas as vezes em que aquele homem dissera o mesmo. Respire, gatinha.

Apenas respire.

Eu estava tentando. Mas respirar sem ele do meu lado era algo difícil a se fazer.

— Nós precisamos conversar, Isadora. — Marcos declarou, de forma enfática, fazendo com que meu estômago revirasse.

— Não comece. — O olhei através do reflexo.

— Você não vê que está cometendo um erro?

— Ricardo também era um erro. Não foi o que me disse uma vez?

Ele respirou fundo.

— Parte do que tornava Ricardo um erro, era a situação em que ele se encontrava, Isadora. Mas já não... há esposa.

— Do que está falando? — Apertei com força o pote de creme em minha mão.

— Eu mantive um olhar sobre ele, andei fazendo algumas perguntas, o Sr. Rezende está separado. Ao que parece, aquela mulher decidiu assinar os papéis.

Mas como...

— E quanto a criança... a filha dele? — perguntei em um sussurro, temendo que ele não tenha conseguido ficar com ela. Eu me culparia caso isso acontecesse.

— Ela está com ele, eu acho. Não entrei em muitos detalhes.

— Há quanto tempo sabe disso?

— Há algumas semanas. — A mandíbula dele apertou.

— E por que está me dizendo isso justo hoje? — perguntei, magoada.

— Porque assim como você, eu sou humano, Isadora. E sou da premissa de que se é para errar, então que seja por amor.

— A filha dele, eu não sei se posso lidar com aquela criança. Ou como... ser a mulher que Ricardo precisa. Eu não sei amar, Marcos.

— Claro que você sabe amar, irmã, de um jeito cínico e um pouco torto, mas sabe.

— Você não entende... Lorena nunca amou Mariana. Ela a odiava, e se o mesmo acontecer comigo? E se eu for como ela?

— Lorena é todo o problema aqui, não é? — Meu irmão sacudiu a cabeça. — Quando irá entender que você e ela são pessoas absolutamente diferentes, Isadora?

— Porque eu não me sinto diferente, todos dizem que somos parecidas, que me ver é como olhar para ela...

— E é. De uma forma muito assustadora, é. Mas isso é tudo. Eu a conheço desde pequena, e sei, com certeza, de que você não é uma pessoa má. Que não seria capaz de distorcer a cabeça de uma criança como ela fez com você. Veja você e Sofia, Isadora... você a ama.

— Sim, mas ela tem o meu sangue.

Meu irmão me estudou por um momento, antes de dizer:

— Não se trata de sangue, irmã. Trata-se de amor.

Isadora

ANDEI DE UM lado ao outro no quarto, com minha mente e corpo agitados. Inquietos.

O Sr. Rezende está separado.

Qualquer convicção e certeza de que havia em mim desintegrou-se naquele momento. Olhei para a minha mão vazia, que em breve receberia o anel de Oliver. E de tão nervosa, precisei sentar-me na beirada da cama, para não enlouquecer. Todos esperavam por mim lá embaixo.

Carmen e Filipo, alguns convidados de Oliver. Meu irmão, Rachel... Mariana. Todos eles.

Meu pescoço esquentou ao lembrar as coisas que Ricardo e eu fizemos juntos, o que conseqüentemente fez com que meu coração acelerasse e a boca ficasse seca, também por conta da adrenalina. Pela vontade de fugir disso aqui e... correr até Ricardo apenas para dizer que eu estava disposta a tentar. Que por ele, e pelo amor que sentia, eu tentaria.

Trêmula, olhei-me no espelho e sacudi a cabeça ao imaginar o rosto de repreensão de Lorena, afastando a ideia de que éramos iguais.

Porque nós não éramos.

Obriguei-me a repetir uma e outra vez, enquanto descia a escadaria dos fundos da casa. A que dava diretamente para a sacada e garagem interna. Eu não sabia ao certo como conseguiria, mas...

O pensamento foi drasticamente interrompido ao me deparar com Mariana.

— Você não deveria estar lá dentro? Na sua festa de noivado?

Assenti, olhando para as chaves em sua mão e a bolsa infantil na outra.

— Eu... você me emprestaria as chaves do seu carro? Se eu sair com algum desses, eles irão querer saber quem é... e...

— Você está fugindo?

— Talvez? — Mariana olhou-me assombrada, e entregou as chaves,

segurando a minha mão com carinho.

— Eu sabia que havia algum motivo para que Sofia goste tanto de você. E não é porque se parece com uma princesa. — Ela revirou os olhos verdes, idênticos aos meus. — É porque você... é surpreendente mesmo. Agora vai, eu cuidarei de tudo lá em cima e ainda fingirei surpresa quando todos descobrirem. — Ela riu, afastando-se após ouvir um *obrigado* sussurrado da minha boca.



Ao chegar no endereço que Hélio passou após o meu telefonema, eu olhei para a casa simples, de cerca branca e jardim na frente, com minha coragem um pouco abalada. Quero dizer, e se ele já não me quisesse? E se...

Pare de pensar, porcaria, e vá logo lá. Que mulher difícil! A vizinha murmurou, alterada.

Fiz o que me pediu, saí do carro e caminhei com cuidado pelos blocos da calçada. Toquei a campainha, sentindo como se dezenas de borboletas voassem em meu estômago. Borboletas que só aumentaram quando eu me deparei com a mulher no outro lado da porta.

— Algo me dizia que eu voltaria a te ver — a mãe de Ricardo falou.

E por incrível que pareça, ela sorriu para mim.

— Como poderia, se nem eu mesma sabia?

— Você ama o meu filho — afirmou. — Eu enxerguei isso em seus olhos aquele dia, mas não queria correr riscos. Clarissa também já o amou. — Laura se afastou para que eu pudesse entrar.

O que eu fiz, fazendo um esforço para não reparar na simplicidade da casa. O chão coberto por pequenos tapetes, as almofadas coloridas e fofas. O excesso de flores espalhadas pelos móveis...

— Meu filho saiu, mas você pode esperar por ele aqui. Tenho certeza de que será melhor.

— Onde Ricardo foi? — perguntei preocupada. Era noite de sábado.

Dona Laura me encarou, vendo a preocupação em meus olhos.

— Atrás de você, eu acho. Tudo o que sei é que Ricardo saiu daqui dizendo que precisava impedir uma loucura.

Atrás de mim... para impedir uma loucura?

— Ele teria feito isso mais cedo, mas Isis passou mal durante o dia — explicou, sem perceber que eu já não prestava atenção ao que ela dizia.

Tudo em que pensava era que... Ricardo não havia desistido de mim.

Ricardo

Vera abriu a porta da mansão, assustada pela forma intempestiva como passei por ela.

— Sr. Rezende? — perguntou, seguindo-me pelos cômodos. — Eu imagino a razão que o trouxe aqui, mas não posso permitir que entre dessa maneira sem a permissão de Marcos. Ele está furioso...

— Foda-se o Marcos, onde ela está?

Vera estacou, olhando-me sem graça.

— Nós não sabemos. Ela... a Srta. Montenegro deveria ter descido tempos atrás, mas não fez. Então Rachel e eu fomos verificá-la... e ela tinha sumido.

— Sumido? — indaguei, tenso.

— Sim... eu... — Vera se calou, ao ver que nos aproximávamos de onde toda a família estava reunida.

Marcos encontrava-se parado, de pé, no centro da sala enquanto Oliver andava de um lado ao outro. Nervoso, de um jeito estranhamente controlado. Um comportamento típico a esses homens. Do outro lado, Rachel e Mariana cochichavam. E Sofia, bem, Sofia observava a tudo como se assistisse a um filme extremamente interessante. Seus olhos verdes passando por cada familiar, o ouvido atento a tudo o que era dito.

O patriarca da família foi o primeiro a notar a minha presença, o semblante rígido assumindo o lugar da preocupação, que até então o tomava.

— Que porra faz aqui, Ricardo? — perguntou, caminhando em minha direção.

— Como pôde permitir que a situação chegasse a esse ponto? — indaguei, olhando dele para o Oliver, que se empertigou todo.

— Como esse homem entrou? — o infeliz quis saber. — Essa noite é importante para mim e Isadora, a última pessoa que ela precisa ver... é você.

— Por quê? Será que tem medo que ela desista de seguir em frente com essa loucura? Porque é isso o que esse noivado é, uma loucura! — grunhi, para que todos me escutassem. — Alguém nessa família deveria ter tentado impedir que Isadora tomasse essa decisão...

Oliver franziu o cenho, dando um passo à frente. Não acho que ele fosse me bater, ou algo do tipo. Seu terno bem cortado, o cabelo alinhado... não, ele não era o tipo que batia. Mas eu sim.

— Saia dessa casa antes que ela volte... — avisou, e eu apenas sacudi a cabeça.

— Eu só saio daqui quando souber onde ela está. Quando tiver a certeza de que Isadora recuperou a porra do juízo e deu um fim a essa novela.

— Como pode dizer...

— Aquela mulher me ama, Oliver! Então sou eu que te pergunto, como pode seguir com essa merda de noivado quando sabe disso?

E não é o que infeliz tentou acertar-me um soco?

— Ela pode amar você, mas é comigo que irá se casar. Você pode ter sido bom em outras áreas, um segredo sujo que ela nunca quis dividir com ninguém... mas aqui fora, no mundo real, sou eu que Isadora deseja ter ao lado.

Eu o soquei. Simples assim.

Não era minha intenção bater no merdinha pomposo, porque eu sabia que um único golpe o colocaria no chão. Mas eu não iria escutar as porcarias que estava dizendo, calado. Ou, nesse caso, sem reagir.

Um burburinho se formou dentro da sala, Marcos permaneceu parado, observando-me, assim como todos os outros. A única a se aproximar foi Sofia, que colocou as mãozinhas nos joelhos e se inclinou para ver o homem caído no chão. Acho que ela nunca tinha presenciado uma briga como essa.

— Agora que deixou a sua mensagem, Sr. Rezende. Eu preciso pedir que deixe essa casa... — Marcos disse, neutro. E no exato momento, o meu celular vibrou com a mensagem de dona Laura aparecendo na tela do aparelho.

Ela está aqui.

— Eu vou deixar, não se preocupe, Sr. Montenegro, mas preciso que todos aqui entendam que eu não vou desistir de lutar por Isadora. — Oliver bufou, agitado, enquanto Rachel o acudia. — Não até que seja *eu* o homem a quem ela dirá sim.

Marcos me olhou com respeito. A expressão séria, porém, mostrava que não pretendia mais interferir. Dei as costas àquela família, e ouvi os passos de Mariana em meu encalço.

— Minha irmã... eu acho que ela foi atrás de você — falou rapidamente, com medo que alguém nos escutasse. — Só não a faça mais sofrer... ela...

— Eu não farei, fique tranquila.

Mariana sorriu, e voltou ao cômodo onde o restante de sua família se encontrava.

Isadora

— Então a guarda dela ficou mesmo com o Ricardo? — A mulher assentiu, servindo-se do café que oferecera e que eu havia educadamente recusado.

— Clarissa não a quer — falou como se isso a chateasse. — Uma mãe que não deseja nem ver a filha, consegue imaginar isso? Todos pensamos que com o passar dos dias ela se acalmaria, mas já faz um mês, e nada mudou. Ricardo ainda tenta levar Isis na antiga casa deles, mas Clarissa se recusa a vê-la.

— E ela está bem? Digo... a sua neta?

— Você pode dizer o nome dela, sabia? Não dói.

Fiquei sem graça, porque para mim, doía. Sem explicar aonde íamos, Laura seguiu pelo corredor e pediu que eu a acompanhasse. O que fiz em silêncio, até que a porta de um dos quartos foi aberta e uma cama de casal, claramente afastada para que o berço ficasse centralizado, apareceu diante dos meus olhos.

— Ricardo achou melhor ficar por aqui no começo, já que é só ele e a Isis.

Ela se aproximou do berço, e eu a segui. Hesitante.

A filha de Ricardo tinha o dedinho na boca, ou quase. Havia mais dele no lado de fora do que dentro. E ela era toda pequena. Como era possível?

— Ela está melhor? — voltei a perguntar, já que não tinha obtido a minha resposta.

— Sim, foi apenas um acesso de otite. Nós a levamos no médico logo cedo e ela já foi medicada. Ricardo passou o dia andando por essa casa, preocupado com ela... e com a notícia que saiu essa manhã na internet. — Dona Laura me avaliou. — Ele não sabia que você tinha ficado noiva e que hoje oficializaria...

— Eu também não sabia que ele havia conseguido a separação. Achei que Clarissa fosse dificultar...

— Todos pensamos, mas o meu filho lidou com a situação.

— Como?

— Entregando àquela safada mais da metade de tudo o que ele tinha. — Ela me encarou séria. — Não que Ricardo se importe. Tudo o que ele precisa está bem aqui nesse quarto... e eu não me refiro apenas a Isis, Srta. Montenegro. — Olhei dela para a sua neta, vendo-a abrir os olhinhos e me encarar de volta. A boquinha que até então sugava o dedo, parou. Como se soubesse que eu era uma estranha em seu ninho.

Ela era inteira a mãe. O nariz, a boquinha, os cabelos. Só os olhos eram de Ricardo. E eu os amei no instante em que os vi.

— Eu... a senhora poderia me chamar de Isadora? — perguntei sem arrancar meus olhos da bebê. Acho até que fascinada.

— Só se você parar de me chamar de senhora — a mulher falou, pegando a neta do berço. — Segure-a um pouco.

Sacudi a cabeça, de imediato.

— Acho melhor não. — Era mais seguro assim.

— Bom, em algum momento você terá que segurá-la. — Laura aninhou a neta nos braços, até que a pequena adormeceu. Isis voltou ao berço, e eu fui deixada sozinha ao tê-la se afastando para atender o telefone que tocava na sala. Sem saber o que fazer, aproximei-me do berço, e cruzei os braços. Havia somente a luz do abajur acesa no quarto, e enquanto eu olhava para aquele pequeno ser humaninho. Eu tentei imaginar um futuro para nós duas.

Não se trata de sangue, irmã, trata-se de amor.

— Será que eu posso amar você? Que consigo fazer isso? — Isis não respondeu, ela tinha mesmo adormecido. — E se eu não souber ser o que você precisa? — perguntei baixinho. — Se estragar tudo? Seu pai não me perdoaria... e eu o amo. Amo tanto que machuca, Isis.

Endireitei-me, limpando as lágrimas do meu rosto. Pensando em mil coisas diferentes enquanto o meu peito batia devagarzinho... Foi então que eu o senti. Suas mãos ao redor dos meus braços. Seu queixo raspando o meu cabelo. Seu corpo duro, envolvendo-me por trás.

Ele era o meu abrigo.

— As perguntas que acabou de se fazer, eu já fiz a mim mesmo uma centena de vezes, Isadora. E se eu não souber como ser o pai que a minha filha precisa? Se estragar tudo? Você jamais me perdoaria. E eu te amo, porra. Amo tanto que machuca. Amo tanto... que tenho vivido um inferno longe de você. E eu estou cansado, Isadora. Acho que talvez, o nosso tempo de *tentar para valer* tenha chegado.

Eu me virei, querendo olhar para ele. Tocar nele. Não apenas ser tocada.

— Eu estou morrendo de medo — admiti. — Passei todo o caminho até aqui pensando em tudo o que poderia dar errado, em tudo o que teríamos de enfrentar... Mas de tudo o que poderia e pode acontecer com nós dois, o pior, seria perder você. Me casar com outro homem apenas porque não sei como lidar com esse sentimento...

— Não fale daquele infeliz. Não agora — Ricardo grunhiu, seus dedos afagando o meu rosto. Sua boca querendo a minha.

Mas eu continuei:

— Me casar com ele teria sido o pior erro da minha vida.

— E ficar comigo? — inquiriu, exigente. Seu hálito mentolado, envolvendo-

me.

— Ficar com você é o que o meu coração quer.

Ricardo me encarou de modo sério, e me beijou. Seus lábios chocaram-se contra os meus como se nós dois nunca tivéssemos nos beijado. Ele foi cuidadoso, lento de uma maneira deliciosa. Sua língua escorregou para dentro da minha boca, o calor dela causou-me arrepios internos e prolongados. Como uma ondulação constante e frenética. Estremeci em seus braços, transpassando meus dedos em sua nuca, querendo mais dele. Mais da gente.

— Você sabe que... eu quero tudo, certo? — disse, em meio ao beijo. — Casamento, você na minha casa, usando o meu anel, meu sobrenome. Eu me recuso a aceitá-la de outra forma, porque eu não vou me doar pela metade. Eu sou seu por inteiro, Isadora.

— Senti sua falta — disse simplesmente. — Falta do seu cheiro, dos seus braços. Falta de nós dois, Ricardo. E sim, eu... quero tudo. Desde que você me prometa que terá paciência comigo. Isis é uma parte de você, uma parte fundamental, e eu juro que mesmo não fazendo ideia de como é que se cuida de um ser humaninho tão pequeno... eu me esforçarei. Eu...

— Quer casar comigo? — ele me cortou, sorrindo. — Eu não tenho um anel para te dar aqui, não tenho a frase perfeita, ou o local mais romântico. Mas tenho a certeza de que quero que você seja a minha esposa. Que esteja do meu lado e do de Isis. Todos os dias. Quanto a você se esforçar... algo me diz que não será preciso, gatinha.

— Como sabe?

— Pela maneira como olhou para a minha filha. Você estava conversando com um bebê quando cheguei, Isadora. E porque eu confio em você. Isis é uma parte do meu coração fora do peito... e se tem algo que sei que você jamais faria, seria quebrá-lo.

E essas foram as palavras mais lindas que escutei sair da boca desse homem. Palavras que me fizeram sentir como aquelas mulheres bobas, que choravam à toa, mas que eram completamente... amadas.

— Sim — falei, aninhando-me em seus braços. — Eu aceito me casar com você.

Aceitaria mil vezes se fosse preciso.

Ricardo beijou a minha testa, com seu coração batendo forte sob onde minhas mãos repousavam, enquanto ele apertava-me como se não fosse me soltar nunca mais. Ergui o rosto, vendo seus lábios arrastarem-se da testa até a minha boca. Beijando-me com paixão.

— Sinto não ter um anel, ou nunca a ter levado para jantar... — Sua mão alcançou o meu dedo anelar, vazio. — Mas nós teremos o resto de nossas vidas

para isso.

— Você irá me encher de anéis pelo resto da minha vida? — brinquei, vendo-o ficar sério.

— Um. Eu te darei um anel, mas ele será o único. O que ficará em seu dedo até o fim.

— Eu... acho que te amo.

— Você não acha, meu amor, você tem certeza. Não estaria aqui se não tivesse.

Ricardo voltou a me beijar; sua língua quente e macia aqueceu-me por dentro. Foi como se a órbita de cada planeta se alinhasse sobre nossas cabeças, e a parte quebrada do meu coração se encaixasse à dele. Porque era assim que eu me sentia em seus braços.

Completa.

Inteira.

Um ano depois...

Ricardo

SORRI, PERVERSO, DIANTE da cena à minha frente.

Isadora deitada de bruços, as mãos amarradas no esquadrilho da cama, as costas suadas e quentes, e sua pequena e gostosa bunda, inteiramente, escancarada para mim. O cabelo castanho, que ela cortara recentemente, e que agora terminava em seus ombros, agarrava-se à sua nuca e pescoço.

— Você fica linda assim...

— Amarrada?

— Gozada. — Quase pude imaginá-la revirar os olhos, minhas palavras fizeram com que o desejo brotasse novamente em seu corpo. Eu não era um sádico, mas havia algo em puxar os pulsos dessa mulher para o alto, apertá-los e vê-la perdendo o controle, que mexia com a minha imaginação.

Excitado, voltei a me ajoelhar sobre a cama. Seu corpo magro afundando sobre o colchão novo que compramos há algumas semanas e que... não era nem duro nem mole demais. E sim na medida para agradar a nós dois, depois de infinitas tentativas de nos acostumarmos com os antigos. Primeiro o dela, depois o meu.

Com a boca gelada por conta do copo de água que havia ido pegar, eu mordi a polpa da bunda de Isadora, e em seguida a beijei. Algo muito parecido com um pequeno chupão. Meus dentes raspavam a pele vermelha das estocadas. Um gemido baixo fez-me olhar para cima e afastar meus dentes, sentindo-a se contorcer.

Rocei meu nariz na pele perfumada, e com as duas palmas das mãos eu a beijei na boceta. Fazendo-a gemer um pouco mais alto. Chupei o clitóris inchado, dolorido, e deslizei a boca pelo seu corpo, tocando com ela cada parte sensível. Sua cintura tinha a marca dos meus dedos. Suas costas, da minha boca. Seu traseiro, do meu corpo batendo contra o dela pelas últimas horas. Com Isis

prestes a completar um ano, não era como se tivéssemos muito tempo para fazer esse tipo de sexo. O tipo sujo, louco. O tipo que eu a fazia ficar de pernas bambas por dias.

— Não tem uma só parte do seu corpo que eu não tenha beijado ou chupado — rosnei em seu ouvido. — Diga que me aguenta mais uma vez, que se eu a penetrar agora... você irá chorar de tédio.

Mordisquei o lóbulo de sua orelha, vendo-a forçar seu traseiro magro contra o meu pau duro. Um convite mais do que entendido.

— Eu vou soltá-la — falei, desfazendo o nó de seu pulso.

As linhas vermelhas ao redor dele, logo se dissipariam, porque eu tomava todo o cuidado para não machucá-la.

— Fui muito duro com você? — perguntei em seu ouvido, sério.

— Eu gosto quando você é duro...

— Isso foi uma piada, Srta. Montenegro?

— Eu acho que sim, capitão Rezende — grunhi, Isadora sabia que mexia comigo ao dizer isso. E essa era a nossa piada particular. *Essa noite eu gostaria de ser visitada pelo capitão... O capitão acabou comigo... Eu amo quando você faz amor comigo, capitão.*

— Ex... eu sou um ex-capitão — lembrei-a, enquanto a penetrava. A boceta úmida, inteira lambuzada de nossos fluídos, recebendo-me com facilidade. Mesmo assim, ao empurrar o meu pau para dentro dela, eu o senti inteiro esmagado pela apertada boceta de Isadora.

— Meu Deus, Ricardo! — Ela afundou o rosto na franha do travesseiro, e eu apertei suas mãos contra o colchão, deixando-a imóvel de uma outra forma.

Ainda ajoelhado, eu saí, quase que inteiro de dentro dela, e a penetrei novamente. Fiz isso uma, duas, três vezes. Sem pressa. Escutando seus gemidos e o som do meu corpo se fundindo ao seu. A pele quente, suada. Enquanto a golpeava, no meu ritmo, eu chupei a pele do seu ombro, raspando os dentes em sua carne. Nós estávamos exaustos, eu tinha certeza, mas tudo o que eu recebia dessa mulher parecia-me pouco.

— Tem ideia do quanto eu te amo? — sussurrei em seu ouvido, tomando o cuidado de não jogar meu corpo inteiro sobre o frágil dela.

— Sim — disse preguiçosamente, mordendo o lábio em seguida ao mesmo tempo que pulsava ao redor do meu pau. Provocando-o.

— Você... — Beije seu pescoço. — é a mulher... — Sua nuca. — da minha vida.

Por último foi a sua boca, e foi entre os seus lábios inchados e vermelhos que eu desejei ficar. Daquele jeito, só eu e ela.

Quando dei por mim, ambos havíamos gozado, outra vez.

E mesmo desejando permanecer o restante do dia na cama com Isadora, eu nos obriguei a ir para o banheiro. Onde ensaboei e toquei cada centímetro de sua pele macia. Em seguida, enquanto Isadora se vestia e secava o cabelo, eu preparei algo para que pudéssemos comer.

Depois de muita conversa, Isadora e eu decidimos que o apartamento que ela comprara se adequaria a nossa nova vida. Ficava próximo a Montenegro e do Grupo Hangar. O que era bom. Fui um pouco mais teimoso, e insisti em dar a ela metade do que fora investido. Isadora sabia a respeito do modo como ocorreu a minha separação, sabia que eu havia aberto mão de mais da metade de tudo o que tinha, apenas pela segurança da minha filha e pelo meu divórcio. Mas não foi isso que a fez recusar minha proposta, até porque, com a outra metade que me restara, alguns investimentos a longo prazo e muito trabalho duro, eu ficaria bem. Ela, no entanto, fez-me compreender que, já que iríamos nos casar, eu teria que me acostumar com a ideia de que ela sempre seria mais rica do que eu. Simples e direta assim. Então, depois de parar de agir feito um machista teimoso, como fui chamado na época, eu assumi toda e qualquer despesa que tivéssemos daquele momento em diante.

As coisas funcionavam bem dessa forma, para mim e para a minha filha.

— Termine o café da manhã, amor, daqui a pouco Isis chega e eu sei que a última coisa em que você pensará será em comer.

Depois de passar a noite com minha mãe, o que acontecia raramente, Isis sempre voltava agitada para casa. Não por não gostar, mas por sentir saudade, eu acredito. Ainda assim, nós estávamos tentando fazer com que ela se adaptasse a pessoas e ambientes diferentes, porque desde muito cedo minha filha vinha apresentando sinais nítidos de timidez.

Ela puxou a você nisso, você é reservado. Um pouco calado, sabe?

Isadora dizia.

Não que eu tenha parado para refletir sobre ser ou não calado. Ser como eu era, era natural.

Isis é todinha você em questão de personalidade. E eu amo isso nela.

E sempre que essa mulher falava algo sobre amar a minha filha, eu tinha vontade de envolvê-la dentro de meus braços e não soltar nunca mais. Porque para Isadora tudo estava sendo novo. Às vezes, quando chegava cansada do trabalho, eu sabia que em qualquer outro momento ela preferiria estar sozinha. Mas então ela punha os olhos em Isis, e era como se todo o cansaço desaparecesse. A expressão de Isadora mudava ao olhar para a minha filha.

Tornava-se mais suave.

No começo foi difícil. Havia medo das duas partes, mas Isis rapidamente se apaixonou pela mulher que eu amava e Isadora, bem, Isadora só me enchia de

orgulho.

— Acha que ela irá se lembrar do dia de hoje? — perguntou, segurando a correntinha que eu havia lhe dado de presente meses atrás. Contendo a letra I. A mesma letra gravada em minha pele agora, só que em dobro.

— Sim, e se não se lembrar sempre terão as fotos. — Depois de quase um mês organizando, hoje seria a festa de um ano de Isis. Não seria nada espalhafatoso a ponto de atrair a atenção da mídia. Que desde que nos assumimos publicamente, pareciam criar teorias acerca de nosso relacionamento. E sim, minha filha quase sempre estava envolvida nessas teorias, e isso era o que mais chateava Isadora. O que a fazia reagir tão duramente contra os veículos que se atreviam a fazer especulações maldosas.

O que parecia estar aumentando a medida que o nosso casamento se aproximava.

Uma semana, era o que faltava.

Eu falara sério quando prometi oferecer tudo a Isadora. O anel, meu sobrenome. O casamento. A única coisa que não lhe dei, foi a cerca branca, até porque minha fera não era mulher de *cercas*. Ela continuava sendo uma mulher de pérolas, e tendo uma verdadeira adoração por essas joias.

E eu, por ela.

Isadora

Observei de longe, Ricardo colocar Isis em seu colo. Eu sabia que ela procurava por mim, e sorri por conta disso. Era difícil explicar o que eu sentia por essa garotinha. Acho até que era muito, muito difícil. Não havia palavras nesse mundo para definir o amor que dividíamos uma pela outra. E era esse mesmo amor, que, às vezes, fazia-me olhar para ela e pensar como alguém poderia não querê-la em sua vida?

Como Clarissa pôde tê-la excluído assim tão facilmente?

E se por um lado esse era o questionamento que eu me fazia, por outro, eu me sentia quase grata. Porque foi *o abrir mão da própria filha*, que me permitiu ter Isis em minha vida. E ela e o seu pai, bem, eles eram tudo. A coisa mais valiosa que passei a ter. Eu amava aquele homem, que agora ria e brincava com a pequena em seu colo, assim como eu a amava do fundo do meu coração.

Comprimi os lábios, pensando no telefonema de Marcos. Minha família inteira estava em uma viagem de férias. Mariana, Rachel, e os monstros deles...

Depois de meses, ajudando-me a organizar tudo a respeito do casamento, e claro, de lidar com a chegada de uma pequena garotinha, que era a Lavínia, a filha de Marcos, os dois decidiram que precisavam viajar. Já Mariana, com sua nova gravidez prestes a explodir, bem, ela achou melhor viajar antes que se tornasse impossível. O que aconteceria em breve. De acordo com o cronograma que me passara ao telefone, eles chegariam amanhã, que era o verdadeiro dia em que Isis faria aniversário, cerca de sete dias antes do dia em que aconteceria o meu casamento.

Não preciso dizer que estava sendo uma loucura para todos nós, e era por isso. Por essa razão, que queríamos que o primeiro aniversário de Isis fosse uma coisa nossa. Mais íntima. Até porque, ela tendia a não se mostrar confortável perto de estranhos.

— Está nervosa? — Dona Laura perguntou, ao se deparar comigo.

— Não, acho que só estou...

— Feliz? — Sim, essa era a palavra. Assenti, encarando-a por um momento, vendo-a a sorrir. — Obrigada por cuidar tão bem do meu filho e da minha neta. Eu posso ter feito... um primeiro julgamento errado a seu respeito, mas estava enganada.

— Você não foi a única a achar que eu não conseguiria — disse baixo, pensando que eu, mais do que ela e qualquer outra pessoa, fui a primeira pessoa a achar que jamais seria capaz de aceitar Isis em minha vida.

E agora...

Agora a ideia de que aquela mulher que se nomeava mãe dela, pudesse querê-la em algum momento, deixava-me doente. Não que fosse uma possibilidade, porque, após o abandono, Ricardo conseguira a guarda legal e total da filha.

Ao toque do meu celular, eu me deparei com uma mensagem de Oliver, confirmando o recebimento do relatório trimestral que enviei a ele horas atrás. Após a pequena maratona de sexo que Ricardo e eu tivemos, eu havia comido às pressas, e me recolhido no escritório instalado no apartamento, que era mais de Ricardo do que meu. Com as mudanças que ele e os sócios vinham fazendo, Ricardo se aventurara no último ano a dar palestras sobre segurança empresarial, em nome do Grupo Hangar. Então, quando era preciso que viajasse, eu era quem ficava com Isis. E quando eu precisava trabalhar, era ele quem ficava.

Não que tudo tenha sido perfeito, porque não foi. Ricardo não foi tão facilmente aceito na alta sociedade, e por incrível que pareça eu não me importei. Meu nome continuou sendo sinônimo de status e para a classe elitista isso bastava. O conselho da Montenegro também se mostrou receoso com a entrada dele em minha vida, e, quando há pouco tempo, Ricardo e eu consideramos ser um bom momento para tornar a nossa relação pública, eu notei

que eles ficaram ainda mais hesitantes. Como se a mulher que fui, centrada, eficiente, objetiva, não pudesse ser a mesma que se descobriu apaixonada por um homem como o Ricardo, que por muito tempo fora visto apenas como meu segurança.

Uma única reunião, minha com eles, e deixei claro que a maneira que eu lidava com a minha vida pessoal em nada tinha a ver com as decisões que tomava dentro da Montenegro. Eu não me tornava menos eficiente porque passava parte da noite sendo consumida por um homem cheio de tesão; e a outra parte, acordada ao lado dele, quando Isis não conseguia dormir ou precisava se alimentar as três, quatro horas da manhã. Não que eu tenha dito isso a eles com essas palavras, mas o sentido foi o mesmo.

Havia também a minha relação com o Marcos, que aos poucos, pareceu ter entrado nos eixos novamente. Mariana e eu, bem, nós não nos odiávamos mais. Acho até que essa palavra se tornou forte demais para mim. Odiar era algo muito sério.

Muito drástico.

Então, havia os meus ataques de pânico, que não desapareceram apenas porque decidi que merecia ser feliz. Eles continuavam e, às vezes, aconteciam quando eu pensava demais em algo que me preocupava. Outras, quando o dia era muito desgastante. Mas graças ao Ricardo e ao cuidado que tinha comigo, os sintomas consumiam-me bem menos. Ele me ajudava a me alimentar melhor, dizendo sempre que eu tinha de ser o exemplo de Isis. E nas semanas mais tensas, em que o trabalho me esgotava, ele me levava para uma das salas de treinamento no Grupo Hangar e praticava *muay thai* comigo. Em outras vezes, nós resolvíamos a tensão fazendo sexo mesmo e esse era um método mais do que suficiente.

Então, Lavínia nascera e se tornara o amor da vida de meu irmão. Mariana engravidara, Sofia, bem, a minha sobrinha continuava a mesma. Ela e a sua bendita tiara, que passou a ocupar um espaço importante, e fixo, em sua cabeça.

Nos falamos na segunda então, tenha um bom final de semana.

Enviei a mensagem ao Oliver, que me desejou o mesmo. Nós sempre soubemos que não havia amor em nosso arranjo, e que, de certa forma, tínhamos mais chances de acabarmos infelizes do que felizes. Então, após o primeiro mês de estranhamento entre nós dois, ele aceitou o meu pedido de desculpas e pediu para que esquecêssemos do assunto. Ricardo também o fizera. E, se meus instintos não estivessem enganados, hoje ele vinha mantendo um caso com a nova assistente executiva da Montenegro.

Observei de longe, Isis fazer birra para ir para o chão. Olhando para a direção que eu e sua avó estávamos. Quando não estava tentando ficar de pé, apoiando-se nos móveis, mas ainda insegura, ela engatinhava por todos os lados. Até me alcançar. Laura puxou um novo assunto, acho que sobre o bolo que tínhamos mandado fazer, mas eu não prestei atenção. Preocupada por ver que Isis apoiava-se nas pernas do pai e apontava para mim. Por um minuto de descuido, ela deu o primeiro passinho... e depois outro... sorrindo ao ver que eu olhava para ela. Três passinhos curtos e ela caiu.

— A Isis... — Eu me afastei da minha futura sogra, e fui em socorro da minha pequena menina. Ela tinha andado, depois de tantas tentativas...

Peguei-a no colo, ouvindo-a me chamar de Má. Nunca era mamãe, ou mãe. Era Má. Não que eu alguma vez a tenha incentivado a me chamar assim.

— Você caiu, meu amor? — Ela assentiu, os lábios trêmulos e as mãozinhas meladas vindo de encontro ao meu rosto. O apertando como se soubesse que me sujaria inteira.

Essa era uma das razões pela qual precisei diminuir as vezes em que usava roupas claras. Porque Isis tinha um certo fascínio em me sujar. Como se fosse muito divertido ver as minhas roupas de alta costura, cheias de dedinhos melados.

— *Má...* — Ela mostrou o joelho ralado da queda. — *Beija, Má.* — E eu beijei, fazendo-a rir e esfregar as mãos sujas de bala e doce, em meu cashmere novo.

— Você é uma pequena porquinha, sabia disso? — Ela gargalhou, algo que só fazia comigo e com o seu pai. — E não satisfeita em ser uma porquinha solitária, também quer me ver suja.

— *Má.... beija mas.*

— Você quer mais beijinhos? É isso? — Ela concordou, deitando a cabecinha em meu ombro logo em seguida.

Ricardo e eu, nós ainda não tínhamos falado sobre ter filhos. E, eu não achava que o momento era agora. Isis merecia toda a atenção e preocupação que tínhamos com ela, e antes de acrescentar qualquer outra criança a essa equação eu queria ter certeza de que ela soubesse o quanto era amada.

Ergui o rosto, com ela em meu colo. E avistei Ricardo, dando um longo gole em sua *long neck* enquanto nos observava. Estremeci pela forma como me olhou. Como disse mil coisas sem dizer. E no final daquela noite, após colocarmos Isis no berço e nos deitarmos, mais precisamente, quando eu fechei os olhos e o senti me envolver, eu o escutei:

— Algum dia, não agora, mas algum dia... eu quero que você carregue o meu filho. Porque o meu coração, as duas partes dele, Isadora, você já tem.

Isadora

ACORDEI NA SEGUNDA-FEIRA, com o choro de Isis ecoando através da babá eletrônica. Ricardo moveu-se do meu lado, prestes a ir vê-la, mas eu disse que poderia resolver o que fosse. Não era como se eu não tivesse que acordar cedo de qualquer forma.

Atravessei o corredor que me levaria até o seu quarto, e a vi sentada no berço. Os olhinhos cheios de lágrimas. Zacarias rondava o berço, agitado, ele era o seu pequeno protetor. Quando a peguei no colo, os dois pareceram se acalmar. Vi Ricardo passando pelo corredor instantes depois, sua bermuda pendendo em sua cintura definida.

— Eu vou preparar a mamadeira dela... — murmurou rouco, por conta do sono.

Segui-o pelo corredor, Zacarias atrás de mim, e me dirigi até o batente que ligava a sala ao terraço. O dia hoje prometia ser claro, assim como era a previsão para o restante da semana. Sei que eu poderia ter tirado alguns dias para ficar em casa antes do casamento, e que depois de passar mais de uma semana cuidando sozinha da Montenegro, eu merecia um descanso. Mas trabalhar ajudava-me a manter a mente ocupada. A não pensar demais.

E eu admito. Eu estava nervosa. Muito.

Na última vez em que passei por isso, preparação para casamento, vestido de noiva... bem, na última vez tudo dera errado. Entrar em uma igreja lotada de convidados, que me avaliariam não apenas a mim como também ao homem que escolhi, não seria fácil. E mesmo tendo crescido lidando com a constante atenção da imprensa e com a pressão que a atitude agressiva deles causava, eu não conseguia imaginar um mundo em que Isis conseguiria lidar ou se adaptar a isso. Eu a queria protegida daqueles abutres. Essa era uma das razões pela qual Marcos e eu vínhamos redobrando os cuidados e providência para com eles. Processo atrás de processo, declarações e notas claras de que não falaríamos

mais sobre a nossa família.

Como uma lufada de ar fresco, fazendo com que eu saísse do pequeno devaneio, Ricardo se aproximou por trás, levando-me a sacudir a cabeça, ao perceber que ele estava... nitidamente duro, e que fizera questão de pressionar o membro em minha bunda por cima do roupão que eu vestia.

— Meia hora... — lembrei-o, porque esse era o tempo que Isis levava normalmente para mamar pela manhã e voltar a dormir. Entre risadas, puxões de cabelo, beijos no seu rosto e *gunhinhos* fofos, esse acabava por ser um bom tempo.

— Eu acordei com muita vontade — sussurrou em meu ouvido e beijou a testa da filha em seguida, que o olhou como se ele fosse todo o seu mundo.

Pois é, acontecia o mesmo comigo.

— *Pá... mama... Má.* — Sorrimos, pois Isis parecia ter preferência para que eu lhe desse a mamadeira pelas manhãs. Como se soubesse que depois que eu saía nós duas só nos veríamos à noite. Não era uma rotina fácil, Ricardo e eu tivemos que nos desdobrar para fazer dar certo. Mas com ele podendo fazer concessões, às vezes, ele a levava para o Grupo Hangar, ou trabalhava por aqui mesmo. Nós tínhamos uma babá, mas Ricardo não gostava da ideia de que a filha fosse criada por uma estranha, e para ser sincera, eu também não gostava. Lembro das babás que tive, de como era difícil me adaptar a elas e depois vê-las ir embora por conta de algum acesso de fúria de Lorena.

— Seu irmão volta para a Montenegro hoje, certo? — perguntou, dirigindo-se à cozinha.

— Sim. — Ricardo me encarou, ele sabia qual era o estado do meu humor.

— Você irá ver o Dr. Carvalho essa semana? — perguntou preocupado.

— Sim. Mas com todos os preparativos para o casamento, ele é que virá aqui. O homem assentiu.

— Qual foi a última vez que teve um ataque, amor? — No dia do aniversário de Isis, logo após pensar na mãe dela. Mas não era algo frequente.

— Há dois dias, mas não foi bem um ataque foi só uma ansiedade... muito forte.

— O que desencadeou? — Ele gostava de saber o que os causava. Acho que para se certificar de estar comigo quando o assunto voltasse de alguma forma.

Observei-o preparar seu café da manhã, e o meu chá. Admirando a pequena tatuagem que ele fizera no lado esquerdo do peito. Os *Is*, de sua vida.

— Clarissa — admiti. Não era como se eu me preocupasse com ela, a mulher vendera a casa em que morou, entregou a guarda de Isis a Ricardo e se mudou para outro Estado. De tempos em tempos, Ricardo telefonava para a antiga sogra e procurava saber como ela estava. Eu quase sempre estava por perto, então ele

atualizava sobre a Isis e desligava o telefone em seguida.

Sem que me desse conta, ele colocou a xícara de chá na minha frente.

— Dê-me a Isis e tome o seu café da manhã, a semana será tumultuada para nós dois, mas eu quero que você fique calma, tudo bem? Que se alimente bem, que durma bem. Quero fazer amor com você todas as noites, para que você não tenha dúvidas de que eu sou o homem da sua vida.

Eu sorri, com a pressão em meu peito se aliviando.

— Eu não tenho dúvidas.

— Bom. Porque eu também não tenho e essa garotinha aqui... muito menos.



Quando cheguei na Montenegro naquele dia, eu me dirigi diretamente à sala de reuniões, dando-me conta de que estava exatos dez minutos atrasada. Engraçado porque eu sentia como se fossem horas. Isis não quis me soltar, Ricardo quis fazer amor... e eu... eu... quis tudo aquilo. Acho que passei tanto tempo não sentindo nada, que agora eu queria sentir demais.

Como Rachel e Mariana conseguiam sair de suas casas todas as manhãs e deixar seus monstros cheirando a leite em casa era algo que eu não compreendia.

As três cabeças que eu já imaginava, viraram-se em minha direção. Rachel e Mariana trocando pequenos olhares, e Marcos avaliando-me. Apenas para ter certeza de a quantas andava o meu humor.

— Você está atrasada — ele comentou, ao me ver sentando do seu lado. — Está tudo bem? — *Por que não estaria?*, peguei-me questionando.

Mas então a Rachel fez um sinal para que eu limpassem o meu rosto, e a Mariana para que eu abotoasse o último botão da minha camisa. O que eu fiz, sentindo-me ficar vermelha dos pés à cabeça.

— Se pudermos ser rápidos, eu tenho muito trabalho para essa manhã. Tive que antecipar várias das minhas reuniões e...

— O que você não conseguir lidar, Rachel ou Mariana farão, Isadora. Fique tranquila.

Mas eu não ia mesmo ficar tranquila. Meu projeto, meus contratos. Então não, nenhuma das duas iria colocar os dedos no que era meu.

— Não se preocupe, eu posso lidar com tudo. — *De olhos fechados*, ainda por cima.

— Certo, eu chamei vocês três aqui hoje para anunciar que... — Marcos falou,

falou e falou. E enquanto ele dizia sobre as novas medidas a serem implementadas na Montenegro, eu só consegui pensar que essa deveria ser a sensação de se estar em família. Eu me sentia protegida ao lado deles. Não importava se eu era um ser humano difícil, às vezes, dura demais; outras, cínica além da conta. Eles me aceitavam como eu era.

E com tudo que todos nós tivemos que passar para estar aqui hoje, nessa mesma sala, eu peguei-me querendo saber se eles pensavam como eu, se achavam que tudo pelo que passamos valera a pena.

E o que começou como três irmãos de temperamentos e gênio difíceis, terminou assim. Marcos e Rachel, e seus dois filhos. Mariana, Guilherme, Sofia, Enzo e o bebê, que só recentemente descobrimos que ela esperava. Cinco novos Montenegro.

Então havia a pequena Isis, que todos amavam como se fosse... minha. Como se tivesse nascido de dentro de mim. Porque era assim que eu a amava. E assim que eu a via.

Como minha.



Os dias foram passando lentamente, acho que para que eu tivesse tempo de me preparar para o momento mais importante da vida de toda mulher. Na quinta-feira, depois de Marcos obrigar-me a não ir trabalhar, eu dirigi-me até o meu closet, a fim de ver só mais uma vez o vestido que iria usar no dia do meu casamento. Ricardo fora proibido de entrar aqui, correndo risco de vida se tentasse. Nunca fui uma mulher de acreditar em superstições e crenças, mas no que se tratava da gente, eu queria me proteger de todas as formas. Tirei-o da capa, e o coloquei em frente ao espelho.

A cauda do vestido sereia era elegante. E o tecido mikado, de uma seda fina, com brilho acetinado e encorpado. As mangas eram compridas, e o charme ficava inteiro no aplique de pérolas redondinhas e miúdas, que cobriam uma faixa inteira do decote ombro a ombro. Que combinariam perfeitamente com o par de brincos que eu usaria. O coque seria baixo, volumoso. Era um vestido clássico, que não exigia véu.

Como uma princesa dos tempos modernos.

Respirei fundo, impressionada com o trabalho do estilista francês. E sim, joias, sapatos, roupas... eu gostava quando eram franceses. Havia algo na maneira de eles trabalharem, uma sutileza elegante que me fascinava.

— Senhorita... — Virei-me, deparando-me com a senhora que Ricardo e eu contratamos para cuidar do apartamento enquanto estivéssemos fora. Era ela quem também supervisionava o tempo que Isis passava com a babá. — Acabou de chegar uma encomenda para você, em nome do Dr. Carvalho.

Estranhei o fato de que ele tenha me enviado uma encomenda, mas então imaginei que se tratasse do meu presente de casamento. Curiosa, porque ele se enquadrava como uma das pessoas mais interessantes que já conheci, eu pedi para que Lucila guardasse o meu vestido, com todo o cuidado do mundo, e me dirigi até a sala. Isis dormia tranquila em seu quarto, então eu não teria companhia.

Ao ver o pacote retangular, ocupando um bom espaço do hall de entrada do apartamento, eu imaginei se tratar de um quadro. Não poderia ser outra coisa, o que me deixou ainda mais curiosa. Ricardo não era um homem que curti obras espalhadas pelos ambientes, notei ao longo do tempo que ele era bem minimalista. Objetivo em tudo o que fazia.

Puxando-o, um pouco mais para dentro, eu me desfiz do papelão e toda a proteção que o cobria, deparando-me com a pintura que me inquietou por tanto tempo durante as sessões que tivemos, e que hoje, assumira um outro significado para mim. E sim, vê-la aqui agora, me emocionou.

Assim como o bilhete deixado anexado à moldura.

Todos nós somos metades. Metade força, metade fraqueza. Metade amor, metade ódio. Nada dentro de nós é inteiro. E você, minha querida, será sempre cinquenta por cento cortês, e cinquenta por cento marquês. A que ama e a que deixa. A que sofre e a que volta. E isso não é ruim, é belo. Que essa obra de arte tenha espaço em sua vida como teve na minha, e que sempre a lembre de lutar pela sua felicidade.

O Dr. Carvalho não poderia ter dito palavras mais significativas. Além do Ricardo, ele era o único a conhecer meus demônios. O que me atormentava, o que acalmava. E acho que ele sabia que enquanto eu mantivesse os meus olhos nessa pintura, o mal-estar inquietante que ela me causava, eu jamais me permitiria esquecer o valor das pessoas que estavam ao meu redor.

Porque se tinha algo que Isadora Montenegro temia era a solidão.

— Está tudo bem, senhorita? — Lucila apareceu com Isis em seu colo, entregando-me ela diante do meu pedido. Pelo tempo que durou o meu pequeno momento, Isis ficou aninhada em meus braços, ali, no chão da nossa casa. Quietinha, como se soubesse o que se passava comigo.

— Eu amo você, sabia? — sussurrei contra o seu rostinho. — Amo como

nunca imaginei ser possível.

E se Isis era a segunda parte do coração de Ricardo, era a minha também.

— *Má, ama* — balbuciou baixinho.

— Sim, minha pequena. *Má, ama*.

Ricardo

Movi-me agitado, ciente do que o dia de hoje representava para mim e para Isadora. Samuel e Heitor estavam ao meu lado, assim como Guilherme, que tentou me convencer de que estar nervoso era natural. Que toda essa expectativa, acumulada ao longo dos últimos meses, mais precisamente desde que Isadora e eu nos acertamos, voaria pelos ares assim que pusesse meus olhos sobre a minha futura esposa. Assenti, incerto de que algum dia eu conseguiria olhar para Isadora sem me sentir exatamente do jeito que eu me sentia agora. Inquieto, apaixonado.

Como se não estivesse nervoso o suficiente, Marcos escolheu esse momento para se aproximar do pequeno grupo de homens. Guilherme e ele seriam os meus padrinhos, e Marcos, um pouco mais do que isso. Como o meu primeiro casamento acontecera apenas no civil, não foi complicado realizar o sonho de Isadora de se casar de maneira tradicional. Na igreja e com ela vestida de branco, como todos esperavam. Mas mais do que agradar a todos, Isadora quis seguir com a tradição de sua família.

— Eu gostaria de trocar uma palavra com você antes, Ricardo — Marcos pediu, e Guilherme, sorrindo, bateu no meu ombro e se afastou. Nos deixando a sós.

Eu sabia que estávamos prestes a ter um daqueles momentos tensos, que precedem sempre um casamento. E se tratando do Marcos, eu não poderia esperar diferente.

— Sou todo ouvidos, Marcos — falei, e sendo bem honesto, mais preocupado com o que aconteceria quando eu pisasse naquele altar, do que com essa conversa.

A trégua entre mim e Marcos perdurou por todos esses meses. Em momento algum, ele voltou a demonstrar contrariedade em me ter em sua família, e quando, por respeito ao que o homem significava para Isadora, eu fui até a mansão pedir sua mão. A primeira coisa que me perguntou era se a irmã estava grávida. Pois na última vez em que alguém lhe pediu a mão de uma delas, a notícia da chegada do bebê viera em seguida.

— Isadora é um dos meus bens mais preciosos, Ricardo, assim como o restante de minha família. Mas não vou mentir porque entre todos, minha irmã é a com quem compartilho mais pontos em comum. Talvez por sermos iguais. — Sim, eles eram mesmo. — E como está prestes a se casar com ela, eu me sinto na obrigação de te avisar que se a fizer sofrer de alguma maneira...

— Eu cortaria uma de minhas mãos fora antes de fazer Isadora sofrer, Marcos.
— Fui direto.

— E eu cortaria a outra se você fizesse. De uma só vez — rebateu, sem pestanejar.

— Essa é a sua maneira de me dar boas-vindas à família?

— Só cuide bem da Isadora, Ricardo. De nós três, ela é a que mais precisa ser amada.

— Eu sei. Isadora é a mulher mais forte que conheço, Marcos, mas também a mais frágil. Como ela consegue, eu não tenho ideia. Mas é assim que aquela mulher é. E eu a amo. Mesmo que ela seja, realmente, muito parecida com você.

— Por que tenho a impressão de que isso foi uma crítica?

— Não foi.

— Se é assim, que você e Isis sejam bem-vindos à minha família.

Isadora

Parecia um *déjà vu*, essa era a sensação que tive ao me olhar no espelho. Às minhas costas, Mariana e Rachel tentavam não chorar. E eu, bem, eu não era de chorar e me debulhar em lágrimas. Até quando ficava emotiva, eu era contida. E gostava que fosse assim.

Então, tirando o pequeno, e importantíssimo, detalhe de que, dessa vez, eu estava indo casar com o homem que amava, todo o resto me fez lembrar a última vez em que estive nessa sala. Não, nem tudo. As duas mulheres atrás de mim não eram *semidesconhecidas*, eram a minha família. Rachel, com Lavínia no colo. O rosto corado, vermelho de emoção. E ao seu lado, estava Mariana, grávida. Em algum lugar dessa igreja, Enzo e Arthur corriam como os monstros que eram, e Isis, bem, Isis estava rodeada pela sua avó e primos, por parte de pai.

Como presente de casamento de Marcos, algo que descobri agora há pouco, eu era a nova diretora executiva da filial de Madrid. E isso, sim, quase me fez chorar. Porque o cargo não era meu apenas por direito, mas por mérito também. Lidar com o conselho, e o fato de eles acharem que todos nós, os Montenegro, estávamos perdendo nossas cabeças, não foi fácil. Mas eu consegui, passando

por cima de cada problema e imprevisto que essa família teve. Então sim, eu merecia o cargo.

— Onde está Sofia? — perguntei, querendo vê-la.

Sofia seria a minha única dama de honra, e desde que experimentou o vestido que usaria, semanas atrás, ela não conseguia parar de falar sobre o meu casamento. Nem de dizer o quanto estava ansiosa para me ver entrar na igreja.

— Deve estar vindo com a Carmen. Ela quis ver o seu *guarda*, antes — Mariana respondeu, e eu voltei a atenção para o espelho, contemplando a mulher que me tornei. O brilho nos meus olhos era algo novo, assim como o sorriso de antecipação. E claro, o nervosismo que sentia crescer dentro de mim no momento.

— Titia! — Sofia nos fez olhar na direção da porta, e meu coração aqueceu naquele momento. — Você é a princesa mais linda de todas! — falou animada, correndo em minha direção enquanto eu observava o quanto *ela* estava linda. Sofia tinha a beleza típica da nossa família, e sei que, assim como acontecia comigo, Mariana também se via nela. As duas eram ainda mais parecidas.

— Não corra, Soff. — A mãe a alertou, mas ela passou direto. Correndo com o vestido que ela mesma escolheu para usar no dia de hoje, enquanto tentava manter a tiara que lhe dei na cabeça.

— Seu guarda já *tá* te esperando, titia. Diz o tio Filipo, que ele está muito nervoso.

— O meu guarda está nervoso ou o Filipo?

— O seu guarda — ela sussurrou. — Ele fica andando para lá e para cá. O padre Homero disse que se ele não parar de fazer isso, o chão da igreja vai se abrir. Aí eu pedi para ele parar, porque sem chão a gente não casa, não é?

Todas as mulheres na sala, incluindo Carmen que viera atrás de Sofia, contiveram um risinho ao escutar o pensamento absurdo, mas ainda lógico, dela. Fora que na cabeça de Sofia, se ela entrava na igreja vestida de branco e percorrendo o mesmo caminho que o da noiva, ela também estava se casando. Não importava que não tivesse aliança, ou noivo.

— Eu *tô* tão ansiosa, titia. Eu amo isso! — continuou empolgada, fazendo com que eu e sua mãe nos olhássemos. Não sei Mariana, mas eu estava imaginando o trabalho que Sofia daria daqui a alguns anos.

— Os pais do Ricardo, onde eles estão? — perguntei após algum tempo, preocupada, porque era com eles que a minha pequena estava.

— Estão todos em seus lugares, você não precisa se preocupar — Rachel garantiu. — Isis não chorou, e nem está assustada.

— Eu sei, mas é que ela não gosta de barulho ou agitação ao seu redor... — Rachel colocou a mão em meu ombro.

— Ela está bem. Tudo está bem. Esse vai ser o casamento mais lindo que eu já presenciei, tenho certeza.

Tudo estava bem... tudo estava finalmente bem.

Inspirei fundo, perguntando-me como ela e Mariana passaram por essa situação sem surtar. E minutos depois, quando a cerimonialista entrou, pedindo que as madrinhas e Sofia fossem para suas posições, eu me vi ainda mais nervosa. Antes de saírem, Mariana se aproximou comovida e me abraçou com força.

— Você será muito feliz. Eu tenho certeza — disse, deixando-me sem palavras. Não que precisasse delas naquele momento, minha irmã sabia que eu estava grata pelo seu gesto. Que apesar de simples, significava muito para nós duas.

Quando me vi, realmente sozinha, pela primeira vez em questão de horas, pude ter um tempo comigo mesma. Toquei o meu dedo, o mesmo que continha o meu anel de noivado e inspirei fundo. Ricardo me dera ele no dia em que pediu a minha mão ao Marcos. Ele não era suntuoso ou exagerado, daqueles que se viam a quilômetros de distância. Mas era perfeito, e único. De ouro branco, com uma fileira discreta de diamantes e uma pérola encaixada entre elas. Era sim, o anel mais lindo que eu já tinha visto. Não pelo valor, mas pelo que representaria em nossas vidas.

Por uma fração de segundo, enquanto rodava a joia em meu dedo, eu me peguei pensando na mulher que me trouxe ao mundo. Imaginando como seria caso ela estivesse viva hoje. A verdade, era que Lorena jamais teria permitido que eu me casasse com um homem como o Ricardo. Perceber isso, tornava mais fácil concordar com as teorias do Dr. Carvalho, de que, no fundo, Lorena me fez mais mal do que bem. O pensamento de que eu quase me tornei uma segunda versão dela... arrepiava-me inteira. Mas era graças ao homem que me deu esse anel, que eu agora tirava do dedo para que outro pudesse entrar, que eu enxerguei que podia amar a lembrança de Lorena sem ter que necessariamente tornar-me uma segunda versão dela.

O mundo não precisava de outra Lorena Montenegro.

Ao voltar, a cerimonialista pediu com bom humor para que eu respirasse fundo, pois a minha hora havia chegado. Fui acompanhada por ela e mais duas de suas funcionárias até a entrada da igreja. As portas altas de madeira se encontravam fechadas quando me aproximei e eu me peguei olhando séria para o homem caminhando em minha direção.

Marcos beijou a minha testa, e eu percebi que não havia no mundo, alguém que não ele, para dividir esse momento comigo.

— Você é a noiva mais linda que eu já vi — falou, soando sincero.

— Não deixe que sua esposa escute isso.

— Ela iria concordar comigo. Pode ter certeza.

— Obrigada — sussurrei, escutando daqui de fora o som da orquestra tocando os primeiros acordes da marcha nupcial, e sentindo cada pelo do meu corpo arrepiar ao ver as portas sendo abertas. Dei um passo à frente, e transpassei meu braço no do Marcos enquanto nos entreolhávamos.

— Está nervosa? — perguntou, com o tom de voz baixo.

— Como nunca estive em minha vida — respondi, dando os primeiros passos sobre o tapete vermelho estendido pela igreja. A mesma igreja na qual meus pais, avós e o Marcos haviam se casado. Com a mudança dos acordes da orquestra, os convidados se viraram. A marcha nupcial e o burburinho formando-se ao redor, porém, não me impediram de escutar a voz do meu irmão.

— Então você escolheu certo.

Esse foi o momento em que avistei Ricardo no altar, depois de fileiras e fileiras lotadas por nossos convidados. Um olhar para aquele homem, e tudo aconteceu ao mesmo tempo: meu coração ameaçou parar, para em seguida bater com força. Eu me senti cair, e ser segurada. E por mais clichê e tolo que soasse, o mundo ao redor realmente deixou de existir.

Ele sorriu, eu sorri. Não sei se ele chorou, mas eu chorei. E cada passo que dei em sua direção, uma lágrima de alívio e emoção escorregou pelo meu rosto, porque sabia que, ao chegar naquele altar, eu estaria indo para os braços do homem que eu amava.

E esse não era o fim, era o começo.

Epílogo

Cinco anos depois...

Isadora

VERIFIQUEI, DISCRETAMENTE, o relógio Cartier em meu pulso, e encarei o fotógrafo que passou os últimos vinte minutos procurando pelo meu melhor ângulo. Um que conseguisse capturar mais do que os meus belos olhos verdes e beleza impecável. Palavras dele, não minhas. A ideia era que conseguíssemos registrar em uma única imagem a mulher por detrás de um dos maiores contratos fechados do segmento de vinhos na última década.

E essa mulher, era eu. Que há dois dias havia concluído uma negociação com uma das principais importadoras americanas. O primeiro passo que os Montenegro davam em direção às terras do *Tio Sam*. Os últimos anos havia nos sugado inteiramente. Nossa entrada no mercado europeu se consolidou a tal ponto, que hoje tínhamos um prédio inteiro disponível para atendermos a cartela fixa de clientes, além de uma equipe de diretores e profissionais de vários países da união. Tudo com o intuito de tornar nossos produtos mais acessíveis. Qualquer empresário gostaria de lidar com alguém que conhecesse a fundo seus costumes e cultura. E o nosso trabalho era oferecer a eles, a velha, e valiosa, sensação de estar fazendo negócios em território conhecido.

— *Creo que conseguí registrar la imagen perfecta, señorita.* — O fotógrafo conectou a câmera profissional que usava ao notebook. Mostrando em um tamanho considerável as últimas fotos tiradas.

— Essa... — falei ao ver a imagem em que o foco estava inteiro no meu rosto. O terno branco, fazendo um contraste quase dramático com o fundo preto escolhido pelo diretor de arte da Forbes espanhola, a revista para a qual eu estava dando a entrevista.

— *Estoy de acuerdo con usted...* — ele respondeu com um sorriso satisfeito em seu rosto. E passou a me explicar o tipo de chamada que a revista pretendia usar. Algo meio como: *Isadora Montenegro, a brasileira que vem*

revolucionando o mercado de vinhos...

Eu sabia que o mérito não era inteiro meu. Marcos, Mariana e eu vínhamos trabalhando quase que incansavelmente para fazer com que a Montenegro alcançasse tantos voos. E o reconhecimento que recebíamos agora, fez valer cada minuto de nosso trabalho.

Quando o jornalista que iria fazer a entrevista entrou no estúdio, a primeira coisa que ele procurou saber foi se eu preferia que falássemos em português ou espanhol.

— Se está me dando uma opção, eu gostaria que ela fosse realizada no meu idioma, por favor. — Ele assentiu, e sugeriu que nos sentássemos.

Retirei o terno que vestia, deixando-o de lado por conta do calor que fazia dentro do estúdio, que na verdade, se tratava de um enorme galpão capaz de reproduzir qualquer tipo de produção, e esperei que começasse. A entrevista fora marcada semanas atrás, e a meu pedido, eles aguardaram até que a minha última negociação fosse feita. O que uniria o útil ao agradável.

— Você é uma empresária de sucesso que administra ao lado de seus dois irmãos, um empreendimento que hoje está avaliado em milhões. Pelas minhas pesquisas, seu irmão assumiu a empresa há mais de vinte anos e desde então a Montenegro teve um crescimento de quase 100% em sua estrutura, espaço dentro do mercado e o valor da marca que segue o mesmo nome, a que fatores vocês atribuem o sucesso conquistado desde então? E como acha que a Vinícola Montenegro passou de uma empresa familiar, sem pretensões de conquistar o mundo, para o que ela é hoje?

— Bom, primeiro eu gostaria de dizer que a Montenegro continua sendo uma empresa familiar. Em momento algum desde que Marcos assumiu, ela deixou de ser encarada dessa maneira. O que também responde a sua primeira pergunta. Além do programa de expansão no qual temos trabalhado há quase dez anos, o fato de ainda sermos uma empresa comandada por integrantes da família, que planejam e sonham juntos, com certeza, ajudou para que chegássemos a esses números.

— Por falar em sonhos, quais são os próximos passos que a Montenegro pretende dar? Acabo de saber pelo meu redator que você fechou contrato com uma das principais importadoras dos Estados Unidos. Esse foi um passo que planejaram, ou aconteceu por acaso?

— Acho que posso dizer que o mercado brasileiro nos trouxe o mercado europeu, e esse, por consequência, nos trouxe os Estados Unidos. É uma consequência. Nosso foco sempre foi a Europa, que como costumamos dizer, é um dos mercados mais exigentes quando se trata de vinhos. Trazer nossos produtos para cá, foi como receber um segundo selo de qualidade. Um selo que

acabou atraindo a atenção da Importadora Anderson.

— E quanto aos próximos passos?

— Nós temos muito com o que lidar nesse momento, fidelização de cliente e valorização da marca será o nosso foco nos próximos anos. Não queremos apenas vender vinhos, também queremos fazer parte das casas de nossos clientes. Nos tornar um hábito na mesa das famílias que consomem nossos produtos.

— Esse é um próximo passo bastante ambicioso. Talvez, até mesmo um pouco utópico, não? Com o mercado financeiro em declínio, nos dois continentes, criar no seu público alvo o hábito de consumir seus produtos em uma base diária não será fácil. Principalmente quando o valor mais em conta do produto de vocês vai além do que um consumidor de classe baixa estaria disposto a pagar.

— Expandirmos a Montenegro também foi uma ambição quase utópica um dia, e nós conseguimos. — O jornalista sorriu. — Reforçar esse hábito não será fácil, mas não é isso que diz o ditado popular? Que nada do que vem fácil vale a pena? Quanto ao consumidor com renda menor que a do nosso atual público-alvo, eles estão conhecendo agora a linha *Basic*, que foi lançada em comemoração às festas natalinas do último ano. O produto chegou ao mercado com preço bem abaixo dos encontrados na linha *Exclusive* da Montenegro, e por enquanto está sendo comercializado apenas no Brasil, mas se tivermos uma boa aceitação... quem sabe o que pode acontecer?

— Então está explicado, vocês estão ampliando os nichos de mercado. Uma boa estratégia.

— Sim, a ideia partiu de Mariana, minha irmã caçula, ela é quem é a responsável pela nova linha. Desde a produção até o marketing final.

— Vejo que a relação entre vocês é excelente, sempre foi assim?

Essa era uma das perguntas mais frequentes, depois, é claro, das perguntas feitas a respeito dos nossos casamentos.

— Nós somos como qualquer família, com altos e baixos. A diferença é que temos uma empresa para administrar em conjunto. Então ou falamos a mesma língua, ou os negócios não vão para frente.

— E quanto ao seu casamento? Você além de empresária, é mãe e esposa...

— Eu não falo sobre a minha vida pessoal a menos que ela esteja ligada a algum assunto referente à Montenegro. Achei que o editor da revista tivesse lhe informado, essa foi uma das condições para que eu aceitasse participar da entrevista.

— Sim, claro. Eu só queria ver se conseguiria uma declaração. A sua filha...

— Eu não falo sobre a minha vida pessoal, sinto por ter que repetir. — Cruzei as pernas, de nenhum modo desconfortável.

Eu tentava manter Isis longe dos holofotes, porque sabia que ela odiava todo o estardalhaço que faziam ao redor de nossa família. Por sorte, o jornalista compreendeu que o meu *não* realmente significava *não*, e voltou à entrevista.

Quando terminamos, pedi ao motorista que trabalhava comigo aqui em Madrid para que me levasse ao aeroporto no menor tempo possível. Se eu perdesse o voo programado, que o piloto da Montenegro agendou para esta noite, não conseguiríamos decolar até a manhã do dia seguinte. O que iria atrapalhar os meus planos de chegar a tempo no Brasil para participar da apresentação de Isis na escola.

Horas depois de voo, a maior parte dele passada dormindo na cabine privativa do jato, eu me troquei e voltei à área principal, sentando-me em uma das poltronas e pensando em tudo o que me esperava em casa. Com o Natal se aproximando, minha cunhada planejava uma pequena recepção nos jardins da mansão. Onde toda a nossa família se reuniria. De Rachel, o meu pensamento voou para Sofia, com quem eu conversava com uma frequência quase que diária. Prestes a completar doze anos, e com a teimosia típica dos integrantes da nossa família, Sofia teve a sua estreia nas competições nacionais de hipismo este ano, ganhando sua primeira medalha na categoria mirim. Assim como foi com a mãe, ela já tinha todos os olhares sobre ela, patrocinadores, treinadores. Uma equipe preparada para lhe assistir em tudo.

Não era segredo para ninguém, que ela era o orgulho de toda a família. Assim como eram os outros pequenos Montenegro. Enzo e Arthur, que além de crescerem inseparáveis, eram dois arteiros que viravam qualquer lugar de cabeça para baixo. Havia também a pequena e doce Lavínia, que além de ser a imagem cuspida de Rachel, era o xodó do meu irmão. Além de Manoela, a filha caçula de Mariana que era uma criança mil vezes mais falante do que Sofia fora. E por último... havia a Isis. A minha pequena. Que cresceu tímida e introspectiva, mas de um jeito doce. Quando ela amava alguém, ela amava muito e fazia questão de repetir isso sempre que o alvo do seu amor estava presente. Ela também era um pouco literal demais, e tinha manias que eram só dela.

Pensar naquele ser humaninho sempre fazia com que o meu coração aquecesse. Isis era sim, muito parecida fisicamente com a mãe, mas para mim e Ricardo isso não fazia a menor diferença. Porque ela era a criança mais carinhosa que conhecíamos, e a mais delicada também, talvez por ser tão pequena.

— Sra. Rezende? — Abri os olhos ao escutar a aeromoça me chamar. Nos negócios, eu passei a ser a Sra. Montenegro. Mas na vida real, aqui fora, eu seria sempre a Sra. Rezende. E me orgulhava disso. Orgulhava-me ainda mais do que o meu marido e seus sócios conseguiram fazer com o Grupo Hangar nos últimos

anos, que hoje, com um pouco do meu conhecimento em marketing estratégico, demasiado agressivo, e muito trabalho e empenho da parte dos três, se transformara em uma empresa referência no país quando se tratava de segurança privada.

Mesmo assim, entre nós dois, ele ainda era o que tinha a rotina mais tranquila. Podendo trabalhar em casa e estar mais presente na vida da Isis. Não que eu não me esforçasse, porque por ela eu pegava voos de madrugada, ficava sem dormir e atendia as suas chamadas não importasse a hora, mesmo que fosse apenas para escutá-la perguntar onde estavam as suas meias de bolinhas ou laços coloridos, que *seu papai* nunca conseguia encontrar, e que eu, às vezes, no outro lado do mundo, conseguia encontrá-los com mais eficiência e rapidez do que ele, ou até mesmo do que a sua avó.

Podia não parecer, pelo tanto que eu gostava do meu trabalho, mas viajar e passar cinco, às vezes, seis dias longe da minha família, era algo que eu fazia com o coração na mão. Algum dia, em um futuro próximo, eu delegaria essa função a algum dos novos diretores que vinham sendo treinados para assumir as vagas que surgiriam quando eu deixasse de ser tão ativa. Mas não ainda.

— A senhora gostaria de algo para beber? Nós iremos pousar em menos de trinta minutos.

Movi a cabeça, em um gesto negativo. Até que me lembrei.

— Eu não gostaria de beber nada, mas se tiver alguns daqueles pacotinhos que vocês servem durante os voos. Os mesmos que são servidos em voos comerciais, eu gostaria de alguns. — Ela não entendeu, até que eu expliquei: — São para a minha filha, ela os adora...

E nunca me deixava partir sem lhe prometer levar pelo menos um desses *biscoitinhos gostosos de avião*, como ela costumava chamá-los.

— Claro, temos alguns. A senhora prefere os doces ou os salgados?

— Dois de cada, por favor.

Melhor garantir um bom abastecimento porque com o Natal e o Ano Novo se aproximando, eu só voltaria a viajar no final de janeiro. O pensamento fez-me sentir aliviada.

Pelo restante do tempo que durou a viagem, eu permaneci de olhos fechados, contendo dentro de mim a ansiedade. Um sentimento que já não era mais tão comum em minha vida. Após anos de terapia com o Dr. Carvalho, eu havia readquirido parte do controle do meu corpo e mente. As emoções que passaram tanto tempo presas em meu interior, ao saírem, causaram-me toda aquela bagunça. Essa era uma das tantas suposições que fizemos ao longo dos anos a respeito da causa dos meus ataques de pânico, que hoje eram quase inexistentes. Mas que vez ou outra, aconteciam. Principalmente quando eu pensava nos meus

pais. Ou em Clarissa, que em todos esses anos nunca desejou saber sobre a filha.

Eu me condoía pela Isis, porque haveria uma idade em que ela saberia como tudo aconteceu, mas desde o começo, eu e Ricardo sempre explicamos que eu não era a mãe dela. Mas que a amava como se fosse, e que por ter me casado com o seu pai eu me tornara sua madrasta. *Mas madrasta é uma mamãe também, não é?* Ela perguntou a ele, quase um ano atrás, e Ricardo assentiu. Desde então, eu vinha sendo chamada de... *mãe*.

Com crianças era simples assim.

Exatos trinta e cinco minutos depois, como o piloto e a aeromoça previram, eu me encontrei no saguão principal do aeroporto particular onde o jato pousara, carregando comigo uma pequena bolsa nas mãos, e uma mala em outra. Voltei a conferir a hora em meu relógio, sendo surpreendida ao ter um corpo pequenino se chocando com o meu. Era a minha Isis.

— Você voltou para mim! — Olhei para baixo, vendo a pessoinha mais encantadora do mundo agarrar as minhas pernas e olhar para cima. — Agora vem comigo... eu não posso chegar atrasada hoje, mamãe. Não posso!

Isis saiu me puxando pelo aeroporto, não percebendo que ao olhar para cima e me deparar com o seu pai, meu coração deu um salto imenso dentro do peito. Todo de preto, Ricardo tirou os óculos escuros que usava e sorriu, fazendo minhas pernas bambearem. Isis continuou me puxando... ansiosa, mas eu não tive como não beijar o seu pai. Nos entreolhamos e eu assenti, respondendo a sua pergunta silenciosa, que era de que se eu e o bebê que esperava, estávamos bem.

Porque sim, eu estava grávida. Mas, por enquanto, nós dois éramos os únicos a saber.

— Senti sua falta, gatinha — falou baixo. — Senti muito a sua falta.

Esquentei por dentro ao tê-lo acariciando meu abdômen de forma discreta, e como sempre acontecia quando eu retornava de alguma viagem, eu imaginei a noite que teríamos após a apresentação de Isis. Que passou a nos puxar com pressa. Pequeninha do jeito que era.

Chegamos na escola, para a apresentação de balé do final de ano, e ela se perdeu entre as coleguinhas de sua classe. Marcos, Rachel, Mariana, todos apareceram para vê-la. E enquanto eu esperava por sua apresentação, da qual ela insistira em participar e na qual passara os últimos meses falando, eu apreciei a sensação familiar de ter Ricardo apertando a minha mão, e do seu cheiro alcançando-me. Olhei-o de esguelha, e o vi atento ao palco onde aconteceria a apresentação.

— Ela foi em todos os ensaios essa semana? — perguntei, apoiando-me contra ele.

— Sim. Ela não gosta de faltar, você sabe. — Eu sabia, pensei, orgulhosa.

— Vai começar — falei, e o burburinho foi silenciado ao redor do auditório.

Dez garotinhas entraram no palco uma atrás da outra, em ordem decrescente, Isis vindo por último. O tule de balé que ela usava era simplesmente a coisa mais fofa do mundo. E o cabelo, todo castanho e ondulado, fora prendido no alto de sua cabeça.

— Foi você quem o prendeu? — perguntei a Ricardo, que assentiu, lamentando não ter podido fazer parte disso.

— Sim. Eu estou ficando bom nessa coisa de coques e tules...

— Você é bom em tudo — murmurei baixinho.

A música principal do Quebra-Nozes ecoou pelo auditório, e acho que todos rapidamente percebemos que... havia algo de errado. Quero dizer, Isis passara os últimos seis meses ensaiando com sua turma e agora... parecia não saber os passos. E quando sabia, não tinha estabilidade alguma. Coloquei a mão na boca, sem saber se ria ou se chorava, e quando ela tentou fazer um pequeno *adagio*, acabou por derrubar a coleguinha do lado. Seus bracinhos empurrando sem querer a outra coleguinha. Todas as garotas foram afastando-se de Isis, temendo serem as próximas a caírem.

— Ela é horrível dançando, Isadora — Ricardo falou, chocado.

— Sim, ela é... — sussurrei. — Acho que eu amo isso nela.

Quando a música terminou, Isis era a única no lado direito do palco. Mas ela sorria como se tivesse feito tudo corretamente, cada passo atrapalhado, cada *plié* e *jeté* que saiu errado. Ainda assim, eu fui uma das primeiras a me levantar e aplaudi-la.

Porque para mim, Isis fora perfeita.

Bônus

Anos depois...

Sofia

CAMINHEI POR ENTRE as baías climatizadas, acompanhando pelo *iPad* as apresentações dos outros competidores, também conhecidos, como meus concorrentes. Hoje seria a primeira prova que eu competiria após o meu aniversário de dezoito anos, assim como seria a minha primeira participação no Campeonato Brasileiro *Sênior Top*, que era uma das categorias de rendimento máximo no hipismo. O próximo sul-americano assim como as Olimpíadas, dependiam do destaque que eu atrairia nos próximos dias.

O problema, pensei, enquanto mordiscava a minha própria boca, era atrair a atenção certa. Eu não queria aparecer nos jornais ou ser entrevistada apenas porque era uma Montenegro, ou porque toda a minha família estava na arquibancada assistindo-me competir. Eu queria que a atenção recaísse sobre mim, mas por conseguir a medalha de ouro ao final dos dias que durariam a competição. Essa era a razão de eu estar nos estábulos, meio que escondida, enquanto os outros competidores ciscavam na sala da imprensa atrás de entrevistas e declarações.

Cheguei até a baía de número 14, e me deparei com o Barão. Meu lindo Barão de olhos expressivos e pelagem branca, que o tornava um espécime único entre os seus companheiros. Ele era o meu melhor amigo e eu o amava com tudo o que tinha, porque era com ele que passava a maior parte dos meus dias. Barão e eu já havíamos ganhado tantas competições e medalhas quanto foi possível, e, como meu pai vivia a dizer, eu era insaciável quando se tratava de ganhar.

Meu pai, pensar em Guilherme sempre me trazia um sorriso no rosto.

— Aposto que você deve estar ansioso, *Bar* — o chamei pelo seu apelido, ouvindo-o relinchar e agitar o pescoço sinuoso e arqueado. — Eu sei, eu também estou nervosa — admiti baixinho. — Dá para acreditar que todos eles vieram? Nós temos dez Montenegro na arquibancada esperando pela nossa vez. Dez... e

eles são loucos, Bar. Todos eles. — Sorri novamente ao pensar na minha família, e Bar ficou eufórico.

Ele adorava a atenção que recebia, mais ainda dos cubos de açúcar mascavo, que meus primos lhe davam quando eu não estava olhando. Voltei a verificar o *iPad*, dando-me conta de que seríamos os próximos

Por todo o caminho até a entrada da arena hípica, eu puxei a rédea do Barão, observei as arquibancadas, e os fotógrafos localizados na direção certa, deparando-me ao final de minha pequena verificação com o meu treinador à minha espera, e um outro homem ao seu lado, um muito bem-vestido para estar aqui embaixo e não nas arquibancadas. Victor entregou-me o capacete, e se afastou por um minuto, dizendo voltar com o restante de meus equipamentos.

Incomodada com a maneira como o homem alto e taciturno continuou a olhar para mim, eu alisei o pelo do Barão, que parecia agitado também.

— Você me lembra muito a sua mãe... — Isso atraiu a minha atenção, fazendo-me encará-lo com desconfiança. Um traço que eu possuía em minha personalidade e que fora alimentado ao longo dos anos por contas dos interesseiros que tendiam a se aproximar de mim por causa do meu sobrenome. Ser Sofia Montenegro, a herdeira mais velha da nova geração dos Montenegro, era muita responsabilidade. Porque era como a minha tia e mãe anteciparam tantas vezes, eu tinha todos os holofotes direcionados para mim. E, ou aprendia a lidar com eles desde nova, ou sofreria muito com o que era dito, a meu respeito e ao de minha família, pela imprensa. — Ela tinha esse mesmo talento que você na arena, eu assisti sua última competição... — Se ele tinha me assistido, significava que fora há meses atrás.

Antes desse campeonato ter início.

— O senhor... — Eu pretendia perguntar quem ele era, mas Victor apareceu, empurrando-me as luvas de couro que eu usava durante as provas.

— Sofia, está na hora. — Fui informada, e o homem que ainda me encarava se afastou. Tentei buscar na memória alguém com suas características, mas não obtive sucesso.

Sua barba era aparada e negra, e ele tinha uns poucos fios grisalhos. Poucos mesmo. Os cabelos eram castanho-escuros, e o porte dele era atlético, nada fora do comum para um homem de sua idade.

— Faça uma boa prova, Sofia. Eu estarei torcendo por você. — Observei-o ir embora e se juntar a um jovem e uma mulher loira. Bem mais velha do que ele parecia ser.

— Todos já competiram, e quase todos cometeram erros primários... — Victor falou, com ele era sempre sobre não cometer erros e ganhar. — Será fácil para você.

— Victor... — eu o cortei por um minuto. — Quem era aquele homem?

Meu treinador olhou para o desconhecido, como se para lembrar com que estivera conversando e falou:

— Henrique alguma coisa... ele se apresentou, perguntando se você já havia competido, mas eu não prestei atenção. Estava conferindo a pista.

Prendi a respiração e mesmo que, inutilmente, eu o procurei pela arquibancada lotada. Sentindo-me apreensiva e estranha, porque... esse era o nome do meu pai.

Você me lembra muito a sua mãe...

Eu estarei torcendo por você...

Eu não era boba, sabia que o que fosse que meu pai tivesse feito a minha família fazia com que todos eles se mantivessem hesitantes a seu respeito. Por muito tempo, eu até tentei entender quais eram as razões pelas quais minha mãe e tia ficavam tão atordoadas ao escutarem o nome de meu pai, mas depois de um tempo, o assunto fora esquecido. Eu tinha uma família que me amava, e que me apoiava em tudo. Não precisava de um pai que jamais procurou saber nada a meu respeito.

Eu era feliz sem ele. E esperava que ele também fosse sem mim.

— Sofia, está pronta? — Victor perguntou, fazendo com que Barão relinchasse em resposta.

Assenti, concordando com meu cavalo. Permitindo que toda a adrenalina e vibração em meu sangue me dominasse. Eu amava os minutos que antecediavam minhas provas, amava a maneira como apreciava cada momento... e amava ainda mais os aplausos que eram ouvidos das arquibancadas após minhas competições.

Estar sobre o Barão, era o que eu fazia de melhor. O que me fazia sentir viva.

Quando entramos na arena, o burburinho aumentou, mas eu o ignorei por completo, inclinando-me sobre o meu cavalo e lhe desejando boa sorte. Após o nosso pequeno ritual, eu procurei pela minha família nas arquibancadas — que não foi assim tão difícil de encontrar — e acenei, satisfazendo as vontades de Lavínia, Manoela e Isis, que sempre me pediam para jogar beijinhos para elas. Acho que de todos, elas eram as minhas maiores fãs. Levavam até mesmo placas desenhadas a mão para torcerem por mim.

Focada, levei Barão até a posição inicial, estudando rapidamente os doze obstáculos que teríamos pela frente. Seria fácil. Sempre era. Quando a sinalização foi feita para que déssemos início, eu esqueci todo o restante e me concentrei apenas no meu cavalo. Sentindo-o, da mesma forma que minha mãe dizia se sentir ao montar seu primeiro cavalo. Como se ele fosse uma extensão do meu corpo.

— Vamos lá, Bar, porque agora é a nossa vez!

FIM³

Nota da autora

Gosto de pensar que os Montenegro foram felizes para sempre. Sofia cresceu e se apaixonou, assim como seus primos e irmãos. A imprensa não deve tê-los deixado em paz, mas como todos de sua família, o gênio forte e o temperamento irascível devem ter aflorado em cada um deles, e eles souberam como lidar com os inúmeros escândalos que vieram.

Gosto de pensar também, que essa visita de Henrique tenha sido a sua maneira de se redimir. De mostrar que em algum momento de sua vida ele se importou com a filha.

Gosto de pensar, ainda mais, que você leitor(a) que chegou até aqui e concluiu essa trilogia junto comigo, tenha se emocionado o tanto que eu me emocionei ao longo dessa jornada.

E que a história dessa família, que para mim, começou sem qualquer pretensão, tenha cumprido o seu dever, que foi o de encantar e fazer com que vocês tivessem boas horas de leitura. Que nesse tempo em que estiveram na companhia desses personagens tão queridos, eu tenha conseguido levar um pouco de amor as suas vidas.

Termino esse livro com o coração na mão, já desejando que outros personagens surjam para ocupar o espaço que os Montenegro estão deixando.

Desejo também, que em minha próxima aventura, você leitor(a), esteja aí do outro lado. Torcendo por mim e acreditando sempre em meu trabalho.

P.S.: Obrigada pelo carinho e por terem aguardado por tanto tempo. Imprevistos acontecem, mas eu prefiro acreditar que tudo na vida tem a hora certa para acontecer, e essa foi a hora de Isadora e Ricardo.

Grande beijo, Jas Silva.

Confira um trecho do próximo livro da autora.

**UM SALTO NO
ESCURO**

Enrico Cesarini

*F*ADAS EXISTEM, PAPAI, ACREDITE EM MIM.

Repassei pela centésima vez, cada ação tomada naquele dia. Dirigir tarde da noite, em uma estrada que não conhecia, não ter prestado a devida atenção e, a principal delas: olhar para a Giulia no momento errado, sem ideia de que o simples ato dividiria a minha vida em antes e depois. E que o mísero segundo que levei para admirá-la, custaria tão caro.

Meu erro foi insistir para que saíssemos àquela hora da noite por um motivo tão banal quanto o de querer estar em casa antes do amanhecer. E talvez, se eu tivesse lhe entregado as chaves do carro quando me pediu, e a deixado dirigir, Giulia ainda estivesse aqui comigo. Eram tantos ses e possibilidades que eu não conseguia diminuir a culpa que me tomava a cada crise de autopiedade.

Fadas existem, papai.

Quando a voz da minha filha ressurgia dentro de mim, em forma de lembrança, eu sempre questionava o motivo pelo qual nunca a levei a sério. Tratando sua insistência e fascinação pelo mundo fantasioso que ela criara em sua mente, como coisa de criança. Uma fase em que todos eles passavam. A diferença era que enquanto algumas crianças acreditavam em Papai Noel e criavam amigos imaginários, a minha filha acreditava em fadas.

Quanto a mim, um homem extremamente racional, sem nenhuma crença, e prático em cada decisão que tomava, considerei a mera possibilidade um absurdo.

Mas, se estivesse certo, como acreditei estar até hoje, por que diante de mim havia uma fada?

Uma com belas e enormes asas azuis. E um rosto tão angelical quanto sedutor. A fada se destacava diante da pequena multidão circulando ao seu redor, e pequenas partículas de purpurina dançavam sobre a pele transparente de tão pálida. Ao seu lado, mulheres com fantasias bem mais elegantes lançavam olhares curiosos e de desdém a ela. Enquanto homens a admiravam pela frescura de sua jovialidade.

Estávamos em um baile de mascarás tradicional, e não o tipo de baile a fantasia que uma garota de sua idade deveria frequentar. Mascaras e vestes escuros e misteriosos, era o estilo do traje desta noite. Por isso, o ponto de luz resplandecente que a fada mostrara ser desde que pusera os pés no salão da galeria, atraía tanto a atenção dos convidados. E ainda assim, ela não parecia

incomodada. Nem ao menos envergonhada.

Mesmo que cada pessoa *presente* pensasse a mesma coisa do que eu: a fada não pertencia a este lugar, não deveria sequer estar aqui.

Fadas não existem, o meu lado racional lembrou. Mas, então, por que eu tinha uma a olhar para mim?

E era como se ela me conhecesse e soubesse tudo a respeito do homem amargo por debaixo do elegante terno que eu vestia a contragosto. Era como se conhecesse as minhas perdas e me visse por detrás da máscara negra escolhida por Jade.

Fadas não existem, meu cérebro tentou novamente. Mas, dessa vez, eu não prestei atenção, porque o ser mítico a minha frente fez algo que até então eu não tinha tido coragem. Ela lançou a prudência pelos ares e se aproximou.

Verifiquei o meu entorno. Identificando os rostos conhecidos a observarem e sussurrarem acerca, possivelmente, do traje... demasiado colorido que a fada usava. O lapso de realidade bastou para que eu me lembrasse de que estava em uma confraternização para comemorarmos o sucesso da última exposição de arte do misterioso *E. Cesar*.

O incógnito pintor, *conhecido* por abalar a sociedade com seus belos e perturbadores quadros de nu artístico. Alguns tão explícitos, quanto atraentes. Um pintor que escolheu se manter /afastado dos holofotes, por questões puramente egoístas.

Então, havia a fada.

E enquanto caminhava em linha reta, e o cabelo loiro e comprido se movia encantadoramente, eu me perguntei se ela não seria uma isca plantada por algum crítico ou apreciador de arte disposto a descobrir a identidade do afamado pintor. Conhecido também por seu fascínio por tudo que era belo. E essa garota, fosse ela quem fosse, era o ser mais belo dentro desta galeria.

A fada sorriu, e eu gelei por dentro. Eu a conhecia, e já tinha visto em algum momento da vida aqueles olhos impressionantes de tão lilases. Só não me lembrava de quando ou onde.

— Enrico. — Escutei a voz altiva de Jade. — Querido, está tudo bem? — A mulher de beleza refinada perguntou, pousando os dedos finos e magros em meu ombro, sem esperar realmente por uma resposta.

Porque Jade me conhecia e sabia que eu nunca *estava* ou *ficava bem*. Nem mesmo quando era sugado pelos momentos... de maior inspiração. Não havia segredos entre nós dois, tanto que a mulher ao meu lado era única a conhecer a minha verdadeira identidade. E ela, que um dia fora uma das melhores amigas de Giulia, hoje era a minha.

— *Fadas não existem* — disse ao acaso, desviando os olhos dos dela e

procurando pela fada entre a multidão.

E mesmo que por fora eu continuasse a transmitir a imagem fria e impassível, a que todos estavam acostumados, por dentro eu entrei em desespero.

Vasculhei o salão com o olhar, caçando as asas brilhantes, até que as encontrei escapando apressadamente pela saída, como se fugisse. Mas do quê?

Minha fada estava indo embora, apenas para que eu voltasse à escuridão em que minha vida se tornou desde a última vez em que senti o meu coração bater. Uma escuridão que nem mesmo as tintas e cores mais vivas e chamejantes, conseguiam me arrancar.

Fadas não existem, meu amor, essas foram as palavras ditas à Sarah naquela noite. Palavras insensíveis de um pai que queria apenas que a filha parasse de dizer coisas como aquelas. Na época, eu não levei em conta o fato de que ela era apenas uma garotinha e que deveria, sim, acreditar em fadas.

Então aconteceu o impensado. E as duas pessoas por quem eu teria dado a vida foram arrancadas de mim porque um motorista bêbado, carregando com ele a sua própria família, achou que seria prudente dirigir e causar o acidente que interrompeu de forma trágica a vida de quatro pessoas. A dele, inclusive.

Elas existem sim, papai, foi a resposta de Sarah. A última que escutei sair da sua boca, antes que eu a colocasse no banco de trás do carro e lhe beijasse a testa.

A viagem, a estrada escura, o acidente... cada detalhe daquela noite voltou em uma enxurrada de lembranças das quais eu me recusava a ter de lidar. A filha do motorista, que não deveria ter mais do que seus nove, dez anos, e que perdera os pais, era uma das últimas imagens que eu tinha daquele momento. Recordei o choro sufocado da garotinha loira, e da surpresa em vê-la, tão pequena, se arrastar para fora do carro destruído e da maneira como olhou para mim. Havia horror e medo escapando através daqueles olhos impressionantes. E essa era uma lembrança que eu nunca iria conseguir apagar da mente. Por mais que tentasse.

Por muito tempo, até que o socorro viesse, ela e eu fomos os únicos sobreviventes naquela estrada. E mesmo que nenhum de nós dois tivesse dito nada, eu soube que a dor que dividimos era a mesma.

Nós perdemos tudo naquela noite. E nada do que pudéssemos fazer ou dizer, alteraria aquela verdade.

Fadas não existem, meu amor. Seria loucura se existissem.

Elas existem sim, papai. Você vai conhecer a sua, algum dia.

Sarah disse essas palavras há quase dez anos, e o futuro que previu para mim, quando eu ainda não fazia ideia de que a perderia... acabara de se concretizar.

Biografia

J_{AS} S_{ILVA} é formada em Publicidade e Propaganda e hoje se dedica exclusivamente à carreira de escritora. Apaixonada por romances e finais felizes, suas histórias são recheadas de paixões avassaladoras e amores possíveis. Com mais de 3 milhões de leituras on-line e cinco livros publicados, quatro deles sendo best-sellers na Amazon, a autora cativa seus leitores pela pitada sensual e intensa de suas histórias. Aconteceu Você, seu romance de estreia, foi o livro que abriu as portas do mundo literário para essa capixaba, que encontrou na escrita a sua verdadeira vocação. Outros livros publicados são: Sem limites e Eu pertenço a você.

Redes Sociais

Site:

www.jassilva.com.br

E-mail:

jassilva.escritora@gmail.com

1)

I know that somewhere better /Cause you always take me there / Came to you with a broken Faith /
Gave me more than a hand to hold / Caught before I hit the ground / Tell me I'm safe, you've got me
now. (Take me Home – Jess Glynne) [↵](#)

2)

Would you take the wheel / If I lose control? / If I'm lying here / Will you take me home? / Could you take care / Of a broken soul? (Take me Home – Jess Glynne) [📄](#)

3)

Esse é mesmo o fim, não haverá *spin-off*. [↵](#)

Table of Contents

<u>CAPA</u>
<u>CRÉDITOS</u>
<u>SUMÁRIO</u>
<u>PRÓLOGO</u>
<u>CAPÍTULO 1</u>
<u>CAPÍTULO 2</u>
<u>CAPÍTULO 3</u>
<u>CAPÍTULO 4</u>
<u>CAPÍTULO 5</u>
<u>CAPÍTULO 6</u>
<u>CAPÍTULO 7</u>
<u>CAPÍTULO 8</u>
<u>CAPÍTULO 9</u>
<u>CAPÍTULO 10</u>
<u>CAPÍTULO 11</u>
<u>CAPÍTULO 12</u>
<u>CAPÍTULO 13</u>
<u>CAPÍTULO 14</u>
<u>CAPÍTULO 15</u>
<u>CAPÍTULO 16</u>
<u>CAPÍTULO 17</u>
<u>CAPÍTULO 18</u>
<u>CAPÍTULO 19</u>
<u>CAPÍTULO 20</u>
<u>CAPÍTULO 21</u>
<u>CAPÍTULO 22</u>
<u>CAPÍTULO 23</u>
<u>CAPÍTULO 24</u>
<u>CAPÍTULO 25</u>
<u>CAPÍTULO 26</u>
<u>CAPÍTULO 27</u>
<u>CAPÍTULO 28</u>
<u>CAPÍTULO 29</u>
<u>CAPÍTULO 30</u>
<u>CAPÍTULO 31</u>

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[EPÍLOGO](#)

[BÔNUS](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[UM SALTO NO ESCURO](#)

[Enrico Cesarini](#)

[BIOGRAFIA](#)

[NOTAS](#)